

Flavia Regina Panazzolo Maciel

**CAMINHOS E PRÁTICAS TRAÇADOS PELA AÇÃO:
A DINÂMICA INDIVÍDUO-TERRITÓRIO E A GESTÃO DE
PEQUENOS EMPREENDIMENTOS EM TIRADENTES - MG**

Tese submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Administração da
Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Doutora em
Administração.
Orientador: Prof. Dr. Maurício Serva

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Maciel, Flavia Regina Panazzolo
Caminhos e práticas traçados pela ação : A dinâmica
indivíduo-território e a gestão de pequenos empreendimentos
em Tiradentes - MG / Flavia Regina Panazzolo Maciel ;
orientador, Mauricio Serva - Florianópolis, SC, 2016.
430 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Sócio-Econômico. Programa de Pós-Graduação em
Administração.

Inclui referências

1. Administração. 2. Gestão da fenomenia. 3. Sociologia
pragmática francesa. 4. Análise Pragmática das Organizações
e da Gestão. 5. Relação indivíduo-território. I. Serva,
Mauricio. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

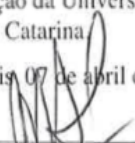
Flavia Regina Panazzolo Maciel

**CAMINHOS E PRÁTICAS TRAÇADOS PELA AÇÃO: A
DINÂMICA INDIVÍDUO-TERRITÓRIO E A GESTÃO DE
PEQUENOS EMPREENDIMENTOS EM TIRADENTES – MG**

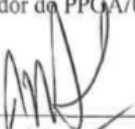
Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutora em
Administração, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-
Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa

Catarina

Florianópolis 07 de abril de 2016


Prof. Marcus Vinicius Andrade de Lima, Dr.
Coordenador do PPGA/UFSC

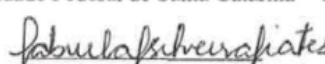
Banca Examinadora:


Prof. Maurício Serpa, Dr.
Orientador

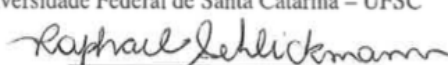
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC


Prof. Hans Michael van Bellen, Dr.

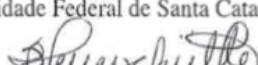
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC


Prof.ª Gabriela Gonçalves Silveira Fiates, Dr.ª

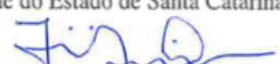
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC


Prof. Raphael Schlickmann, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC


Prof.ª Simone Ghisi Feuerschütte, Dr.ª

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC


Prof. Juvêncio Braga de Lima, Dr.

Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura – FUMEC

A aqueles que se atrevem e agem,
agarrando com coragem os seus
sonhos mais íntimos, e sem temor,
edificam projetos de vida
extraordinários.

AGRADECIMENTOS

A escrita, a pesquisa, a racionalização exige de um doutorando um conhecimento grande de si e um crescimento contínuo como ser humano. Aliado ao desejo de encontrar respostas, de defender uma tese, há o medo e a insegurança, os quais se fazem presentes a todo momento. E lidar com eles está longe de ser uma tarefa fácil.

O doutoramento foi para mim o melhor momento de minha vida e, ao mesmo tempo, o mais difícil. Seria isto possível? Estes polos opostos se justificam pelo fato do caminho ter sido repleto de provas, as quais foram sim superadas e ajudaram a me tornar uma pessoa com um maior esclarecimento sobre a vida, ao mesmo tempo que permitiram um amadurecimento do meu ser.

Escrevendo estas palavras percebo que mesmo a dor estando presente em vários momentos deste caminho, eu seguramente o percorreria novamente. Não apenas pelo título conquistado, mas sim pela superação, pelo aprendizado, pelos esclarecimentos, e pelos lugares e pessoas que fizeram parte desta trajetória de quatro anos.

Este espaço é então dedicado as pessoas, instituições e lugares que me auxiliaram nesta conquista profissional e pessoal.

Começo agradecendo a Universidade Federal de Santa Catarina, por proporcionar um ambiente incrível de aprendizado, seja pelas suas dependências, salas de aula, biblioteca, como também pela troca entre os que nela usufruem. Totalizaram seis anos entre mestrado e doutorado que tive o prazer de frequentar esta atmosfera repleta de conhecimento que impulsiona descoberta, criação e retribuição.

Igualmente foram seis anos no Programa de Pós Graduação em Administração e é impossível não destacar a cordialidade e prestatividade dos secretários e estagiários, o ímpeto do coordenador e o profissionalismo e a ousadia dos professores vinculados a este programa. Um agradecimento especial aos professores com quem tive contato através das aulas cursadas, os quais me estimularam enxergar e a refletir situações e acontecimentos, expandindo minha visão de mundo.

Também agradeço as trocas realizadas nas salas de aula com meus colegas de turma. O desejo e a busca de cada um deles me ajudou a melhor compreender os meus. Pertencente a esta turma, um agradecimento especial a Luciana Costa, pela amizade que começou já no primeiro semestre do doutorado e que transpassa o final dele. Agradeço a esta amiga, não apenas pelo seu ouvido, tão necessário neste período, como também a sinceridade de suas palavras.

Destaco ainda o Núcleo de Pesquisa que me acolheu e que acreditou, por via do meu estudo, que eu poderia contribuir com as discussões e com os anseios de pesquisa. Senti orgulho de participar de um dos maiores Núcleos de Pesquisa em Administração do país, falo do Núcleo de Pesquisa Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento. Núcleo que contempla diversos pesquisadores que sonham e lutam diariamente pelo avanço do campo científico, colegas que buscam através de suas pesquisas liberdade de pensamento, liberdade de expressão, liberdade de ação. Agradeço a troca, os elos firmados, as novas abordagens, a rede de relacionamentos que este Núcleo me proporcionou. Em especial, agradeço seu fundador, o professor doutor mais sonhador e idealizador que já conheci, Maurício Serva. Tive a honra de ser sua aluna e orientanda nesta trajetória de doutorado. Por diversas vezes, foi meu mestre, me ensinou a sonhar, a ousar, a acreditar no meu potencial. E com nossas desavenças e discussões, o que é normal em um processo de doutorado, me fez passar por provas que foram transformadas em crescimento, as quais eu felizmente agradeço.

Minha dedicação exclusiva para a pesquisa durante quatro anos, só foi possível graças ao apoio das bolsas de estudo concedidas pelo governo. É impressionante verificar que mesmo sendo um país de terceiro mundo, com tantas desigualdades sociais, contamos com tanto apoio para estudo e pesquisa. Digo isto, porque fui contemplada com apoio financeiro não somente para meus estudos no Brasil, como também no exterior. Meus sinceros agradecimentos ao REUNI e a CAPES pelo investimento em mim e em minha pesquisa.

Entrei no doutorado com um desejo ardente de poder cursá-lo pelo menos um ano no exterior. A descoberta de uma nova cultura me fascinava e tendo isto como foco, eu tive a melhor experiência que eu poderia ter. Agradeço desta forma a França, particularmente Paris, a cidade que me acolheu e que me apresentou uma nova forma de viver. Agradeço a maior escola de ciências sociais, a École des Hautes Études en Sciences Sociales por ter aberto a porta para me receber e por ter me transmitido uma atmosfera envolvente e sedutora. Com toda alegria agradeço ao Professor Laurent Thévenot, um dos primeiros e mais importantes autores a trabalhar a abordagem da sociologia pragmática francesa, por ter aceito me co-orientar, por ter cedido seu precioso tempo para dialogar comigo sobre minha pesquisa, pelas sugestões concedidas, por ter simpatizado com minha história. Sem dúvida, Professor Thévenot foi um dos professores mais fascinantes que já conheci nestes dez anos de academia. Um ser humano brilhante e ao mesmo tempo humilde,

interessado em entender pessoas comuns, em compreender as dificuldades que nós passamos em nossas vidas, estudando e apresentando maneiras de nos coordenarmos com nós mesmos e termos uma vida mais satisfatória. Agradeço ao Professor Thévenot por ter me ajudado a olhar para minhas dificuldades e encontrar ali meu amadurecimento como pessoa.

Ainda em Paris, agradeço as bibliotecas e em especial os museus que fizeram eu olhar para dentro de mim de uma forma que nunca achei que seria possível. Agradeço as duas amigas portuguesas que lá fiz, pelos encontros, pelos desabafos, pelas risadas, pelos cafês e vinhos. Agradeço também ao Professores Yves Cohen pelas conversas e pela confiança.

Meu muito obrigada também aos professores que foram membros desta banca de doutorado por terem aceitado fazer parte deste projeto e pelas significativas contribuições que, sem dúvida, tornaram a tese um melhor trabalho, Hans Michael Van Bellen, Gabriela Fiates, Juvêncio Braga de Lima, Simone Ghisi Feuerschutte e Raphael Schlickmann.

Um obrigada especial a Minas Gerais, que desde criança me traz bons momentos e vivências, em especial a pequena cidade de Tiradentes que me acolheu como uma mãe acolhe seus filhos. E como não podia ser, meu muito obrigada as pessoas maravilhosas que habitam aquele território, sempre prontas para prostrar, para oferecer um café, para abraçar. Agradeço a todas as pessoas que lá me receberam e que disponibilizaram do seu tempo para relatar sua vida, sua história, sua cidade. Agradeço em particular a Junior, Rita, Ricardo e Michel, os personagens deste estudo, por terem aberto para mim sua história de vida, seus sonhos, as dificuldades encontradas e superadas, e por terem me ensinado sobre coragem e ousadia.

Aos amigos sempre presentes, mesmo que longes e distantes, que sempre torceram pelo meu sucesso, agradeço a torcida e as comemorações.

A minha família de nascença meu sincero e profundo agradecimento. Foram eles com seu amor e também seu medo que me fizeram percorrer este caminho de descoberta sobre mim. A minha mãe pela serenidade e por ter me incentivado, desde pequenina, a partir em busca do meu sonho. Ao meu pai, pela sua super proteção, pelas mensagens de força e esperança concedidas nos momentos mais tensos e pela companhia na viagem a Minas Gerais. Ao meu irmão pelas provocações que me fizeram entrar em contato com sentimentos reprimidos e claro pelo sua torcida, mesmo que tímida. Agradeço a estas três pessoas, tão importantes para mim, pelo seu amor, que por ser da sua

maneira, muitas vezes não me foi possível enxergar, mas sempre soube que lá estava.

Ao meu companheiro, meu cúmplice, meu melhor amigo, Michel Jean Grando, por ter feito parte desta trajetória de quatro anos, estando comigo de forma tão intensa. Intensidade esta que provocou grandes revelações e transformações, que me fez enxergar quem realmente sou, quem quero ser. A você, Michel, agradeço por ter me apresentado o caminho da conquista dos meus sonhos mais íntimos me fazendo crer que sou capaz de realizar um projeto de vida extraordinário.

A existência da vida também devo agradecer, pois sem ela nada teria qualquer importância e significado.

Assim, depois de ter carinhosamente revisitado todos os passos dados, as provas superadas, as alegrias concedidas, termino esta tese agradecendo, me fazendo pronta para deixá-la partir, restando apenas uma doce memória.

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo geral de compreender a relação dinâmica indivíduo-território na promoção do desenvolvimento e das transformações de Tiradentes (MG) desde os anos 1980, ressaltando as fenomenias e sua gestão. Para isto, foram descritos e analisados os caminhos e práticas traçados pela ação de quatro atores no processo de mudança para o território de Tiradentes, desde sua inserção no novo território, até o desenvolvimento da sua fenomenia. O uso da história oral temática como principal estratégia de pesquisa foi fundamental para descrever e analisar a trajetória dos atores. Além disto, esta estratégia contribuiu para a criação de uma Análise Pragmática das Organizações e da Gestão, abordagem interdisciplinar envolvendo a Administração e a Sociologia Pragmática Francesa. Os resultados demonstraram que por meio da ligação entre as escalas micro (indivíduo) e macro (território), ligação esta considerada como uma das maiores contribuições científicas deste estudo, o indivíduo transforma o território e o território transforma o indivíduo; e nesta relação dinâmica indivíduo-território, se processam significativas contribuições ao desenvolvimento. Quanto as ações cotidianas dos atores estudados em seus empreendimentos, estas mostraram ser complexas ao apresentar, por um lado, interferências de caráter instrumental e preocupações derivadas do enclave do mercado e, por outro, práticas ligadas com o enclave da fenomenia; o que configura uma gestão especial e particular. O que demonstra que os empreendimentos estudados são, na prática, uma combinação complexa de ambas as visões da realidade. Além disto, o estudo apresentou que estes empreendimentos, por meio da especificidade de seus produtos e serviços, os quais estão ligados à cultura e à história do território, agregam valor a Tiradentes. Assim, a ação dos atores estudados, por meio da sua fenomenia, contribui com a construção e com o progresso do território de Tiradentes, e igualmente, configura boa resposta às políticas públicas, o que demonstra que o território se constrói por meio da conjuntura de ambas as partes. É o macro (políticas públicas) e o micro (indivíduo) que garantem a bonança de Tiradentes.

Palavras-chave: Gestão da fenomenia. Sociologia pragmática francesa. Análise Pragmática das Organizações e da Gestão. Relação indivíduo-território.

ABSTRACT

This study has been developed having in mind the main objective of comprehending the subject-territory relationship in the development promotion and transformations occurred in the city of Tiradentes (MG) since 1980's, highlighting the fenonomies and their management. For doing that, it has been described and analysed the manners and practices draw by the action of four different actors in the process of territory changing to Tiradentes, since their insertion into the new territory, until the development of their own fenonomy. It has been used the oral story-telling as main strategy for this research, being fundamental to describe and analyse the paths drawn by each actor. Moreover, this strategy has contributed for the creation of a Pragmatic Analysis of Organizations and Management, an inter-disciplinary approach between Administration and French Pragmatic Sociology. The results have showed that on the behalf of the connection between the micro (subject) and macro (territory) scales, which is considered as of the major contributions of this study, the subject transforms the territory and the territory transforms the subject; moreover, that in this dynamic relationship between subject and territory, significant contributions are made available to the territory development. As regarding to the daily actions of the actors studied in which of their own businesses, they show themselves to be complex in presenting, in one side, interference of instrumental character and concerns raised from the market enclave, and from another side, practices that have been displayed by the fenonomy enclave, thus, setting a particular and special type of management. That demonstrates that the businesses studied are, in a practical level, a complex combination of both visions of reality. Furthermore, this study has presented that those businesses, by the means of the specificity of its products and services, every and each one of them linked to the history and culture of the territory, add value to Tiradentes. Therefore, the action of the studied actors, by the means of their fenonomy, contributes with the construction and with the progress of the territory of Tiradentes, as well as configures a good answer to the public policies, which demonstrates that the territory is built by the means of both sides or visions of development. It is the macro (public policies) and the micro (subjects) which guarantees the welfare in Tiradentes.

Keywords: Fenonomy management. French pragmatic sociology. Pragmatic Analysis of Organizations and Management. Subject-territory relationship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O paradigma paraeconômico.....	68
Figura 2 - Representação da ação do indivíduo	110
Figura 3 - Cenários comuns dos personagens do estudo	138
Figura 4 - Diagrama da ação do indivíduo.....	141
Figura 5 - Localização do território de Tiradentes.....	146
Figura 6 - Índice de desenvolvimento humano de Tiradentes	147
Figura 7 - Evolução do Índice de desenvolvimento humano de Tiradentes	148
Figura 8 - Índice de desenvolvimento humano municipal e seus componentes de Tiradentes.....	149
Figura 9 - População total, por gênero, rural/urbana e taxa de urbanização de Tiradentes.....	150
Figura 10 - Ocupação da população de 18 anos ou mais em Tiradentes (MG)	151
Figura 11 – Atrações turísticas religiosas da cidade de Tiradentes.	155
Figura 12 - Representação da linha do tempo de Tiradentes desde seu surgimento até a década de 1930	162
Figura 13 - Representação da linha do tempo de Tiradentes da década de 1940 a década de 1980	169
Figura 14 - Ocupação cronológica de Tiradentes de 1702 a 2005.....	172
Figura 15 - Representação da linha do tempo de Tiradentes da década de 1990 aos anos 2000	192

Figura 16 - Representação da linha do tempo de Tiradentes dos anos 2000 aos dias atuais	192
Figura 17 - Resumo da etapa 1 da história de vida de Junior	206
Figura 18 - Resumo da etapa 2 da história de vida de Junior	211
Figura 19 - Resumo da etapa 3 da história de vida de Junior	227
Figura 20 - Características da gestão da galeria de Junior.....	232
Figura 21 - Resumo da etapa 1 da história de vida de Rita.....	247
Figura 22 - Resumo da etapa 2 da história de vida de Rita.....	254
Figura 23 - Resumo da etapa 3 da história de vida de Rita.....	272
Figura 24 - Características da gestão do ateliê de Rita	277
Figura 25 - Resumo da etapa 1 da história de vida de Ricardo.....	292
Figura 26 - Resumo da etapa 2 da história de vida de Ricardo.....	299
Figura 27 - Resumo da etapa 3 da história de vida de Ricardo.....	320
Figura 28 - Características da gestão do ateliê de Ricardo	327
Figura 29 - Resumo da etapa 1 da história de vida de Michel.....	343
Figura 30 - Resumo da etapa 2 da história de vida de Michel.....	351
Figura 31 - Resumo da etapa 3 da história de vida de Michel.....	366
Figura 32 - Características da gestão da pousada de Michel	370
Figura 33 - Gestão dos empreendimentos de Junior, Ricardo, Rita e Michel	394
Figura 34 - Relação indivíduo território por meio da fenonomia	400

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Tiradentes e sua integridade patrimonial e paisagística	144
Foto 2 - O conjunto urbano da cidade setecentista brasileira	144
Foto 3 - O espaço urbano de Tiradentes abraçado pela Serra de São José	153
Foto 4 - Igreja de Santo Antônio, exemplo do urbanismo barroco em Minas Gerais	154
Foto 5 - Estação Ferroviária Maria Fumaça	156
Foto 6 – Chafariz de Tiradentes, monumento civil do período colonial	157
Foto 7 - Tiradentes na década de 1940	161
Foto 8 – Tiradentes na década de 1970.....	164
Foto 9 - A cidade cenário e o seu bastidor. A Rua Direita e o Bairro considerado periferia.....	173
Foto 10 - Tiradentes durante o Festival de Gastronomia de 2014	186
Foto 11 - Junior no início da produção de uma de suas esculturas.....	196
Foto 12 – A galeria de Junior.....	197
Foto 13 - Algumas de suas obras expostas em sua galeria	197
Foto 14 - Rita na produção de uma de suas peças de cerâmica	240
Foto 15 - O ateliê de Rita.....	241
Foto 16 - Algumas de suas peças expostas em seu ateliê	241

Foto 17 - Ricardo no momento de criação e produção	286
Foto 18 - O ateliê de Ricardo.....	286
Foto 19 - Algumas de suas pinturas expostas em seu ateliê	287
Foto 20 - Um dos apartamentos da pousada construídos com madeira de demolição, integrado à natureza	336
Foto 21 – Área externa com amplos jardins repletos de plantas nativas	336
Foto 22 - Espaço de café com produtos vinculados ao território, os quais refletem a tradição mineira e peças artesanais de artistas de todo o Brasil	337

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características das fenomenias.....	75
Quadro 2 - Particularidades de cada uma das cidades	93
Quadro 3 - Os mundos comuns e seus componentes	99
Quadro 4 - Características dos regimes de engajamento	106
Quadro 5 - Conteúdos utilizados na análise documental	125
Quadro 6 - Operacionalização metodológica do estudo	127
Quadro 7 – Tiradentes e seus eventos anuais.....	182
Quadro 8 - Fato que influenciou a galeria de Junior.....	233
Quadro 9 - Acontecimentos ocorridos no território que influenciaram a gestão da fenonomia de Junior.....	235
Quadro 10 - Acontecimentos ocorridos no território que influenciaram a gestão da fenonomia de Rita.....	278
Quadro 11 - Fatos que influenciaram a gestão da fenonomia de Rita .	280
Quadro 12 - Acontecimentos ocorridos no território que influenciaram a gestão da fenonomia de Ricardo.....	329
Quadro 13 - Fatos que influenciaram a gestão da fenonomia de Ricardo	332
Quadro 14 - Acontecimentos ocorridos no território que influenciaram a gestão da fenonomia de Michel	371
Quadro 15 - Fatos que influenciaram a gestão da fenonomia de Michel	374

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASSET – Associação dos Empresários de Tiradentes

BH – Belo Horizonte

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DS – Desenvolvimento Sustentável

DT – Desenvolvimento Territorial

DTS – Desenvolvimento Territorial Sustentável

EHESS-Paris – Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris

ETS – Extra terrestres, extra tiradentinos

FIEMG – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

GSPM – Grupo de Sociologia Política e Moral

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IER – Instituto Estrada Real

ORD – Núcleo de Pesquisa Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	27
APRESENTAÇÃO.....	27
RELEVÂNCIA E CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDO	38
2 REFERENCIAL TEÓRICO	43
2.1 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL	43
2.1.1 Origens da abordagem teórica escolhida.....	43
2.1.2 Principais conceitos desta abordagem utilizados nesta tese .	48
2.1.3 Comentários pessoais da abordagem escolhida e dos principais conceitos trabalhados.....	61
2.1.4 Justificativa da escolha desta abordagem	64
2.2 FENONOMIA	65
2.2.1 Origens da abordagem teórica escolhida.....	65
2.2.2 Principais conceitos desta abordagem utilizados nesta tese .	71
2.2.3 Comentários pessoais da abordagem escolhida e dos principais conceitos trabalhados.....	82
2.2.4 Justificativa da escolha desta abordagem	83
2.3 SOCIOLOGIA PRAGMÁTICA	85
2.3.1 Origens da abordagem teórica escolhida.....	85
2.3.2 Principais conceitos desta abordagem utilizados nesta tese	90
2.3.3 Comentários pessoais da abordagem escolhida e dos principais conceitos trabalhados	111
2.3.4 Justificativa da escolha desta abordagem	113
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	115
3.1 CARACTERIZAÇÃO E NATUREZA DO ESTUDO	115
3.2 HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA.....	117
3.3 COLETA DE DADOS	121
3.4 CONTEXTO DA PESQUISA	128
3.5 AS MOVIMENTAÇÕES NO CAMPO	131
3.6 ANÁLISE DOS DADOS	136
4 O TERRITÓRIO DE TIRADENTES.....	143

4.1 O PERFIL DO TERRITÓRIO.....	145
4.2 SINGULARIDADES DOS ATRATIVOS DE TIRADENTES	152
4.3 RELATOS DOS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS	158
4.3.1 Do florescimento à ruína da cidade de Tiradentes: do final do século XVII à década de 1930.....	158
4.3.2 Dos retratos da ruína e abandono à redescoberta da cidade pelos novos moradores: da década de 1940 à década de 1980	162
4.3.3 O despertar e o auge do turismo: da década de 1990 aos dias atuais.....	170
5 AS HISTÓRIAS DOS ATORES	193
5.1 A HISTÓRIA DE JUNIOR. DA INDÚSTRIA PAULISTA À AUTO-EXPRESSÃO DA ARTE EM TIRADENTES.	194
5.1.1 Processo de mudança para o território de Tiradentes ..	198
5.1.3 Desenvolvimento da fenonomia	212
5.1.4 Síntese da história de vida de Junior	229
5.2 A HISTÓRIA DE RITA. DOS TUMULTOS DA CAPITAL MINEIRA À TRANQUILIDADE QUE A PEQUENA CIDADE DE TIRADENTES OFERECE.	238
5.2.1 Processo de mudança para o território de Tiradentes ..	242
5.2.2 Inserção no novo território	248
5.2.3 Desenvolvimento da fenonomia	255
5.2.4 Síntese da história de vida de Rita	274
5.3 A HISTÓRIA DE RICARDO. DAS LOUCURAS DE SÃO PAULO ÀS PINTURAS BARROCAS EM TIRADENTES.	284
5.3.1 Processo de mudança para o território de Tiradentes ..	287
5.3.2 Inserção no novo território	293
5.3.3 Desenvolvimento da fenonomia	300
5.3.4 Síntese da história de vida de Ricardo.....	321
5.4 A HISTÓRIA DE MICHEL. DA INTRANQUILIDADE DE BH À QUALIDADE DE VIDA QUE TIRADENTES PROPORCIONA.	334
5.4.1 Processo de mudança para o território de Tiradentes ..	337
5.4.3 Desenvolvimento da fenonomia	352
5.4.4 Síntese da história de vida de Michel.....	367

6 CAMINHOS E PRÁTICAS TRAÇADOS PELA AÇÃO: A DINÂMICA INDIVÍDUO-TERRITÓRIO E A GESTÃO DAS FENONOMIAS	381
7 CONCLUSÕES	403
REFERÊNCIAS.....	417
APÊNDICE A - ROTEIRO REFERENCIAL DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA	429

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO

Tomo a liberdade de começar esta tese de uma maneira diferente, talvez considerada ousada por se enquadrar distante dos formalismos normalmente desejados do campo científico, mas que para mim se mostra mais coerente com a proposta deste estudo, assim como com as histórias e os resultados que serão aqui elucidados ao longo do trabalho.

Assim, optei por então começar esta introdução relatando um pouco da minha história e dos meus interesses de investigação. Sou uma brasileira nascida no interior do Brasil, em uma cidade paranaense que conta hoje com 70 mil habitantes. Pato Branco não é uma cidade tão pequena, se comparada a outras cidades interioranas do Brasil, mas ela se encontrava e ainda hoje é um território distante de apresentar muitos dos atrativos encontrados nos grandes centros do país, como as principais universidades e centros de pesquisa, sedes de empresas nacionais, filiais de empresas transnacionais, e as diversas opções de cultura, como arte, cinema e gastronomia. Desta forma, devido a esta carência ali encontrada, eu precisei deixar minha cidade natal para poder usufruir de melhores oportunidades, para adquirir também maior conhecimento.

Antes disto, presenciei nos vinte e três anos que ali vivi as dificuldades de desenvolvimento que existiam e que ainda existem na cidade. As lutas e esforços para proporcionar a população melhores condições de vida, aos jovens melhores oportunidades de estudo e renda. Da mesma forma, também tive a oportunidade de ter contato e presenciar dificuldades de desenvolvimento similares, em uma cidade cinco vezes menor. Isto porque todos os anos, durante as férias escolares, viajava para uma simpática cidade mineira de 14 mil habitantes, e lá passava todo o verão.

Com estas vivências, além de ter interesse em estudar pessoas comuns, em especial aquelas que fizeram o movimento contrário ao meu, que saíram de um grande centro para usufruir do que o interior pode proporcionar, me interessava também estudar pequenos municípios do interior do país, municípios estes com características essencialmente ou significativamente rurais.

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dos 5.565 municípios brasileiros, 3.914 municípios, ou seja 70%, apresentam uma população menor que 20 mil habitantes. No Brasil, estas cidades que apresentam até 20.000 habitantes e que não integram propriamente a rede urbana são consideradas pequenas cidades, ou cidades “não-urbanas” (WANDERLEY, 2005). Da mesma forma, o IBGE considera as cidades com menos de 20 mil habitantes como municípios pequenos, ou ainda, como define Abramovay (2000): “cidades rurais”.

Ainda olhando sobre estes dados, pude perceber que 2.513 municípios brasileiros, isto é, 45% do número total de municípios da nação, apresentam uma população menor que 10 mil habitantes; por fim, que 1.301 municípios, quer dizer, 23%, aonde a população é menor que 5 mil habitantes.

Já segundo o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro (2013), é possível encontrar municípios em que a renda per capita mensal é de aproximadamente R\$ 1.700,00, e outros em que o cidadão ganha, em média, cerca de R\$ 210,00; há também municípios em que mais de 80% dos adultos tem o ensino fundamental completo, enquanto em outras regiões isso não chega a 13%; municípios com esperança de vida ao nascer de mais de 78 anos, enquanto há municípios em que um cidadão ao nascer tem expectativa de vida menor que 66 anos; municípios com menos de dez mil habitantes, e outros com uma população superior a 6 milhões de habitantes, como é o caso de São Paulo e Rio de Janeiro.

A comparação entre municípios realça a afirmativa de que há vários “Brasis” dentro do Brasil, de incontáveis nuances e grandes desigualdades.

Diante dos dados expressivos e convincentes que demonstram as discrepâncias territoriais, sociais e econômicas que o país apresenta, me interessava compreender como um pequeno município do interior do país, este pertencente aos 2.513 municípios brasileiros que apresentam uma população menor que 10 mil habitantes, se desenvolve. Como este município interiorano, o qual se encontra afastado dos grandes centros urbanos, que não apresenta empresas modernas e também não usufrui da atividade agropecuária, se desenvolve economicamente? Ao que ele recorre para sobreviver economicamente? Que recursos ele apresenta que

pode ser transformado em ativos, promovendo o seu desenvolvimento econômico, social e cultural?

Segundo Jacobs (1984), não podemos ignorar a realidade e a importância das áreas não-densamente povoadas, já que uma parcela importante da população rural brasileira vive nos pequenos municípios. A fim de acentuar a importância destes municípios pouco povoados, estes também em alguns momentos pouco privilegiados pelos olhares do poder público e do campo científico, optei por estudar um destes municípios que representa pouco menos da metade dos municípios do país. Assim, me questionava se este interior estaria associado a precariedade e a carência (ABRAMOVAY, 2000), a miséria e ao atraso (SACHS, 2007), ou então a um espaço de vida, portador de uma identidade própria, capaz de gerar inovações e novas oportunidades de desenvolvimento (ABRAMOVAY, 1998).

Para ilustrar o desenvolvimento em um pequeno território escolhi, já no início das minhas atividades com o doutorado estudar o município de Tiradentes, situado no interior do Estado de Minas Gerais. Posso dizer que a ideia desta tese e a escolha do campo de pesquisa foi uma criação conjunta, que nasceu de um desejo meu em estudar a história de “pessoas comuns”, aliadas a um antigo desejo de meu orientador deste estudo em realizar uma pesquisa com pequenos empreendimentos em um território mineiro. Em uma de suas viagens com sua família, ele visitou cidades pertencentes à Estrada Real, podendo contemplar a arte e os artistas que brotam desta região. Assim, a escolha de estudar o território de Tiradentes foi uma sugestão de sua parte, a qual foi aceita por mim com grande entusiasmo, devido ao amor que já possuía pelo Estado de Minas Gerais.

Além disto, o estudo neste território também se encaixava nas pesquisas que o Núcleo de Pesquisa Organizações Racionalidade e Desenvolvimento (ORD) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o qual faço parte, já vinha desenvolvendo por intermédio da tese de Tonet (2014). Este colega também focalizou a realidade do desenvolvimento de Tiradentes, ao estudar a autonomia dos artesãos.

Destaco aqui que esta escolha não deve ser encarada como extensível a outros territórios pequenos do interior do Brasil, em termos de desenvolvimento socioeconômico. Tiradentes é um caso de estudo particular, que pode gerar inferências e inspirações para o estudo de outras cidades, mas não para a sobreposição de dados e resultados. Assim, ele é

um caso como tantos outros a analisar, compreender e ao mesmo tempo divulgar, visando promover reflexão e, igualmente, a ação da sociedade civil, de pequenos empreendedores, de atores públicos, aqueles elaboradores e executores de políticas públicas, de estudiosos, de pesquisadores em especial do campo do desenvolvimento e da gestão.

A escolha por Tiradentes também se deu por ser um território que apresenta características singulares, estas relacionadas às respostas aos meus questionamentos: uma população inferior a dez mil habitantes, localização distante de um grande centro urbano e mínima atividade agrícola e industrial, com ênfase nas atividades de pequeno porte.

Tiradentes é um município interiorano de 6.981 habitantes, situado na zona fisiográfica dos Campos das Vertentes, na área do ciclo histórico-econômico do ouro (séculos XVII e XVIII), onde estão as chamadas “cidades históricas” do estado de Minas Gerais. Localizado a 200 quilômetros da capital mineira, Belo Horizonte, Tiradentes não vive da atividade agropecuária, bem como não apresenta grandes indústrias e empresas, e o setor de serviços é que mais gera emprego por meio dos pequenos empreendimentos lá existentes.

A representatividade do setor de serviços é ilustrada pelos dados disponibilizados pela secretaria de turismo de Tiradentes, referentes ao ano de 2013. Neste ano, Tiradentes contava com estabelecimentos de médio e pequeno porte, dentre eles mais de cem pousadas, oitenta e cinco restaurantes, quarenta estabelecimentos comerciais e nove galerias de arte e artistas plásticos.

A representatividade do setor de serviços é explicada pela atividade turística, principal fonte econômica do território. Como prova da sua representatividade, Tiradentes apresentou, em 2013, de acordo com dados da Secretaria de Turismo do município, 350 mil visitantes das mais diferentes regiões.

No entanto, para a cidade chegar a ser referência do turismo em Minas Gerais, um grande trabalho de desenvolvimento foi realizado ao longo dos anos, envolvendo a comunidade, órgãos públicos, bem como organizações sem fins lucrativos. Um árduo esforço foi realizado já que a pequena cidade ficou estagnada devido à extinção das lavras de ouro e à ausência de outras atividades econômicas, permanecendo, assim, durante décadas como cidade morta, mais especificamente desde 1750, com a decadência da mineração, até a década de 1970 (PELLEGRINI FILHO,

2000). Todavia, o trabalho realizado pelo Estado e pela sociedade civil fez com que Tiradentes saísse das ruínas e despertasse a sua vocação para o turismo, transformando-a em um dos conjuntos urbanos com maior integridade e harmonia, tornando-se um exemplo verdadeiro de uma cidade setecentista brasileira.

A valorização e a difusão do rico acervo arquitetônico da cidade contribuíram para despertar a vocação para o turismo cultural, reativando a economia local e introduzindo novos usos no espaço urbano. Assim, museus, hotéis, pousadas, restaurantes, bares, galerias de arte e lojas de artesanato se multiplicaram pelas ruas, largos e becos, adaptando edificações públicas e residenciais para estas novas funções (ALBANO, 2002).

Hoje, a combinação do seu conjunto arquitetônico barroco, aliada a história de um lugar que surgiu pela descoberta do ouro e do diamante no início do século XVIII; as edificações religiosas que expressam o legado artístico e histórico das gerações passadas; a locomotiva do início do século XX, ainda em funcionamento; a arte, a cultura, a religião, a gastronomia, a ecologia e os festivais disponibilizados a todos que ali chegam, são alguns dos fatores que justificam o seu número expressivo de visitantes neste território. Estes atrativos do território não estimulavam apenas visitantes, como também atraíam novos moradores.

Chamada pela história da cidade, pelas suas singularidades e pelo anseio de compreender como esta pequena cidade do interior do Brasil se desenvolvia economicamente, fui até o seu território no início do segundo ano do doutorado, em fevereiro de 2013, para realizar uma etapa exploratória, em uma primeira incursão no campo, com o objetivo de não apenas conhecer o território, palco deste estudo, como também de ter um conhecimento prévio do perfil das pessoas que lá habitavam, possíveis personagens desta pesquisa. Neste momento, foram realizadas algumas entrevistas curtas e informais para conhecer melhor a história do território e dos seus moradores, me permitindo então ter as informações necessárias para o processo de escolha.

Além de estudar um território pequeno do interior do Brasil, meu interesse também era estudar o cotidiano das pessoas “comuns”, verificar como elas enfrentavam suas dificuldades, ou, como destaca Thévenot (2006), suas *épreuves* - suas provas, como agiam diante das circunstâncias que lhes eram apresentadas, e mesmo enfrentando-as, conseguiam pôr em

marcha seus empreendimentos e fortalecê-los. Desde a primeira incursão ao campo, os novos habitantes de Tiradentes, os quais deixaram suas vidas em um grande centro e migraram para o interior em busca de singularidades lá encontradas, se mostraram, desde o primeiro momento, um intrigante objeto de estudo.

Assim, em minha primeira incursão no campo identifiquei pequenos empreendimentos, ligados a estes novos moradores, com características particulares e muito similares ao enclave das fenomias, descritos no paradigma paraeconômico de Guerreiro Ramos (1989). As fenomias são pequenos empreendimentos que se diferenciam de uma microempresa por apresentar algumas peculiaridades. A ausência da ameaça do crescimento, é uma delas. Seu tamanho autorregulado, seus valores e objetivos distintos, impedem que se tornem altamente burocráticas. A oportunidade de realização pessoal, através de um trabalho que conceda ampla liberdade de opção no desempenho das obras desenvolvidas, e a intensa simbiose de vida pessoal e vida profissional, também sinalizam suas singularidades.

Da mesma forma, os membros desta organização, segundo Guerreiro Ramos (1989), igualmente apresentam distinção uma vez que eles acreditam em uma visão de mundo diferenciada, na qual o mercado faz parte de suas vidas, mas não se apresenta no centro delas, o que faz com haja sinais de predominância da racionalidade substantiva em suas ações. Assim, os membros destas organizações acreditam que o trabalho não é medido por unidade monetária/tempo, mas sim pela satisfação conquistada e pelo sustento que esta ocupação proporciona.

O enclave da fenomia proposto pelo autor reflete organizações que se encontram ocultas dos estudos da Administração. Ateliês de artistas, micro organizações com características singulares que envolvem a autorrealização dos membros, parecem não ser merecedoras de análises. Dentre os inúmeros trabalhos científicos da área de Administração, apenas duas dissertações (TONET, 2004; BESEN, 2008) apresentam as fenomias como objeto de estudo, segundo dados da base de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Os dois trabalhos trouxeram reflexões e contribuições para o campo da Administração, por apresentarem a fenomia como objeto do estudo, não apenas por terem dado continuidade ao trabalho de Guerreiro

Ramos, mas também por a terem destacado como uma forma de organização que mais pode contribuir para uma sociedade que opta por um desenvolvimento diferenciado do padrão imposto pelo mercado centralizador, ligados ao desenvolvimento local e a economia plural. Economia esta que incentiva a combinação dos três polos (Estado, mercado e sociedade civil), resultando numa pluralidade de iniciativas de cunho econômico, que leva em conta as interfaces entre as esferas econômica, ecológica, social e política (ANDION; SERVA; LÉVESQUE, 2006).

Por este estudo estar vinculado a uma escola de Administração, estudar a gestão tornava-se algo, para mim, fundamental. Da mesma forma, permanecia em mim o desejo de continuar minhas pesquisas com organizações com características peculiares. Revelo aqui que desde a época do mestrado, já existia uma inquietação de minha parte em saber como se dava a gestão de organizações com padrões e comportamentos distintos das empresas pertencentes ao enclave do mercado, enclave este amplamente discursado nas teorias de Administração. Seguindo minhas inquietações, cheguei à conclusão, em minha dissertação, de que existe carência de uma gestão apropriada às organizações que pertencem a outros enclaves, como o enclave estudado, aquele que enquadra as organizações que não apresentam um fim lucrativo (MACIEL, 2012).

No doutorado, o interesse em estudar a gestão de organizações com padrões diferentes das empresas convencionais se manteve. Assim, a proposta do estudo configurou não apenas na contribuição da discussão do enclave da fenonomia em si – já que há pouca discussão no campo da Administração, o qual conta somente com as reflexões de Guerreiro Ramos (1989) e com duas dissertações de mestrado (TONET, 2004; BESEN, 2010) – como também com a gestão destes pequenos empreendimentos.

Frente a primeira incursão no campo e aos estudos teóricos, surgiu a premissa de que o desenvolvimento no território de Tiradentes ocorre por meio de pequenos empreendimentos, grande parte deles ligados ao turismo, como restaurantes, pousadas, casas de artesanato, antiquários, galerias de arte, ateliês, como também ligados a cultura e a história da região. Minha premissa ressaltava que são estes pequenos empreendimentos, assim como sua gestão, que dão impulso ao território, uma vez que a cidade não conta com a presença de indústrias nem de

médias e grandes empresas, tampouco vive da atividade agropecuária. Da mesma forma, havia o pressuposto de que os pequenos empreendimentos se apresentam como uma realidade importante e essencial para qualquer município pequeno, por serem eles, muitas vezes, que dão vida ao território, que promovem sua atividade econômica, e que contribuem com o seu desenvolvimento.

Destaco que optei por estudar atores que não são naturais do território de Tiradentes, mas que ali se inseriram e desenvolveram um pequeno empreendimento, uma fenonomia, compatível com o perfil do território. Baseado no movimento de migração de pessoas de outras localidades para o território de Tiradentes, minhas inquietações me levaram a questionar: o que trazem estes novos habitantes? Eles agregam valor ao território por meio dos seus pequenos empreendimentos?

Além de querer compreender este movimento de migração, a opção por estudar atores não naturais do território também se justifica por poder verificar como estes atores se inseriram e foram aceitos em Tiradentes, como estabeleceram sua rede de relacionamento para conseguir fixar ali uma fenonomia que fosse compatível com o perfil de Tiradentes, acarretando-o importância. A escolha em estudar este perfil de indivíduos também está atrelada ao pressuposto que confere que as pessoas que não são naturais do território apresentam um desafio a mais, se comparado com os nativos, pois além de conquistar espaço para seu pequeno empreendimento, há ainda o desafio de inserção no novo local. Assim, pressuponho que suas provas e dificuldades se apresentam maiores se comparadas aos atores nascidos em Tiradentes, os quais já se mostram ambientados com o território e apresentam uma rede de contatos sólida.

Meus interesses de pesquisa ainda tiveram como fonte de inspiração a construção da Análise Pragmática das Organizações e da Gestão que o Núcleo ORD vem desenvolvendo. Nesta construção, este Núcleo de Pesquisa já conta com duas teses em Administração, que apresentam modos de análise pragmáticos das organizações e da gestão: as teses dos meus colegas de pesquisa Carlos Karam e Rogério Tonet. Destaco aqui que a pesquisa de Karam (2014) visou compreender, à luz da sociologia pragmática e dos estudos sobre racionalidade, o processo de legitimação da inovação social relacionada ao “caso crítico” do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. Já a pesquisa de Tonet (2014) procurou compreender como os projetos de vida e trabalho autônomos se

concretizam em contexto de DTS na Região das Vertentes em Minas Gerais, e para isto, lançou mão da teoria pragmática para analisar as dinâmicas negociadas entre os atores advindos de ambientes onde as lógicas de ação são distintas.

Com a aspiração de trilhar o mesmo caminho epistemológico dos colegas, optei por seguir a mesma direção e, assim, este estudo passa a ser a terceira tese em Administração do Núcleo ORD vinculada à Sociologia Pragmática, trazendo contribuições e avanços teóricos às pretensões deste Núcleo de Pesquisa no que concerne, em especial, a Análise Pragmática das Organizações e da Gestão.

A sociologia pragmática é uma teoria de ação que exige que se acompanhe ou que se reconstrua a trajetória dos atores dentro do fenômeno estudado. Assim, ela me possibilitou analisar como os atores convergem suas ações no cotidiano da gestão de seus pequenos empreendimentos, como eles lidam com as provas em direção aos diversos modos de engajamento, como gerenciam seu pequeno negócio, o qual se encontra inserido em um território singular (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991; THÉVENOT, 2006, 2013; AURAY, 2011).

Referenciados os motivos de estudar uma cidade do interior do Brasil, bem como os pequenos empreendimentos de pessoas “comuns”, carece aqui de discursar como isto foi realizado. Dentre tantas abordagens existentes, escolhi aquela que focaliza o indivíduo, o ator, por dois motivos fundamentais. O primeiro, reflete a questão da fenomenia: sendo esta uma pequena organização, é a unidade organizacional que melhor representa a ação individual, partindo da premissa de que um indivíduo possui uma representatividade mais significativa em uma fenomenia, do que em uma grande empresa.

O segundo motivo para o uso da abordagem do ator se deve ao fato de poucos autores, que tratam sobre desenvolvimento, valorizarem o nível micro de análise. Por mais que grande parte dos estudos estejam vinculados e direcionados às perspectivas meso e macro (JACOBS, 1984; SACHS, 1997; VEIGA, 2003; VIEIRA, 2007; VIEIRA E CAZELLA, 2009; LEIS E VIOLA, 1996; LAYRARGUES, 1997; WANDERLEY, 2005; ABRAMOVAY, 2010; JEAN, 2010; LÉVESQUE, 2010; PECQUEUR, 2006), Gumuchian *et al* (2003) destaca que é necessário reabilitar o nível micro de análise, o ator, por ele ser um dos elementos centrais do território, ao ponto de nada fazermos sem ele.

Os autores franceses Hervé Gumuchian, Eric Grasset, Romain Lajarge e Emmanuel Roux (2003), acreditam na relevância e no mérito do ator na promoção do desenvolvimento, assim como na importância de referenciar o nível micro de análise quando se fala em desenvolvimento. O livro intitulado “Os atores, estes esquecidos do território” (*Les acteurs, ces oubliés du territoire*) é uma das poucas obras que acentua e focaliza o papel do indivíduo no processo de desenvolvimento. Para os autores, é impossível conceber um território sem atores, torna-se essencial sua análise e seu estudo. Assim, corroborando com os autores, chamo a atenção para este ator que apresenta grande importância para a teoria do desenvolvimento, mas que infelizmente se encontra esquecido e pouco referenciado no campo científico e igualmente pelo poder público, elaboradores e executores de políticas públicas.

Além dos autores franceses anteriormente citados, outros autores da mesma nacionalidade, Jacques Revel, Alban Bensan, Bernard Lepetit, Marc Abélès (1998), igualmente discursam sobre o nível micro de análise.

Para eles, este nível de análise, por reconsiderar a experiência dos atores sociais, foi durante muito tempo ignorada por ser considerada inessencial, mas por meio do seu fortalecimento, colocou em questão convicções que eram fortes precisamente por trazerem as vantagens da evidência e da simplicidade, por relatar as experiências em sua singularidade. Assim, as vidas “minúsculas” também participam, à sua maneira, da “grande” história da qual elas dão uma versão diferente, distinta, complexa (REVEL, 1998a).

Segundo Revel (1998a), estamos habituados a pensar em termos globais, como o crescimento do Estado, a formação da sociedade industrial. Entretanto, este todo pode ser lido em termos completamente diferentes, se tentarmos apreendê-los por intermédio das estratégias individuais, das trajetórias biográficas, individuais ou familiares, dos homens que foram postos diante deles. Para o autor, eles não se tornam por isto menos importantes, mas são construídos de maneira diferente.

Conforme assegura Lepetit (1998), nenhuma escala desfruta de um privilégio especial; quer dizer, os macro fenômenos não são menos reais, e os micro fenômenos não são mais reais (ou inversamente); não há hierarquia entre eles.

Assim, optei trazer neste estudo a experiência e a vivência dos atores, de “pessoas comuns”, em sua singularidade destacando seus

caminhos e suas práticas traçados pela ação, a fim de mesclar esta micro análise com a macro análise, esta representada pela história e o desenvolvimento do território escolhido, por meio das ações em especial das políticas públicas, relatando, desta forma, o movimento dinâmico de micro e macro, de ator e território.

Diante do exposto, da mescla das escalas, almejei verificar a trajetória dos atores na comunidade, averiguando as relações que estes indivíduos estabeleceram ao longo de sua vida, até consolidar suas fenomenias na cidade de Tiradentes. Ademais, pretendi compreender como esses atores obtiveram seu espaço no território, como se tornaram conhecidos, se legitimaram, legitimaram sua arte, seu trabalho, ao ponto do território os adotar.

Afirmo aqui que, anteriormente a qualquer interação, tanto o território, quanto os atores, já existiam e já apresentavam traços dinâmicos. No entanto, acredito e aqui defendo que o território e o ator quando se encontram, interação de forma dinâmica, passando juntos por um processo de transformação e crescimento, ou seja: o território gera mudanças nos atores, e os atores geram mudanças no território, e nessa interação dinâmica há uma mola mestra de desenvolvimento.

Frete a isto, minhas inquietações me levam a questionar: como os atores se inseriram, construíram suas fenomenias, inserindo-as e desenvolvendo-as no território de Tiradentes-MG? Quais ações os atores e as fenomenias realizam no território, e o território e as fenomenias promovem na vida dos atores?

O estudo foi então desenvolvido com o objetivo geral de *compreender a relação dinâmica indivíduo-território na promoção do desenvolvimento e das transformações de Tiradentes (MG) desde os anos 1980, ressaltando as fenomenias e sua gestão.*

A fim de alcançar o objetivo proposto, procurei alcançar os seguintes objetivos específicos:

- Levantar a história socioeconômica recente de Tiradentes, destacando o seu desenvolvimento e as políticas públicas que o impulsionaram;
- Descrever e analisar as trajetórias de determinados indivíduos criadores de fenomenias, desde sua chegada à Tiradentes até os dias atuais;

- Compreender em contexto territorial os processos de criação, desenvolvimento e gestão das fenomenias fundadas por esses indivíduos;
- Compreender a relação dinâmica entre as ações desses indivíduos em suas fenomenias, e o desenvolvimento e as transformações de Tiradentes enquanto território.

RELEVÂNCIA E CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDO

Ao adentrar no debate científico sobre desenvolvimento, constatee que a concepção de desenvolvimento tem manifestado ao longo do tempo uma série de significados, possuindo muitas vezes pressupostos paradigmáticos diversos. O termo ainda hoje é, em alguns momentos, não só na academia como também na política, interpretado somente como sinônimo de crescimento econômico. Discussões mais avançadas já enfatizam as dimensões sociocultural e socioambiental, além da variável socioeconômica.

O conceito de desenvolvimento territorial sustentável, concepção escolhida para tratar de desenvolvimento neste trabalho, apresenta-se no meio das discussões mais avançadas quando se fala neste tema, e foi aqui introduzido com a finalidade de descrever o cenário, ou seja, o território deste estudo. Essa concepção se mostrou relevante e coerente por tratar aspectos como a sustentabilidade econômica, espacial e cultural, por valorizar a memória, a cultura, a identidade, a tradição, a história, os recursos naturais e as instituições locais dos territórios, levando em conta as singularidades e particularidades de cada região.

O desenvolvimento territorial sustentável é, por enquanto, apenas uma construção intelectual em processo de elaboração (MENEZES, 2009). O uso desta abordagem também se justifica por poder contribuir, mesmo que humildemente, com a construção e solidificação desse conceito em elaboração, envolvendo um debate epistemológico no campo dos estudos sobre desenvolvimento.

Vale a pena ressaltar ainda o fato de que o desenvolvimento territorial sustentável, por relacionar a sustentabilidade econômica, espacial e cultural com o território, permite um caminho frutífero para os estudos sobre o desenvolvimento, permitindo considerar as interfaces entre os fenômenos macro, meso e micro (ANDION, SERVA E LÉVESQUE, 2006). Vários autores que discorrem sobre o

desenvolvimento (JACOBS, 1984; SACHS, 1997; VEIGA, 2003; VIEIRA, 2007; VIEIRA E CAZELLA, 2009; LEIS E VIOLA, 1996; LAYRARGUES, 1997; WANDERLEY, 2005; ABRAMOVAY, 2010; JEAN, 2010; LÉVESQUE, 2010; PECQUEUR, 2006) não privilegiam o nível micro de análise: o ator, direcionando seus estudos e trabalhos apenas às perspectivas meso e macro. Desta forma, por ser esta uma lacuna teórica, escolhi me debruçar aqui também sobre o fenômeno micro, levando em conta o ator.

Conforme mencionado acima, alguns autores põem em evidência a importância da microanálise em processos de desenvolvimento territoriais. Assim, a análise de forma conjunta das políticas públicas e da ação dos indivíduos empreendedores, dando importância ao questionamento no que concerne ao micro e ao mesmo tempo a dinâmica micro-macro, promovem uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento do território pesquisado. Ao mesmo tempo, devido à complexidade desta realização, a ligação entre as escalas micro e macro, aqui efetuada, pode ser considerada uma das maiores contribuições científicas deste estudo. Isto uma vez que, na grande maioria dos casos, o tratamento dos dados frente às teorias de desenvolvimento (tanto estudos com foco no território, quanto com foco na sustentabilidade), e também frente as teorias administrativas, apresentam predominantemente um olhar direcionado à macro escala ou no máximo a meso escala.

Guerreiro Ramos (1989), em sua obra “A nova ciência da das organizações”, destaca a necessidade de pensarmos em um modelo alternativo, baseado em outros pressupostos, não apenas na sociedade centrada no mercado. Sua obra é um convite a refletir esse modelo de pensamento, modelo baseado numa variedade de enclaves, dos quais o mercado é apenas um. Contribuindo com esse debate, proponho um olhar para outros enclaves além do mercado, em especial às fenomenias. Não evidencio, neste trabalho, a exclusão do mercado. Ele é um enclave social legítimo e necessário, mas, no entanto, pensar em um modelo alternativo torna-se essencial, uma vez que nos encontramos em uma realidade social multicêntrica, onde há descontinuidades de diversos tipos, múltiplos critérios substantivos de vida pessoal, e uma variedade de padrões de relações interpessoais (GUERREIRO RAMOS, 1989).

Assim, estudar e analisar as mais variadas formas de atividades legítimas torna-se inevitável. Para isto, um maior esforço precisa ser

articulado, para que se desenvolva e consolide uma perícia adequada aos sistemas sociais de caráter mais alternativo, como as fenomenias. E é neste ponto em que esta tese se encaixa: reconhecendo a importância da diversidade das formas organizacionais, e estimulando uma reflexão em especial a este sistema social simples.

Ao dar seguimento nos dois únicos estudos que apresentam a fenomenia como objeto central da pesquisa (TONET, 2004; BESEN, 2010), procuro aprimorar reflexões que enfatizem o enclave da fenomenia, e que frutifiquem contribuições na direção do fortalecimento de territórios, principalmente os pequenos territórios.

Apurar como a gestão dessas organizações ocorre na prática, também não tem sido uma preocupação dos pesquisadores da academia, mesmo na área de Administração. À vista disso, dou continuidade ao estudo da gestão neste tipo organizacional, conforme os trabalhos de Tonet (2004) e Besen (2010), apresentando novas particularidades.

Cooke e Faria (2013) trazem à tona a ignorada relação de longa data entre dois campos: a administração/gestão, e o desenvolvimento. Para eles é necessário estabelecer o simultâneo entrelaçamento entre a gestão/administração e o desenvolvimento. Corroborando com essa ideia, Motta e Schmitt (2013) destacam que o conhecimento avança para uma discussão de caráter crítico, acima das discussões meramente academicistas e de cunho prescritivo, de modo a preencher a lacuna existente entre teoria e prática nos campos da gestão e desenvolvimento – ou até mesmo da gestão voltada ao desenvolvimento. Ainda para os autores, permanece o desafio de aproximar práticas e conhecimentos da gestão aos estudos voltados ao desenvolvimento - de forma não utópica, assim como segue a necessidade de ampliar a relevância de aspectos inerentes ao desenvolvimento no campo da Administração, desde que usados para fins legítimos. A partir deste contexto, procuro contribuir com essa lacuna teórica, dando um passo a mais na direção da aproximação entre os campos da gestão e do desenvolvimento.

Além disto, procuro aqui tratar a gestão pela perspectiva do ator, do indivíduo, indo além do ponto de vista da gestão tradicional (planejar, organizar, dirigir e controlar), ou seja, por um viés que envolva o cotidiano, que contemple outras dimensões e fundamentos, como a coordenação desses atores com eles mesmos e com o ambiente que os cercam, o que implica a adequação deles com o meio, com o território.

Importa destacar também que a escolha da história oral temática, como trajeto para auferir a finalidade do estudo aqui proposto, apresenta coerência no tratamento com o objeto, além de ser também uma singularidade desta tese. Segundo Ichikawa e Santos (2006), dentro das ciências sociais, os métodos qualitativos de pesquisa foram tradicionalmente mais utilizados por antropólogos e sociólogos; porém, nos últimos anos, começaram a ganhar um espaço reconhecido também em outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a educação e os estudos organizacionais.

De acordo com as autoras, a história oral temática é um método qualitativo ainda incipiente na Administração, enriquecendo ainda mais os estudos organizacionais por privilegiar a história do tempo presente. Assim, a utilização da história oral temática na pesquisa organizacional está lançada como forma de exercitar novas abordagens e ângulos de análise, enriquecendo as possibilidades de trabalhar qualitativamente, contribuindo para a melhor compreensão da vida organizacional contemporânea (ICHIKAWA; SANTOS, 2006; FEUERSCHÜTTE, 2006). Assim, utilizar aqui a história oral temática como ferramenta de coleta de dados aparenta ser também uma contribuição deste estudo, uma vez que busco enriquecer estas novas tendências no sentido de resgatar as perspectivas de análise de indivíduos.

Este estudo apresenta também como inovação a abordagem teórico-analítica, utilizada como apoio para a análise. Utilizei aqui uma análise pragmática das organizações, baseada na sociologia pragmática francesa de Boltanski e Thévenot (1991) e Thévenot (2006). Esta teoria é pouco difundida no Brasil, e é considerada uma sociologia do presente, ou seja, uma teoria voltada para o mundo de hoje, que prioriza a pluralidade não só do contexto, como também dos homens e suas ações. É uma teoria de ação que leva em conta o fato das pessoas serem forçadas a transitar em vários ambientes distintos, bem como atuar de maneiras diferentes, com grande versatilidade.

Por meio da sociologia pragmática francesa, pude demonstrar na prática organizacional como é a ação cotidiana de uma organização perante sua gestão, o que reafirma a originalidade desta tese: a convergência na ação.

Assim, a correspondência interdisciplinar entre Administração e Sociologia Pragmática Francesa também se apresenta aqui como

contribuição teórica ao campo de estudo, corroborando com os caminhos que o Núcleo ORD vem percorrendo (SERVA, 2014).

Além de utilizar esta teoria de ação, que é uma sociologia do presente, a preocupação de escrever uma tese que não atingisse o “homem comum”, envolvendo uma ciência que é fatiada, que não chega no indivíduo, ainda existia. Por isso, minhas inquietações e preocupações levaram-me à atenção e ao cuidado para desenvolver uma ciência que todos possam se enxergar, não somente um grupo seletivo, como o dos acadêmicos e pesquisadores. Desta forma, o desafio também foi fazer uma ciência factível colocando, para isso, o indivíduo no plano de análise. Me apropriando e me inspirando na sociologia pragmática, focalizei as situações e estudei as experiências, partindo então do indivíduo. São os indivíduos, as pessoas comuns que foram aqui estudados a fim de tentar compreender o saber que eles possuem, para desta forma, produzir aqui um saber conjunto.

Deste modo, os indivíduos que foram aqui estudados apresentam um perfil comum: são indivíduos que migraram de um território para outro, se inseriram nesse novo local, montaram uma fenomenia ligada à cultura, à história, à tradição do lugar, sobrevivendo ali do seu trabalho, e assim ilustram a construção do território. A fim de lançar luzes sobre os elos que esses indivíduos estabeleceram ao longo de sua vida, busquei mapear as relações e as experiências vividas, visando conceber cada qual sua fenomenia, e fazê-la funcionar acertadamente no território de Tiradentes, ao ponto de agregar valor e dar força a este território.

Por fim, espero que o desenvolvimento e os desdobramentos deste estudo impactem não somente no domínio científico, como também no âmbito prático, podendo chegar ao indivíduo comum, dando um pequeno passo então na direção de uma ciência que todos tenham acesso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de tornar mais explícito e compreensível os conceitos teóricos que contribuíram para a realização desta pesquisa, optei por renovar a maneira que os fundamentos conceituais essenciais são aqui apresentados. Inovação esta que julgo ser coerente com a originalidade que aqui apresento.

Os conceitos e teorias seguem uma sequência simples: a explicação das origens da abordagem teórica escolhida, os conceitos que me foram úteis à análise dos dados (e não os conceitos da abordagem em sua totalidade), meus comentários pessoais a seu respeito e por fim, a justificativa do porquê fiz a escolha de utilizar esta abordagem.

Acredito que com esta nova forma de apresentação dos fundamentos teóricos é possível empreender uma espécie de conversa não apenas com os produtos dos autores estudados, como também com os leitores interessados nesta tese. Além disto, ainda destaco que eu segui aqui, com este novo modelo de apresentação do referencial teórico, uma das recomendações da minha banca de qualificação, a qual, naquele momento, gentilmente me sugeriu realizar um diálogo com as abordagens escolhidas. Assim, também procuro corresponder aqui a solicitação dos professores da banca desta tese.

2.1 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

2.1.1 Origens da abordagem teórica escolhida

A concepção de desenvolvimento tem manifestado ao longo do tempo uma série de significados, possuindo muitas vezes pressupostos paradigmáticos diversos. O conceito tradicional, apresentado por clássicos, como Adam Smith, David Ricardo, Stuart Mill, estabelece o desenvolvimento como sendo sinônimo de crescimento econômico. Assim, tradicionalmente o termo tem sido interpretado como sinônimo de progresso e aumento de riqueza.

Essa noção clássica de desenvolvimento passou por um processo de atualização. Abordo aqui sucintamente, seguindo a revisão feita por

Azoulay (2002), os três paradigmas que dominaram o pensamento no campo de estudo do desenvolvimento de 1940 a 1980: paradigma desenvolvimentista, paradigma heterodoxo e paradigma neoliberal, a fim de destacar as diferentes visões e suas influências na definição do conceito em voga hoje.

O paradigma desenvolvimentista, dominado principalmente pelos economistas, retoma os pressupostos da teoria clássica do desenvolvimento, colocando novamente o econômico como a principal dimensão do processo de desenvolvimento, fazendo com que suas ideias legitimassem a visão naturalizada do conceito de desenvolvimento, associando-o a um processo de crescimento que possui direção, continuidade e cumulatividade.

O segundo paradigma, denominado heterodoxo, considera as dimensões histórica e cultural inerentes ao processo de desenvolvimento e busca compreender as especificidades dos países ditos subdesenvolvidos. Há uma compreensão maior e mais complexa do desenvolvimento neste paradigma se comparado ao primeiro, afinal seus autores e estudiosos inserem os contextos históricos e culturais, bem como as relações sociais e de poder, além da dimensão econômica. No entanto, por mais que haja um avanço, esse paradigma não rompe definitivamente com a teoria clássica do desenvolvimento, uma vez que continua tendo como principal indicador o crescimento econômico, apesar de levar em conta outros fatores.

Por fim, ainda segundo Azoulay (2002), o paradigma neoliberal faz ressurgir o ideal dos clássicos de um mercado livre de regulação e responsável por um desenvolvimento, deslegitimando toda forma de regulação fora da lógica de mercado, ignorando também as considerações a respeito de questões históricas, culturais e políticas trazidas pelo paradigma heterodoxo.

Esses três paradigmas se mostraram vigentes até a década de 1980, no entanto ao final da mesma década, o conceito de desenvolvimento passou a ser questionado, principalmente em virtude de maior conscientização dos problemas socioambientais. Assim, novas abordagens começaram a florescer trazendo novos significados para o conceito.

Relatórios como o Relatório Founex, Declaração de Estocolmo de 1972 e a Declaração de Cocoyoc de 1974, começaram a transmitir uma

mensagem de esperança sobre a necessidade e a possibilidade de se projetar e implementar estratégias ambientais adequadas, para se promover um desenvolvimento socioeconômico equitativo (SACHS, 2007).

A partir de 1972 há a difusão do conceito seminal de ecodesenvolvimento, o qual acompanhou as primeiras iniciativas voltadas para a promoção de outro tipo de crescimento econômico e de uma repartição qualitativamente diferente dos seus frutos (VIEIRA, 2007). A política de ecodesenvolvimento proporcionou uma maior reflexão no debate desenvolvimento e meio ambiente e colocou em primeiro plano a redefinição dos estilos de desenvolvimento e das formas de organização socioeconômica, sociopolítica, sociocultural e socioambiental. Entretanto, por discutir as assimetrias dos países do Norte e do Sul e acentuar a importância de rever os próprios pressupostos do modelo de desenvolvimento tradicionalmente adotado pelos países do Norte, o termo ecodesenvolvimento vai adquirir um sentido político, passando a ser visto como um “conceito incômodo” nas esferas internacionais (ANDION, 2007).

Surge então um novo conceito: desenvolvimento sustentável (DS). O Relatório Brundtland publicado sob o título de Nosso Futuro Comum é um dos documentos fundadores deste novo conceito. Elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) das Nações Unidas, o desenvolvimento sustentável é definido como “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (CMMAD, 1998).

O conceito de desenvolvimento sustentável levou então à Conferência Rio-92, onde o termo foi definitivamente legitimado e absorvido pela comunidade ambiental e científica mundial (LAYRARGUES, 1997). Tal termo teve mérito de aprofundar as discussões e popularizar a noção de sustentabilidade. No entanto, o campo teórico de interface entre desenvolvimento e meio-ambiente é pluralista, vasto, caracterizado por uma orientação interdisciplinar e pela interação entre teoria e prática; entre técnica e política. Não há, portanto, uma definição única, nem hegemônica de “desenvolvimento sustentável”.

De acordo com Jean (2010), a intensificação da sensibilidade ambiental, com a emergência do desenvolvimento sustentável, faz com

que o desenvolvimento deixe de ser necessariamente identificado com o progresso, com a progressão da humanidade rumo à conquista de melhores condições de vida, com a ampliação da experiência democrática e com o pleno desenvolvimento das culturas. Para ele, torna-se necessário, então, cada vez mais, construir projetos de desenvolvimento que respondam às necessidades das comunidades locais, às suas expectativas, e que além disso se inscrevam harmoniosamente em suas realidades sócio-históricas. Essa constatação traz para o debate a importância de operar rearticulações entre o global e o local.

Para se pensar em desenvolvimento que atendam as regiões locais, devemos levar em conta o território. Praticamente na mesma época do desenvolvimento sustentável, entrou em cena o enfoque na abordagem do Desenvolvimento Territorial (DT) que, segundo Abramovay (2010), ganha ímpeto somente a partir do início dos anos 1980. Inicialmente, o debate se estrutura a partir da noção de desenvolvimento regional.

No entanto, desenvolvimento regional e territorial são noções distintas. Elas remetem, para Rallet (*apud* JEAN, 2010) a duas maneiras diferentes de apreender os espaços geográficos na sua relação com o desenvolvimento econômico. Bernard Pecqueur, Bruno Jean e Ricardo Abramovay, destacam que o desenvolvimento territorial representa, ao mesmo tempo, um novo discurso acadêmico que supera os enfoques em termos de desenvolvimento regional (e local) e um novo discurso social designando novas realidades socioeconômicas, especialmente novas relações entre economia e território (LÉVESQUE, 2010). Os três pesquisadores acreditam no avanço da ideia de um novo paradigma científico que permite levar em conta as dimensões econômicas, sociais e ambientais, o que pressupõe uma superação das fronteiras disciplinares (LÉVESQUE, 2010).

Para Jean (2010) com a noção de desenvolvimento territorial, as ciências sociais, assumindo uma perspectiva multidisciplinar e interdisciplinar, adquirem novos instrumentos visando reconhecer a importância do território, não só como uma realidade biofísica tangível, mas também como uma construção social. Assim, o desenvolvimento territorial faz referência a um espaço geográfico que não é dado, mas construído; constituído pela história, por uma cultura e por redes sociais que desenham suas fronteiras (RALLET *apud* JEAN, 2010).

Segundo Abramovay (2010), a noção de território impede a

confusão entre crescimento econômico e processo de desenvolvimento, uma vez que os territórios são resultados da maneira como as sociedades se organizam para usar os sistemas naturais em que se apoia sua reprodução, o que, por sua vez, abre um interessante campo de cooperação entre ciências sociais e naturais do conhecimento desta relação.

No entanto, a abordagem territorial dá indícios de uma lacuna: a complementaridade com a noção de sustentabilidade que relaciona desenvolvimento e meio ambiente. Para Lévesque (2010), uma renovação dos fundamentos teóricos do desenvolvimento territorial exigiria, sem dúvida alguma, que se leve em consideração mais explicitamente a questão relativa à economia plural, o que poderia facilitar a incorporação plena e integral do enfoque de desenvolvimento sustentável.

Como muitos autores já constatarem, os grandes princípios do desenvolvimento sustentável e aqueles que sustentam as teorias do desenvolvimento territorial não estão tão distanciados assim no nível da reflexão epistemológica. Eles convergem num ponto fundamental: no reconhecimento das capacidades dos atores sociais que constroem cotidianamente territórios onde se articula uma pluralidade de lógicas de desenvolvimento (JEAN, 2010). Além do ponto de convergência destacado por Jean (2010) as duas abordagens de desenvolvimento (sustentável e territorial) possuem outros pontos em comum e também complementares.

A aproximação das discussões entre desenvolvimento sustentável e o desenvolvimento territorial não é recente. Mas, foi somente após a evolução da abordagem do desenvolvimento sustentável e do desenvolvimento territorial que se pensou na possível convergência das abordagens, a fim de complementá-las. Surge então o desenvolvimento territorial sustentável como uma perspectiva mista e transdisciplinar, que não se limita à busca de otimização de fatores de produção para o crescimento econômico.

Cabe frisar que o desenvolvimento territorial sustentável é ainda um conceito em construção, que conta com o esforço conjunto de estudiosos de diferentes países. O primeiro passo adiante, no sentido de favorecer a continuidade e o aprofundamento gradativo do desenvolvimento territorial sustentável, foi dado em 2007 no Primeiro Colóquio Internacional sobre Desenvolvimento Territorial Sustentável, realizado em Florianópolis, Santa Catarina. A organização deste evento

foi assumida por um grupo de pesquisadores vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina e à Université de Tours, na França que tinham como objetivo debater sobre a integração progressiva do conceito de desenvolvimento territorial e a discussão sobre os pré-requisitos de viabilidade de um programa de longo fôlego de pesquisas comparativas sobre a problemática do desenvolvimento territorial no Brasil (CIDTS *apud* BESEN, 2010).

As contribuições apresentadas e debatidas do primeiro colóquio levaram a organização de uma coletânea intitulada “Desenvolvimento Territorial Sustentável no Brasil: subsídios para uma política de fomento” reúne contribuições de especialistas integrantes de diferentes grupos e redes de pesquisas interdisciplinares sobre o tema na atualidade como Ricardo Abramovay, Bruno Jean, Benoît Lévesque, Paulo Freire Vieira, Ademir Antonio Cazella, Carolina Andion, entre outros. Assim, a coletânea representa um passo adiante no sentido de favorecer a continuidade e o aprofundamento gradativo deste debate de vanguarda nos próximos anos. No ambiente universitário, atividades integradas de pesquisa, ensino e extensão sobre desenvolvimento territorial sustentável passaram a ser estimuladas nos últimos tempos, em diferentes contextos regionais (VIEIRA *et al*, 2010).

Para Andion (2009), a emergência da noção de desenvolvimento territorial sustentável, mais do que trazer à tona um novo “conceito” ou “sentido”, exprime a complexificação do debate epistemológico no campo dos estudos sobre desenvolvimento. Segundo a autora, trata-se de produzir conexões entre a abordagem atual sobre desenvolvimento territorial e a tradição do debate no campo do desenvolvimento e ecologia, mais particularmente, com o enfoque do ecodesenvolvimento.

2.1.2 Principais conceitos desta abordagem utilizados nesta tese

Neste momento, destaco os principais conceitos ligados a abordagem do desenvolvimento territorial sustentável, os quais me auxiliaram na análise dos dados.

Um conceito de natureza territorial, denominado **ruralidade**, foi-me útil para compreender a situação das pequenas cidades do interior do Brasil. A ruralidade, de acordo com Abramovay (2000), não se aplica à noção de urbano, quer dizer, as cidades não são definidas pela indústria,

nem o campo pela agricultura. Mas, quando definidos desta maneira, como ocorre, segundo o autor, em muitos países, entre eles o Brasil, o rural é associado imediatamente a precariedade e a carência.

No Brasil, são consideradas pequenas cidades, ou cidades “não-urbanas”, as cidades que com até 20.000 habitantes que não integram propriamente a rede urbana (WANDERLEY, 2005). Diante disto, Abramovay (2000) destaca que o meio rural inclui o que no Brasil chamamos de “cidades” — em proporções que variam segundo as diferentes definições, abrindo caminho para que se enxergue a existência daquilo que, entre nós, é considerado uma contradição nos termos: cidades rurais.

A experiência internacional demonstra que as áreas não densamente povoadas, as “cidades rurais” não estão fatalmente condenadas ao abandono e à desertificação (ABRAMOVAY, 2000). Diante disto, Jacobs (1984) assegura que não podemos ignorar a realidade e a importância das áreas não-densamente povoadas, já que uma parcela importante da população rural brasileira vive nos pequenos municípios.

Corroborando com o pensamento de Jacobs, Ferreira e Zanoni (1998) asseguram que diante disto, torna-se necessário repensar o rural como espaço de vida, de trabalho e de lazer e a realidade deste rural de pluriatividades e sua interação com o conjunto das dinâmicas do território local. Esta necessidade é reforçada por Veiga (2003), o qual demonstra em seu estudo que o mundo rural é heterogêneo e portador, em várias regiões, de um dinamismo demográfico refletido no aumento populacional. Assim, o rural não é apenas um espaço produtivo, mas um espaço de vida, portador de uma identidade própria e capaz de gerar inovações e novas oportunidades de desenvolvimento (ABRAMOVAY, 1998).

Segundo Wanderley (2005), a população que vive no meio rural é responsável por um duplo movimento da sociedade, que, por um lado, dinamiza a vida local – na medida mesma em que é a fonte da configuração da paisagem, do uso e da preservação dos recursos naturais e sociais e da intensidade da vida social local – e, por outro lado, estabelece as formas de relacionamento com a cidade e com a vida pública, para além do espaço local.

Assim, segundo a autora diferente da perspectiva que os pequenos municípios são fonte de problemas (desenraizamento, miséria,

isolamento, currais eleitorais, etc) surgem indícios de que o meio rural é percebido igualmente como portador de “soluções”. A autora explica que esta percepção positiva crescente, real ou imaginária, encontra, no meio rural, alternativas para o problema do emprego (reivindicação pela terra, inclusive, dos que dela haviam sido expulsos), para a melhoria da qualidade de vida, através de contatos mais diretos e intensos com a natureza, de forma intermitente (turismo rural) ou permanente (residência rural) e através do aprofundamento de relações sociais mais pessoais, tidas como predominantes entre os habitantes. Assim, as ações do meio rural de preservação ambiental, de criação de um quadro favorável ao lazer, ao contato com a natureza e a um estilo de vida diferente do característico das cidades são cada vez mais valorizadas (ABRAMOVAY, 1998).

Apesar desta valorização crescente, Veiga (2003) assegura que o futuro destes pequenos municípios dependerá cada vez mais de articulações intermunicipais capazes de diagnosticar as vocações do território que compartilham, formular um plano de desenvolvimento microrregional, e viabilizar seu financiamento com o imprescindível apoio das esferas governamentais superiores. Para isto, o autor destaca que um plano federal especialmente voltado para a promoção de articulações intermunicipais microrregionais de pequeno porte populacional torna-se imprescindível.

Lopes (2003) não apenas corrobora com esta visão, como no prefácio do livro de Veiga (2003), frisa que como meio básico para facilitar o desenvolvimento de pequenos municípios, há uma área-chave de atuação da política pública, principalmente no que concerne no incentivo à criação de cooperativas, associações e redes sociais.

Além deste meio facilitador, Lévesque (2010), Jean (2010) e Abramovay (2010) acreditam que o desenvolvimento territorial, também dos pequenos municípios, repousa, pelo menos implicitamente, numa **economia plural**.

Para Lévesque (2010), a economia plural apresenta uma pluralidade de princípios (princípio da troca mercantil, princípio da reciprocidade e princípio da redistribuição) e também de uma pluralidade de recursos: recursos mercantis, recursos não-mercantis (ajuda financeira dos poderes públicos) e recursos não-mercantis e não-monetários (voluntariado).

A economia plural tem como característica fundamental a diversidade, remetendo a uma economia aberta, não dicotômica, que implica reconhecimento do polo da reciprocidade, eliminando a legitimação exclusiva do binômio Estado-Mercado, incentivando uma economia caracterizada pela combinação dos três polos (Estado, mercado e sociedade civil) resultando numa pluralidade de iniciativas de cunho econômico, que leva em conta as interfaces entre as esferas econômica, ecológica, social e política (ANDION; SERVA; LÉVESQUE, 2006).

Courlet e Ferguène (2004) também destacam a ênfase numa economia plural para o fortalecimento da dinâmica territorial. Além disso, os autores também asseveram como estratégias do fortalecimento dessa dinâmica, a ênfase nas redes formais e informais que se formam no território ao longo do tempo; a valorização da memória, da cultura, da identidade, dos recursos naturais e das instituições locais; a promoção da inovação, tanto técnica como das formas de organização do trabalho e das relações produção, que é concebida como instrumento de adaptação e reação às mudanças globais; a disseminação dos aprendizados e inovações, bem como a criação de “barreiras de entrada” que permitam discriminar entre o sistema e seu exterior; a concepção de uma “**cesta de bens e serviços**” territorializados.

Frete a cesta de bens e serviços, Pecqueur (2006) assegura que é uma combinação complexa de diversos elementos que revelam a existência de “ecossistemas societários”, nos quais se coordenam inicialmente elementos de proximidade geográfica e de proximidade organizacional. Para o autor, essa concepção conduz à ideia de que não são somente os produtos e os serviços que se vendem localmente, mas, por meio das contribuições de todos os atores e da integração das amenidades ambientais, o próprio território torna-se o produto a ser vendido, na medida em que ele constitui a oferta compósita; a capacidade dos atores locais de produzir as condições e as regras que permitam perenizar os processos de desenvolvimento.

Isto reforça a perspectiva apontada por Andion (2009) quanto a importância dos fluxos e das trocas entre os diferentes setores econômicos e entre os atores sociais, no intuito de promover a valorização dos recursos e do patrimônio local e reforçar as dinâmicas de desenvolvimento, tanto em termos econômicos, quanto sociais e ambientais.

Para isto, torna-se necessário produzir conexões entre a abordagem

atual do desenvolvimento territorial e a tradição do debate no campo do desenvolvimento e ecologia, mais particularmente, com o enfoque do ecodesenvolvimento, que é o que a noção de **desenvolvimento territorial sustentável** apresenta.

Tal conceito de DTS reflete a leitura que Sachs (2007) faz do desenvolvimento ao apresentar cinco dimensões do ecodesenvolvimento como uma estratégia que enfatiza a importância de modelos locais baseados em tecnologias apropriadas, em particular para as zonas rurais, buscando reduzir a dependência técnica e cultural (JACOBI, 1999).

A primeira dimensão é a sustentabilidade social, entendida com a criação de um processo de desenvolvimento que seja sustentado por uma outra lógica de crescimento e subsidiado por uma outra visão do que seja uma boa sociedade. A meta dessa dimensão é construir uma civilização com maior equidade na distribuição de renda e bens. A segunda dimensão é a sustentabilidade econômica, viabilizada mediante a alocação e o gerenciamento mais eficiente dos recursos e de um fluxo constante de investimentos públicos e privados.

A terceira dimensão apresentada pelo autor é a sustentabilidade ecológica, que pode ser melhorada utilizando ferramentas como: intensificar o uso do potencial recurso dos diversos ecossistemas com o mínimo possível de danos aos sistemas de sustentação da vida; limitar o consumo de combustíveis fósseis e de outros recursos e produtos que são esgotáveis ou danosos ao meio ambiente, substituindo-os por recursos ou produtos renováveis ou abundantes; promover a conservação de energia e recursos, além da reciclagem; promover a autolimitação no consumo material; intensificar a pesquisa para a obtenção de tecnologias de baixo teor de resíduos e eficientes no uso de recursos para o desenvolvimento urbano, rural e industrial; definir normas para uma adequada proteção ambiental.

A quarta dimensão é a sustentabilidade espacial, que deve ser dirigida a obtenção de uma configuração rural-urbana mais equilibrada e de uma melhor distribuição territorial, com ênfase em: reduzir a concentração nas áreas metropolitanas; frear a destruição de ecossistemas frágeis; promover práticas modernas e regenerativas de agricultura e agrossilvicultura; explorar o potencial da industrialização descentralizada, acoplada à nova geração de tecnologias; criar uma rede de reservas naturais para proteger a biodiversidade. Por fim, a última

dimensão é a sustentabilidade cultural, incluindo a procura das raízes endógenas de modelos de modernização e de sistemas agrícolas integrados, processos de mudança que resguardecam a continuidade cultural e que traduzam o conceito normativo de ecodesenvolvimento numa pluralidade de soluções, ajustadas à especificidade de cada contexto sócio-ecológico.

Assim, o conceito norteador desta tese, desenvolvimento territorial sustentável, permite um caminho frutífero para os estudos sobre o desenvolvimento, pois relaciona a sustentabilidade com o território, permitindo considerar as interfaces entre os fenômenos macro, meso e micro (ANDION; SERVA; LÉVESQUE, 2006).

No entanto, muitos autores que tratam do desenvolvimento (JACOBS, 1984; LAYRARGUES, 1997; FERREIRA, ZANONI, 1998; ABRAMOVAY, 1999, 2000, 2010; JACOBI, 1999; LOPES, 2003; VEIGA, 2003; COURLET, FERGUENE, 2004; WANDERLEY, 2005; PECQUEUR, 2006; SACHS, 2007; VIEIRA, 2007; VIEIRA E CAZELLA, 2009; JEAN, 2010; LÉVESQUE, 2010) não privilegiam o **nível micro de análise**, ou seja: o ator; havendo estudos e trabalhos direcionados apenas às perspectivas meso e macro.

Gumuchian *et al* (2003), acreditam na relevância e no mérito do ator na promoção do desenvolvimento e na importância de referenciar o nível micro de análise quando se fala em desenvolvimento. Em sua obra, eles acentuam e focalizam o papel do indivíduo no processo de desenvolvimento.

Para realçar este papel, os autores fazem uma analogia, evidenciando o território como um palco onde se representam vários atos, no qual o ator é convidado a representar os papéis. O que ocorre, segundo eles, é que mesmo representando diversos papéis esse ator é colocado em segundo plano, tanto na geografia como nas ciências sociais.

Os autores apontam, então os seguintes questionamentos: quem é este ator onipresente, mas que os teóricos têm dificuldade de entender, de posicionar e olhar para ele agindo? Em que situação ele se encontra e como ele está associado ao território? Para responder a essas questões, a obra está situada voluntariamente na interface teórica/prática e se inscreve em um desejo deliberado de reabilitar o ator, considerado como um dos elementos centrais do território, ao ponto de nada fazer sem ele.

Assim, no coração da abordagem territorial, o ator é colocado

como uma evidência primeira. Segundo Gumuchian *et al* (2003), não importa os nomes ou quem sejam: os atores institucionais, os atores políticos, econômicos, associativos, os habitantes, os residentes, os estrangeiros, os turistas, os militantes, os defensores do meio ambiente, os assalariados, os ativistas, os desempregados, os excluídos, os cidadãos, os rurais, os agricultores ou os profissionais de um setor de atividade, os atores de paisagem, de cidades, da recomposição do território... todos eles estão lá e agem! Assim, todo ator está no centro do processo de territorialização e é atuante. Ou seja, o espaço se encontra em movimento, mas ele não é impulsionado pela dinâmica imanente, são os homens e as mulheres, com suas ações, que o colocam em movimento.

Os autores apontam oito preposições iniciais da relação ator e território, sendo elas: todo homem e toda mulher podem ser atores; todos os atores são dotados de uma personalidade (componente psíquico) e de uma individualidade (constituição própria) que não se dissolvem na ação e que estruturam as experiências individuais; todo ator têm uma competência territorial, se não jurídica ou política, mas geográfica, o que quer dizer espacial, social e cultural; o sujeito ativo torna-se um ator territorializado quando está em situação de ação; a situação da ação se define como um quadro espacial e temporal, uma modalidade concreta de reencontrar e de trocar, um contexto de realização de uma liberdade ontológica e então exercício de uma liberdade de agir; o ator territorializado opera no sentido de sistemas de ação concretos que são evolutivos e permeáveis uns aos outros, que permitem construir a decisão e transformar coletivamente os objetos espaciais; o ator territorializado negocia continuamente o lugar em jogos de poder, aqueles que causam interações eficientes como localizados espacialmente e temporalmente. Assim, para os autores, o território é a condição primeira de realização dessas interações.

Analisar uma ação territorializada particular obriga então sempre a levar em conta os sistemas de ação e os sistemas territoriais no sentido mais lato possível, a fim de ser capaz de captar as condições dessas interações. Entretanto, o ator não pode conhecer todos os elementos que restringem sua própria ação e determinam a sua própria territorialidade. Além disso, a análise territorializada implica a análise de poder, da política e das interações.

Desta forma, conduzir uma análise de ação territorializada

necessita levar em conta as diferentes modalidades de organização e então de ação dos atores. Essas modalidades referem-se aos grupos, líderes de projetos, aos atores institucionais, etc. Com efeito, cada modalidade de ação vai participar na determinação de uma maneira de ser ator. Mas, participar dessa determinação, não significa que as formas de organização são as únicas ferramentas para compreender as estratégias territoriais dos atores, é necessário também levar em consideração as normas e regras da ação pública territorial. Resumidamente para a compreensão da ação territorializada, é necessário levar em conta as categorias dos atores em movimento; as normas, regras e organizações; a ação pública territorial.

Para Gumuchian *et al* (2003), o ator jamais comporta uma forma única de interpretação. Não se pode interpretar os atores de maneira absolutamente idêntica. Para eles, a compreensão das ações sobre o território implica levar em consideração não somente os quadros e referenciais da ação, apreendidos em termos de poderes, de organização, de traduções políticas e sócio-espaciais; mas, para ganhar precisão e não correr o risco de não compreender sua complexidade, implica igualmente levar em conta os atores, seus comportamentos, suas lógicas, suas estratégias, seus posicionamentos, sua capacidade de “jogar”.

Esta perspectiva significa reconhecer os atores, sua diversidade, seus papéis e suas diferentes dimensões, uma vez que o ator jamais comporta uma forma única de interpretação. Os atores, segundo Gumuchian *et al* (2003), são caracterizados pelos desejos, interesses, recursos cognitivos e afetivos que eles chamam para a ação; eles são dotados, dependendo do contexto, de capacidades de compreensão dos processos em curso, da capacidade de agir nas temporalidades, nas modalidades e conforme as intenções diferenciadas. Desta forma, de acordo com os autores, os atores se movem no seio das cenas múltiplas da vida cotidiana, através das lógicas de ação diversas, face às experiências plurais, mobilizando então os aspectos diferentes, às vezes contraditórios, de sua personalidade.

É então por meio do termo de pluralidade que o ator deve ser considerado: pluralidade no estado de ser, pluralidade no tempo, no espaço e conforme os contextos sempre em movimento. E são estes tipos de atores que, em ação, na sua complexidade e suas diferentes dimensões, são necessários para compreender os processos territoriais em curso.

Os autores ainda salientam que esse ator é portador de seu próprio

sistema de valores; mas ao mesmo tempo, fala por todos os atores que, muitas vezes, pertencem à mesma categorização que ele. Ele é ao mesmo tempo seu próprio decisor, tanto no que concerne à construção de um território específico, quanto a seu próprio degrau de liberdade.

Resgatando, neste parágrafo, o termo ator territorializado, como sendo todo homem ou toda mulher que participa de uma maneira intencional a um processo que apresenta implicações territoriais, cabe destacar que estes atores contribuem na constituição de territórios, independente do nível de envolvimento e/ou seu lugar no sistema de decisão; podendo operar pelo interesse particular e/ou coletivo (GUMUCHIAN *et al*, 2003). Este posicionamento nos convida a reverter o olhar em relação a maneira de proceder a leitura dos processos de construção dos territórios: trata-se de identificar e analisar as lógicas e estratégias dos atores.

Para Gumuchian *et al* (2003), essa abordagem permite entender mais detalhadamente o que acontece durante a execução dos projetos de território. A entrada pelos atores, e por extensão pela ação, fornece uma contribuição à compreensão do sentido do movimento, do trajeto do espaço, o que os autores qualificam de processo de construção territorial.

A utilização do conceito de ator territorializado toma, nessa perspectiva, para os autores, uma característica resolutamente operatória. Sua utilização implica a mobilização e a explicação de referências teóricas associadas a esse conceito: exige levar em conta a multiplicidade de papéis, estatutos, lógicas e estratégias, de temporalidade, de contexto e então de âncoras territoriais (GUMUCHIAN *et al*, 2003).

Assim, segundo os autores, o sucesso atual da governança se exprime via os novos modos de pensar e agir: esta se traduz notadamente pela ideia de projetos de uma parte e a multiplicação de ferramentas *ad hoc* de outra parte tais como as normas dos territórios, etc. Nesses dois casos, os autores apontam que na maioria das vezes explicitamente, quer em declarações de intenções, motivos ou em métodos de implementar as ações territorializadas, o ator é colocado em um local central. Isso, segundo eles, impõe propostas metodológicas que concernem em particular a apreensão dos atores, seu posicionamento, sua categorização.

Como conclusão das discussões apresentadas na obra, os autores declaram que uma vez colocada a pertinência de um questionamento sobre território e ator, definida as lógicas e estratégias que fundamentam

a ação territorializada, e reconhecido o interesse de utilizar o conceito de ator territorializado, o território pode ser descrito e interpretado de uma nova maneira. Para eles, o objeto territorial é construído pelos atores, ao mesmo tempo, que eles intrinsecamente são parte do mesmo território: trata-se de um verdadeiro processo de co-construção de longo prazo.

Toda construção territorial é o objeto de intenções, de discurso, de ação da parte dos atores que existem, se posicionam, se mobilizam, que desenvolvem as estratégias para alcançar seus fins (GUMUCHIAN *et al*, 2003). Assim, os atores podem ser diretamente ou indiretamente afetados pela ação, no contexto e na temporalidade específica.

Para Gumuchian *et al* (2003), o território não é somente um objeto material colocado na sua frente, desprovido de sentido, de forma, de símbolo, de representação. Ele é também objeto imaterial, objeto “ideal”: ao mesmo tempo um e outro, continuamente co-construído, é um objeto social, um objeto de apropriação e apropriado pelos atores.

Os debates atuais, que são políticos, técnicos, científicos, metodológicos não param de apontar a importância dos atores, mas raramente se faz referência as questões de temporalidade da ação, da pluralidade dos atores ou das questões de estratégias territoriais. Os autores deixam claro que estas são poderosas ferramentas explicativas da construção dos territórios. Para eles, não se trata de considerar os atores completamente independentes e desconectados do território, nem se trata de trabalhar exclusivamente sobre a sociedade como fariam os etnógrafos, os sociólogos, os antropólogos; mas trata-se sim de considerar os atores no contexto de produção territorial.

Vale ressaltar que cada ator tem sua temporalidade, cada território tem sua história. A dupla ator/território está em constante interação. Desenvolver harmoniosamente o território, é ser capaz de compreender as modalidades de construção territorial. Mas para isto é necessário ir além das categorizações tradicionais muitas vezes utilizadas; é necessário abandonar estas abordagens pré-fabricadas para poder trabalhar de forma mais delicada sobre os processos de construção territorial (GUMUCHIAN *et al*, 2003).

Além dos autores franceses Hervé Gumuchian, Eric Grasset, Romain Lajarge e Emmanuel Roux (2003), outros autores da mesma nacionalidade, Jacques Revel, Alban Bensa, Bernard Lepetit, Marc Abélès (1998), igualmente discursam sobre esta corrente da microanálise.

No entanto, tais autores não estão diretamente vinculados com a corrente do desenvolvimento; são autores da história, que estão relacionados com a história econômica e a micro história. Mesmo não pertencendo ao campo do desenvolvimento, seus argumentos são relevantes no que concerne as diferenças e os complementos da abordagem micro e macro. Assim, pelo fato destas abordagens serem de fundamental importância para este estudo, apresento aqui os argumentos destes autores também por considerar que a analogia com a micro história auxilia a demonstrar como ocorre a construção do território valorizando a perspectiva micro de análise.

De acordo com Revel (1998b), a micro história nasceu como uma reação, como uma tomada de posição frente a um certo estado da história social, da qual ela sugere reformular concepções, exigências e procedimentos. Esta reação, dirigida pelos autores, esta elucidada no livro intitulado “Jogos de escalas: a experiência da microanálise”, o qual é fruto de um trabalho coletivo que nasceu de um seminário fechado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS-Paris).

As tentativas apresentadas pelos autores no livro são entendidas como sintomas de uma insatisfação diante do desgaste de paradigmas científicos que inspiraram grandes painéis de pesquisa em ciências sociais a partir do fim do século XIX e que de modo geral privilegiam enfoques de tipo macroanalítico (REVEL, 1998a). Assim, a opção por uma abordagem microanalítica apresentou-se para eles como um experimento alternativo (REVEL, 1998a).

No entanto, os autores não excluem a abordagem macro, conforme destaca Bensa (1998) ao afirmar que a micro-história não rejeita a história geral, mas introduz a ela, tomando o cuidado de distinguir os níveis de interpretação. As duas operações, **micro e macro**, induzem construções diferentes do social (REVEL, 1998a).

Ainda assim, Revel (1998b) destaca que o “micro” deve, em primeiro lugar, ser entendido como a expressão de um distanciamento do modelo comumente aceito, o de uma história social que desde a origem se inscreveu, explícita ou (cada vez mais) implicitamente, num espaço “macro”. Nesse sentido, o micro permitiu romper com os hábitos adquiridos e tornou possível uma revisão crítica dos instrumentos e procedimentos da análise sócio histórica (REVEL, 1998b). Assim, a microanálise se inscreve num projeto mais vasto que aciona, apresenta um

ideal de totalização e uma preocupação intelectual bastante precisa: a de construir, a partir da experiência de campo: generalidades coerentes e sólidas (ABELÈS, 1998).

Mesmo com a proposta da coerência e solidez, Revel (1998a) destaca que a abordagem microanalítica foi alvo de críticas; muitos teóricos da macroanálise acusavam as microanálises de ceder à moda do *small is beautiful*, de se trancar voluntariamente dentro de um “armário de vassouras” ou ainda de “dar um microfone às formigas”. Segundo o autor, tais acusações, por mais excessivas que sejam em suas formulações, traduzem uma forte reticência em relação a estratégias de pesquisa que vieram se contrapor a uma tradição científica poderosa, articulada, e que mostrou ser de excepcional fecundidade.

Por mais que a microanálise tenha surgido como uma contraposição a abordagem macro, Lepetit (1998) assegura que nenhuma escala desfruta de um privilégio especial. Para o autor, os macrofenômenos não são menos reais, os microfenômenos não são mais reais (ou inversamente): não há hierarquia entre eles. Segundo o autor, as representações em diferentes escalas não são projeções de realidades que se encontrariam por detrás delas. Citando Merleau-Ponty (1964), Lepetit (1998) assegura que “por detrás delas, existem apenas outras “vistas” (...). O real está entre elas, aquém delas”.

Mesmo não havendo hierarquia entre as abordagens, Abélès (1998) destaca que é possível se observar, mais particularmente nos micro-historiadores, o questionamento desta hierarquia implícita entre o “micro” e o “macro”. Para Revel (1998b) a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular - de um homem, de um grupo de homens - e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos a meada das relações nas quais ele se inscreve.

De acordo com Bensa (1998), as distinções entre os níveis “micro” e “macro” não são aquelas que oporiam o caso particular à generalidade, o exemplo à teoria, e sim aquelas que podemos estabelecer se prestamos atenção aos modos de comunicação escolhidos por nossos interlocutores. Estes últimos, segundo o autor, se exprimem em registros diferentes; é abusivo considerar que o alcance de suas declarações é sempre, queiram eles ou não, da mais ampla generalidade.

Para Revel (1998a), estamos habituados a pensar em termos

globais, como o crescimento do Estado, a formação da sociedade industrial, entretanto este todo pode ser lido em termos completamente diferentes se tentarmos apreendê-los por intermédio das estratégias individuais, das trajetórias biográficas, individuais ou familiares, dos homens que foram postos diante deles. Para o autor, eles não se tornam por isso menos importantes, mas são construídos de maneira diferente.

Ainda segundo o autor, a abordagem microanalítica adquire toda a sua significação em um caminho de escrita de uma história “vista de baixo”. Caminho este que pode, contudo, ser concebido em termos diferentes: ele pode ser pensado como uma tentativa de apreender conjuntos, de caracterizar comportamentos globais e médios. Ele pode também se atribuir como tarefa explicar a lógica da significação dessas experiências em sua singularidade (REVEL, 1998a).

Assim, para Revel (1998a), as vidas “minúsculas” também participam, à sua maneira, da “grande” história da qual elas dão uma versão diferente, distinta, complexa. O problema aqui, segundo o autor, não é tanto opor um alto e um baixo, os grandes e os pequenos, e sim reconhecer que uma realidade social não é a mesma dependendo do nível de análise ou da escala de observação que escolhemos nos situar.

Segundo Abélès (1998), enquanto se permanecia com uma visão do “micro” entendida como método essencialmente monográfico, esta se integrava perfeitamente à lógica experimental: partia-se de hipóteses “macro”, e o trabalho sobre o “micro” assumia o aspecto de uma verificação de premissas que o ultrapassavam inteiramente. O autor ainda assegura que o “micro” era quando muito a prova do “macro”, mas era este último que dava a essa prova sua significação e delimitava seus contornos. Se a prova invalidava algumas hipóteses, voltava-se ao “macro” para redefinir as condições da prova; a monografia era, portanto, “enquadrada” (ABÉLÈS, 1998).

Lepetit (1998) assegura que uma análise realizada numa escala particular não pode ser contraposta às conclusões obtidas numa outra escala. Para o autor, elas não são acumuláveis a não ser sob a condição de levar em conta os níveis diferentes nos quais foram estabelecidas.

Parafraseando Jacques Revel, Abélès (1998) destaca que a abordagem da micro-história tem como efeito dessubstancializar objetos que estavam no centro da análise. Produz-se, portanto, segundo o autor, uma espécie de *implosão* em domínios onde durante muito tempo se

desenvolveu uma concepção da ciência centrada num modelo experimentalista já antigo.

Como se vê, a abordagem micro história se propõe enriquecer a análise social tornando suas variáveis mais numerosas, mais complexas e também mais móveis, como destaca Revel (1998b). Mas esse individualismo metodológico, segundo o autor, tem limites, já que é de um conjunto social - ou melhor, de uma experiência coletiva - que é sempre preciso procurar definir as regras de constituição e de funcionamento.

Neste conjunto social, cada ator participa, de maneira próxima ou distante, de processos - e, portanto, se inscreve em contextos - de dimensões e de níveis variáveis, do mais local ao mais global (REVEL, 1998b). Assim, as proposições dos historiadores corroboram com as assertivas dos estudiosos franceses, Gumuchian *et al* (2003), os quais argumentam que cada ator, da sua maneira, participa do território, se posiciona, se mobiliza, desenvolve estratégias para alcançar seus objetivos e quando considerado, o território pode ser descrito e interpretado de uma nova maneira.

2.1.3 Comentários pessoais da abordagem escolhida e dos principais conceitos trabalhados

Por mais que exista hoje no cenário acadêmico olhares diferenciados diante do tema desenvolvimento, muitos deles envolvendo uma perspectiva mais humana, social e ambiental, conforme anteriormente apresentado, a concepção de desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico ainda repercute de forma descomedida nas políticas econômicas atuais. Parece haver uma relutância diante da importância em praticar a amplitude do termo, o que faz com que os critérios econômicos ainda sejam os motores do enfoque do desenvolvimento. Assim, carecemos de uma visão holística e uma atuação equivalente frente aos problemas da sociedade.

O desenvolvimento territorial sustentável apresentou seu mérito em aprofundar as discussões da abrangência do conceito, tratando não apenas das oportunidades econômicas, como também da questão da sustentabilidade e dos territórios. Um exemplo disto é o resultado do Primeiro Colóquio Internacional sobre Desenvolvimento Territorial

Sustentável realizado na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, em 2007, o qual originou o livro “Desenvolvimento Territorial Sustentável no Brasil”, com discussões mais abrangentes frente ao cenário econômico e cultural, proporcionando significativas contribuições para a temática.

No entanto, por mais que novas reflexões foram geradas e que consideráveis esforços foram feitos nesta direção, destaco aqui que o desenvolvimento territorial sustentável ainda não é uma abordagem definitivamente consolidada. Particularmente, espero que o conceito se fortaleça no campo e que aprimore suas argumentações a respeito da possibilidade de junção das duas correntes: desenvolvimento sustentável e desenvolvimento territorial. Considero que esta junção evidencia uma nova dinâmica de ação, que tem como base uma reflexão integral sobre os desafios e oportunidades do cenário mundial e local.

Frente a esta junção, a economia plural merece destaque por oferecer discussões que valorizam, tanto a dinâmica territorial, quanto a do desenvolvimento sustentável, e também por envolver uma pluralidade de recursos econômicos, bem como uma pluralidade de lógicas de ação. Pluralidade esta também encontrada nos atores territorializados de Gumuchian *et al* (2003), nos mundos comuns dos autores franceses Luc Boltanski e Laurent Thévenot (1991) e Thévenot (2006) - os quais serão posteriormente abordados. Tais autores também apresentam um olhar plural acerca da ação humana, pois além dos diferentes papéis que os atores apresentam na sociedade, eles manifestam diversas formas de ação e engajamento, o que contribui para a criação de uma multiplicidade de condutas no local em que se encontram inseridos.

Assim, a pluralidade encontrada nos autores franceses (THÉVENOT, 2006; BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991; GUMUCHIAN *et al*, 2003) corrobora com a perspectiva da economia plural e da noção de desenvolvimento aqui apresentada, por apresentar diferentes lógicas de ação e de engajamentos diversos.

Tanto o conceito de economia plural, quanto a proposta de Pecqueur (2006), apresentaram interessantes argumentos que estimulam as discussões referentes ao desenvolvimento, principalmente no que concerne ao desenvolvimento rural do interior do país, o qual se mostra carente de propostas ativas que focalizam a pluralidade das lógicas de ação visando o desenvolvimento do território de forma sustentável.

Transformar os recursos territoriais em ativos e procurar o seu

ineditismo, como Bernard Pecqueur demonstrou com sua visão da cesta de bens, não apenas valoriza os elementos do território como também seus produtos, os quais são produzidos pelas pessoas locais por meio de suas ações plurais. Quando dois produtos de diferentes produtores se unem para integrar uma “cesta”, há um realce maior do que quando comercializavam os mesmos produtos de forma isolada. Para isto, a articulação entre os produtores e o laço formado entre eles é relevante para garantir um destaque à cesta de produtos.

As políticas públicas também podem exercer um papel fundamental na criação e divulgação da cesta de bens. Para isto, torna-se necessário um olhar para o pequeno produtor, para o micro ator, este que se encontra esquecido no território, não apenas pelas teorias que tratam de desenvolvimento, como também pelas políticas públicas e pelo poder local.

Destaco aqui que na teoria econômica o nível micro está presente nas discussões frente ao desenvolvimento, no entanto, apresenta-se com uma outra conotação: o micro é a organização. Procuro aqui trazer a discussão deste micro para um nível ainda mais particular que é o nível do indivíduo, do ator.

Assim, os argumentos sobre reabilitar o ator, apresentam uma visão nova na teoria de desenvolvimento capaz de apresentar respostas acessíveis devido ao privilégio de um olhar mais apurado para o micro.

Deste modo, a escala micro, escala que valoriza o ator, permite compreender os processos territoriais de uma maneira distinta. Os atores comuns - nível micro -, os quais se encontram no dia a dia de qualquer território, quando aliados com as políticas públicas - nível macro - auxiliam a alcançar novas formas de ação podem se tornar mais evidentes e compatíveis com o perfil de cada território, valorizando seus recursos, seus ativos, os atores, seus costumes, seus saberes.

Esta pluralidade de ações, de teorias, de níveis de análise torna-se crucial para o desenvolvimento de qualquer território. Assim, a ruralidade, o desenvolvimento territorial sustentável, a economia plural, a cesta de bens e o nível de análise micro e macro, apresentam harmonia com a proposta de estudo que aqui apresento.

2.1.4 Justificativa da escolha desta abordagem

Penso que a abordagem de desenvolvimento é essencial neste trabalho, uma vez que optei por analisar as mudanças socioeconômicas de um território em um período de tempo. A escolha da abordagem do desenvolvimento territorial sustentável também se mostra coerente por ser uma passarela, articulando os debates sobre o desenvolvimento e o meio ambiente, e também sobre o enfoque de desenvolvimento territorial. Por meio desta corrente, me é permitido apresentar a influência da cultura, da história, via a ação dos atores.

Tenho consciência que o DTS ainda não é uma abordagem consolidada, no entanto acredito na convergência, no que há de melhor nas duas correntes que ele agrega: desenvolvimento sustentável e desenvolvimento territorial.

O DTS apresenta amplas discussões a respeito da sustentabilidade. No entanto, é importante destacar que não sustento uma sustentabilidade que envolve resiliência ecossistêmica, gestão patrimonial de recursos e educação ambiental. Esta pesquisa apresenta convergência com a sustentabilidade apresentada por Sachs (2007), mais especificamente com a dimensão social, cultural, econômica e territorial destacada pelo autor, o que apresenta coerência com este estudo.

Assim, por acreditar que não há uma obrigatoriedade em adotar a teoria do DTS, e ter que apresentar uma sustentabilidade carregada em conceitos ambientais, estruturei este estudo seguindo os fundamentos do desenvolvimento territorial sustentável.

Desta forma, delimitei aqui o conceito, por meio de uma incursão nas abordagens teóricas que o embasam: desenvolvimento sustentável e desenvolvimento territorial. As contribuições e as lacunas em cada uma dessas abordagens, assim como as complementaridades existentes entre elas, acompanham a tentativa de compor um enfoque integrado para delimitar o escopo do conceito de DTS aqui adotado.

O desenvolvimento territorial sustentável baseia-se na sustentabilidade social, econômica, ecológica, espacial e cultural. E por meio de ações, submetidas a uma reflexão crítica, busca em cada território soluções específicas para seus problemas particulares, levando em conta os dados econômicos, ecológicos, culturais, históricos e sociais, bem como as necessidades imediatas e de longo prazo das populações.

Assim, o desenvolvimento territorial sustentável busca dar importância à construção social e histórica do território, juntamente da combinação dos três polos (Estado, mercado e sociedade civil), levando em conta as interfaces entre as esferas econômica, ecológica, social e política.

Além disso, o desenvolvimento territorial sustentável ainda busca valorizar a memória, a cultura e a identidade locais; os recursos naturais e as instituições; disseminar os aprendizados e inovações; e igualmente, considerando tanto as metas e os objetivos mais amplos do desenvolvimento, quanto as microiniciativas que buscam colocá-los em prática.

Dentro desta perspectiva do DTS, a abordagem de microanálise se encaixou nitidamente na proposta de análise da ação do ator. Além disto, por haver discussões a respeito do desenvolvimento privilegiando o nível macro e meso de análise, a abordagem micro apresenta-se como uma lacuna teórica. Desta forma, a escolha de levar em conta o fenômeno micro reflete a aspiração de suprimir esta lacuna e de reacender o ator nas ciências sociais, já que ele é um dos elementos centrais do território.

Por fim, apresento um olhar direcionado para o micro por acreditar na relevância e no mérito do ator na promoção do desenvolvimento. Além disto, sua correspondência com o nível macro de análise me permite expor a influência da cultura, da história, via ação dos atores e sua importância para a promoção do desenvolvimento de um território.

2.2 FENONOMIA

2.2.1 Origens da abordagem teórica escolhida

A fenonomia apresenta sua origem no paradigma paraeconômico proposto por Alberto Guerreiro Ramos, discursado na sua obra “A nova ciência das organizações” em 1989.

Apresentando um arcabouço conceitual de uma nova ciência das organizações, o livro tem como objetivo contrapor um modelo de análise de sistemas sociais e de delineamento organizacional de múltiplos centros ao modelo centralizado no mercado.

O autor sustenta que uma teoria da organização centralizada no

mercado não é aplicável a todos, mas apenas a um tipo especial de atividade. Ainda afirma que a aplicação de seus princípios a todas as formas de atividade está dificultando a atualização de possíveis novos sistemas sociais, necessários à superação de dilemas básicos da sociedade.

Para ele, a nova ciência das organizações é dirigida a problemas de ordenação dos negócios sociais e pessoais tanto em uma perspectiva micro, quanto em uma perspectiva macro.

O modelo de análise e planejamento de sistemas sociais que ora predomina nos campos da Administração, da Ciência Política, da Economia e da Ciência Social em geral, é, segundo o autor, unidimensional, porque reflete o moderno paradigma que, em grande parte, considera o mercado como a principal categoria para a ordenação dos negócios pessoais e sociais. Assim, o autor convida a refletir em um modelo alternativo de pensamento, baseado em outros pressupostos, não apenas na sociedade centrada no mercado. Uma vez que esta tem apresentado cada vez mais suas limitações e sua influência desfiguradora da vida humana como um todo.

Para isso, Guerreiro Ramos (1989) apresenta um modelo multicêntrico de análise dos sistemas sociais e do desenho organizacional, o qual denomina delimitação dos sistemas sociais. Esse modelo considera o mercado como um enclave social legítimo e necessário, mas limitado e regulado, modelo que reflete no que o autor chama de paradigma paraeconômico.

Segundo o autor, o objetivo do paradigma paraeconômico não é a supressão do mecanismo de mercado, mas a preservação somente das capacidades sem precedentes que o mesmo criou, ainda que pelas razões erradas. Desta forma, esse paradigma pode atender às metas de um modelo multidimensional de existência humana, numa sociedade multicêntrica (GUERREIRO RAMOS, 1989).

O ponto central desse modelo multidimensional proposto é a noção de delimitação organizacional, que envolve dois aspectos: o primeiro trata-se de uma visão da sociedade como sendo constituída de uma variedade de enclaves (dos quais o mercado é apenas um), onde o homem se empenha em tipos nitidamente diferentes, embora verdadeiramente integrativos, de atividades substantivas. Já o segundo aspecto trata-se de um sistema de governo social capaz de formular e implementar as políticas e decisões distributivas requeridas para a promoção do tipo

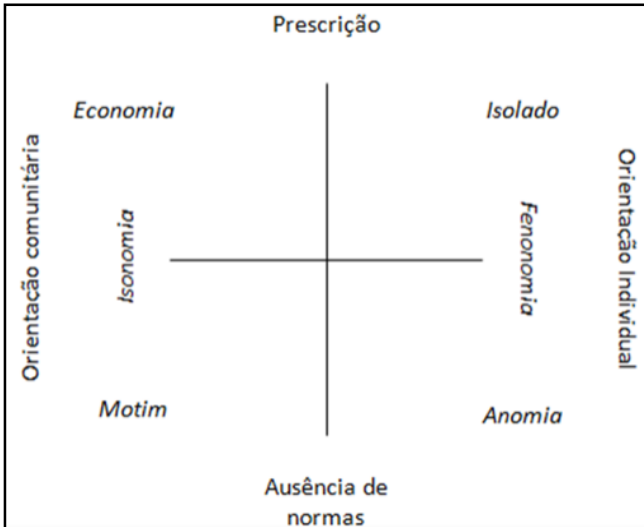
ótimo de transações entre tais enclaves (GUERREIRO RAMOS, 1989).

O autor assegura que o padrão paraeconômico parte do pressuposto de que o mercado constitui um enclave dentro de uma realidade social multicêntrica, onde há descontinuidades de diversos tipos, múltiplos critérios substantivos de vida pessoal e uma variedade de padrões de relações interpessoais. Para o autor, nesse espaço social, só incidentalmente o indivíduo é um maximizador da utilidade, sendo que seu esforço básico é no sentido da ordenação de sua existência de acordo com as próprias necessidades de atualização pessoal. Ainda, segundo ele, nesse espaço social, o indivíduo não é forçado a conformar-se inteiramente ao sistema de valores do mercado. Ou seja, são-lhe dadas oportunidades de ocupar-se, ou mesmo de levar a melhor sobre o sistema de mercado, criando uma porção de ambientes sociais que diferem uns dos outros, em sua natureza, e deles participando (GUERREIRO RAMOS, 1989).

De acordo com o autor, raramente se podem integrar atualização pessoal e maximização da utilidade, no sentido estritamente econômico. É preciso que se delimitem enclaves em que cada uma delas possa ser convincentemente atendida. A maximização da utilidade é incidental, nos sistemas que visam à atualização pessoal e, conversamente, a atualização pessoal é incidental naqueles que visam à maximização de utilidade. Assim, a formulação dos sistemas sociais é um tanto uma ciência, quanto uma arte multidimensional (GUERREIRO RAMOS, 1989).

Para o autor, a delimitação organizacional é uma tentativa sistemática de superar o processo contínuo de unidimensionalização da vida individual e coletiva. Assim, um dos objetivos do paradigma paraeconômico é a formulação de diretrizes de uma nova ciência organizacional, em sintonia com as realidades operativas de uma sociedade multicêntrica. Desta forma, o paradigma paraeconômico se constitui na referência para uma nova abordagem do planejamento de sistemas sociais e da nova ciência das organizações. Apresenta duas dimensões, a orientação comunitária *versus* a orientação individual e a prescrição *versus* a ausência de normas. Essas duas dimensões e o paradigma como um todo podem ser visualizados na Figura 1.

Figura 1 - O paradigma paraeconômico



Fonte: Guerreiro Ramos (1989)

Segundo Guerreiro Ramos (1989), da forma como estão conceituados no paradigma, não se espera que os enclaves existam em partes segregadas do espaço físico. Economias, isonomias, fenomenias e suas formas mistas caracterizam-se por seus estilos específicos de vida.

Após delinear sobre o paradigma de forma geral, acredito que uma conceituação das categorias delimitadoras torna-se agora oportuna.

Frente à categoria anomia o autor a conceitua como uma situação estanque, em que a vida pessoal e social desaparece. Nessa categoria, Guerreiro Ramos (1989) destaca que os indivíduos são desprovidos de normas e de raízes, sem compromisso com prescrições operacionais, mas são incapazes de modelar suas vidas de acordo com um projeto pessoal. Como exemplo de indivíduos que pertencem a esse enclave o autor destaca os marginais, os excluídos, mendigos, indigentes, entre outros. Ainda segundo o autor, o indivíduo anômico é incapaz de criar um ambiente social para si próprio e, simultaneamente, obedecer às

prescrições operacionais de organizações importantes para sua sobrevivência. No paradigma proposto pelo autor, anomia refere-se a indivíduos desprovidos de normas orientadoras, que não têm o senso de relacionamento com outros indivíduos.

Já a categoria motim é a referência de coletividades desprovidas de normas, a cujos membros falta o senso de ordem social. Ainda sobre essa categoria, o autor alerta que uma sociedade pode se tornar possível de perturbação pelos motins, quando perder para seus membros a representatividade e o significado. Guerreiro Ramos (1989) alerta que a total eliminação das prescrições e das normas é incompatível com uma significativa atualização humana, no contexto do mundo social. Assim, para ele, nessa conformidade, os fatos classificados nas categorias motim e anomia põem em risco, essencialmente, a viabilidade de toda a tessitura social.

Enquanto o indivíduo anômico e os membros do motim não têm normas, o ator isolado, tal como representado como outra categoria no paradigma, está excessivamente comprometido com uma norma que para ele é única. O isolado considera o mundo social, como um todo, inteiramente incontrolável e sem remédio (GUERREIRO RAMOS, 1989). No entanto, o autor adverte que a despeito de sua total oposição interior ao sistema social em conjunto, encontra ele um canto em que, de forma consistente, pode viver de acordo com seu peculiar e rígido sistema de crença. Diferenciando o isolado da anomia, Guerreiro Ramos (1989) destaca que o isolado não é o caso do indivíduo anômico que falha no desenvolvimento de um sistema pessoal de crença, bem como em seu ajustamento ao conjunto de padrões; mas podem ser considerados casos clínicos de paranóia, mesmo que não necessariamente assim. Na verdade, Guerreiro Ramos (1989) assegura que muitos deles são empregados não-participantes e cidadãos que, sistematicamente, escondem dos outros suas convicções pessoais.

A economia, pode-se dizer que é a categoria do paradigma mais familiar a nós. É um contexto organizacional altamente ordenado, estabelecido para a produção de bens e/ou para a prestação de serviços. Segundo Guerreiro Ramos (1989), essa categoria apresenta cinco características comuns a todos os tipos de economias – monopólios, firmas de natureza competitiva, agências e mesmo os empreendimentos sem fins lucrativos – sendo elas: presta serviços a clientes que, na melhor

das hipóteses, têm influência indireta no planejamento e na execução das atividades; sua sobrevivência é uma função da eficiência com que produz os bens e presta serviços aos clientes; pode e geralmente precisa assumir grandes dimensões em tamanho e complexidade; seus membros são detentores de empregos e são avaliados; a informação circula de maneira irregular entre os seus membros, bem como entre a própria economia, como entidade, e o público. Apesar dessas características comuns, o autor assegura que cada um dos tipos de economia pode ser examinado em termos de suas peculiaridades, tanto quanto de seus traços comuns. Cabe aqui ressaltar ainda que no presente estágio histórico é inconcebível que qualquer sociedade venha jamais a ser capaz de descartar completamente as atividades de natureza econômica: certo grau de hierarquia e coerção será sempre necessário para a ordenação dos negócios humanos como um todo (GUERREIRO RAMOS, 1989). Outros enclaves, entretanto, são necessários para podermos enxergar a sociedade em sua totalidade.

A isonomia pode ser considerada um desses enclaves, uma vez que está cada vez mais passando a constituir uma parte do mundo social de hoje. A isonomia é definida, segundo o autor, como um contexto em que todos os membros são iguais. Seu objetivo essencial é permitir a atualização de seus membros, independentemente de prescrições impostas. Além disso, pode-se destacar que é amplamente auto-gratificante, no sentido de que nela indivíduos livremente associados desempenham atividades compensadoras em si mesmas. Assim, a recompensa básica do indivíduo nela associado está na realização dos objetivos intrínsecos daquilo que fazem, não na renda eventualmente auferida por sua atividade. Outra característica que merece ser apontada é que a isonomia é concebida como uma verdadeira comunidade, onde a autoridade é atribuída por deliberação de todos, devendo prevalecer entre seus membros relações interpessoais primárias (GUERREIRO RAMOS, 1989).

Por fim, a última categoria do paradigma, e a mais importante para este trabalho, é a fenonomia, a qual será descrita na próxima seção em sua profundidade baseado nos escritos de Guerreiro Ramos e demais pesquisadores que utilizaram as propriedades deste enclave em suas pesquisas. Assim, os apontamentos que seguem me foram úteis na elaboração da análise deste estudo.

2.2.2 Principais conceitos desta abordagem utilizados nesta tese

Fenonomia é um sistema social, de caráter esporádico ou mais ou menos estável, iniciado e dirigido por um indivíduo, ou por um pequeno grupo, e que permite a seus membros o máximo de opção pessoal e um mínimo de subordinação a prescrições operacionais formais (GUERREIRO RAMOS, 1989). Segundo o autor é um ambiente necessário às pessoas para a liberação de sua criatividade, sob formas e segundo maneiras escolhidas com plena autonomia. Para ele, seus membros se mantêm ocupados ao extremo e seriamente comprometidos com a consecução daquilo que, em termos pessoais, consideram relevantes; empenham-se somente em tarefas automotivadas, o que normalmente são as que demandam maiores esforços. Assim, os membros para desempenhar as tarefas com sucesso, precisam desenvolver programas e regras operacionais próprios.

Cabe ainda destacar que embora o resultado das atividades empreendidas em fenomenias possa vir a ser considerado em termos de mercado; os critérios econômicos são incidentais, em relação à motivação de seus membros. Assim, o autor assegura que as fenomenias são cenários sociais protegidos contra a penetração do mercado e esse aspecto não deve ser desprezado caso deseje compreender a natureza de uma fenonomia. As fenomenias desafiam, ou “batem”, o sistema de mercado (GUERREIRO RAMOS, 1989, p.152).

Outra característica extremamente relevante desse enclave, é o fato de que o membro da fenonomia embora interessado em sua própria singularidade, tem consciência social (GUERREIRO RAMOS, 1989). Como exemplos dessa categoria, o autor destaca o caso da mulher e do marido habilidosos, que reservam sistematicamente um canto da casa para planejar e produzir tapetes, cerâmica, pinturas, bem como o das oficinas dos artistas, escritores, jornalistas, artesãos, inventores, que trabalham por conta própria.

Guerreiro Ramos (1989) examina algumas dimensões principais dos sistemas sociais: tecnologia, tamanho, espaço, cognição e tempo. Destaco aqui as principais características das dimensões da fenonomia.

Começando pela tecnologia, o autor assevera que essa dimensão é uma parte essencial da estrutura de apoio de qualquer sistema social, e existe no conjunto de normas operacionais e de instrumentos pelos quais

se consegue que as coisas sejam realizadas. Nessa dimensão o autor não explicita claramente sobre o sistema social da fenomenia, no entanto afirma que não existe sistema social sem uma tecnologia.

Quando o autor argumenta sobre o tamanho, ele dá ênfase ao número de pessoas presentes em cada cenário social. Guerreiro Ramos (1989), ao contrário da premissa de que “quanto maior, melhor”, acredita que a eficácia de um cenário social na consecução de suas metas e na ótima utilização de seus recursos não acarreta, fatalmente, um aumento de tamanho. Segundo o autor, cada cenário social tem um limite concreto de tamanho, abaixo ou acima do qual perde a capacidade de atingir eficazmente suas metas e de conseguir de seus membros o mínimo de consenso de que necessita para a própria preservação. Para ele, quando a intensidade das relações interpessoais diretas é considerada fundamental para a consecução de um objetivo, são apropriados os cenários pequenos, em lugar dos mais amplos.

Diante das fenomenias, Guerreiro Ramos (1989) assegura que elas são o menor tipo concebível de cenário social: uma fenomenia pode mesmo se compor de uma só pessoa, como é o caso do ateliê de pintor ou escultor. Segundo o autor, parece duvidoso que uma fenomenia tenda a manter sua capacidade de sobrevivência, quando o número de seus membros excede a cinco.

A terceira dimensão destacada por Guerreiro Ramos (1989), cognição, trata dos tipos e formas de conhecimento. Segundo o autor, é importante caracterizar as dimensões cognitivas dos ambientes retratados pelo paradigma paraeconômico. O autor salienta que um sistema cognitivo é essencialmente funcional, quando seu interesse dominante é a produção ou o controle do ambiente; é essencialmente político, quando seu interesse dominante é o estímulo de padrões de bem estar social, em seu conjunto; é essencialmente personalístico, quando o interesse dominante é o desenvolvimento do conhecimento pessoal. O autor também assegura que um sistema cognitivo deformado é aquele desprovido de um único interesse central, no entanto esses sistemas podem existir simultaneamente num único cenário social. E no cenário social da fenomenia o sistema cognitivo personalístico é o que predomina.

Sobre a dimensão espaço, cabe frisar que o espaço afeta e, em certa medida, chega a moldar a vida das pessoas. Ou seja, os espaços que nos são dados para viver podem nutrir ou dificultar nosso desenvolvimento

psíquico, em nossa singularidade como pessoas; pode ser um fator que facilite ou que iniba a descarga de tensões, assim como um determinante de stress (GUERREIRO RAMOS, 1989). Para o autor, cada vez mais o sistema de mercado passou a ocupar os espaços reservados aos sistemas sociais, constituindo-se na força impulsionadora da vida pessoal e comunitária. No entanto, exigências específicas de dimensões espaciais são inerentes a cada tipo de cenário social.

Para o autor, a prática, formal ou intuitivamente, da formulação dos sistemas sociais em termos de espaço requer competência ambiental, ou seja, capacidade pessoal de percepção do meio ambiente e de seu impacto sobre a própria pessoa, e habilidade desta para usar ou modificar o ambiente que a cerca, de modo que o mesmo a ajude a conseguir seus objetivos, sem erradamente destruir esse ambiente, ou reduzir o próprio senso de eficiência, ou daqueles que tem em redor de si (STEELE *apud* GUERREIRO RAMOS, 1989).

Segundo Guerreiro Ramos (1989), os planejadores sociais das fenomenias deveriam compreender que a adequada consideração do espaço é uma condição essencial para o bem sucedido funcionamento desse sistema. Afinal, conforme já relatado pelo autor, o espaço fala uma linguagem silenciosa, mas eloquente, pela qual as pessoas são afetadas inadvertidamente. Para ele, tópicos como solidão, privacidade, reserva, intimidade, anonimidade, território pessoal, órbita individual e outros são pontos a levar em conta, na definição do espaço dos sistemas sociais, particularmente nas fenomenias. Ainda argumenta que os espaços sócio-aproximadores (espaço que facilita e encoraja a convivialidade), de preferência aos sócio-afastadores (espaço que mantém as pessoas separadas), deveriam prevalecer nas fenomenias.

Finalmente, destaco aqui a quinta dimensão apresentada por Guerreiro Ramos (1989), o tempo. Segundo o autor, o tempo tratado apenas como mercadoria, ou como um aspecto da linearidade do comportamento organizacional não constitui o impulso fundamental de uma variedade de sistemas sociais, como a fenomenia. Assim, o autor, por meio do paradigma paraeconômico prescreve uma abordagem multidimensional do tempo, como categoria do planejamento dos sistemas sociais.

Para o autor, as dimensões temporais do sistema social, do ponto de vista paraeconômico, só podem ser apresentadas tentativamente e,

nesse caráter, é proposta uma tipologia constituída das seguintes características: tempo serial, linear ou sequencial; tempo convival; tempo de salto – *leap time*; tempo errante. O impulso temporal das fenomenias, de acordo com o autor, é o tempo de salto, que é um tipo muito pessoal de experiência temporal, cuja qualidade e ritmo refletem a intensidade do anseio do indivíduo pela criatividade e o auto esclarecimento. Para o autor, é um momento muito importante na vida de uma pessoa criativa e perscrutadora, isoladamente ou na companhia de outras pessoas igualmente sintonizadas com o mesmo tipo de indagação.

O autor ainda assegura que o tempo de salto não se enquadra no domínio *chronos* (indefinido, ilimitado, de onde, em última instância, provêm todas as coisas) e sim no terreno do *kairos* (tempo não quantificável e que é constitutivo das percepções humanas do processo que conduz a eventos críticos). Assim, o tempo da fenomenia é um traço de certo tipo de íntima vida pessoal, quando envolvida em jornadas auto-exploratórias e/ou em esforços culminados por importantes arrancadas (GUERREIRO RAMOS, 1989). Além disso, o autor assegura que nos esforços automotivados de homens e mulheres, a incidência do tempo de salto é marcada por altos e baixos do estado de espírito do indivíduo, e é experimentada numa mistura de sofrimento e alegria. Para o autor, os baixos podem ser profundamente depressivos, mas representam os passos necessários que os indivíduos precisam dar, a fim de consumarem suas metas autogratificantes. Quando passam os sofrimentos que uma pessoa bem sucedida teve que suportar numa busca criativa, são eles encarados como experiências gratificantes. Para o autor, após a penosa aprovação de um bem sucedido ato de criação, as pessoas geralmente afirmam que seriam capazes de dar os mesmos passos, se estivessem novamente na posição de ter que escolher. Assim, para Guerreiro Ramos (1989), o tempo de salto é um momento importante de esforços criativos autogratificantes.

Ainda sobre o tempo de salto, cabe destacar que, segundo o autor, a ocorrência desse tipo de tempo é frequente nos informes sobre progressos marcantes conseguidos por pessoas criativas, inclusive inventores, reformadores, administradores, cientistas, romancistas, pintores e poetas. Para o autor, em suas carreiras, um padrão pode ser configurado: em geral, são pessoas que apreciam e sabem como trabalhar com elas mesmas, sozinhas (coisa que as fenomenias se destinam a proteger);

parecem ter uma nítida compreensão daquilo que devem fazer; mantêm-se ocupadas, como se fossem movidas por uma compulsão interior (o que constitui um indicador fundamental do tempo de salto), que os capacita a realizar coisas que estão além do alcance das pessoas comuns.

Explicados os principais pontos e características do enclave prioritário desta tese, o Quadro 1 apresenta um resumo das características da fenomenia, segundo Guerreiro Ramos (1989).

Quadro 1 - Características das fenomenias

Variáveis	Características
Cenário social	Protegido contra a penetração do mercado.
Tamanho	Pequeno grupo. Até cinco pessoas. É auto regulado pelos valores e objetivos dos participantes.
Ambiente	Facilita e encoraja a convivialidade. Propício a liberação da criatividade e autoesclarecimento. Proporciona satisfação e autorrealização.
Membros	Apresentam plena autonomia e consciência social. São criativos, prescrutadores, ocupados, comprometidos; sintonizados uns com os outros pelo mesmo desejo. São movidos por uma compulsão interior e capazes de realizar coisas que estão além do alcance de pessoas comuns. Desenvolvem programas e regras próprios. Apreciam e sabem como trabalhar sozinhos. Apresentam altos e baixos do estado de espírito.
Sistema cognitivo	Personalístico (o interesse dominante é o desenvolvimento do conhecimento pessoal).
Tarefas	Automotivadas.
Metas	Autogratiﬁcantes.
Subordinação	Praticamente não há.
Prescrições formais	Praticamente não há.
Critérios econômicos	Incidentais, o que tem valor é a motivação dos membros. Resultado econômico colateral.
Tecnologia	Encontra-se presente no enclave da fenomenia.

Espaço	Condição essencial para o funcionamento da fenonomia. Há o predomínio dos espaços sócio-aproximadores, os quais facilitam e encorajam a convivialidade.
Tempo	Tempo de salto, o qual reflete a intensidade do anseio do indivíduo pela criatividade e o autoesclarecimento.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de Guerreiro Ramos (1989).

Alguns trabalhos, mesmo que poucos, já relatam uma preocupação em estudar o enclave da fenonomia. A base de dados de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), até o primeiro semestre de 2014, apresenta quatro estudos em Administração que tratam desse sistema social de caráter mais alternativo: a fenonomia (DEEKE, 2008; MUDREY, 2006; TONET, 2004; BESEN, 2010). Recentemente, foi defendida uma tese em Administração que também apresenta discussões a respeito deste cenário social (SIMON, 2015). No entanto, apenas duas dissertações apresentam esse enclave como objeto do estudo (TONET, 2004; BESEN, 2010).

A dissertação de Tonet (2004) buscou dar continuidade ao trabalho de Guerreiro Ramos, ilustrando a possibilidade das fenomenias atuarem como catalizadoras do desenvolvimento em nossa sociedade.

Baseado nas teorias do Desenvolvimento Local, da Economia Plural e no Paradigma Paraeconômico e na Sociedade Multicêntrica de Guerreiro Ramos, o trabalho de Tonet (2004) propôs demonstrar a possibilidade da existência de projetos de desenvolvimento baseados em sistemas sociais simples, as fenomenias, que levam em conta as capacidades, vocações e recursos locais, e que sejam, conforme Sachs, soluções que atendam simultaneamente as dimensões social, ecológica e econômica das comunidades. Neste contexto o artesanato surgiu como objeto de estudo exemplar, onde o autor pôde observar as conexões entre as teorias citadas e os aspectos culturais e emancipatórios existentes nesta atividade.

As unidades artesanais estudadas por Tonet (2004) apresentaram equivalência as fenomenias nos moldes guerreiristas. Assim, confirmou-se em seu estudo frente as características teóricas abordadas por Guerreiro

Ramos (1989), a classificação do sistema cognitivo como personalístico, ou seja o cerne dessas organizações é a autorrealização, o aprendizado constante e o desenvolvimento das capacidades de cada um de seus componentes; a possibilidade do trabalho como satisfação pessoal; a criação como um momento especial de realização pessoal; o tempo de salto e a sensação de “tempo fora do relógio”, quer dizer, as ideias criativas fluíam nos mais diversos horários; ambiente/tecnologia como sendo a do ateliê, o que estimulava a liberação da criatividade; um número reduzido de pessoas envolvidas na organização regulado pelos valores e objetivos dos participantes.

A criatividade foi um dos fatores que mais chamou atenção de Tonet (2004). O autor constatou que nas fenomenias o ambiente de liberação para a criatividade é um dos poucos, senão o único ambiente, onde a criatividade não é somente tolerada, mas é encorajada. Em seu estudo o autor conclui que a criatividade é base do artesanato e embora possam existir alguns modelos copiáveis, principalmente no artesanato regional, é na diferenciação e nos detalhes que o artesão dá asas a sua imaginação e a realiza em algo palpável.

Ainda frente ao processo criativo, ficou evidenciado em sua pesquisa que a realização vem da possibilidade de transformar em realidade, através das mais diversas e apuradas técnicas, algo imaginado e desafiador. E é esse algo criado na imaginação que permite o aprendizado e desenvolvimento constante de suas técnicas, o que incentiva a busca incessante pelo aprimoramento de suas habilidades seja na operação, seja na concepção das obras realizadas (TONET, 2004).

Este comportamento aparenta ser o contrário das operações típicas das economias, onde os estímulos para o lançamento de produtos e serviços vem do mercado. Tonet (2004) corrobora com Guerreiro Ramos e assegura em seu estudo que nas fenomenias o estímulo para a consecução das obras por parte dos indivíduos é interior, é a automotivação, as obras têm que primeiramente atender a critérios julgados importantes pelo artesão. Assim, segundo os autores o desenvolvimento econômico é colateral nas fenomenias, o que quer dizer que o rendimento financeiro não é o propósito principal da organização.

Além de encontrar nas organizações estudadas similaridades com as condições destacadas por Guerreiro Ramos, Tonet (2004) também encontrou aspectos que se assemelham às organizações formais, como por

exemplo no que diz respeito a responsabilidade e a disciplina de trabalho. Por um lado, há autonomia para criar, para inovar e por outro há princípios a serem cumpridos como a disciplina de produção.

No que concerne à gestão das fenomenias estudadas por Tonet (2004), o autor constatou as mesmas particularidades, características voltadas as organizações formais e ao mesmo tempo as fenomenias nos moldes guerreiristas. Por um lado, os artesãos estudados apresentaram a necessidade em conhecer técnicas de vendas e alguns aspectos gerenciais, como controle de custos e negociação e a dificuldade em gerenciar um negócio de dimensões maiores. Por outro lado, a racionalidade substantiva, conforme descrita por Guerreiro Ramos (1989) e baseado no trabalho de Serva (1996) também se mostrou evidente na gestão das fenomenias estudadas por Tonet (2004).

O artesanato e as unidades artesanais estudadas por Tonet (2004) ofereceram durante a pesquisa uma gama de indicações de que efetivamente as pessoas se dedicam a esta atividade devido a seus valores e objetivos diferenciados e de sua busca por realização pessoal e autonomia. O autor constatou que isto é possível trabalhando à margem do mercado e que estas representam a possibilidade real de geração de emprego e renda e de um desenvolvimento da sociedade em bases diferentes das oferecidas pela economia ortodoxa.

Desta forma, as fenomenias são para Tonet (2004) a forma de organização que provavelmente mais pode contribuir para uma sociedade que opta por um desenvolvimento diferente do padrão imposto pelo mercado centralizador.

Tendo como referência o caminho percorrido por Tonet (2004), Besen (2010) também abordou as fenomenias como seu objeto de estudo. Baseado nas teorias da economia plural e no paradigma paraeconômico de Guerreiro Ramos a autora analisou sete fenomenias e suas ações em seus processos de gestão para formação de uma economia plural.

Assim como Tonet (2004), Besen (2010) igualmente observou nas organizações estudadas características do tipo organizacional da fenomenia descrito por Guerreiro Ramos (1989). A autora encontrou baixo grau de formalização nos processos de gestão em relação ao planejamento, a definição das funções, a hierarquia e a comunicação interna; número reduzido de pessoas no dia a dia das atividades; forte consciência social dos membros, revelando um posicionamento crítico em

relação à sociedade consumista de nossos dias; desenvolvimento das atividades de acordo com as motivações pessoais de cada indivíduo, buscando autorrealização ao invés de trabalhar de acordo com as regras do mercado.

Quanto a gestão, Besen (2010), assim como Tonet (2004), também evidenciou que as fenomenias se constituem em espaços férteis para a racionalidade substantiva. A autora observou a predominância desta racionalidade nos processos organizacionais relacionados aos valores e objetivos e nas ações sociais e relações ambientais, onde predominaram elementos como autorrealização, julgamento ético e valores emancipatórios.

Besen (2010) também constatou em seu estudo que as fenomenias são ambientes onde se realizam atividades que não se enquadram totalmente nas regras do mercado, no entanto, se relacionam com ele, mesmo ocupando um setor da economia desprezado pelo sistema atual.

Frente a economia plural, a autora provou que os indivíduos que nela trabalham desenvolvem diversas possibilidades de geração de renda, o que faz com que as fenomenias sejam organizações plurais. No entanto, as diversas possibilidades de renda não se demonstraram como uma forma de acúmulo de riqueza, ao contrário, se mostram como um reforço pela busca da satisfação e autorrealização desses indivíduos. Besen (2010) também observou pluralidade nos princípios de regulação, já que suas relações são baseadas na reciprocidade, redistribuição e no mercado.

A análise de Besen (2010) indica que a atuação de forma conjunta das fenomenias pode ser um caminho viável para consolidar ações eficazes na direção do fortalecimento do território e da economia plural. Entretanto, a autora aponta como sendo um desafio a promoção de parcerias efetivas para superar as limitações e dificuldades das fenomenias diante do mercado, bem como em sua gestão e sua sustentabilidade econômica.

Mesmo diante de uma série de desafios e fragilidades, a autora acredita que estas organizações podem nos apontar na direção de um paradigma com múltiplas dimensões, conforme as duas abordagens teóricas retratadas em seu estudo: paradigma paraeconômico e economia plural. As fenomenias oferecem indicativos para contribuir na construção de uma economia plural, representando a possibilidade de uma abordagem da teoria econômica sob um paradigma mais abrangente que

não considera apenas o mercado e que possa servir de base para construção de um novo modelo de desenvolvimento que concilie as dimensões territoriais e da sustentabilidade (BESEN, 2010).

Além das dissertações de Tonet (2004) e Besen (2010), uma tese de doutorado defendida recentemente também traz contribuições para o enclave da fenonomia, mesmo não o apresentando como objeto de estudo. A tese de Simon (2015) apresenta o conceito de trajetória fenonômica, a qual é definida pela autora como sendo uma trajetória de crescimento individual que se aproxima do que Guerreiro Ramos (1989) descreveu como fenonomia.

Em seu estudo a autora destacou a fenonomia como sendo um enclave no qual o indivíduo pode realizar-se, de maneira mais ampla, por ser composta por espaços pequenos e/ou individuais, com grande potencial criativo, sem a predominância do imperativo econômico. O que configura a busca da autonomia, com o desenvolvimento de uma consciência crítica em que possa de fato agir e não se comportar para assim, buscar sua autorrealização.

Para a autora o processo de empoderamento, tópico principal de sua tese, aproxima-se da Teoria da Delimitação de Sistemas de Guerreiro Ramos, especificamente a este conceito de fenonomia, por permitir que os indivíduos se envolvam em atividades automotivantes, que possibilitem a afloração da sua singularidade, no entanto com consciência social.

Assim, Simon (2015) verificou em seu estudo que o empoderamento de mulheres participantes em empreendimentos sociais e solidários apresentam convergência com uma trajetória fenonômica, uma vez que proporciona um crescimento individual, com maior autonomia e consciência crítica.

Seu estudo demonstrou que estas mulheres, ao não se “conformarem” com uma situação desfavorável, discriminatória ou subordinada, rompem com a síndrome comportamentalista exposta por Guerreiro Ramos e passam a ter atitudes de conscientização, autorrealização e autonomia que se aproximam do conceito de fenonomia, descrevendo assim, uma trajetória fenonômica (SIMON, 2015).

Além das teses e dissertações alguns artigos teóricos também trazem contribuições ao tema (AZEVEDO; ALBERNAZ, 2004; SERAFIM, 2001).

Azevedo e Albernaz (2004) apresentam a relação das políticas públicas com as fenomenias. Para os autores, como as fenomenias caracterizam-se por apresentar pessoas altamente criativas e ocupadas em desenvolver projetos pessoais de vida, as políticas públicas não deveriam deixar de atentar para o papel que este enclave apresenta e para suas necessidades específicas de operação. Assim, os elaboradores de políticas públicas não podem passar imunes aos novos direcionamentos que a fenomenia aponta (AZEVEDO; ALBERNAZ, 2004).

Consequentemente, os autores chamam às políticas públicas a responsabilidade de se tornarem instrumentos viabilizadores dessa diversidade e pluralidade social na qual os indivíduos, libertos e conscientes, se arranjam e se comprometem em diversos espaços existenciais.

Serafim (2001) apresenta a relação das fenomenias com a lacuna da existência humana e com o homem parentético de Guerreiro Ramos. Segundo o autor, o espaço da *fenomenia* (do grego *phaineim* = mostrar) caracteriza-se como uma oportunidade para o exercício da realização pessoal. Para o autor, ela deve ser entendida como um estado de busca permanente, já que é próprio do ser humano dar significado à vida. Por isso, Serafim (2001) afirma que a fenomenia é uma oportunidade de realizar algo que preencha a lacuna o sentido de sua existência.

Ainda segundo o autor, a fenomenia é um espaço adequado à plena possibilidade de ação do homem parentético. O homem parentético é um modelo de homem associado por Guerreiro Ramos (1989) às dimensões da razão. São três modelos de homem que o autor destaca: o homem operacional que se fundamenta na dimensão biológica ou física; o homem reativo que se fixa na dimensão social; e o homem parentético que se firma na dimensão política. Assim, o homem parentético caracteriza-se por ter uma participação ativa nas organizações; por apresentar consciência crítica acerca dos valores organizacionais; por compreender os ditames da razão substantiva; por dimensionar e avaliar, permanentemente, o espaço em que vive; por poder romper com suas raízes; por estar como que em suspenso no seu meio social, procurando compreendê-lo; por estar comprometido na construção da vida particular e social, com base em valores éticos; por compreender e exercitar a vida em cada espaço de existência humana (SERAFIM, 2001).

2.2.3 Comentários pessoais da abordagem escolhida e dos principais conceitos trabalhados

Guerreiro Ramos, em sua última obra “A nova ciência das organizações”, inaugurou uma nova visão nos estudos das organizações ao questionar uma realidade social excludente, assim como propondo um delineamento organizacional de múltiplos centros contrapondo o modelo centralizado no mercado.

Suas inquietações e seus escritos pertencentes a obra aqui referenciada datam do ano de 1989, o que me permite inferir que o autor estava a frente do seu tempo por avistar problemas e incoerências que apresentam atualmente proporções infinitamente maiores.

Lamentavelmente, Guerreiro Ramos não conseguiu concluir suas proposições antes do seu falecimento. Assim, sua enunciação teórica preliminar carece de um aprimoramento de conceitos. Isto faz com que sua obra seja alvo de incompreensões, dificultando, conseqüentemente, o estudo e a análise de organizações pertencentes ao paradigma por ele criado.

Julgo que a ciência da Administração se beneficiaria fortemente com o seguimento do seu estudo, suas análises e suas críticas. Carecemos hoje de propostas em nossa área como as que Guerreiro Ramos nos apresentou. Assim, penso que cabe a nós, pesquisadores, continuarmos discutindo a legitimidade das mais variadas formas de atividades pertencentes a sociedade multicêntrica definida pelo autor, desenvolvendo análises e criando novas abordagens, aperfeiçoando seu estudo, criando novos ângulos e visões.

O enclave da fenonomia proposto pelo autor reflete organizações que se encontram ocultas dos estudos da Administração. Ateliês de artistas, micro organizações com características singulares que envolvem a autorrealização dos membros, parecem não ser merecedoras de análises, tampouco a gestão destas organizações. O que há são muitas discussões frente as organizações centradas no enclave do mercado, para elas também dispomos de várias teorias gerenciais como as de Peter Drucker, Henry Mintzberg, Douglas McGregor, entre outros.

No entanto, Guerreiro Ramos conseguiu demonstrar com argumentos coerentes que as organizações pertencentes ao enclave da fenonomia e os indivíduos que dela fazem parte não se enquadram no modelo de mercado, agem apresentando sua importância e merecem

nosso olhar atento e sensível.

Alguns autores já visualizaram tamanha importância e se aventuraram neste caminho, como os trabalhos aqui referenciados (SERAFIM, 2001; AZEVEDO; ALBERNAZ, 2004; TONET, 2004; MUDREY, 2006; BESEN, 2010; DEEKE, 2008; SIMON, 2015).

Deeke (2008), Mudrey (2006) e Simon (2015), mesmo não apresentando a fenomenia como objeto central da pesquisa, apresentam importância para o campo de estudo por destacar a necessidade de reflexão para outros enclaves que vão além do mercado.

Os estudos de Azevedo e Albernaz (2004) e Serafim (2001) igualmente apresentam relevância, correlacionando respectivamente o enclave da fenomenia com a ação das políticas públicas, e com um modelo de homem que apresenta uma consciência extremamente crítica.

Já os trabalhos de Tonet (2004) e Besen (2010), por apresentarem a fenomenia como objeto do estudo, dão continuidade ao trabalho de Guerreiro Ramos, destacando-a como uma forma de organização que mais pode contribuir para uma sociedade que opta por um desenvolvimento diferenciado do padrão imposto pelo mercado centralizador. Seus estudos também apresentam contribuições por relacionar as fenomenias com o desenvolvimento local e a economia plural.

Chamo aqui atenção especial para o estudo de Tonet (2004), o qual apresenta uma distinção especial, tendo sido o primeiro trabalho que colocou na prática a teoria de Guerreiro Ramos no que concerne as fenomenias. O desafio colocado o permitiu demonstrar que as fenomenias são catalisadoras do desenvolvimento em nossa sociedade.

Este estudo é fruto de inspiração do trabalho de Tonet (2004), e como o autor, sempre houve em mim o interesse em verificar como as fenomenias incentivam um desenvolvimento que fortalece territórios. Desta forma, também me propus a verificar se as fenomenias são catalisadoras do desenvolvimento, neste caso do desenvolvimento de pequenos municípios do interior do nosso país.

2.2.4 Justificativa da escolha desta abordagem

A escolha por esta abordagem teórica ocorreu devido a compatibilidade entre as categorias das fenomenias apontadas por

Guerreiro Ramos, e as características encontradas nas organizações pesquisadas.

As fenomenias são pequenos empreendimentos que se diferenciam de uma microempresa por apresentarem algumas peculiaridades. A ausência da ameaça do crescimento, é uma delas. Seu tamanho autorregulado, assim como seus valores e objetivos distintos, impedem que se tornem altamente burocráticas. A oportunidade de realização pessoal, através de um trabalho que concede ampla liberdade de opção no desempenho das obras desenvolvidas, aliada à intensa simbiose de vida pessoal e vida profissional, também sinalizam singularidades.

Da mesma forma, os membros desta organização são igualmente distintos, uma vez que eles acreditam em uma visão de mundo diferenciada. Nesta visão, o mercado faz parte de suas vidas, mas não impõe seu domínio sobre elas, o que faz com que predomine a racionalidade substantiva em suas ações. Assim, os membros acreditam que o trabalho não é medido por unidade monetária/tempo, mas sim pela satisfação e pelo sustento que esta ocupação proporciona. A ligação com a economia plural e desenvolvimento local também é uma peculiaridade que distingue a fenomenia da microempresa.

Além disto, optei por usar uma abordagem crítica e apresentar uma visão distinta da exposta pelos estudos administrativos formais, a fim de mostrar que as organizações estudadas, mesmo não valorizadas pelas teorias clássicas – as quais focam nas organizações centradas no enclave do mercado –, apresentam importância para o desenvolvimento do território em que se encontram inseridas.

Assim, a escolha também se deu por continuar o debate às críticas à sociedade denominada por Guerreiro Ramos de “sociedade centrada no mercado”, com o propósito de encontrar respostas aos problemas que nossa sociedade criou e apresenta. Problemas estes que são verdadeiras barreiras ao nosso desenvolvimento pessoal, embora muito úteis ao desenvolvimento econômico.

2.3 SOCIOLOGIA PRAGMÁTICA

2.3.1 Origens da abordagem teórica escolhida

O termo “sociologia pragmática” abrange uma investigação em curso que contribuiu para o renascimento das ciências sociais na França. Esta perspectiva sociológica ocupa ainda hoje um importante lugar na paisagem intelectual contemporânea e no domínio das ciências sociais, principalmente na França.

Suas origens remontam uma unidade de pesquisa da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais (EHESS) de Paris, denominada Grupo de Sociologia Política e Moral (GSPM), a qual foi fundada em meados da década de 1980 por Luc Boltanski, Michael Pollak et Laurent Thévenot. Este grupo deu origem ao gesto inicial da sociologia pragmática ao facilitar o desenvolvimento de um programa de pesquisa coletiva e de conexões internacionais (STAVO-DEBAUGE; THÉVENOT, 2015).

Aliado ao grupo de pesquisa, o termo sociologia pragmática e suas ideias se difundiram pelo editorial original e projeto intelectual da série anual “*Raisons Pratiques*”, editada pela EHESS, o que contribuiu para a liderança intelectual dessa corrente.

No entanto, o gesto fundador dessa abordagem encontra-se na publicação em duas versões sucessivas do livro dos autores Luc Boltanski, sociólogo francês diretor de estudos da EHESS-Paris, e Laurent Thévenot, economista francês e diretor de estudos da mesma escola. Os livros, o primeiro intitulado *Les économies de la grandeur*, publicado em 1987 e o segundo nomeado *De la justification. Les économies de la grandeur*, publicado em 1991, trazem uma nova abordagem que não reduz os atores a agentes dados por forças externas, mas que os estuda em cada situação de sua conduta e de sua coexistência no mundo (BOLSTANSKI; THÉVENOT, 1991).

Por consequência, ela vai contra os excessos das teorias dogmáticas que estavam em voga nos anos 1960 e 1970 na França que colocam evidência nas relações de força, sobre as relações de interesse e mesmo sobre a violência ao mostrar que existem situações nas quais as pessoas convergem para um acordo justificável (BOLTANSKI, 2004).

A ambição de Boltanski e Thévenot (1987, 1991) com os livros

que originaram a abordagem foi a de considerar que em algumas situações as pessoas necessitam justificar o seu julgamento, a sua ação. A fim de clarificar a questão, Boltanski (2004) sugere o seguinte exemplo: um professor que declara que não quer orientar um determinado estudante, sabe que não pode justificar a sua postura afirmando que a “cara” do estudante o desagradou, ele apresenta consciência que esta não é uma justificação que seria considerada aceitável em um conselho escolar. Neste exemplo torna-se evidente o que Boltanski e Thévenot asseguram em suas obras: as pessoas são capazes de distinguir entre as razões erradas e as justificações aceitáveis, e elas fazem esta distinção a todo momento, sem parar o curso da sua vida social.

Diferente do conceito de *habitus* do também sociólogo francês Pierre Bourdieu, o qual é definido como uma “estrutura estruturada e estruturante”, quer dizer, todas as atividades sociais se processam dentro dessa estrutura, formando assim um campo particular, o que faz com que o indivíduo venha a agir de forma harmoniosa com o histórico de sua classe ou do grupo social, Boltanski e Thévenot apresentam olhares diferentes e opostos. Quer dizer, contrariamente a Bourdieu, a sociologia pragmática se interessa pelo momento presente, e não mais no passado ou no futuro; assim não lhe interessa o sistema, tampouco a estrutura, mas sim as ações, as práticas, as situações (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

Desta forma, a sociologia pragmática deixa de lado a posição crítica do sociólogo – não por razões políticas, mas por razões metodológicas –, a fim de conseguir os meios de capturar a atividade crítica desenvolvida pelas pessoas comuns, como objeto de uma sociologia. Ela procura construir uma sociologia das competências críticas que as pessoas aplicam na sua vida cotidiana (BOLTANSKI, 2004).

Assim, a sociologia pragmática seria uma “sociologia da crítica” que apresenta uma reação e uma alternativa à “sociologia crítica” de Bourdieu, uma vez que anseia demonstrar o que os atores fazem em cada situação.

De acordo com Boltanski e Thévenot (1999), o principal problema da sociologia crítica de Bourdieu é a sua inabilidade em entender as operações críticas empreendidas pelas pessoas. Ainda segundo os autores, uma sociologia que se debrança sobre a crítica como seu objeto de estudo

específico deve abandonar (se não, apenas temporariamente) a postura crítica, a fim de reconhecer os princípios normativos que sustentam a atividade crítica das pessoas comuns. Como exemplo, para levar a sério as reivindicações dos atores quando estes denunciam a injustiça social, criticam as relações de poder ou desvelam as razões ocultas de seus adversários, deve-se concebê-los como dotados de uma habilidade para diferenciar maneiras legítimas e ilegítimas de apresentar críticas e justificações.

Para isto, Boltanski e Thévenot admitem a hipótese de que há um sentido de justiça partilhado por todas as pessoas comuns, na medida em que, pelo menos, evoluindo no mundo moderno, eles se banham na mesma tradição da filosofia política. É, portanto, neste conjunto de recursos ligados na etnometodologia, envolvendo regras, normas, princípios, práticas, que eles encontraram bases convencionais estáveis e disponíveis para justificar as ações das pessoas (DODIER, 1993).

As seis ordens de grandeza inicialmente identificadas, tendo em vista a sua legitimidade qualificam-se de acordo com os princípios de: concorrência (grandeza “mercado”), eficácia técnica (“industrial”), notoriedade (“fama”), autoridade tradicional (“doméstico”), a solidariedade impessoal (“cívica”), ruptura criativa (grandeza da “inspiração”) (STAVO-DEBAUGE; THÉVENOT, 2015). Estas grandezas serão melhor explicitadas na seção seguinte, no entanto, coube aqui sua primeira incursão tendo em vista que essas grandezas são um sustentáculo da sociologia pragmática.

Ao usar conjuntamente guias práticos para atuar nas organizações, bem como obras clássicas da filosofia política (Agostinho, Bossuet, Hobbes, Rousseau, Saint-Simon, Smith) sistematizando uma exigência comum de justiça, a sociologia pragmática restabelece a ligação original entre ciências sociais e filosofia segundo uma nova modalidade (STAVO-DEBAUGE; THÉVENOT, 2015).

Em vez de criticar o idealismo da filosofia ou simetricamente somente acordar a tarefa empírica ela colocou as duas disciplinas sobre o mesmo plano levando as suas perguntas comuns. Esta maneira de fazer pontes entre disciplinas, não pela redução nem pela colagem de uma especialidade a outra, mas pelos retornos aos fundamentos comuns, caracteriza a sociologia pragmática. (op. cit, 2015).

Ainda quanto a pontes com outras disciplinas, cabe aqui destacar

que há importantes pontos de conexão com a sociologia pragmática e o pragmatismo americano de William James, Charles Sanders Peirce e John Dewey. No entanto, contrariamente ao que muitos pesquisadores pregam, não foi este pragmatismo que inspirou a teoria descrita aqui.

Stavo-Debaugue (2012) esclarece que as sociologias ditas “pragmáticas” não têm senão uma relação indireta, tardia e bastante parcial com o pragmatismo. Em seu outro artigo, este escrito com Laurent Thévenot, um dos criadores da abordagem, Stavo-Debaugue afirma que um diálogo crítico com o pragmatismo americano não foi incluído como uma fonte primária da sociologia pragmática. A partir do desenvolvimento desta sociologia, este diálogo crítico com o pragmatismo americano foi então capaz de se realizar, reintroduzindo esta filosofia na área sociológica francesa, reintrodução esta que se deve especialmente a Louis Quéré, Daniel Cefai e Isaac Joseph (STAVO-DEBAUGE; THÉVENOT, 2015).

Charles Sanders Peirce, um dos filósofos fundadores do pragmatismo americano elaborou uma espécie de regra da análise pragmatista, conhecida como “máxima pragmatista”, que merece aqui ser destacada por engajar elementos importantes do pragmatismo americano e da sociologia pragmática francesa.

A primeira versão da máxima foi publicada em 1876, no livro “Como tornar nossas ideias mais claras”, mas a segunda versão, mais desenvolvida, foi publicada em 1883, no livro “Lógica”. A máxima pragmatista destaca que “a significação intelectual das ideias está inteiramente contida nas conclusões que podem delas serem tiradas e em última instância nos efeitos que elas têm sobre nossa conduta” (COMETTI, 2010, p. 59). Quer dizer, o significado das ideias é o efeito que elas provocam naquilo que fazemos, na nossa conduta. Assim, pela máxima pragmatista é possível notar como o pragmatismo considera a ação fundamental.

A sociologia pragmática apresenta como categoria fundamental a ação, sendo assim é uma sociologia da ação. Para Quéré (2009), uma sociologia da ação digna desse nome deve partir do fenômeno do agir em situação, que é um fenômeno processual e serial, e implica uma dimensão de intervenção concreta sobre um estado de coisas para transformá-lo.

Para partir do fenômeno do agir é necessário compreender a ação, e se quisermos compreendê-la, torna-se necessário examinar a forma

como ela se realiza, sem fazer desta realização o produto necessário de um determinismo ou de uma racionalidade (OGIEN; QUÉRÉ, 2005).

Posto isto, Quéré (2009) assegura que a sociologia da ação deve estar atenta aos agenciamentos que mediatizam a atividade prática, às formas de exploração e de reflexão que ela coloca em prática, à estrutura das situações e aos modos de coordenação com os outros e com as coisas. Ainda para o autor ela substitui a dualidade ator/sistema pela unidade agente/ambiente. Os elementos constitutivos de tal ambiente não são objetos de conhecimento, mas coisas a transformar ou a utilizar, ou coisas com as quais se agenciar (QUÉRÉ, 2009).

Frete as bases epistemológicas a sociologia pragmática situa-se na encruzilhada da hermenêutica e da fenomenologia, do pragmatismo e do interacionismo simbólico, da teoria dos atos de linguagem e da etnometodologia (VANDENBERGUE, 2006).

Destacadas as origens desta sociologia cabe salientar após três décadas de estudos e reflexões especialmente na França, a sociologia pragmática já conta com a adesão de inúmeros autores cujas obras têm enriquecido a reflexão e análise desta abordagem

Os outros epítetos, como “pragmático” ou “praxeológico”, surgiram após o desenvolvimento desta sociologia a fim de especificar algumas orientações específicas (STAVO-DEBAUGE; THÉVENOT, 2015).

Com o desenvolvimento de estudos específicos podemos assegurar que a sociologia pragmática contribuiu para o renascimento de muitos campos de pesquisa, levando adiante suas exigências de esclarecimento das qualificações e das provas de avaliação da realidade julgada pertinente em situação, e de decomposição dos dispositivos que as sustentam (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

Alguns campos de estudo merecem aqui ser destacados juntamente com seus principais defensores. Área do direito com Laurent Thévenot e Joan Stavo-Debauge; sociologia do trabalho com Francis Chateauraynaud, Marc Breviglieri e Nicolas Dodier, educação com Jean-Louis Derouet e Romuald Normand; juventude com Marc Breviglieri; política social e pública com Marc Breviglieri, Joan Stavo-Debauge e Luca Pattaroni; cidade e os problemas urbanos com Marc Breviglieri, Danny Trom e Joan Stavo-Debauge; mobilização social com Laurent Thévenot e Daniel Cefaï; conflitos ambientais com Laura Centemeri,

Claudette Lafaye e Laurent Thévenot; o jornalismo e meios de comunicação com Cyril Lemieux; a nova tecnologia da informação e comunicações com Nicolas Auray; religião com Elizabeth Claverie; dispositivos democracia participativa com Mathieu Berger (STAVO-DEBAUGE; THÉVENOT, 2015).

As publicações anuais da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais (EHESS) com a coleção *Raisons Pratiques* originou, promoveu e continua ainda hoje a favorecer o debate e as discussões frente a sociologia pragmática. Devido a multiplicidade de experimentações ocorridas, esta sociologia também pode ser encontrada como Economia das Grandezas, Sociologia da Crítica, Teoria da Capacidade Crítica, Teoria das Grandezas ou, ainda, Escola ou Economia das Convenções.

2.3.2 Principais conceitos desta abordagem utilizados nesta tese

Duas obras ligadas a sociologia pragmática francesa me proporcionaram os subsídios necessários para realizar a análise dos dados e por isto suas principais noções serão aqui relatadas.

A primeira obra publicada em 1991 por Luc Boltanski e Laurent Thévenot é a fundadora da abordagem francesa: *De la justification. Les économies de la grandeur*. A segunda foi publicada quinze anos após a primeira, em 2006, desta vez apenas por Thévenot: *L'action au pluriel. Sociologie des regimes d'engagement*.

Em *De la justification*, Boltanski e Thévenot (1991) partem do princípio que para as pessoas construírem acordos entre elas, precisam antes justificar suas escolhas e ações para, desta forma, tornar o acordo legítimo. Assim, para os autores, os indivíduos convivem sob o **imperativo de justificação**, uma vez que as pessoas encaram a necessidade de responder por seus comportamentos a outras pessoas com quem elas interagem buscando legitimar suas ações.

Várias situações na vida social podem ser analisadas em seu requisito de justificação da ação, no entanto a obra dos autores se aplica principalmente a situações públicas de disputa onde a ação é confrontada à crítica (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1999). Desta forma, a obra dos autores diz respeito à ação pública, ou seja, a ação de um indivíduo perante aos outros.

Para justificar suas escolhas e ações os indivíduos recorrem a diferentes lógicas de justificação que estão por trás da ação humana. Percebendo isto, Boltanski e Thévenot (1991) apresentam um modelo para a construção dessas lógicas, consideradas também como referenciais de ação. Esse modelo permite que os atores façam suas críticas ou se justifiquem face à crítica (BOLTANSKI, 2009).

De acordo com Breviglieri e Stavo-Deubage (1999) o modelo construído no *De la justification* visa cobrir a pluralidade das atividades humanas, em seus múltiplos momentos de disputas, de conflitos e de controvérsias públicas, nos quais as pessoas se implementam das críticas ou das justificações para afirmar uma validade geral.

Um dos diferenciais da obra de Boltanski e Thévenot é o fato dos autores não quererem lidar com objetos como meros suportes de significado simbólico, como frequentemente fazem os sociólogos. Pelo contrário, os autores desejam mostrar o caminho pelo qual as pessoas, para enfrentar a incerteza, dispõem das coisas, dos objetos, dos dispositivos usados como referentes estáveis, nos quais testes de realidade ou provas podem ser baseados (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1999).

O termo **prova**, *épreuve* em francês, é um conceito de peso no *De la justification* e também na sociologia pragmática. Afinal, constitui um momento crucial para a qualificação dos seres e para a mobilização das formas de justificações que definem os critérios que tornam plausíveis e legítimos os acordos (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

A prova é, então um momento de incerteza. Para exemplificar Boltanski (2004) nos faz imaginar uma prova esportiva. Nós não teríamos certeza sobre a capacidades das pessoas que estariam competindo conosco sobre seu desempenho e nós teríamos que colocar a prova sobre certas condições. Para isto nós respeitaríamos a natureza humana (não iríamos comparar a corrida de um ser humano com a de um cachorro, por exemplo), no entanto, todos os concorrentes seriam considerados como tendo a possibilidade de ganhar.

Assim, é através do momento de prova que as pessoas articulam o ideal de justiça nas situações de disputa, chegam a acordos, colocam fim às controvérsias. A prova leva as pessoas a entrarem em acordo sobre a importância relativa dos seres que se encontram empenhados na situação (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991, p.58). E assim, por permitir alcançar um acordo fundamentado e legítimo, fornece a possibilidade de finalizar

disputas (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1999).

De acordo com os autores, é particularmente em situações de disputa que surge uma necessidade de esclarecer as bases nas quais é distribuída a responsabilidade pelos desvios e novos acordos podem ser alcançados. As disputas geralmente convergem em um princípio superior comum, ou no confronto de vários princípios.

Boltanski e Thévenot (1991) asseguram que estes princípios superiores comuns resultam das justificações, quer dizer, as justificações são provenientes de princípios superiores comuns.

Apoiados sobre perguntas do campo, Boltanski e Thévenot (1991) identificaram seis princípios de grandeza colocados em práticas nas situações diversas da vida cotidiana, formalizados a partir de filosofias políticas clássicas.

A entrada dos autores pela filosofia política ajudou-os a avançar na compreensão das capacidades que os atores implementam quando eles têm que justificar suas ações ou suas críticas. Cada uma dessas filosofias oferece um princípio de ordem diferente permitindo especificar de que é feita a grandeza e, por conseguinte, estabelecer uma ordem justificável entre as pessoas, sendo que é sobre essas ordens que as pessoas suportam, quando devem justificar suas ações ou apoiar suas críticas (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

Dos textos da filosofia política clássica os autores extraíram seis formas políticas da grandeza, ou seja, seis cidades: a cidade inspirada, a cidade doméstica, a cidade da fama, a cidade cívica, a cidade mercantil e a cidade industrial. As particularidades de cada uma das cidades podem ser conferidas no quadro 2.

Quadro 2 - Particularidades de cada uma das cidades

Cidade	Princípio superior comum	Grandeza	Ascensão	Queda
Inspirada	Inspiração do indivíduo	Maravilhoso, excitante	Liberdade dos laços, hábitos, bens, do que é mundano	Quando há o retorno para hábitos antigos, paralisando-o artisticamente
	Baseada na obra: “A cidade de Deus”, de Santo Agostinho			
Doméstica	Hierarquia e tradição familiar	Hierarquicamente superior, bem criado, sábio e com bons valores	Comportamento apropriado, bons hábitos, regras de etiqueta	Quando há recusa da boa educação e boas maneiras, não sendo digno de respeito
	Baseada na obra: A política extraída das próprias palavras da Sagrada Escritura”, de Bossuet			
Fama	Opinião pública	Fama, reputação, visibilidade e sucesso	Renúncia de seus segredos, revelando sua vida	Quando há indiferença entre os seres, banalidade e falta de reconhecimento.
	Baseada na obra “O leviatã”, de Hobbes			
Cívica	Bem público, vontade geral, coletivo	Representatividade, regra, legalidade	Renúncia do que é particular, deve transcender os interesses imediatos e lutar por uma causa	Quando há particularismo, individualismo, divisões e arbitrariedades.
	Baseada na obra: “O contrato social”, de Rousseau			

Mercantil	Competição e rivalidade	Bens desejáveis valerosos, vendáveis e indivíduos campeões e milionários	Interesse pelas coisas, o desejo, o egoísmo, o desapego	Quando há escravização ao dinheiro
	Baseada na obra: “A riqueza das nações”, de Adam Smith			
Industrial	Eficiência e performance	Produtividade, eficiência e confiabilidade	Renúncia da dinamicidade e do progresso	Quando a humanidade é ameaçada pela instrumentalização
	Baseada na obra: “Da fisiologia social”, de Saint-Simon			

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Boltanski e Thévenot (1991)

O argumento de Boltanski e Thévenot consiste em dizer que os atores dispõem de um conhecimento tácito do conteúdo de cada cidade, os quais eles mostram ao se referirem à inspiração e à graça, à lealdade e à tradição, à opinião e ao reconhecimento, à igualdade e à solidariedade, à competitividade e à marcha ou à eficácia e à competência técnica para assentar um acordo ou sustentar uma disputa (VANDENBERGUE, 2006).

Não obstante, a teoria de Boltanski e Thévenot (1991) não é construída somente a partir destes pressupostos. Os autores ansiavam em verificar como essas formas políticas da grandeza podiam ser mobilizadas pelos indivíduos em sua vida cotidiana a fim de justificar suas ações. Assim, baseados nas análises de manuais de gestão, os quais permitiam o acesso a acontecimentos cotidianos, e com o intuito de entender como as cidades podiam ser utilizadas em situações concretas, os autores definiram os **mundos comuns**. Antes disso, foi necessária a definição de categorias que permitiram a construção de uma grade de análise dos diferentes mundos de prova.

As doze categorias elaboradas por Boltanski e Thévenot (1991) são necessárias para o exame de cada mundo comum. A primeira delas, princípio superior comum, é um princípio de coordenação que caracteriza a cidade, sendo uma convenção utilizada para estabelecer equivalência

entre os seres, a qual garante que os mesmos sejam qualificados. Qualificação esta que permite acessar objetos e sujeitos e determinar sua relevância. A segunda categoria, conhecida como estado de grandeza, assegura que a definição dos diferentes estados de grandeza repousa principalmente sobre uma caracterização do estado de “grande”. Os grandes seres são os responsáveis do princípio superior comum. Eles servem como pontos de referência e contribuem para à coordenação das ações dos outros.

A próxima categoria, dignidade humana, assegura que as pessoas dividem uma dignidade comum, a qual é expressada na capacidade coletiva de buscar o bem comum. Lista de sujeito é a próxima categoria e é baseada no fato de que em cada mundo é possível identificar uma lista dos sujeitos que fazem parte daquele mundo específico. É importante assegurar que estes sujeitos sejam qualificados por seu estado de grandeza. A lista de sujeito é seguida pela lista dos objetos e dos dispositivos, categoria que diz que os objetos são coisas que auxiliam a objetivar a grandeza das pessoas envolvidas em uma situação. A sexta categoria, fórmula de investimento, diz que a pessoa que possui tal fórmula tem uma condição-chave para alcançar o equilíbrio de uma cidade, visto que alia o acesso ao estado de grandeza a um sacrifício.

A categoria seguinte, relação de grandeza, especifica a relação de ordem entre os estados de grandeza, colocando o modo pelo qual o estado de grandeza engloba o estado de deficiência. Seguindo temos a categoria relação natural entre os seres, a qual representa as relações entre os indivíduos e os objetos de um mundo específico, os quais devem estar em harmonia com as suas respectivas grandezas, de acordo com as relações de equivalência e ordem estabelecidas pela cidade. Figuras harmoniosas da ordem natural é a categoria seguinte, a qual destaca que a relação de equivalência pode ser conhecida somente até o ponto em que é revelada pela distribuição harmoniosa dos estados de grandeza, isto é, uma distribuição em conformidade com a fórmula de investimento.

Dentre as quatro categorias restantes, encontra-se o modelo de prova, a qual é uma situação em que se tem um resultado incerto, no qual um dispositivo puro, particularmente consistente, se torna engajado. Na sequência, a categoria modo de expressão de julgamento assegura que em cada mundo, o julgamento, que marca a ratificação da prova, é exprimido diferentemente. A forma de evidência, penúltima categoria, é a

modalidade de conhecimento próprio ao mundo considerado. Por fim, a categoria estado de deficiência e declínio da cidade destaca que as qualificações do estado de deficiência, caracterizadas pela auto-satisfação, são geralmente menos claras que aquelas que transmitem grandeza, talvez porque a identificação passa a ser impossível na situação de caos, ou porque a designação da deficiência revela uma grandeza de outra natureza, que foi primeiramente denunciada e depois denegrida.

Com base nestas doze categorias Boltanski e Thévenot destacam seis mundos comuns (mundo da inspiração, mundo doméstico, mundo da fama, mundo cívico, mundo mercantil, mundo industrial). Os autores acreditam os seis mundos são suficientes para descrever as justificações que funcionam na maioria das situações ordinárias.

De forma sucinta, cabe aqui apresentar, baseado nas obras de Boltanski e Thévenot (1991; 1999), pequenas constatações de cada mundo, a fim de possibilitar uma melhor compreensão da sua teoria. Após esta pequena apresentação um quadro que relaciona as doze categorias com os seis mundos será aqui exposto.

O primeiro mundo, mundo da inspiração, é, por exemplo, o mundo dos artistas. A grandeza, neste mundo, repousa na obtenção de um estado de graça e é, portanto, completamente independente do reconhecimento dos outros. Tem como expressões a santidade, a criatividade, a sensibilidade artística, a imaginação.

No mundo doméstico, a grandeza das pessoas depende de uma hierarquia de confiança baseada em uma cadeia de dependências pessoais. O elo político entre os seres deste mundo é visto como uma generalização do parentesco baseado nas relações face a face e no respeito à tradição. Neste mundo uma pessoa não pode deixar de pertencer a um grupo, uma família, uma linhagem, uma posição.

No mundo da fama, a grandeza é unicamente o resultado da opinião das outras pessoas, é baseada no número de indivíduos que concedem seu reconhecimento. A medida da grandeza das pessoas nesse mundo depende de sinais convencionais de avaliação pública. Assim, neste mundo, o reconhecimento das outras pessoas é a realidade.

No mundo cívico, um soberano é formado pela convergência das vontades dos homens, que, na qualidade de cidadãos, abandonam seus interesses particulares e se conduzem exclusivamente na direção do bem-comum. Neste mundo, as pessoas são pequenas se vistas como

particulares, seguidoras dos ditames de uma vontade egoísta, e, ao contrário, relevantes e dignas se percebidas como membros da soberania incorpórea, que diz respeito exclusivamente ao interesse geral. A peculiaridade do mundo cívico está em pôr o acento nos seres que não são individuais e sim coletivos. Os seres humanos individuais podem ser vistos como relevantes e valorosos apenas enquanto pertencentes a um grupo ou enquanto representantes de uma personalidade coletiva. As relações dignas são aquelas que envolvem ou mobilizam as pessoas para uma ação coletiva.

O mundo mercantil apresenta argumentos que baseiam no mercado um sistema político harmonioso. O laço mercantil coordena os indivíduos através da mediação de bens escassos, cuja aquisição é pretendida por todos. Esta competição entre apetites individuais subordina aos desejos dos outros o preço relativo à posse de uma mercadoria. Uma pequena observação merece aqui ser referenciada: o mundo mercantil não deve ser confundido com a esfera das relações econômicas. As ações econômicas são baseadas em pelo menos duas formas de coordenação, uma pelo mercado e a outra por uma ordem industrial, cada uma delas servindo de apoio a uma prova de realidade diferente. Em um mundo mercantil, são importantes os compradores e os vendedores.

No sexto e último mundo, o mundo industrial, a grandeza é baseada na eficiência, podendo ser medida em uma escala de capacidades profissionais. Conectada à produção de bens industriais, a grandeza industrial é conservada na maneira pela qual dispositivos organizacionais orientam para o futuro o planejamento e os investimentos. Neste mundo, as pessoas e coisas, são estimadas quando são eficientes, produtivas, operacionais. Suas relações podem ser tidas como harmoniosas quando organizadas, mensuráveis, funcionais, padronizadas.

O modelo apresentado pelos autores é ilustrado no quadro 3, nele são explicitados os seis mundos comuns frente as categorias elaboradas pelos mesmos autores.

Quadro 3 - Os mundos comuns e seus componentes

Mundos Comuns	Mundo Inspirado	Mundo Doméstico	Mundo da Fama	Mundo Cívico	Mundo do Mercado	Mundo Industrial
Princípios superiores comuns	Inspiração, iluminação, criatividade	Relações pessoais, tradição, hierarquia	Opinião pública	Coletividade, interesse geral	Competição, rivalidade	Eficiência, performance, futuro
Estado de Grandeza	Etéreo, o que é estranho, extravagante, não pode ser medido, pouco usual, excitante, espontâneo, emocional	Benevolência, distinção, discricção, lealdade, permanência	Reputação, reconhecimento, visibilidade, sucesso, distinção	Representatividade, legalidade, autoridade	Desejo, valor, riqueza, vencedor	Funcional, operacional, eficiente
Dignidade Humana	Amor, Paixão, Criação, Irracionalidade, originalidade, espontaneidade	Bom senso, hábito, naturalidade, caráter	Amor próprio, respeito, desejo de ser reconhecido	Aspirações pelos direitos humanos, participação cívica	Interesse, vaidade, desejo	Trabalho, energia

Mundos Comuns	Mundo Inspirado	Mundo Doméstico	Mundo da Fama	Mundo Cívico	Mundo do Mercado	Mundo Industrial
Sujeitos	Visionários, artistas, poetas, crianças	Pai, rei, ancestrais, família	Personalidades, celebridades, líder de opinião	Coletivos, partidos, associações, federações	Homem de negócios, cliente, trabalhador autônomo	Profissionais, experts, operadores
Objetos e dispositivos	Não destacados das pessoas, mente, espírito, sonho, inconsciente	Boas maneiras, presença, presentes, flores	Instrumentos da mídia, marca, imprensa, entrevistas, propaganda	Formas legais, decretos, ordens, códigos, políticas	Riqueza, luxo	Meios, recursos, planos
Fórmula de investimento	Quebrar hábitos e rotinas, aceitar riscos, questionar	Rejeição da vaidade, consideração, dever, harmonia	Revelar segredos	Solidariedade, renúncia ao interesse imediato	Oportunismo, liberdade, distância emocional, perspectiva	Progresso, investimento, dinâmica
Grandezas	O que não é controlado, genialidade, independência	Respeito, autoridade, subordinação, honra	Ser reconhecido e identificado	Adesão, representação, delegação	Possuir, ter	Controle, maestria

Mundos Comuns	Mundo Inspirado	Mundo Doméstico	Mundo da Fama	Mundo Cívico	Mundo do Mercado	Mundo Industrial
Relações naturais entre seres	Criação, descoberta, questionamento, imaginação, sonho	Reproduzir, convidar, dar, receber, recomendar, agradecer, respeitar	Persuadir, influenciar, convencer, seduzir	Ação coletiva, mobilização, debate público	Relações interessadas, comprar e vender, negociar	Funcionamento, trabalho, organização, ordem
Figuras de ordem natural	Imaginário, inconsciente	Família, meio, princípios, convenções	Audiência, imagem pública	República democrática, instituições, estado	Mercado	Sistema, organização
Modelos de teste	Aventura interior, viagem mental, experiência de vida	Cerimônias familiares, distinção	Demonstração, conferência, inauguração	Demonstração de uma causa justa	Negociação	Colocar para funcionar, tentativa
Modo de expressão e julgamento	Iluminação	Apreciação, congratulação, críticas, cumprimentos	Moda, rumor, repercussão na opinião pública	Veredito do voto (eleição, mobilização, conscientização)	Preço	Correto, trabalhando em ordem, funcionando

Mundos Comuns	Mundo Inspirado	Mundo Doméstico	Mundo da Fama	Mundo Cívico	Mundo do Mercado	Mundo Industrial
Forma de evidência	Símbolos, intuição, analogias, imagens, mitos	Exemplo	Sucesso, ser conhecido	Lei, regras, status	Dinheiro, benefício, resultado, lucro	Medida
Estado de deficiência e declínio da política	Paralização, rotina, reprodução, falta de originalidade	Falta de inibição, falta de educação, indiscrição, desordem, vulgaridade, inveja, traição	Banalidade, indiferença	Divisão, minoria, isolamento, individualismo	Confusão entre pessoas e coisas, homem se torna escravo do dinheiro	Ação instrumental, tratar as pessoas como coisas

Fonte: Andion (2013)

Uma vez apresentado o modelo elaborado pelos autores, Boltanski (2009) assegura que este modelo não é apenas uma reflexão dos argumentos apresentados pelas pessoas no curso de suas disputas, mas também os meios que utilizam para tentar sair da disputa e restaurar acordo, sem o uso de violência, mas pela influência sobre a realidade.

Para Thévenot (2006), as mesmas pessoas são levadas a fazer sua experiência de uma maneira plural, de maneira a qualificar uma conduta e a colocar à prova. Mais do que uma diferença de papéis, de mundos sociais ou mesmo de identidades escolhidas, essa pluralidade acarreta oscilações de provas da realidade, submetendo as pessoas bem como comunidades inteiras às tensões críticas (op. cit., 2006).

Tendo em vista a pluralidade dos indivíduos e consequentemente o pertencimento nos mais variados mundos, há a aparição de críticas, bem como o surgimento de acordos e compromissos entre os mundos. Para Boltanski e Thévenot (1991) tais acordos e compromissos sugerem a possibilidade de um princípio que pode tomar decisões baseando-se em objetos decorrentes de mundos diferentes e fazê-los compatíveis.

Assim como a obra *De la justification*, o livro *L'action au pluriel: sociologie des régimes d'engagement* apresenta conceitos importantes para a virada pragmática da sociologia francesa, bem como para a análise dos dados desta tese.

Thévenot (2006) apresenta um olhar plural, híbrido e misto da conduta dos atores. Ao longo de sua obra, o autor procura explicar movimentos feitos pelo ser humano através de vários modos de engajamento a partir de um modelo diverso e plural da ação humana. Através destes modos ou regimes de engajamento Thévenot procura entender e superar as deficiências das oposições que estruturam diagramas explicativos das ciências sociais, como o individual e o coletivo, o privado e o público, o local e o global.

Ao perceber os diferentes modelos de ação, a sua característica coletiva ou individual, a sua consciência ou inconsciência, a sua reflexão ou irreflexão, Thévenot (2006, p.14) colocou “em evidência a apresentação conjunta da pessoa e do seu ambiente que requer o seu engajamento”. Assim, ele distingue as diferentes formas como a realidade é encarada, e como a conduta é avaliada em cada uma delas. Com isto, verificou que as pessoas são levadas a experimentar uma pluralidade de formas de qualificar uma conduta e de a pôr à prova, fazendo usos de

diferentes engajamentos.

Assim, o autor propõe um esboço da distinção de diferentes formatos, registros ou **regimes de ação** sobre três níveis de conveniência: nível público, nível individual e nível ordinário. Segundo o autor, esses três níveis servem para constituir uma arquitetura, mesmo que mínima, da ação humana.

As diferentes formas de regimes de ação ou regimes de engajamento se encontram implicadas nas diferentes maneiras que nos colocamos uns perante os outros, nas diferentes formas de existência social, na relação que nós mantemos com a realidade dos outros atores, com quem interagimos ou não, e cujo engajamento se pode estabelecer em diferentes níveis (THÉVENOT, 2006). A vida cotidiana nos exige uma mobilidade incessante entre o próximo e o público “segundo uma geometria variável do engajamento” (op. cit. 2006, p. 54).

Entre a variedade de modelos de ação, Thévenot (2006) destaca que o nível público, denominado **regime público** ou de justificação, é onde o livro *De la justificação* se encontra, uma vez que trata da ação em público. Neste nível, as condutas são reveladas levando em conta a sua reflexão sobre os outros em público. Segundo o autor, o público afeta o julgamento, bem como a preparação da ação. Assim, neste nível as pessoas e as coisas envolvidas na ação justificável são qualificadas segundo ordens de grandeza que permitem avaliações atribuídas a bens comum (THÉVENOT, 2006, p. 14).

Para o autor, “a legitimidade das ordens de grandeza que serve ao julgamento não é arbitrária, mas regida por uma gramática do bem comum que expressa o sentido ordinário do justo e do injusto sobre as desigualdades de capacidade e de poder” (THÉVENOT, 2006, p.9). Além disso, o autor assegura que a prova de realidade não é o fim da retórica, argumentação e linguagem: ela se estende a um mundo de coisas envolvidas na ação e nas capacidades humanas, desde que estas coisas sejam qualificadas para o bem comum. Assim, para Thévenot (2006), a pluralidade das ordens de grandeza oferece a matriz de uma dinâmica de críticas e de compromissos na ação em público.

Thévenot percebeu que existiam determinadas práticas, ou formas de agir e de fazer, que não se enquadravam no modelo das qualificações públicas legítimas no *De la justification* e que se apresentavam com maior frequência no cotidiano. O autor decidiu não ignorá-las e para isto propôs

uma exploração sociológica que vai até aos gestos mais íntimos.

Segundo o autor, estas condutas, por serem identificadas por todos nós, deveriam ser incluídas no domínio de investigação das ciências sociais, deslocando a fronteira colocada por Weber, quando este considerava que a ação só era social quando o sentido para o ator frisa o comportamento de outros atores.

Assim, frente a um nível individual, mais íntimo, denominado **regime familiar**, há o destaque para o indivíduo, sua autonomia, suas escolhas, suas decisões, seus projetos, suas estratégias, sua racionalidade, seus interesses. Ao contrário do nível público, Thévenot (2006) assegura que o nível individual pode abordar as ações mantidas na sombra do segredo.

No regime familiar o ator e o ambiente em que está envolvido se encontram comprometidos segundo ligações particulares. O seu acomodamento é avaliado como um bem-estar que permanece primordial à manutenção de uma personalidade. Neste regime, o autor destaca que as condutas são facilmente formuladas e comunicadas a partir de uma linguagem ordinária que reflete em linhas gerais de um plano.

No entanto, mesmo sendo facilmente formuladas e comunicadas a ação neste nível individual implica também certa reflexão, embora uma reflexão diferente da que rege as ações do nível público.

O terceiro nível do modelo de ação, denominado **regime do plano**, ocupa lugar eminente na sociologia contemporânea. Esse terceiro nível se refere às ações em questão, mais comumente conhecida como “práticas”. São principalmente caracterizadas em oposição ao nível individual sob a referência da reflexão, da escolha, e mesmo da consciência.

De acordo com Thévenot (2006), as atividades neste nível são aparentes a hábitos automáticos e incorporados. O indivíduo neste regime é tratado como um indivíduo autônomo e claramente desligado do seu ambiente, é portador de um plano de ação que define a avaliação daquilo que lhe interessa. Assim, o ambiente neste regime é encarado como funcional, tendo em vista o apoio que dispensa à realização do plano de ação.

Nem a filosofia política (inspiração do nível público), nem a economia (inspiração do nível individual) são fontes de inspiração nesse nível. O nível prático tem como influência principal a fenomenologia, a qual é transmitida através de múltiplas vozes da sociologia.

A diferenciação entre os três níveis de engajamento pode ser conferida no quadro 4.

Quadro 4 - Características dos regimes de engajamento

Regimes de engajamento		
Regime público	Regime familiar	Regime do plano
<p>Nível público. Trata da ação em público. Suas ações levam em conta o público, que por sua vez afeta o julgamento e a preparação para a ação. É regido por uma gramática do bem comum, a qual expressa o sentido do justo e do injusto. Apresenta inspiração na filosofia política.</p>	<p>Nível individual. Trata da ação individual. Suas ações são facilmente formuladas e destacam o indivíduo, sua autonomia, suas escolhas, suas decisões, seus projetos, suas estratégias, sua racionalidade, seus interesses. As ações são mantidas em segredo. Apresenta inspiração na economia.</p>	<p>Nível ordinário. Trata da ação prática. Suas ações não apresentam reflexões, escolhas ou consciência. As ações são automáticas e incorporadas. Apresenta inspiração na fenomenologia.</p>

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Thévenot (2006)

Explorar de que forma se estabelece a passagem de um regime de ação a outro corresponde a um dos propósitos da pesquisa de Thévenot (2006). Por considerar um olhar sociológico que considere a conduta humana em sua pluralidade, para o autor é essencial explorar os diversos regimes de ação, seja aqueles do próximo ou aqueles que requerem um engajamento mais público.

Ao apresentar as orientações para distinguir os diversos regimes de ação o autor salienta que:

Nós buscamos reconhecer os registros de ação diferentes a partir das maneiras de levar em conta a relação do agente ao ambiente (pessoas e coisas)

para apreender uma atividade humana e avaliar seu cumprimento. As diferenças de um registro a outro devem ser entendidas sem descontinuidade maior nas categorias de análises utilizadas (THÉVENOT, 2006, p.94).

Assim, a caracterização de regime de engajamento no livro *L'action au Pluriel* difere dos modelos que dão visibilidade ao ator, sua coletividade, individualidade, reflexão, consciência ou inconsciência por evidenciar o modelamento conjunto da pessoa e de seu meio ambiente, que requer seu engajamento (op. cit., 2006).

Sobre a inquietação de como uma pessoa avalia sua ação no mundo Thévenot (2006), diferente do seu trabalho com Boltanski (1991), parte do indivíduo, apresentando, no entanto, o mesmo princípio básico: julgamento, coordenação, avaliação e prova. Ou seja, o autor busca reconhecer os diferentes registros de ação à partir da maneira de levar em conta a relação de um agente com seu ambiente (pessoas e “coisas”) para flagrar uma atividade humana e avaliar seu resultado.

Para Thévenot (2006) devemos levar em consideração que as pessoas têm as relações mais diversas tanto com outras pessoas como com outras “coisas”. Essa relação não se alimenta somente numa atmosfera controlada, como por exemplo a do laboratório de pesquisa e de suas dependências. Da mesma forma, essas ligações não se tecem, muito menos rompem quando acontece uma inovação turbulenta ou trágica, elas permanecem.

Diferente do trabalho com Boltanski que define que a ação se encontra a partir da questão do bem comum e da tradição da filosofia política e moral através das categorias de ordem, de cidade, de justiça, de legitimidade (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991), Thévenot (2006) declara que a ação parte da **coordenação**. Coordenação esta que trata desde a ação individual até a ação em público, a qual necessita justificação.

Para Thévenot, a entrada pela coordenação abrange uma gama muito grande de registros de ação, de gestos realizados no privado até as ações preparadas para o público. O termo coordenação, segundo Thévenot (2006) é um transbordamento das regras, hierarquias ou acordos formais aos quais eles são frequentemente associados. A coordenação concerne em primeiro lugar a relação do ator com ele mesmo em um ambiente onde

ele deve coordenar sua própria conduta (THÉVENOT, 2006). Ela também se define a partir de uma relação estreita entre os seres humanos e seres não humanos e faz parte de um elemento comum, o qual possibilita um confronto entre modelos de ação (*op. cit.*, 2006).

Essa abordagem de coordenação, trabalhada pelo autor, leva a estar atento ao que se faz real, para um agente que escolhe uma atividade em função da circunstância do momento. A confrontação inquieta entre uma concepção prévia da ação e seu desenrolar efetivo conduz a uma avaliação, essa avaliação ameniza pelo menos por um tempo essa inquietação entre o que eu previ e o que eu consegui fazer (THÉVENOT, 2006). Quer dizer, as pessoas realizam um julgamento, julgam se realmente conseguiram atingir o que queriam com sua ação e esse julgamento realizado, na maioria das vezes, diminui a inquietação do agente.

De acordo com o autor, colocar em prática um plano demanda acompanhamento e coordenação das condutas de uma mesma pessoa nos diferentes lugares e tempos. O autor busca mostrar que essa coerência supõe um julgamento sobre um curso de ação, ou seja, sobre o que está acontecendo, sobre o que acontece, que implica uma aproximação que contém o fato da pessoa levar em conta também as ações dos outros no fim dos acontecimentos.

Para o autor, a noção de coordenação pode parecer melhor adaptada ao tratamento de ações com outros que ao tratamento de ações solitárias. Afinal, as figuras de ação individual comportam a exigência de uma conduta consequente, e então uma conduta coordenada.

O problema da coordenação consigo próprio pesa já na ação individual. Isolado dos outros, o ator deve gerenciar a difícil divisão entre a retificação em função das circunstâncias, a atribuição de um erro ou um defeito a ele mesmo ou as coisas engajadas, ou o abandono da ação em curso em prol de um benefício de ação (THÉVENOT, 2006). Ou seja, a pessoa faz um julgamento, dá um balanço da situação (podendo levar um tempo refletindo), após isto, em um determinado momento, ela pára de julgar levando por consequência ao fim do julgamento. Ao fazer este balanço da ação, ela opta por um dos dois caminhos: ou corrige a ação e segue adiante, ou ainda abandona aquela ação em prol de outra ação a qual considera mais conveniente.

Thévenot (2006) assegura que as exigências de coordenação

implicadas na realização de uma intenção ou na execução de um projeto pessoal não são as mesmas que aquelas supostas por uma interação. Mas, qualquer que seja o registro de ação, a coordenação se traduz por duas exigências indissociáveis.

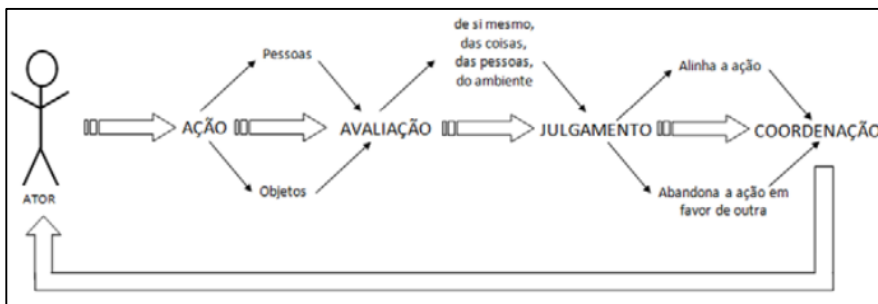
A primeira delas diz respeito ao final de um julgamento, delimitando os contornos de uma ação e identificando o que ocorre (o julgamento precisa acabar e a ação necessita prosseguir, quer dizer, eu faço um balanço da ação e sigo adiante). A segunda exigência diz respeito ao questionamento desse julgamento, a fim de reconhecer os elementos novos, os quais não esgotam as delimitações da ação identificada (surge uma abertura para o novo, eu planejei, eu questionei, eu tive a intenção, mas no julgamento das situações ocorridas há fatos novos que eu reconheço, ou seja, houve uma mudança não prevista). Nenhuma dessas duas exigências pode suportar uma somente para atingir a coordenação.

Assim, são duas condições. Primeiro: independente da importância desta fase do julgamento, ela precisa parar. Segundo: o modelo de ação deve prever a existência de fatos novos e de uma mudança de ação. Uma teoria de ação deve levar em conta as modalidades desse questionamento que resulta da identificação de fatos novos. Assim, para o modelo ser razoável tem que ter abertura para mudanças, afinal nada é dado *a priori*. O questionamento deve se operar no horizonte de um fechamento restaurando uma identificação que parou o julgamento (THÉVENOT, 2006).

Desta forma, uma pessoa faz uma ação e de tempos em tempos pára, faz um balanço da ação, avalia a si próprio, as coisas que estão junto, a percepção dos outros, bem como o ambiente em que encontra inserida. Cada pessoa faz um balanço disso, ou seja, questiona, corrige o rumo da ação dela ou muda para outra ação. Esse ciclo corresponde à ação, seguida da avaliação, julgamento e a retomada.

Este ciclo ilustra a **trajetória da ação individual** e apresenta-se ilustrado na figura 2.

Figura 2 - Representação da ação do indivíduo



Fonte: Elaborada pela autora a partir da obra de Thévenot (2006)

É importante salientar que este ciclo é aberto, tudo pode mudar, apenas a etapa do julgamento precisa parar em um determinado momento para se ter uma síntese provisória da ação.

A dinâmica do julgamento, segundo Thévenot (2006) molda a identificação da ação, mesmo quando a ação é encarada do ponto de vista do agente que a realiza. Essa dinâmica impede que nós consideremos a ação como o desenvolvimento lógico de uma intenção bem formada.

Para o autor, nós descobrimos a ação a medida que negociamos os acidentes do terreno. Ou seja, ao analisar uma ação cada ator deve levar em consideração determinados elementos que são importantes, como por exemplo, os referenciais. No entanto, antes disso é necessário acompanhar a ação na medida em que ela acontece, isto é: acompanhar a ação no real e não fazer o julgamento prévio.

Diante da ação pública, Thévenot (2006) assegura que na presença da etapa do julgamento, o indivíduo vai justificar sua ação para torná-la legítima. Já na ação individual, a qual não apresenta necessariamente as explicações para os outros, as pessoas têm atos íntimos no seu ambiente, os quais no mínimo possível apresentam também um julgamento.

Desta forma, diante do que foi exposto aqui, baseado na *L'action au Pluriel*, cada indivíduo age no mundo fazendo avaliações e julgamentos, bem como qualificando pessoas e objetos. Como resultado disso cada indivíduo vai coordenando sua ação com pessoas e objetos ao longo da vida, situação em situação, através de regimes de engajamento. O reconhecimento de uma pluralidade de bens engajados, desde os do

próximo até os do público, nos conduz a conceber a consistência da pessoa a partir de seus engajamentos múltiplos” (THÉVENOT, 2006, p.263).

Além dos três regimes de engajamento propostos por Thévenot (2006), (regime público, regime familiar e regime do plano) um quarto regime foi revelado por Nicholas Auray (2011), identificado como **regime de exploração**. Este regime não é um conhecimento prático constituído por hábito, nem um conhecimento conceitual constituído por um exercício reflexivo de racionalização. Como destaca Auray (2011), o regime de exploração “dá importância à experimentação sobre a interiorização”. Trata-se da capacidade do indivíduo de poder integrar novos elementos nos esquemas de ação já estabelecidos.

O regime de engajamento de exploração não se ordena seguindo uma gramática do indivíduo dotado de vontade, capaz de agir de forma responsável e de permanecer com autonomia. A exploração se enquadra no inverso, em uma lógica de procura gradual de tentativa e erro. Ela se faz sem um plano abrangente, na dependência de um caminho escolhido e na suspensão do julgamento (AURAY, 2011).

Para o autor, este regime é um regime de atenção dividida, pois mantém uma atenção sem foco para um desdobramento de atividade intelectual entre uma tarefa planejada e um canal de distração. É acima de tudo uma exploração curiosa que baseia-se em um estado cognitivo criado entre o indivíduo e o seu ambiente um relatório favorável à identificação e integração da novidade (op. cit, 2011).

Desta forma, para Thévenot (2011, p. 23-24), este regime se afasta do regime do plano, ainda que se encontre em tensão com o regime familiar, “uma vez que está orientado para um bem que assume uma relação não familiar com o mundo. Ligado à estranheza e à novidade, o bem da exploração é experienciado com a excitação de descobrir algo novo”.

2.3.3 Comentários pessoais da abordagem escolhida e dos principais conceitos trabalhados

Ao retornar aos fundamentos comuns, a sociologia pragmática teve êxito, ao meu ver, em construir pontes entre disciplinas e campos de estudo. Afinal, estas pontes possibilitam dissolver dicotomias, entre o individual e o coletivo, o local e o global,

reconciliando ambas as partes e analisando as passagens das partes em direção ao todo.

Diferente das abordagens tradicionais que se encontram à margem do que os atores dizem e escrevem, a sociologia pragmática dá ênfase às práticas cotidianas. Isto se mostra ser um avanço, não apenas no campo da sociologia, como nas demais áreas que a inspiram, permitindo apreender uma versatilidade de engajamentos, desde os mais simplórios aos mais requintados, os quais são exigidos pela vida nas sociedades modernas.

Assim, a quebra com o estruturalismo e a abordagem de Bourdieu, ocorre por dar uma nova interpretação aos comportamentos humanos observados. Não há mais dominantes e dominados. O foco são as práticas simples da vida cotidiana que revelam grandes verdades e significados.

Esta quebra também nos permite configurar nossa sociedade como “complexa”, uma vez que enfrentamos diariamente situações que remetem mundos distintos e consequentemente nos demanda competências necessárias para lidar com cada situação diversa, exigindo-nos justificações diferentes.

Desta forma, a sociologia pragmática nos auxilia a olhar para um indivíduo plural na sua multiplicidade. Quer dizer, um ator pode ser ao mesmo tempo estudante, marido, pai de família, consumidor, paciente, eleitor e cidadão. Ele atua em diferentes mundos, apresenta diversos pontos de vista, múltiplas experiências, várias capacidades de se ajustar às inumeráveis situações da vida social.

Baseado nisto, julgo ser de extrema relevância nesta sociologia a liberdade do ator. Como um ser livre, não há categorias prévias para qualificar os homens, o que importa são as suas ações. Assim, ela nos permite fazer escolhas, mudar de mundos. Somos, nesta abordagem, seres livres.

Posto isto, penso que esta sociologia nos auxilia a viver em sociedade, por nos possibilitar o movimento de abrir e fechar os olhos. Quer dizer, nos capacita a analisar cada situação da maneira que ela deve ser olhada, conformando-nos em determinadas situações, criticando e agindo em prol da mudança em outros momentos.

E é abrindo e fechando os olhos que nos engajamos com uma multiplicidade de seres, humanos ou não - objetos, animais - e agimos e

reagimos diante de diferentes situações que nos são apresentadas a todo momento. A sociologia pragmática nos apresenta esta maneira de viver a vida: o agir em cada situação.

2.3.4 Justificativa da escolha desta abordagem

A escolha da abordagem da sociologia pragmática francesa deve-se principalmente ao fato de ser uma teoria que apresenta como categoria fundamental, a ação. Assim, partindo do fenômeno do agir em situação, esta abordagem me auxilia a compreender a ação, examinando como ela ocorre.

Além disto, é uma abordagem que considera a conduta humana em sua pluralidade. Quer dizer, através de seus diversos regimes de ação e mundos comuns, ela focaliza os atores em cada situação de sua conduta, levando em conta a capacidade dos atores de se ajustar a diferentes situações da vida social.

Esta pluralidade me permitiu verificar, baseado principalmente na obra de Boltanski e Thévenot (1991) e Thévenot (2006), como os atores se mobilizavam em sua vida cotidiana a fim de justificar suas ações, nos seus momentos de prova e de muitas incertezas, chegando a acordos e colocando fim as controvérsias.

Desta maneira, esta abordagem me permitiu analisar o ator em situação, percebendo o momento em que ele delibera, decide e justifica suas ações. Além disto, também me proporcionou subsídios para compreender as formas, os objetos, as estruturas e as relações, isto a fim de interpretar de que maneira as pessoas agem e consolidam acordos umas com as outras, assim como coordenam-se consigo mesmas.

No que concerne à ida ao campo, a abordagem me foi útil por possibilitar uma coleta e uma análise dos dados sem desconfiança. Isto é, me permitiu mergulhar em cada situação colocada pelos atores estudados, e assim verificar cada prática cotidiana e a profundidade e a riqueza de cada situação. A confiança também se deu pelo fato desta abordagem considerar os atores como seres capazes de agir, de fazer escolhas e de justificá-las.

Assim, esta abordagem também prima pelo ator, diferente de outras teorias que o ator é secundário. Ela considera os indivíduos em sua pluralidade, com capacidades para agir e interagir com o meio. Desta

forma, a escolha desta abordagem se mostra coerente com as demais abordagens escolhidas (desenvolvimento territorial sustentável com o foco no ator e a fenomenia), por igualmente acreditar que as pessoas são capazes de reflexão, de ação, de transformação.

No que concerne à análise dos dados, esta abordagem apresentou significativa contribuição por me permitir empreender uma relação dos níveis micro e macro no plano de análise. Assim, ela me possibilitou tratar os dados de duas maneiras distintas. A primeira delas, atribuída à ação individual, inspirado nos regimes de engajamento de Thévenot (2006), e a segunda referente à ação pública, inspirado nos mundos comuns de Boltanski e Thévenot (1991).

Cabe ainda destacar que a sociologia pragmática, por ser uma abordagem que atribui uma enorme importância à diversidade dos registros da ação, das formas de coordenação e das situações da vida social, postulando a ideia segundo a qual as pessoas agem em diversos mundos (DODIER, 1991), apresenta correspondência com a gestão das organizações. Uma vez que a gestão não é apenas planejar, organizar, dirigir e controlar, não é somente um pacote técnico que coloca as atividades em uma sequência lógica. Pelo contrário, a gestão também apresenta diversos registros de ação e de coordenação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo serão abordadas as ponderações metodológicas pertinentes para o desenvolvimento deste estudo, visando o objetivo principal de compreender a relação dinâmica indivíduo-território na promoção do desenvolvimento e das transformações de Tiradentes (MG) desde os anos 1980, ressaltando as fenomenias e sua gestão.

Pertencente ao paradigma interpretativo, esta pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa, ou compreensiva, com a história oral temática como principal estratégia de pesquisa, complementada, na coleta de dados, com análise documental, entrevistas, observação direta e o diário de campo como apoio. Situada suas principais especificações, descreverei a trajetória escolhida que me possibilitou realizar este estudo.

3.1 CARACTERIZAÇÃO E NATUREZA DO ESTUDO

De acordo com o enquadramento paradigmático apresentado por Burrell e Morgan (1979), estudo que apresenta os primeiros indícios do surgimento de uma epistemologia específica da Administração (SERVA, 2012), apresento uma visão de mundo interpretativista.

Esta visão deve-se ao fato do paradigma interpretativo, sob a faceta da regulação, assumir uma realidade social como produto da experiência interpretativa daqueles que a constroem, quer dizer, busca a compreensão e explicação de aspectos da vida organizacional, admitindo-se diferentes interpretações e significados à realidade (BURRELL; MORGAN, 1979).

Este estudo igualmente se enquadra na abordagem qualitativa, ou melhor, como define Dumez (2013/2), compreensiva. Hervé Dumez, autor do livro *“Méthodologie de la recherche qualitative. Les 10 questions clés de la démarche compréhensive”* (Metodologia da pesquisa qualitativa. As 10 questões chave da abordagem compreensiva – tradução livre) recebeu o prêmio de melhor obra de pesquisa em ciências da gestão no ano de 2015 em Paris.

Em sua obra, o autor assegura que a abordagem compreensiva não corresponde a um paradigma epistemológico particular, mas uma pesquisa científica clássica que consiste em enfrentar os efeitos esperados aos fenômenos observados no material coletado.

Segundo Dumez (2013/2), a abordagem compreensiva se baseia em confrontos sucessivos entre teorias especificadas em termos de efeitos previstos (o que devo observar se a teoria estiver correta?) e o material especificado usando uma codificação relativamente independente (o que observo na realidade?). Tais confrontos constituíram o ponto de partida e a etapa precedente e suas idas e vindas sucessivas entre a teoria e a realidade. O que me permitiu realçar fatos singulares e inusitados.

As contribuições teóricas de uma abordagem compreensiva, segundo o mesmo autor, apresentam três características: salientar os mecanismos (reconstruir uma ligação entre os fenômenos observados e suas possíveis causas), construir tipologias (ênfatar os contextos concretos de ações e interações) e a redefinir conceitos ou teorias existentes (guiar o interesse do pesquisador em direção aos fatos inexplorados e a trazer à tona novas questões).

Baseado nestas três características, cada momento desta pesquisa compreensiva foi trabalhado ativamente para trazer fatos e dados interessantes. O que caracteriza a dificuldade e igualmente o caráter excitante deste tipo de pesquisa, como afirma Dumez (2013/2).

Além da abordagem compreensiva e/ou qualitativa ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social, compatível com o fenômeno a ser pesquisado, no caso a interação dinâmica indivíduo-território (RICHARDSON *et al*, 2008). Assim, a escolha desta abordagem se mostrou crucial, pois permitiu descobrir e compreender as perspectivas e a visão de mundo das pessoas nele envolvidas (MERRIAM, 2002), evidenciar as ações e as experiências dos indivíduos no cerne das estruturas, as quais são construídas por meio da interação social (HAGUETTE, 2005), bem como, conhecer diretamente a experiência, como ela é vivida, sentida ou experimentada pelos atores (MINAYO, 1994).

Considerando a capacidade crítica dos personagens deste estudo face a sua trajetória de vida, interessa enxergar a experiência do indivíduo. Para tanto, centrar em apenas uma única abordagem não se mostrou coerente, pois poderia limitar a compreensão do contexto da pesquisa. Assim, uma amplitude de enfoques, a qual não é exclusiva de uma única abordagem, foi necessária para entender o fenômeno aqui escolhido. Deste modo, o trabalho tem como pano de fundo o desenvolvimento

territorial sustentável e está estruturado com base na fenomenologia de Guerreiro Ramos (1989) e na sociologia pragmática francesa, teoria de ação de Boltanski e Thévenot (1991) e Thévenot (2006). Esta conduta plural se mostrou importante para a tentativa de compreensão do fenômeno complexo e dinâmico escolhido.

3.2 HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

A história oral foi a estratégia de pesquisa adotada que permitiu o compartilhamento das vivências dos indivíduos para comigo.

Esta estratégia privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (ALBERTI, 2005). Esta aproximação via história oral me permitiu estudar o início da trajetória de alguns indivíduos em um novo território, bem como, todo o processo de criação e desenvolvimento do seu empreendimento à luz dos depoimentos destes mesmos indivíduos.

Pesquisadores que trabalham com história oral na França utilizam a terminologia “*trajectoire de vie*” e “*récit de vie*” que pode ser traduzida também por trajetória de vida. Na França, assim como em outros países, a história de vida reflete uma mudança de postura na construção do conhecimento, conforme destaca Chaxel, Fiorelli e Moity-Maizi (2014):

“No centro sintonizando o ator, reconhecendo nele uma identidade e dando-lhe a palavra, uma ruptura epistemológica ocorre com as teorias estruturalistas que tendiam a considerar os indivíduos como meras unidades estatísticas. Com a abordagem biográfica e a história de vida, os indivíduos se tornam atores sensíveis e agentes do mundo, que em diversas situações jogam eventuais estruturas normativas que lhes são impostas, se revelam assim estrategistas, inventivos, engajados e sobretudo ativos (BOLTANSKI, 2009). Quando o indivíduo se torna um “observador social” (LE BRETON, 2004, p. 20), dando-lhe a palavra através da história de vida, por exemplo, permite acessar os motivos da ação, as molas do engajamento, as singularidades da experiência, enfim, as dimensões reflexivas e criativas da pessoa que também dão

sentido aos fatos sociais, históricos e atuais (CHAXEL; FIORELLI; MOITY-MAIZI, 2014, p. 2).

A assertiva de Chaxel, Fiorelli e Moity-Maizi (2014) e dos autores por ele citados corroboram com minha proposta de reabilitar o ator, já que hoje ele mostra ser um ser esquecido do processo de desenvolvimento. Assim, com a história oral os indivíduos estudados deixam de ser simples unidades estatísticas e passam a ser seres ativos. Isto igualmente corrobora com a teoria de ação, a sociologia pragmática francesa, abordagem também utilizada nesta tese. A palavra dos indivíduos, por meio da sua história de vida, possibilita acessar suas ações, seus engajamentos, suas experiências e vivências desde o momento de escolha da mudança de cidade até a criação e desenvolvimento da sua fenonomia; questões estas que permitem chegar ao objetivo geral de compreender a relação indivíduo-território.

Os relatos pessoais, que constituem a matéria prima da história oral, possibilitam que indivíduos, pertencentes às categorias sociais geralmente excluídas da história oficial – os “atores anônimos” –, possam ser ouvidos. E, segundo Ichikawa e Santos (2006), ao focalizar suas memórias pessoais, é possível construir também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do seu grupo social, manifestando evidências de uma memória coletiva e deixando registrada sua visão de mundo.

A utilização da história oral me possibilita dar voz a sujeitos invisíveis e resgatar histórias não abordadas pelos registros oficiais e desconhecidas publicamente. Neste caso, dar voz a indivíduos não apenas esquecidos das teorias de desenvolvimento, como também das teorias de Administração, uma vez que estes atores criaram um tipo especial de organização, o qual ainda não se mostra um alvo de interesse desta ciência social. Assim, tanto nas teorias de desenvolvimento quanto nas teorias administrativas, o foco se concentra no nível macro ou empreendimentos pertencentes ao enclave do mercado, fazendo com que estes atores se encontrem à margem do esquecimento.

Em oposição a esta maneira de fazer ciência, a história oral permite alcançar a singularidade dos depoimentos destes atores, até então ignorados pelas teorias, por meio da apresentação da sua visão de mundo, suas aspirações, utopias, experiências pessoais e impressões particulares

e ao mesmo tempo reconstruir as trajetórias destes atores a partir do enfoque de quem participou destas vivências.

Assim, por estudar pessoas comuns e não líderes comunitários e empresários renomados a história oral me possibilitou recuperar a visão destes indivíduos dentro de um território e de uma organização peculiar. Desta forma, a história oral apresentou-se então como um modo de construir o conhecimento e reconstituir a identidade deste perfil de indivíduos diante dos processos sociais internos às organizações e do processo de globalização (ICHIKAWA; SANTOS, 2006).

Desta forma, recuperando e dando voz as histórias de indivíduos que migraram para Tiradentes e desenvolveram lá o seu empreendimento foi permitido compreender os momentos históricos vivenciados por eles e suas transformações no território, seja no momento de inserção, seja no momento de desenvolvimento e gestão de suas fenomenias. A história oral me possibilitou adquirir as informações por meio da participação de quem construiu a realidade aqui investigada, o que faz com que haja uma intensa relação entre esta estratégia de pesquisa e o objetivo geral desta tese.

Os personagens aqui estudados puderam explicar, a partir do seu ponto de vista, as características necessárias à compreensão da realidade. Assim, a história oral não foi apenas um relato da experiência e vivência de um indivíduo, mas também uma produção do conhecimento tanto histórico, quanto científico (FEUERSCHÜTTE, 2006). Desta maneira, o relato oral dos personagens sobre suas ações no território, desde a chegada em Tiradentes até os dias atuais, permitiu entender o processo de inserção e desenvolvimento de suas fenomenias, tópicos fundamentais para a compreensão da relação dinâmica destes indivíduos no território de Tiradentes.

Ferreira e Amado (1996) asseguram que a história oral permite o resgate de experiências individuais e a construção da história do tempo presente. Para Ichikawa e Santos (2006), a história oral é uma história do presente, pois implica a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje, e cujo processo histórico não está acabado. Como grande parte da vida das pessoas acontece dentro das organizações, as autoras afirmam que é na maneira como se institui o passado que se criam as condições imaginárias para definição dos projetos das pessoas dentro das organizações. Esta afirmação corrobora com o estudo da fenomenia,

uma vez que é uma organização que apresenta como característica a simbiose de vida e trabalho, apresentando a vida profissional profundamente ligada à vida pessoal. Assim, nesta organização em especial, o passado está na vida presente das pessoas, o que é a razão de ser da história oral.

Para Alberti (2005), a história oral trata-se de uma construção e interpretação do passado atualizada através da linguagem falada por meio de um diálogo entre pesquisador e narrador. Neste diálogo é possível colher as vivências dos atores dispostos a falar sobre aspectos da sua vida ligados ao tema escolhido pelos entrevistados. Ao contar suas experiências, Ichikawa e Santos (2006) destacam que o entrevistado seleciona e organiza os acontecimentos de acordo com seus referenciais do tempo presente, imprimindo-lhes um sentido e transformando aquilo que foi vivenciado em linguagem.

A explanação das trajetórias de determinados indivíduos, que decidiram migrar para o território de Tiradentes para lá criar sua fenonomia, por meio da história oral permitiu o resgate destas experiências individuais e ao mesmo tempo a construção da história do tempo presente (FERREIRA; AMADO, 1996).

Lang (1996) assegura que na história oral o indivíduo é a fonte dos dados – ele conta sua história ou dá o seu depoimento, no entanto não constitui ele próprio, o objeto do estudo. A matéria prima para o trabalho do pesquisador, segundo o autor, é a narrativa do indivíduo entrevistado, afinal, é por meio dela que o pesquisador tenta apreender as relações sociais em que o fenômeno relatado e seu narrador estão inseridos. Assim, foi por meio do indivíduo e da realidade por ele vivenciada que pude apreender as relações sociais nas quais sua dinâmica se insere. Quer dizer, graças as suas percepções individuais pude compreender a sua relação com o território por meio da sua fenonomia, o que corrobora com a cumprimento do objetivo de compreender a relação dinâmica indivíduo-território.

Para esta compreensão foi necessário admitir e considerar a pluralidade e a diversidade de versões e experiências no decorrer da análise científica; pluralidade esta que resulta em um conhecimento acurado a respeito do objeto de reflexão, base para a formulação de abstrações e generalizações (ALBERTI, 2005).

Segundo Alberti (2005), há dois tipos de entrevista na história oral: as entrevistas temáticas e as entrevistas de história de vida. A autora assegura que em ambos os tipos de entrevista há a relação com o método biográfico (seja concentrando-se sobre um tema, seja debruçando-se sobre um indivíduo) e os cortes temáticos efetuados em sua trajetória. A entrevista apresenta então como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência.

Optei por utilizar a história oral temática, uma vez que ela versa prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido e apresenta uma maior objetividade. Assim, a partir das etapas da vida dos personagens estudados buscou-se seu esclarecimento e sua opinião sobre o processo de mudança para o novo território, sua inserção em Tiradentes e o desenvolvimento de sua fisionomia para chegar ao objetivo geral de compreensão da relação dinâmica indivíduo-território. Os detalhes da vida pessoal dos personagens estudados revelaram aspectos úteis à informação da temática central.

A estratégia da história oral temática apresentou-se adequada por focar o indivíduo em sua trajetória de vida. É por meio de sua trajetória individual, da sua história, dos fatos nela ocorridos, das escolhas efetuadas que estão assinalados elementos relacionados à temática deste estudo. Assim, acredito que o método da história oral temática foi a estratégia adequada para compreensão dessa problemática da interação indivíduo-território, por ser uma estratégia de pesquisa que mergulha no fenômeno juntamente com cada indivíduo, e que permite não só dar voz a ele como focalizá-lo em cada situação, corroborando também com a abordagem da sociologia pragmática francesa aqui igualmente trabalhada.

3.3 COLETA DE DADOS

Como fonte de coleta de dados, me beneficiei das vantagens das entrevistas com os personagens do estudo com base na estratégia da história oral temática; das entrevistas semiestruturadas com moradores da cidade de Tiradentes e da observação direta sistemática com apoio de um diário de campo.

A escolha da entrevista de história oral com os personagens do estudo ao invés da entrevista tradicional se deve ao fato dela se centrar na percepção de que o indivíduo relata sua história, sua trajetória e esse relato

é a matéria-prima do trabalho do pesquisador que opta por utilizar esse tipo de entrevista.

De acordo com Alberti (2005), no caso da história oral, do conhecimento prévio do objeto de estudo dependem as primeiras escolhas que devem ser feitas no encaminhamento da pesquisa: que pessoas entrevistar, que tipo de entrevista adotar e quantas pessoas ouvir. Baseado nisto, uma etapa exploratória foi realizada em uma primeira incursão no campo em fevereiro de 2013 com o objetivo de não apenas conhecer o território de Tiradentes, como também de ter um conhecimento prévio do perfil das pessoas que lá habitavam. Para isto, achei adequado realizar algumas entrevistas curtas e informais para que eu pudesse ter informações necessárias para o processo de escolha. Um maior detalhamento desta etapa exploratória será evidenciado na sequência.

Feita a incursão e em seguida me debruçando sobre a literatura, percebi que era possível entrevistar indivíduos com o perfil que eu buscava: atores que não são naturais do território de Tiradentes, mas que ali se inseriram e desenvolveram um empreendimento compatível com o perfil do território, denominado aqui de fenonomia. Posteriormente, será justificada o por quê da escolha destes indivíduos neste estudo.

Ciente da possibilidade de entrevistar este perfil de atores, bastava definir quantos entrevistados seriam. De acordo com Alberti (2005), a escolha dos entrevistados é, em primeiro lugar, guiada pelos objetivos da pesquisa. Segundo a autora, a escolha não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir do significado de sua experiência.

Desta forma, foram selecionados para serem entrevistados quatro indivíduos que viveram situações ligadas ao tema e aos objetivos deste estudo e que, além disso, puderam fornecer depoimentos significativos. Esse número de entrevistados apresenta-se aqui como coerente por não ser aconselhado fazer a entrevista de história oral com dezenas de pessoas; os números são pequenos, afinal, o que importa não é a abertura e sim a profundidade das entrevistas.

Assim, por seguir critérios qualitativos e não quantitativos privilegiei vozes de certa forma esquecidas pela história oficial, conforme já destacado. O intuito do estudo era dar voz a atores anônimos, pessoas comuns, esquecidas muitas vezes pela “academia”, e principalmente pelas teorias do desenvolvimento. Me interessava ouvir estes indivíduos e saber

o que eles tinham a dizer, bem como tentar compreender e transmitir o saber que eles possuem, a sua maneira de fazer gestão.

Ouvir suas reivindicações, angústias, sugestões, críticas e apreender seus pontos de vista contribuiu para a melhor compreensão do fenômeno aqui estudado. Além disto, esta proposta de pesquisa foi ao encontro da sociologia pragmática uma vez que esta teoria de ação assegura que uma sociologia que se debruça sobre a crítica como seu objeto de estudo específico deve abandonar (se não, temporariamente apenas) a postura crítica, a fim de reconhecer os princípios normativos que sustentam a atividade crítica das pessoas comuns (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1999).

As entrevistas de história de vida são uma modalidade de relatos orais em que há um fio condutor, o qual é utilizado para elaborar algumas questões, que configuram em um roteiro. Assim, foi elaborado um roteiro de entrevistas, com base na questão problema, dividido em três cenários de interesse da trajetória de vida de cada personagem estudado: processo de mudança para o território de Tiradentes, inserção no novo território e desenvolvimento da fenonomia. Este roteiro referencial, que serviu para acompanhar os relatos dos entrevistados, está exposto no Apêndice A deste trabalho.

Como destaca Freitas (2002), a aplicação deste roteiro não foi feita de forma rígida, cada entrevista teve sua própria dinâmica, e, em muitas situações, questões novas emergiram naturalmente do próprio discurso do entrevistado. No entanto, o roteiro ajudou a garantir uma certa unidade no momento de guiar a pesquisa frente às questões consideradas importantes.

Como previa Alberti (2005), as entrevistas de história oral me exigiram um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes, posições, por sua visão de mundo. Assim, também devido a este respeito e por considerar a visão de mundo do entrevistado individual e particular não houve uma comparação entre as histórias de vida dos personagens estudados.

Além das entrevistas temáticas com os personagens do estudo, também foi utilizada a entrevista semiestruturada na coleta de dados. Diferente da pesquisa estruturada que o entrevistador segue um roteiro rígido e perguntas padrão, neste tipo de entrevista utilizado o caráter é mais aberto, quer dizer, o entrevistado responde às perguntas dentro de sua concepção (MAY, 2004). Como o pesquisador não perde de vista o

foco da sua pesquisa, não há risco de o entrevistado falar livremente desviando do tema original.

Assim, entrevistei vinte e um moradores de Tiradentes pertencentes a uma instituição da cidade. O objetivo era coletar o maior número de informações possíveis a respeito do território e confrontar com os dados obtidos pela análise documental para traçar um panorama da história socioeconômica recente de Tiradentes.

Desta forma, entrevistei três membros do IPHAN, o presidente do Instituto Histórico Geográfico, a diretora e um membro do Centro Cultural Yves Alves, o diretor do Museu da Liturgia, um membro da Associação dos Artesãos, o presidente da Associação Empresarial, dois diretores do Projeto de Educação Patrimonial, dois membros do grupo de teatro Entrevista, um membro da associação do bairro, um vereador, o superintendente de turismo e o prefeito da cidade.

A análise documental ocorreu nas mais diversas fontes, em livros e dissertações de mestrado com ênfase na cidade de Tiradentes – os quais foram fundamentais para recuperar o histórico do território; em sites das principais instituições de Tiradentes – sites estes que me disponibilizaram arquivos, estatutos, documentos, notícias, e informações de caráter geral; em sites dos empreendimentos dos personagens do estudo – os quais me permitiram compatibilizar com os dados coletados nas entrevistas; em sites dos festivais – me possibilitando maiores informações sobre os mesmos; em sites de caráter governamental – os quais me proporcionaram os subsídios necessários para fazer um panorama geral da situação da cidade, do ponto de vista da administração pública; em artigos de revistas e jornais; e em documentos de pose da cidade como o inventário de proteção do acervo cultural de Tiradentes e o plano diretor participativo.

O conteúdo utilizado na análise documental pode ser conferido no quadro a seguir. Neste quadro, destaco que se encontram sublinhados os conteúdos que foram de maior utilidade para este estudo.

Quadro 5 - Conteúdos utilizados na análise documental

Conteúdos utilizados na análise documental	
Sites da internet vinculados ao território estudado	
- Site oficial da cidade	
- Museu da Liturgia	
- Associação Empresarial de Tiradentes	
- Centro Cultural Yves Alves	
- Instituto Histórico e Geográfico	
- Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade	
- Site dos empreendimentos dos personagens do estudo	
- Site do festival de cinema, gastronomia e demais festivais que ocorrem na cidade	
Sites da internet vinculados a órgãos governamentais	
- BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento	
- PAC – Programa de Aceleração de Crescimento	
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	
- Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil	
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	
Outros sites consultados	
- Instituto Estrada Real	
Livros vinculados ao território estudado	
- Turismo cultural em Tiradentes: estudo de metodologia aplicada de Américo Pellegrini Filho	
- Tiradentes: retrato de uma cidade de Lélia Coelho Frota	
- Civilização urbana, planejamento e turismo: discípulos do amanhecer de Eduardo Yázigi	
- Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar de Stela Maris Murta e Celina Albano	
Dissertações vinculadas ao território estudado	
- História e turismo: a “mercadorização” do “patrimônio histórico” e a elitização da área central de Tiradentes, Minas Gerais (1980-2012). Dissertação de Rodrigo Neves.	
- A Construção do Largo das Forras como Patrimônio – Tiradentes/MG. Dissertação de Mariana Alves Madureira.	
- Transformações urbanas recentes em Tiradentes – MG: Anos 80 e 90 do século XX. Dissertação de Hécio Ribeiro Campos.	

- Cidade presépio em tempo de paixão: uma análise antropológica das relações entre religião, patrimônio histórico e turismo. Dissertação de Oswaldo Giovannini Júnior.
- A inflexão do conceito gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte: os casos mineiros de São Thomé das Letras e Tiradentes. Dissertação de Gustavo Pimenta de Pádua Zolini.
- As relações entre comunidade local e a área histórica de Tiradentes – MG: uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas. Dissertação de Márcia Pereira Araújo.

Demais documentos analisados

- Plano Diretor Participativo de Tiradentes – Volume I: Perfil Municipal.
- Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Tiradentes
- Artigo sobre Tiradentes na Revista Veja de 2002.

Fonte: elaborado pela autora

Outro meio da coleta de dados utilizado foi a observação direta. Segundo Peretz (2004), a observação direta consiste em ser um testemunho dos comportamentos sociais de indivíduos ou de grupos em seus próprios lugares de atividades sem modificar o desenvolver ordinário dos acontecimentos. Assim, foram observados os quatro personagens do estudo, a fim de compreender a relação dos atores com a fenonomia, a gestão do empreendimento e a interação dos atores, e também da fenonomia, no território. Igualmente foram observadas as ações dos moradores e turistas da cidade de Tiradentes, as ações de algumas instituições pertencentes ao território e o Festival de Gastronomia da cidade com o objetivo de compreender a vida socioeconômica de Tiradentes e as ações que impulsionam o território.

Para Peretz (2004), a observação direta tem por objeto a coleta e o registro de todos os componentes da vida social que se oferecem à percepção desta testemunha particular que é o observador. A dinâmica, de acordo com o autor, se dá da seguinte forma: o observador se aproxima e estuda as pessoas, assiste aos atos e aos gestos que produzem suas ações, escuta suas interações verbais, faz o inventário dos objetos dos quais se cercam, trocam ou produzem.

Tendo em vista a dinâmica esclarecida pelo autor, foi por meio da aproximação, do contato com as ações dos atores e do ouvir dos seus

relatos, que em trinta e seis dias os dados foram coletados. Nestes dias, foram testemunhadas as variações cotidianas e sazonais, as práticas diárias ou excepcionais, os tempos de inatividade ou momentos de urgência (PERETZ, 2004).

A observação direta mescla três comportamentos indissociáveis, os quais foram seguidos neste estudo: uma forma de interação social com o lugar estudado; as atividades de observação e por fim um registro dos dados observados. Referente a este terceiro comportamento foi imprescindível a elaboração sistemática do diário de campo (ANDION; SERVA, 2006). Para Cefai (2010), a questão de manter um diário de campo é crucial, tanto quanto a capacidade de descrever o que vemos e o que ouvimos. Assim, foi realizado o exercício de tomar notas de uma forma densa e tão exata quanto possível.

Frente aos procedimentos metodológicos utilizados destaco aqui o quadro 6, que demonstra a operacionalização do estudo, o modo que se pretende atingir cada objetivo específico relacionando com a inquietação central inerente a ele.

Quadro 6 - Operacionalização metodológica do estudo

Questionamentos iniciais		
Como os atores se inseriram, construíram sua fenonomia, inserindo-a e desenvolvendo-a no território de Tiradentes-MG? Quais ações os atores e as fenomenias realizam no território e o território e a fenonomia promovem na vida dos atores?		
Objetivo geral		
Compreender a relação dinâmica indivíduo-território na promoção do desenvolvimento e das transformações de Tiradentes (MG) desde os anos 1980, ressaltando as fenomenias e sua gestão.		
Objetivo específico	Inquietação central do estudo	Procedimento de pesquisa

Levantar a história socioeconômica recente de Tiradentes, destacando o seu desenvolvimento e as políticas públicas que o impulsionaram	Desenvolvimento de Tiradentes	Análise documental, entrevistas, diário de campo
Descrever e analisar as trajetórias de determinados indivíduos criadores de fenônomias desde sua chegada à Tiradentes até os dias atuais	Decisão de morar em Tiradentes e inserção neste território	História oral temática
Compreender em contexto territorial os processos de criação, desenvolvimento e gestão das fenônomias fundadas por esses indivíduos	Trajетória da fenônomia considerando sua gestão e as relações com o território	História oral temática, observação direta e diário de campo
Compreender a relação dinâmica entre as ações desses indivíduos em suas fenônomias e o desenvolvimento e as transformações de Tiradentes enquanto território	Relação indivíduo-território	História oral temática, análise documental, observação direta, entrevistas, diário de campo

Fonte: Elaborado pela autora

3.4 CONTEXTO DA PESQUISA

Tiradentes é uma cidade brasileira de pequeno porte, situada no estado de Minas Gerais, localizada na zona fisiográfica dos Campos das Vertentes, a 14 quilômetros de São João del Rei e cerca de 200 quilômetros da capital mineira, Belo Horizonte. Por estar localizada na área do ciclo histórico-econômico do ouro (séculos XVII e XVIII), apresenta um conjunto urbano representativo deste ciclo, sendo considerada uma imponente cidade histórica do estado.

De acordo com o Censo de 2010, realizado pelo IBGE, a população de Tiradentes apresenta hoje 6.961 habitantes, com um território de 83 quilômetros quadrados e uma densidade demográfica de 83,73 hab/km². Seu IDH está situado em uma faixa de desenvolvimento humano alta, encontrando-se entre 0,700 a 0,799 (sendo que o limite máximo do índice é de 1).

Fruto da representatividade do seu IDH, Tiradentes ocupa a 764ª posição em relação aos 5.565 municípios do Brasil, o que quer dizer que 13,71% dos municípios brasileiros se encontram em situação melhor que a dela. Em relação aos 853 municípios de Minas Gerais, Tiradentes ocupa a 59ª posição, sendo que apenas 6,80% estão em situação melhor.

O setor de serviços é o setor que mais gera emprego em Tiradentes e o que apresenta o produto interno bruto mais significativo, acompanhado do setor de comércio, indústria de transformação, setor de construção, setor agropecuário, indústria extrativa e setores de utilidade pública.

Segundo a Secretaria de Turismo de Tiradentes, o município apresenta 138 pousadas, 85 restaurantes, 5 agências de turismo, 2 imobiliárias, 3 espaços para eventos, 40 estabelecimentos comerciais (sendo 26 relacionados a móveis e 14 relacionados a artesanato de ferro e metal) e 9 galerias de arte e artistas plásticos. Estabelecimentos estes de médio e pequeno porte.

O setor de serviços é alimentado pela representatividade do turismo no território. No ano de 2013, segundo dados da Secretaria de Turismo do município, 350 mil pessoas estiveram presentes na cidade, ou seja, aproximadamente cinquenta vezes mais a população local do território.

Destaco aqui que o turismo realizado em Tiradentes é um turismo que difere do turismo praticado nos grandes centros do país, como Florianópolis, Rio de Janeiro, Salvador, entre outros, por não ser um turismo de grandes expedições, de grandes eventos com presença de *resorts* de nível internacional. O turismo apresentado em Tiradentes, pelo contrário, é movimentado pela existência de pequenos empreendimentos com atrativos ligados principalmente ao seu patrimônio histórico cultural.

Assim, como o desenvolvimento do território depende destes pequenos empreendimentos e como a cidade não apresenta ações econômicas calcadas em atividades agropecuárias, tampouco em

empresas e indústrias, o território parece depender do esforço pessoal e individual das pessoas que lá habitam por meio de seus empreendimentos. Isto corrobora com o pensamento de Gumuchian *et al* (2003) de que o território se encontra em movimento, mas ele não é impulsionado somente pela dinâmica coletiva, são os homens e mulheres com suas ações que o colocam também em movimento.

Tendo em vista tais dados, escolhi estudar o território de Tiradentes por ele apresentar pequenos empreendimentos responsáveis pelo seu desenvolvimento.

Além disto, a escolha também se deu por ter sido uma sugestão de meu orientador, uma vez que ele já conhecia o perfil do território, das pessoas que lá habitavam e dos pequenos empreendimentos, por meio viagens e também através de uma pesquisa desenvolvida em seu núcleo de pesquisa, a qual estudou a realidade do desenvolvimento de Tiradentes por meio da autonomia dos artesãos (TONET, 2014).

O de fato de Tiradentes ser uma cidade brasileira de pequeno porte que apresenta uma realidade sociocultural peculiar, aliada a uma cultura local com raízes profundas firmada em séculos de história, e com moradores de várias origens que geram uma efervescência cultural bastante original, corroborou também para sua definição como o território da pesquisa.

Frente a este território, o objeto do estudo foi indivíduos que ali se instalaram e desenvolveram um empreendimento com produtos ou serviços compatíveis com as demandas do território. Empreendimentos estes aqui denominado de fenonomia, por apresentarem a simbiose de vida e trabalho, racionalidade ligada a fatores culturais, históricos ou conviviais, satisfação e autorrealização como características predominantes.

Diante do objeto de estudo, escolhi estudar atores que não são naturais do território, a fim de poder verificar como estes atores se inseriram e foram aceitos em Tiradentes, como estabeleceram sua rede de relacionamento para conseguir fixar ali uma fenonomia que fosse compatível com o perfil do território, acarretando-o importância. A escolha em estudar indivíduos que não são naturais de Tiradentes também está atrelada ao pressuposto que confere que as pessoas que não são naturais do território apresentam um desafio a mais, se comparado com

os nativos, pois além de conquistar espaço para seu pequeno empreendimento há ainda o desafio de inserção no novo local.

Este pressuposto corrobora com o conceito de *épreuve*, conceito este de extrema importância para a sociologia pragmática francesa, uma das abordagens aqui adotadas. A *épreuve* ou prova é um momento de incerteza, um momento crucial para a qualificação dos seres e para a mobilização das formas de justificações que definem os critérios que tornam plausíveis e legítimos os acordos (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991). Assim, estudar indivíduos que migraram para Tiradentes vindo de outras localidades caracteriza, diante da proposta do estudo, analisar atores que apresentam provas e dificuldades maiores que os atores nascidos em Tiradentes, os quais já se mostram ambientados com o território e apresentam uma rede de contatos sólida.

Assim, acreditei ao longo da pesquisa que este movimento de inserção de um novo indivíduo em um novo território é mais complexo, instigante e opulento do que o movimento de um indivíduo que nasceu no local. Além disto, penso que é mais evidente o esforço da gestão, de inserção no meio, da viabilização da fenonomia dos indivíduos que não são tiradentinos.

Baseado nisto, almejei verificar a trajetória desses atores na comunidade, averiguando as relações que esses indivíduos estabeleceram ao longo de sua vida, para poder consolidar sua fenonomia na cidade de Tiradentes. Ademais, pretendi compreender como estes atores obtiveram seu espaço no território, como se tornaram conhecidos, se legitimaram, legitimaram sua arte, seu trabalho, ao ponto do território os adotar.

3.5 AS MOVIMENTAÇÕES NO CAMPO

Minha aventura no campo começou no meu primeiro contato com a cidade de Tiradentes, minha primeira incursão, em fevereiro de 2013. Me movi de Florianópolis, Santa Catarina, à Tiradentes, Minas Gerais, com a curiosidade a florada.

Em Tiradentes, desde à primeira vista a natureza aliada a arquitetura das casas e das ruas, a arte, a cultura, a história, a gastronomia, o artesanato e principalmente seus moradores e também dos territórios vizinhos, me fascinou em sua plenitude. Neste momento, confesso que fui

meio turista e meio pesquisadora; o intuito era conhecer e sentir a região e encontrar possíveis atores para o futuro campo.

Minha busca começou primeiramente pela internet e já pelo meio virtual, antes mesmo da minha incursão, tive os primeiros contatos com alguns dos moradores. Nas redes sociais relatando um pouco da pesquisa em grupos de Minas Gerais consegui de antemão boas indicações de pessoas com o perfil que buscava para dialogar. Pela internet, também consegui um pouso em Tiradentes pelo *couchsurfing*, rede social de intercâmbio de hospedagem em que a convivência é estabelecida entre o hóspede e o anfitrião. Foi por meio desta rede de hospedagem solidária mundial que conheci Frederico e sua pousada, a qual me hospedei por alguns dias para conhecer e sentir a cidade, a região e seus moradores.

Além dos relacionamentos feitos pela internet antes da incursão no campo, recebi alguns contatos de empreendimentos de Tiradentes e da região revelados pelo meu orientador. Ele conhecia alguns artesão e alguns empreendimentos devido uma viagem realizada com a família pela Estrada Real (caminho oficializado pela Coroa Portuguesa para o trânsito de ouro e diamantes de Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro no século XVII). Estes contatos retratavam artesãos com trajetórias de vida. Eram eles que buscávamos para esta pesquisa: atores com boas histórias de vida e com ação no território.

Foi assim munida de um destino turístico, alguns contatos, uma pousada, meu pai como companheiro de viagem, que me aventurei por alguns dias em Tiradentes e região. Nesta primeira incursão no campo conversei informalmente com sete possíveis personagens da pesquisa estes habitantes de Tiradentes. Também visitei cidades vizinhas, como Prados, Resende Costa e um vilarejo conhecido como Bichinho. Nestes lugares também dialoguei com três atores compatíveis com o perfil de atores que eu buscava.

A ideia inicial da pesquisa era estender o estudo para outros lugares além de Tiradentes. No entanto, já na primeira incursão isto se mostrou inviável principalmente pela dificuldade de locomoção de um lugar a outro.

As conversas informais realizadas com estas dez pessoas tiveram a duração entre duas horas e duas horas e meia. Todos eles, sem me conhecer a fundo, se disponibilizaram para uma conversa longa para retratar a sua história. Me contaram com alegria seus feitos, seus

caminhos, sua vida, suas alegrias, seus sucessos e insucessos. Para mim, isto já demonstrava um pressuposto do lugar: as pessoas, que ali moram, vivem um ritmo de vida diferente, em que há tempo para dialogar, ouvir o outro, contar boas histórias, retratar seu ponto de vista. Este, desde a primeira vista, se mostrou o espírito do lugar.

Foi nesta primeira incursão no campo que conheci três dos quatro personagens desta pesquisa: Ricardo, Michel e Rita, sendo os dois primeiros uma indicação do meu orientador e Rita uma indicação de Frederico, o anfitrião do *couchsurfing*. Já na primeira incursão no campo estes três personagens me relataram suas histórias e a trajetória dos seus empreendimentos e se mostraram compatíveis com o que eu estava ansiando encontrar.

Após meu retorno à Florianópolis, amadurecendo a pesquisa e escrevendo o projeto de qualificação, os outros sete atores, que tive contato durante a primeira incursão, mostraram não se enquadrar na proposta desta pesquisa. Três deles por não estarem situados em Tiradentes, já que a decisão foi se restringir apenas a este território, e os outros cinco atores por não apresentarem um empreendimento ligado às características da fenonomia, principalmente por apresentarem o crescimento econômico do seu negócio a sua principal fonte de motivação. Meu intuito era estudar o oposto, pessoas que criaram um empreendimento em que predominava a satisfação, autorrealização e uma racionalidade ligada a fatores culturais, históricos e conviviais para verificar como estes pequenos empreendimentos contribuíam para o desenvolvimento de Tiradentes.

Esta incursão exploratória de uma semana na região me proporcionou um conhecimento prévio do território, do perfil das pessoas que lá habitavam, bem como dos seus empreendimentos.

O retorno à Tiradentes para realizar a coleta dos dados ocorreu dezessete meses depois. No final de julho de 2014, embarquei para Tiradente, desta vez para lá permanecer e morar por trinta e seis dias. Nestes dias percebi Tiradentes de uma maneira diferente, se comparado a primeira vez. Meu olhar não era mais de turista e sim de pesquisadora e moradora.

Neste tempo, fiquei hospedada na casa de uma senhora chamada Anita que gentilmente me alugou um quarto da sua casa para estes dias de moradia em Tiradentes. A fim de ter uma visão integral da cidade, optei

por me hospedar afastada do centro histórico, em um bairro que é conhecido como a “periferia” da cidade. Esta escolha se mostrou válida uma vez que eu teria um contato mais próximo com os moradores. Além disto, eu poderia interagir com a “cidade cenário” e seu turismo intenso e ao mesmo tempo, com a “cidade real” dos nativos e dos novos habitantes de Tiradentes.

Nestes trinta e seis dias o fascínio das belezas de Tiradentes se intercalavam com os problemas e as dificuldades que a cidade também apresenta. Presenciei uma dicotomia acentuada: o centro histórico movimentado e agitado e a vida na periferia extremamente pacata, carros importados trafegando nas ruas ao lado de carros mais rudimentares e charretes, lojas de artesanatos com produtos mais sofisticados ao lado de lojas de artesanato com liquidações de tapetes por preço irrisório, pousadas pequenas e discretas ao lado de pousadas com seus helipontos. Contradições e encantos se misturavam, era dois mundos em um só, duas cidades em uma única.

Estas contradições também estiveram presentes nos discursos das pessoas entrevistadas e também nas conversas informais realizadas. Muitos moradores falavam da magia do lugar, enquanto outros me relatavam somente problemas e defeitos.

Ao mesmo tempo que vivenciar estes dois mundos gerou bons resultados à pesquisa, preciso destacar que esta vivência não foi fácil. O campo foi intenso e me exigiu muito como pesquisadora. Foi necessário combinar as observações e interpretações desde o primeiro momento, que se estendeu até o final da coleta e análise dos dados. Minha visão romântica da cidade cenário aos poucos foi ficando pelo caminho e pelas escritas do diário de campo. Caiu o encanto inicial e as contradições que eu não tinha visto antes de começar a pesquisa começaram a brotar com intensidade. Percebi que mesmo um lugar especial, com uma atmosfera envolvente e desejada, tanto por turistas quanto por moradores, seja para visitar ou para morar, também apresenta problemas a serem resolvidos, os quais não eram poucos. Percebi que não há lugar no mundo impecável, nem mesmo Tiradentes.

Assim, a fase da coleta de dados em Tiradentes configurou um momento maravilhoso e ao mesmo tempo dramático, na medida em que fui descobrindo suas contradições e desigualdades. Assim, de uma maneira real e doce fui descobrindo a verdadeira Tiradentes.

Estas dificuldades enfrentadas me permitiram, ao mesmo tempo, conhecer os dois lados da situação e analisar o território de uma forma mais profunda, levando em conta seus problemas intrínsecos. Da mesma forma, me possibilitou verificar como que os atores entrevistados lidam para superar estes problemas. Novamente, tive que deixar de assumir uma postura romântica do habitante da cidade grande que deseja um interior eternamente preservado, um território imutável, um lugar intocável. Assim, pude averiguar que o desenvolvimento é contraditório, ou seja, ao mesmo tempo que ele apresenta respostas a alguns problemas, há outros que ele não consegue resolver, principalmente os problemas causados por ele mesmo.

Voltando à questão da hospedagem, Anita foi mais que uma anfitriã, foi também minha informante, me deu muito suporte para realizar a pesquisa, contou muitos casos, fez suas considerações a respeito da cidade e me apresentou muitas pessoas. E, assim, a pesquisa de campo foi ganhando forma, novos contatos foram surgindo, novos dados foram se tornando visíveis. Assim, minha moradia em Tiradentes foi repleta de muitas observações, muitas conversas informais, muitas entrevistas, muitos escritos no diário de campo, muita reflexão, e também muitas fotos, passeios e comida mineira, felizmente.

Diante da variedade, complexidade e a intensidade dos dados coletados, foi necessário muita disciplina e dedicação para escrever o diário de campo. Os eventos e as observações eram muitos, foi-me necessária força para escrever diariamente meus achados e meus sentimentos vivenciados durante o dia. No diário rondavam escritos que iam desde os dados referentes ao desenvolvimento territorial sustentável de Tiradentes, concentrando em dados macros como as políticas públicas, a paisagem, a arquitetura, a economia, a história do território, até um nível mais micro, os visitantes, os habitantes, a desconfiança mineira, suas ações, suas fenomias e sua gestão.

Após as diversas informações adquiridas por meio de uma coleta de dados intensa, os dias de campo chegaram ao final e com ele o sentimento que Da Matta (1978) denomina de “*anthropological blues*”. Quer dizer, quando se incorpora no campo aspectos extraordinários ou carismáticos, os quais estão sempre prontos a emergir em todo o relacionamento humano; quando se insinuam no processo do trabalho de campo, causando surpresa ao pesquisador, a tristeza e a saudade; quando

o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção (DA MATTA, 1978).

A recepção de todas as pessoas com quem interagi em Tiradentes, para comigo e também com a pesquisa, foi algo singular. Presenciar a transformação das pessoas, ao longo do tempo da pesquisa, também foi algo que me fez sorrir. Alguns tímidos, acanhados, desconfiados, foram, com o passar dos dias, me olhando com outros olhos, e no final, suas palavras expressavam seus sentimentos por eu estar partindo. Da mesma forma, as informações “escondidas” em um primeiro momento foram se tornando reveladoras na etapa final. Quanto mais eu me abria, mais eu participava dos eventos e situações mais eu conquistava a confiança das pessoas.

Posso dizer que foi uma experiência de campo intensa, que me fez ver o mundo de uma outra forma e, até mesmo, a mim de uma nova maneira. E aqui retomo Da Matta (1978) com o seu “azul”, por expressar bem meus sentimentos finais desta coleta: quando o trabalho termina e o pesquisador retorna com aqueles pedaços de imagens e de pessoas que conheceu melhor do que ninguém, mas situadas fora do alcance imediato do seu próprio mundo, elas apenas instigam e trazem à luz uma ligação nostálgica, aquelas dos “*anthropological blues*”.

Quando retornei à Florianópolis tive dificuldade com o volume e a intensidade dos dados. A quantidade de informações e o pensamento de “o que é que eu vou fazer com tudo isso?” me intimidavam. Foi graças a leitura de um texto de Daniel Cefai que identifiquei a necessidade de engajamento com as informações que eu havia colhido. Para Cefai (2014), escrever é se engajar, se envolver, tomar uma posição em um espaço público e defendê-la, é suportar uma ação que nós realizamos e assumimos as consequências. E assim, neste engajamento a arte de escrever ocupou lugar central.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção explicarei como construí a ação de analisar os dados frente às abordagens utilizadas e ao objetivo geral. Esta ação acompanhou a descrição de uma série de evidências, fatos, situações que funcionavam como provas. Igualmente, foram retraçadas ações cotidianas, situações

que exemplifiquem a trajetória dos indivíduos diante do tema aqui proposto, por meio de um relato detalhado.

A maneira que os dados foram apresentados e analisados no capítulo de resultados reflete a inspiração que emergiu do artigo de Thévenot (2013). Neste artigo, o autor exerce uma análise pragmática da consistência de uma pessoa, a partir de uma entrevista contando sua história, relatando uma vida de provações. Assim, inspirada em seu artigo descrevi a história de cada personagem do estudo, narrando sua trajetória de vida com base na sociologia pragmática.

A sociologia pragmática contribuiu na construção de uma narrativa coerente com a escolha teórica. Por ser uma teoria de ação, ela exigiu que eu acompanhasse e reconstruísse a trajetória dos atores dentro do fenômeno estudado, desenvolvendo assim como fez Thévenot (2013) uma “narrativa pragmática”.

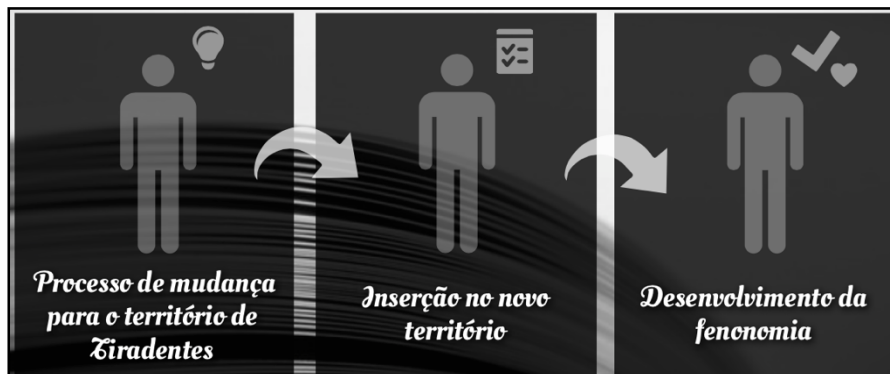
A narrativa cumpriu a seguinte configuração: apresentação e história do território de Tiradentes com os dados coletados no campo, entrevistas, observação, diário de campo e análise documental; seguida da história dos quatro personagens do estudo com as entrevistas de história oral, observação e diário de campo. Desta forma, primeiramente foram apresentados os dados que me foram úteis para compor a análise do desenvolvimento do território na perspectiva da macro escala e, posteriormente, as informações que encenavam as histórias de vida dos atores estudados, focados prioritariamente na perspectiva da micro escala com ligações com a macro escala.

A escala macro contou com a apresentação da história de Tiradentes, suas transformações em sua dinâmica urbana, econômica e social, desde o seu surgimento com a atividade da mineração até os dias atuais. Estas informações históricas e transformadoras com destaque aos principais acontecimentos, em especial às políticas públicas, foram detalhadamente descritas, por configurarem e influenciarem o processo histórico e o desenvolvimento do município.

Concluída a apresentação e a análise do território com foco na macro escala foi dado ênfase na micro escala, com as histórias dos personagens do estudo. Estas histórias foram relatadas uma por vez e divididas em cenários comuns extraídos das inquietações iniciais do estudo: processo de mudança para o território de Tiradentes, inserção no

novo território e desenvolvimento da fenomenia, conforme ilustrado na figura 3.

Figura 3 - Cenários comuns dos personagens do estudo



Fonte: Elaborada pela autora

Em cada cenário foram feitas relações, quando pertinentes, com a história de Tiradentes e as transformações ocorridas em sua dinâmica urbana, econômica e social. Estas transformações, fruto das políticas públicas e das ações de diversos atores, foram essenciais para impulsionar o turismo e ao mesmo tempo para promover a criação e o desenvolvimento dos pequenos empreendimentos dos atores. Por meio destas relações começaram a brotar as primeiras ligações da escala micro (ator) com a escala macro (território).

Os cenários comuns também apresentaram relações com os três regimes de engajamentos propostos por Thévenot (2006), regime familiar, regime do plano e regime público, estes explanados no quadro 4 e com o regime de exploração desenvolvido por Auray (2011). O regime de engajamento público regido por Thévenot (2006) recebeu apoio dos mundos comuns propostos por Boltanski e Thévenot (1991), conforme elucidados no quadro 3.

Estas relações permitiram tratar os dados de dois modos: via ação individual e via ação pública e consequentemente me auxiliaram a elaborar um relato complexo e íntegro, ao mesmo tempo que me disponibilizaram os subsídios necessários para uma melhor compreensão do fenômeno em sua totalidade.

A ligação da escala macro com a escala micro continuou ao longo da apresentação dos resultados, principalmente no terceiro cenário comum, onde foi mais evidenciada, por ilustrar as relações dos pequenos empreendimentos com o território.

Este terceiro cenário apresenta também maior vínculo com o campo da Administração, por relatar, em especial, a gestão dos pequenos empreendimentos dos personagens do estudo. Para isto, foram realizadas relações com a delimitação dos sistemas sociais e o paradigma paraeconômico de Guerreiro Ramos (1989) com foco na fenomenia. Este paradigma me ofereceu uma primeira visão deste tipo de organização, me possibilitando analisar empreendimentos com características similares. Relações com as dissertações de mestrado de Tonet (2004) e Besen (2010) igualmente foram significativas na criação das análises, por oferecerem visões complementares e mais atuais deste perfil de organização.

Os trabalhos de de Guerreiro Ramos (1989), Tonet (2004) e Besen (2010) possibilitaram uma análise da gestão dos pequenos empreendimentos. A gestão das fenomenias também contemplou a coordenação do indivíduo com as pessoas que estão a sua volta, com o ambiente, com os objetos, no sentido do seu alinhamento com o mundo, coordenação esta orientada por Thévenot (2006).

Relações com os autores franceses da abordagem do desenvolvimento e também do campo da história, Gumuchian, Grasset, Lajarge e Roux (2003), Revel (1998), Bensa (1998), Lepetit (1998), Abélès (1998), foram essenciais na ligação da micro análise com a macro análise. Seus argumentos foram relevantes para discursar as diferenças e os complementos da abordagem micro e macro durante as análises efetuadas. Assim, graças a tais autores franceses consegui demonstrar como ocorre a construção do território valorizando a perspectiva da micro análise.

Para isto, foi necessário relatar a experiência, os comportamentos, o cotidiano e as ações dos indivíduos, com o apoio dos autores acima citados, para constatar que os personagens do estudo se encontram na

construção do território de Tiradentes. Desta forma, ao correlacionar às políticas públicas e às ações da sociedade civil, estas descritas na apresentação da história de Tiradentes com foco na macro escala, foi possível ratificar que a história dos personagens do estudo com suas singularidades se mostram expressivas no que concerne a edificação do território estudado.

A ligação entre o micro e o macro, ou como costumam dizer os historiadores franceses: o trabalho conjunto entre as escalas, é um desafio das ciências sociais e principalmente do campo da Administração e das abordagens do desenvolvimento. Afirmo aqui que esta rara ligação entre as escalas foi efetuada com o apoio dos autores Gumuchian, Grasset, Lajarge e Roux (2003), Revel (1998), Bensa (1998), Lepetit (1998), Abélès (1998), Guerreiro Ramos (1989), Tonet (2004), Besen (2010), Auray (2011), Thévenot (2006), Boltanski e Thévenot (1991).

Devido a complexidade desta realização, a ligação entre as escalas micro e macro, aqui efetuada, pode ser considerada uma das maiores contribuições científicas deste estudo.

Outra particularidade desta pesquisa que a valoriza e que a torna singular é a coerência na junção das abordagens utilizadas, as quais são compatíveis epistemologicamente entre si. Para ilustrar esta conduta posso citar os autores da abordagem do desenvolvimento, Gumuchian, Grasset, Lajarge e Roux (2003), e, os autores da história oral, Chaxel, Fiorelli e Moity-Maizi (2014) uma vez que tais autores também utilizam em seus escritos os criadores da sociologia pragmática francesa, Luc Boltanski e Laurent Thévenot.

Além da compatibilidade epistemológica entre as abordagens dos autores aqui utilizados, esta tese também apresenta sintonia com a opção epistemológica do Núcleo ORD, o qual faço parte. A correspondência interdisciplinar entre a Administração e a Sociologia Pragmática Francesa corrobora com os caminhos que este núcleo de pesquisa vem percorrendo (SERVA, 2014). Além da adoção da sociologia pragmática, a mescla das escalas macro e micro na análise de fenômenos sócio organizacionais também é uma opção epistemológica deste Núcleo de Pesquisa, o que igualmente contribui para a construção da abordagem da Análise Pragmática das Organizações e da Gestão.

Nesta trajetória, o Núcleo ORD conta com duas teses em Administração que apresentam modos de análise pragmática das

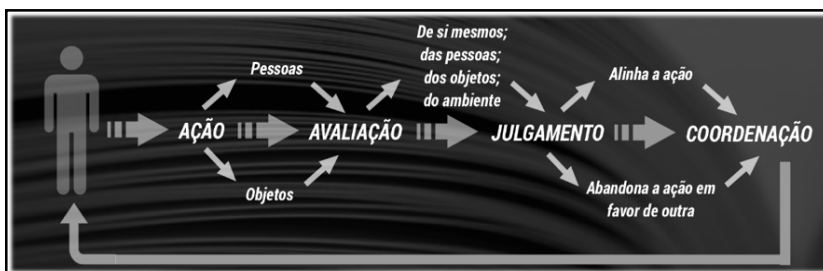
organizações e da gestão (KARAM, 2014; TONET, 2014) e uma tese que ressalta o paradigma paraeconômico de Guerreiro Ramos (1989) evidenciando também a fenomenia (SIMON, 2015), o que ilustra a compatibilidade epistemológica com as abordagens aqui utilizadas.

Frente aos autores aqui citados e as abordagens aqui utilizadas destaco que foi um grande desafio narrar as histórias dos personagens aliadas a história de Tiradentes, interpretando-as juntamente com os demais dados à luz da sociologia pragmática. No entanto, a “narrativa pragmática” me permitiu analisar a ação do indivíduo, detalhando-a em sua complexidade.

A mecânica de ação proposta por Boltanski e Thévenot (1991) e Thévenot (2006) me proporcionou a base para as análises efetuadas. Para os autores, as pessoas agem no mundo fazendo julgamentos e deliberando, o que quer dizer que cada ator avalia a situação em que está envolvido, qualifica as pessoas e os objetos a ele pertencentes, julga e se posiciona diante da situação que está enfrentando. Como resultado desta mecânica há o processo de coordenação da ação frente às pessoas e objetos em cada situação. Ou seja, cada ator age, avalia, julga, coordena-se e justifica a sua ação. O agir, para a sociologia pragmática é um fenômeno processual e serial que implica uma dimensão concreta sobre um estado de coisas seja para transformá-lo, seja para mantê-lo.

Assim, baseado nesta mecânica derivada da sociologia pragmática, elaborei um diagrama que serviu de apoio para as análises por representar a ação do indivíduo. Foi através deste suporte que pude compreender a ação do indivíduo no território por meio da sua fenomenia.

Figura 4 - Diagrama da ação do indivíduo



Fonte: Elaborada pela autora a partir da obra de Thévenot (2006)

O diagrama demonstra que cada indivíduo faz uma ação e de tempos em tempos pára; dá um balanço do que fez; avalia a si próprio, as coisas que estão envolvidas, a percepção dos outros, bem como o ambiente em que se encontra inserido. Cada indivíduo faz um balanço disto, quer dizer, se questiona e opta por corrigir o rumo da ação ou por trocar de ação.

Assim, este ciclo corresponde à ação, seguida da avaliação, julgamento e a retomada da ação, ou seja, a coordenação. É importante frisar que este modelo é aberto, o que significa dizer que tudo pode mudar a qualquer momento. No entanto, apenas, a etapa do julgamento necessita parar em um dado momento para se ter uma síntese provisória da ação.

Diante do julgamento, destaco que para se justificar cada indivíduo age conforme os mundos de referência propostos por Boltanski e Thévenot (1991), uma vez que cada mundo apresenta princípios, grandezas, o bem comum, as críticas e os compromissos entre os mundos.

A narrativa pragmática de cada cenário comum foi finalizada com um resumo da trajetória de vida de cada indivíduo, no que concerne aos principais momentos vivenciados por ele na etapa proposta, com destaque para as provas por ele enfrentadas. Após a narrativa das histórias dividas pelos cenários comuns foi apresentado uma síntese da história de vida de cada personagem do estudo, com destaque em especial para as características da gestão da sua fenonomia, incluindo os acontecimentos ocorridos no território e outros fatos que influenciaram a gestão.

Apresentada a história de vida de cada ator, seguindo os cenários comuns e a síntese com foco estritamente na gestão, desenvolvi uma seção que conclui o capítulo de resultados e que sintetiza a história de Tiradentes e a história dos personagens do estudo, denominada “Caminhos e práticas traçados pela ação: a dinâmica indivíduo-território e a gestão das fenomenias”. É nesta seção que apresento a defesa de minha tese, com base em dois caminhos distintos: o primeiro que diz respeito a relação dinâmica indivíduo-território, a qual também pode ser chamada de ligação micro-macro e o segundo que concerne a gestão das fenomenias.

4 O TERRITÓRIO DE TIRADENTES

Conhecer o Estado de Minas Gerais significa visitar lugares que surgiram pela descoberta do ouro e do diamante, terras do início do século XVIII, cidades em que todos hoje podem desfrutar de uma paisagem urbana impregnada de memória, significado e história.

Tiradentes é uma dessas cidades mineiras que apresenta elementos da formação histórica brasileira materializados em edificações e monumentos. Andar por suas ruas significa reviver passos e trajetos realizados pelo ouro e pela história.

Além da história, arte, cultura, religião, diversão e ecologia são atrativos que fazem parte desta cidade de pequeno porte. Estas atrações promovem, não só para seus moradores, como também para seus viajantes, uma experiência incomum e especial. Além de uma cultura local com raízes profundas firmadas em séculos de história, apresenta também moradores de várias origens, de várias culturas, o que gera uma efervescência cultural bastante original.

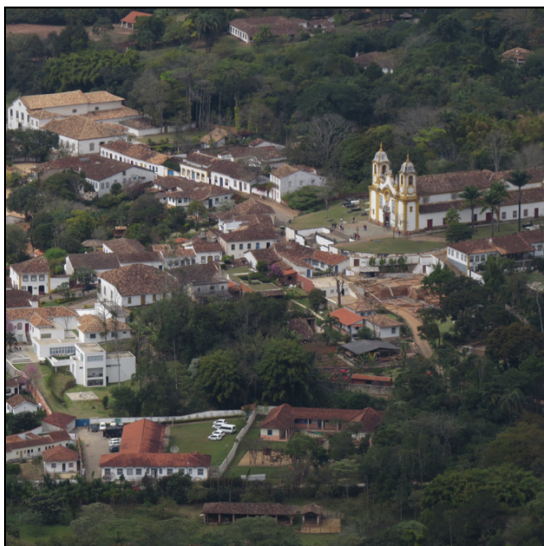
Arquitetonicamente, a cidade de 297 anos é um dos centros de arte barroca mais bem preservados do Brasil. Sua integridade patrimonial e paisagística assegura-lhe um dos perfis coloniais mais autênticos de Minas Gerais e também do país. Até hoje Tiradentes é objeto de atenção, pela sua singularidade como vila, pela beleza em seus monumentos, sendo considerada um dos conjuntos urbanos que chegou aos dias de hoje com maior integridade e harmonia, como exemplo de uma cidade setecentista brasileira (FROTA, 1993).

Foto 1 – Tiradentes e sua integridade patrimonial e paisagística



Fonte: Arquivo da autora, 2013

Foto 2 - O conjunto urbano da cidade setecentista brasileira



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Este capítulo é dedicado à descrição da história, das características e das particularidades do território de Tiradentes. Para isto, se apoia não só em livros, teses, dissertações e artigos sobre a cidade.

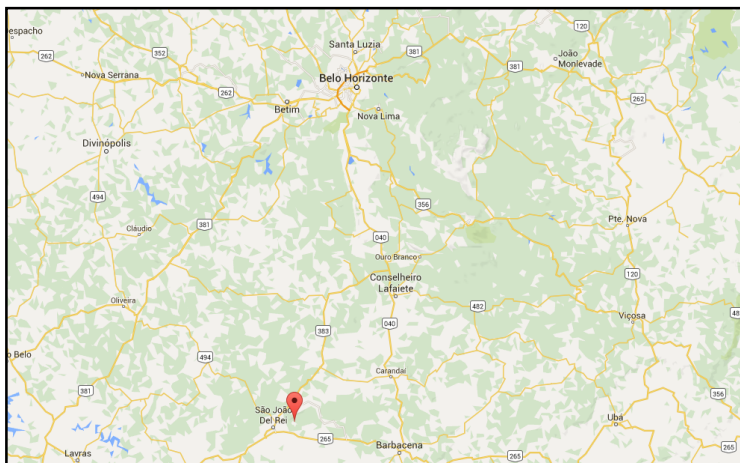
Enriquecem esta narrativa as anotações do caderno de campo extraídas das observações e das vivências no território na época da coleta de dados (mais especificamente o final do mês de julho e o mês de agosto de 2014), e as entrevistas realizadas com moradores e membros de instituições de relevância desse território.

4.1 O PERFIL DO TERRITÓRIO

O território de Tiradentes está localizado na zona fisiográfica dos Campos das Vertentes, fazendo divisa com São João del Rei, Prados, Coronel Xavier Chaves e Santa Cruz de Minas, na área do ciclo histórico-econômico do ouro (séculos XVII e XVIII), onde estão as chamadas “cidades históricas” do estado de Minas Gerais. É um conjunto urbano representativo do Ciclo do Ouro (século XVIII) no Brasil (PELLEGRINI FILHO, 2000).

O município situa-se à cerca de 15 quilômetros de São João del Rei, e aproximadamente 200 quilômetros ao sul da capital mineira, Belo Horizonte, conforme retratado na Figura 5.

Figura 5 - Localização do território de Tiradentes



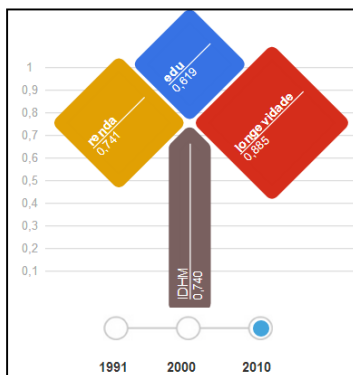
Fonte: Google Maps

Apresenta clima tropical de altitude (verões amenos e úmidos; invernos secos e frios), com temperaturas que variam entre 6 e 30°C no decorrer do ano. A vegetação é típica do cerrado com áreas remanescentes da mata Atlântica (PELLEGRINI FILHO, 2000).

De acordo com o Censo de 2010, realizado pelo IBGE, a população de Tiradentes apresenta 6.961 habitantes, com um território de 83 quilômetros quadrados, localizado a 887 metros de altitude, e apresentando uma densidade demográfica de 83,73 hab/km².

Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, divulgado pelo PNUD, o IDH do município de Tiradentes é 0,740, apresentando também um índice de 0,741 para o IDH de renda, 0,619 para o IDH de educação, e um IDH de longevidade de 0,885. Seu índice IDH geral está situado em uma faixa de desenvolvimento humano alta (0,700 a 0,799).

Figura 6 - Índice de desenvolvimento humano de Tiradentes

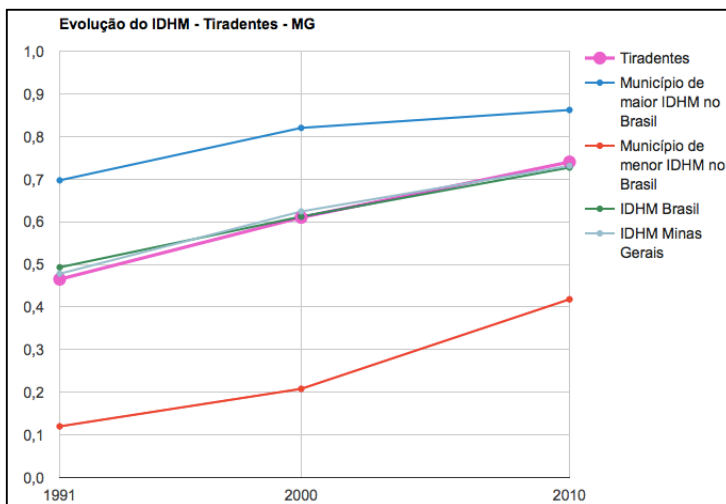


Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2013)

Comparando o município de Tiradentes com os outros municípios brasileiros, ele ocupa a 764ª posição em relação aos 5.565 municípios do Brasil. Em relação aos 853 municípios de Minas Gerais, Tiradentes ocupa a 59ª posição, aonde apenas 58 municípios (6,80%) estão em melhor situação, de acordo com a classificação.

A seguir, a Figura 7 mostra que o IDH de Tiradentes passou de 0,465 em 1991 para 0,610 em 2000, o que representa uma taxa de crescimento de 31,18%. Entre 2000 e 2010, o IDH passou de 0,610 para 0,740, ou 21,31% de crescimento. O hiato de desenvolvimento humano, ou seja, a distância entre o IDH do município e o limite máximo do índice, foi reduzido em 27,10% e 33,33%, respectivamente, no período de 1991 a 2000, e 2000 a 2010.

Figura 7 - Evolução do Índice de desenvolvimento humano de Tiradentes



Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2013)

Os dados revelam uma realidade que impressiona: mesmo sendo um município pequeno, o mesmo superou a evolução da média nacional e do Estado nos últimos 20 anos.

Maiores detalhes sobre o Índice de Desenvolvimento Humano do município de Tiradentes, no que concerne a Educação, Longevidade e Renda, podem ser conferidos na figura 8, a qual demonstra a evolução do município em cada década.

Os índices IDH de Longevidade e Renda expressam valores elevados. Já o IDH de Educação, mesmo apresentando o maior crescimento em termos absolutos, ainda apresenta um índice baixo. O atual prefeito, quando questionado a este respeito, apresentou ter ciência da insuficiência deste índice e da necessidade de prosperá-lo. Segundo ele, sua gestão contempla algumas ações específicas, as quais já estão em vigor, a fim de melhorar o IDH de Educação.

Figura 8 - Índice de desenvolvimento humano municipal e seus componentes de Tiradentes

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal e seus componentes - Tiradentes - MG			
IDHM e componentes	1991	2000	2010
IDHM Educação	0,252	0,428	0,619
% de 18 anos ou mais com ensino fundamental completo	20,89	30,00	49,70
% de 5 a 6 anos frequentando a escola	49,12	82,64	100,00
% de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental	39,30	67,52	89,50
% de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo	13,46	35,54	52,92
% de 18 a 20 anos com ensino médio completo	8,97	18,90	33,92
IDHM Longevidade	0,717	0,791	0,885
Esperança de vida ao nascer (em anos)	68,00	72,47	78,10
IDHM Renda	0,556	0,671	0,741
Renda per capita (em R\$)	254,07	521,35	802,39

Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2013)

Referente a população de Tiradentes, cabe destacar que houve um aumento nas últimas décadas. A taxa média de crescimento anual representou 3,30% entre 1991 a 2000 e 1,91% entre os anos 2000 e 2010. Essa taxa de crescimento anual foi maior na cidade de Tiradentes do que a do Estado e até mesmo do país. Em Minas Gerais, este índice foi de 1,01% e novamente 1,01%, em ambas as décadas. No Brasil as porcentagens foram de 1,01% e 1,02%, respectivamente para a primeira e a segunda década acima referenciadas.

Conforme já apresentado, a população da cidade de Tiradentes apresenta 6961 habitantes, obtidos no censo de 2010. No entanto, de acordo com o IBGE, a população de Tiradentes continua em expansão, apresentando uma estimativa em 2013 de 7457 habitantes, o que significa um crescimento de 7,12% em relação ao ano de 2010. A figura 9 demonstra a evolução da população de Tiradentes ao longo dos anos.

Figura 9 - População total, por gênero, rural/urbana e taxa de urbanização de Tiradentes

População Total, por Gênero, Rural/Urbaa - Tiradentes - MG						
População	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
População total	4.298	100,00	5.759	100,00	6.961	100,00
Homens	2.099	48,84	2.854	49,56	3.440	49,42
Mulheres	2.199	51,16	2.905	50,44	3.521	50,58
Urbana	3.310	77,01	4.167	72,36	5.376	77,23
Rural	988	22,99	1.592	27,64	1.585	22,77

Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2013)

Além da população, a renda per capita média de Tiradentes também cresceu (215,81% nas últimas duas décadas), passando de R\$ 254,07 em 1991 para R\$ 521,35 em 2000 e R\$ 802,39 em 2010. A faixa de extrema pobreza (medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 70,00) diminuiu abruptamente, passando de 16,28% em 1991 para 4,97% em 2000 e para 1,43% em 2010. No entanto, mesmo apresentando bons resultados diante da renda per capita e diminuição da pobreza, o mesmo não pôde ser visualizado frente à desigualdade social.

A desigualdade mensurada em Tiradentes teve sutil acréscimo ao longo das últimas décadas. O Índice de Gini, o qual mede o grau de concentração de renda, apontando a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos (sendo 0 a situação de total igualdade e 1 completa desigualdade de renda) passou de 0,54 em 1991, para 0,56 em 2000 e 0,57 em 2010.

Igualmente, Tiradentes apresentou uma leve diminuição do índice de desemprego. Dados apontam que na década de 2000, a taxa de atividade da população de 18 anos ou mais (ou seja, o percentual dessa população que era economicamente ativa) passou de 69,17% para 69,86%. Resultados mais expressivos podem ser percebidos no percentual da população economicamente ativa que estava desocupada, antes de

6,83%, em 2000, para 2,67% em 2010. A figura 10 apresenta este e outros dados.

Figura 10 - Ocupação da população de 18 anos ou mais em Tiradentes (MG)

Ocupação da população de 18 anos ou mais - Tiradentes - MG		
	2000	2010
Taxa de atividade	69,17	69,86
Taxa de desocupação	6,83	2,67
Grau de formalização dos ocupados - 18 anos ou mais	47,25	61,30
Nível educacional dos ocupados		
% dos ocupados com fundamental completo	36,21	56,48
% dos ocupados com médio completo	24,17	37,31
Rendimento médio		
% dos ocupados com rendimento de até 1 s.m.	54,76	13,87
% dos ocupados com rendimento de até 2 s.m.	81,93	74,51
Percentual dos ocupados com rendimento de até 5 salários mínimo	92,87	92,37

Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2013)

O setor de serviços é o setor que mais gera emprego em Tiradentes. Em 2010, 53,75% das pessoas trabalhavam no setor de serviços, seguido do comércio (13%), indústria de transformação (11,44%), setor de construção (11,17%), setor agropecuário (6,57%), indústria extrativa (0,15%) e setores de utilidade pública (0,18%).

E por ser o setor que mais gera emprego, também é o que apresenta o produto interno bruto (PIB) mais significativo. O PIB de Tiradentes em 2010 foi de R\$ 42.299 para o setor de serviços, seguido de R\$ 22.235 na indústria e R\$ 2.582 na agropecuária. Esse dado confirma não só a representatividade do setor de serviços nesse município, como também demonstra que Tiradentes tem muito menor expressão na atividade agropecuária, tanto quanto não apresenta grandes indústrias e empresas.

A representatividade do setor de serviços também é apresentada por alguns dados disponibilizados pela Secretaria de Turismo de Tiradentes, referentes ao ano de 2013. Segundo a secretaria, o município apresenta 138 pousadas, 85 restaurantes, 5 agências de turismo, 2 imobiliárias, 3 espaços para eventos, 40 estabelecimentos comerciais de

venda de produtos de reforço turístico (sendo 26 relacionados a móveis e 14 relacionados a artesanato de ferro e metal) e 9 galerias de arte e artistas plásticos. Cabe aqui destacar que todos esses estabelecimentos aqui enumerados são empreendimentos de médio e pequeno porte.

Por fim, vale ressaltar que Tiradentes vive hoje do turismo, apresentando no ano de 2013, de acordo com dados da Secretaria de Turismo do município, 350 mil visitantes das mais diferentes regiões.

Diante disso, alguns questionamentos surgem: o que Tiradentes tem a oferecer a esses visitantes? O que a comunidade quer lhe mostrar? O que busca o olhar desse visitante, já que ele está em um território que se abre para recebê-lo? A próxima seção se propõe a responder esses questionamentos apresentando as particularidades desse território.

4.2 SINGULARIDADES DOS ATRATIVOS DE TIRADENTES

Pelo acervo arquitetônico, artístico, cultural e natural que abriga, Tiradentes é portadora de uma fama que ultrapassa as fronteiras do país. Em havendo um fluxo muito grande de pessoas de vários lugares, inclusive do exterior, estabelece-se um feixe de relações, de acordo com o interesse depositado no território, seja ele econômico, educacional, religioso, político, de preservação do patrimônio, de lazer (GIOVANNINI JÚNIOR, 2002).

A combinação agradável do conjunto arquitetônico barroco, abraçada pela Serra de São José, com ruas, largos e becos delineados num espaço urbano diferenciado que figura uma paisagem especial sobre uma topografia pouco acidentada, apresenta um poder de atração que motiva o deslocamento de turistas das mais variadas partes do mundo para caminhadas e descobertas neste território.

Foto 3 - O espaço urbano de Tiradentes abraçado pela Serra de São José



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Nestas caminhadas pode-se visualizar imponentes monumentos religiosos, como a Capela de Senhora do Rosário, cuja construção de alvenaria de pedra é datada do século XVIII; a Capela Senhor Bom Jesus da Pobreza, construída em 1771, marcada pelos traços simples; a Capela Santo Antônio da Canjica, pequena igreja do século XVIII, que tem como característica marcante sua simplicidade (PELLEGRINI FILHO, 2000).

Ainda frente aos monumentos religiosos, há cinco capelas construídas entre 1730 e 1740, denominadas de Capela dos Passos, situadas em diferentes localizações da cidade. No alto de uma colina, juntamente com uma das mais belas vistas de Tiradentes, encontra-se a Igreja de São Francisco de Paula, cuja construção é datada entre 1720 e 1769. Construída na mesma época, em 1760, a Igreja São João Evangelista, apresenta como destaque o seu estilo rococó (PELLEGRINI FILHO, 2000). A Igreja Nossa Senhora das Mercês também é um

monumento religioso ímpar da cidade, considerada uma joia do rococó mineiro.

A construção mais espetacular da cidade de Tiradentes, citada por todos os cronistas do século XIX que por ali passaram como uma das mais belas igrejas das vilas do ouro, é a Matriz de Santo Antonio (FROTA, 1993). Seu exuberantemente interior decorado em talha dourada, apresenta o altar todo revestido em ouro, um órgão de origem portuguesa; além de diversas pinturas, apresenta ainda como grande diferencial a construção da planta da igreja feita por Antônio Francisco de Lisboa, o Aleijadinho (PELLEGRINI FILHO, 2000).

De acordo com Frota (1993), essa igreja constitui exemplo vivo do urbanismo barroco em Minas. Nela, soube-se incorporar as elevações de uma topografia que já era em si monumental e convidava os templos a estadear-se em planos e perspectivas de impacto. Segundo Pellegrini Filho (2000), a igreja pode ser considerada um dos mais belos templos do barroco brasileiro.

Foto 4 - Igreja de Santo Antônio, exemplo do urbanismo barroco em Minas Gerais



Fonte: Arquivo da autora, 2013

As edificações religiosas expressam o legado artístico e histórico das gerações passadas e estão hoje entre os principais atrativos turísticos do território. A população local tiradentina usufrui não apenas da herança artística e histórica, como também do legado religioso.

Os oito espaços religiosos mais imponentes da cidade são ilustrados na figura a seguir, a qual ilustra a localização de cada uma das igrejas históricas e artísticas. O mapa também representa o centro turístico de Tiradentes e suas principais atrações.

Figura 11 – Atrações turísticas religiosas da cidade de Tiradentes



Fonte: Site oficial da cidade de Tiradentes

Ainda que o elenco de edificações religiosas constitua em Tiradentes o mais expressivo legado artístico e histórico das gerações passadas, é indispensável registrar aqui os monumentos civis que mais se destacam.

Pellegrini Filho (2000) cita os seguintes monumentos: a Casa da Câmara, a qual foi construída em 1717, destinou-se a abrigar o Senado da Câmara de Tiradentes. Mais de um século depois, funcionou em seu porão uma cadeia improvisada entre 1825 a 1840; o Centro cultural Yves Alves, inaugurado em 1998, como resultado de esforços da Sociedade Amigos

de Tiradentes, da Fundação Roberto Marinho e da Prefeitura Municipal; a Estação ferroviária Maria Fumaça, construída em 1881, quando foi inaugurada a linha da Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas. Aqui, ainda estão em funcionamento as locomotivas a vapor que datam do início do século XX, entretanto hoje são usadas apenas para fins turísticos, percorrendo o trajeto de São João Del Rei e Tiradentes.

O autor cita ainda outros monumentos: o Largo das Forras, situado na região central da cidade, encanta o turista desde a sua chegada na cidade. Nele se destaca o antigo casarão fundado em 1720 onde hoje funciona a prefeitura municipal; o Museu da Arte Sacra, a antiga cadeia pública que foi construída na primeira metade do século XVIII, foi destruída por um incêndio em 1829 e reconstruída em 1835; o Museu Padre Toledo, que no passado foi sede de reuniões da Inconfidência Mineira, hoje abriga um expressivo mobiliário de diversas obras de arte. Esta é também a construção com maior concentração de pinturas de teto em Minas Gerais; por fim, a Ponte de Pedra, construída no século XVIII, para dar acesso ao lugar denominado Santo Antônio da Canjica, onde havia uma mina de ouro.

Foto 5 - Estação Ferroviária Maria Fumaça



Fonte: Arquivo da autora, 2013

Outro monumento civil de destaque é o chafariz, o qual foi construído em 1749 para abastecer a vila de água potável. Este monumento é um dos mais notáveis exemplos de obras públicas dessa natureza existentes no país, no período colonial, aproximando-se mais da arquitetura, pela sua concepção, do que do modelo convencional de um simples equipamento urbano bem decorado (FROTA, 1993).

Foto 6 – Chafariz de Tiradentes, monumento civil do período colonial



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Por seu legado artístico e arquitetônico, Tiradentes é reconhecida como uma representação ao barroco mineiro, relato de uma história em que se consolidou a raiz cultural da sociedade mineira (MELLO, 1985). De acordo com Albano (2002), a efervescência cultural e artística, a

intensa religiosidade popular – que misturava às festas próprias da tradição católica os festejos profanos – e o caráter lúdico e delirante do chamado barroco mineiro criaram uma urbanidade singular, traço distintivo da cultura da região das Gerais. Em Tiradentes essa efervescência cultural e artística é muito presente. Além dos monumentos civis e religiosos que representam a simbologia, a cultura e a história, a cidade de Tiradentes conta também com eventos anuais que são mais um dos atrativos do território, os quais serão destacados na sequência.

A qualidade visual da paisagem, a continuidade temporal da estrutura urbana, com os espaços públicos e as edificações claramente integradas, a expressividade da arquitetura colonial e o significado histórico do ambiente são os atributos formadores da imagem de Tiradentes (ALBANO, 2002). Enquanto o visitante ou morador caminha pelas ruas e largos, a história de Tiradentes se torna viva, emociona e convida à fruição.

4.3 RELATOS DOS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS

As seções a seguir se destinam a apresentar a história de Tiradentes, suas transformações em sua dinâmica urbana, econômica e social, desde o seu surgimento até os dias atuais. Essas informações históricas são essenciais para compreender o território hoje. Cabe destacar aqui que será dada ênfase aos principais acontecimentos, especialmente às políticas públicas das diversas instâncias, que configuraram e influenciaram o processo histórico do município.

4.3.1 Do florescimento à ruína da cidade de Tiradentes: do final do século XVII à década de 1930

Tiradentes, assim como outras cidades setecentistas do Estado de Minas Gerais, é testemunha da época da mineração. Na última década do século XVII foram descobertas as primeiras pepitas de ouro no lugar que se chamou Ponta do Morro, à vista de uma serra que seria denominada São José. Esse “descoberto” de ouro é provavelmente a origem do arraial

de Santo Antônio do Rio das Mortes, o embrião de Tiradentes (PELLEGRINI FILHO, 2000).

Em questão de pouco tempo os pequenos povoados desse arraial com suas casas e capelas cobertas de palha foram dando lugar a núcleos urbanos com edificações públicas e religiosas mais sólidas. A rivalidade que existia entre as irmandades de brancos, mulatos, negros escravos e livres estimulou a construção de igrejas de extraordinário valor artístico e arquitetônico nas quais se realizavam cerimônias marcadas pela riqueza e ostentação. Mas, foi a criatividade de artífices, escultores, músicos e pintores que contribuiu de forma significativa para a difusão da estética barroca, que no contexto brasileiro caracterizou-se pela audácia, sensualidade e universalidade (ALBANO, 2002). De acordo com o site oficial da cidade, o arraial se desenvolveu rapidamente, devido à abundância do ouro ali encontrado, sendo elevado a categoria de vila em 1718, quando recebe a denominação de Vila de São João del Rei.

Mas, com o tempo, as minas de ouro foram se esgotando, promovendo a decadência da mineração, manifestada em toda a Capitania das Minas Gerais desde 1750. Exaurida a mineração, consideráveis mudanças sociais ocorreram na região no século XIX: o empobrecimento e esvaziamento da vila, uma “idade média” tiradentina. Os habitantes que restaram, principalmente mestiços, deixaram-se ficar na modorra própria de cidades mortas – casas fechadas e arruinando-se, nenhuma importância econômica, desinteresse de governantes. Em dez anos (1816-1827), os imóveis urbanos se desvalorizam em quase 40% (PELLEGRINI FILHO, 2000).

Em 1889, tão logo proclamada a República, a Vila de São João del Rei recebe nova denominação, passando a se chamar Tiradentes, em homenagem ao herói da Inconfidência Mineira (movimento que eclodiu na região das Minas, no final do século XVIII quando o ouro começou a escassear, germinando o embrião da independência e do ideal republicano), Joaquim José da Silva Xavier, o filho mais ilustre da terra (FROTA, 1993).

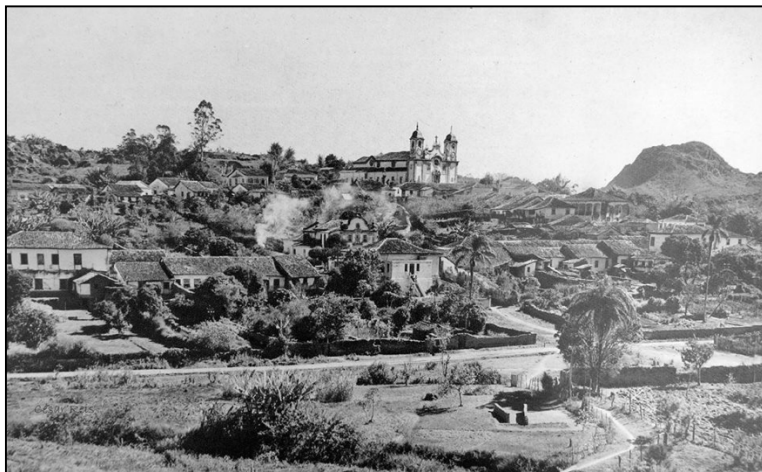
Com a extinção das lavras de ouro e a ausência de outras atividades econômicas, contando com apenas uma produção agrícola tímida, Tiradentes – como aconteceu com outras cidades após o encerramento daquele ciclo econômico – permaneceu durante décadas como cidade morta (PELLEGRINI FILHO, 2000). Recolhida no silêncio guardou um

extraordinário acervo artístico que homens e mulheres deixaram como testemunho das suas vidas e de uma época. Com isso, Tiradentes se beneficiou sob o aspecto da preservação, pois pôde manter intactas as suas características, enquanto outras cidades setecentistas logo sofreram processo de desgaste e até de destruição (FROTA, 1993). Assim, a situação de pobreza que imperava em Tiradentes contribuiu, de certa forma, para a permanência de seu conjunto urbanístico-arquitetônico: por um lado, os que nela residiam não tinham necessidade, e muito menos posses, para demolir/construir, e os de fora não viam interesse em nela investir (PELLEGRINI FILHO, 2000).

Tiradentes é redescoberta pelo Movimento Modernista brasileiro, movimento iniciado na década de 20 que desencadeou na consolidação da produção simbólica do patrimônio brasileiro. Esse movimento foi composto por um grupo de intelectuais não homogêneo (como o poeta e escritor Mario de Andrade, o escritor Oswald de Andrade, a pintora e desenhista Tarsila do Amaral, o arquiteto e desenhista Lúcio Costa), os quais lutaram simbolicamente para eleger o barroco mineiro como elemento central da representação de um “passado” que passou a ser considerado o patrimônio histórico e a identidade da nação brasileira (NEVES, 2013).

O movimento foi importante para concretizar a noção de patrimônio histórico e para a criação em 1936 do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), hoje conhecido como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade atuava mediante o mecanismo do tombamento dos remanescentes da arte colonial ameaçados pela urbanização, pelo saque, pela comercialização dos antiquários e colecionadores (OLIVEIRA, 2008). Ao longo das décadas em que Rodrigo Melo Franco de Andrade e seu grupo estiveram à frente do SPHAN (1936 a 1967) os tombamentos concentraram-se majoritariamente na arte e na arquitetura barroca, sobretudo de Minas Gerais e foi em 1938 que foi tombada a cidade de Tiradentes como patrimônio nacional, o que constitui um eixo de uma autêntica representação do Brasil (OLIVEIRA, 2008).

Foto 7 - Tiradentes na década de 1940



Fonte: Falcão, 1946

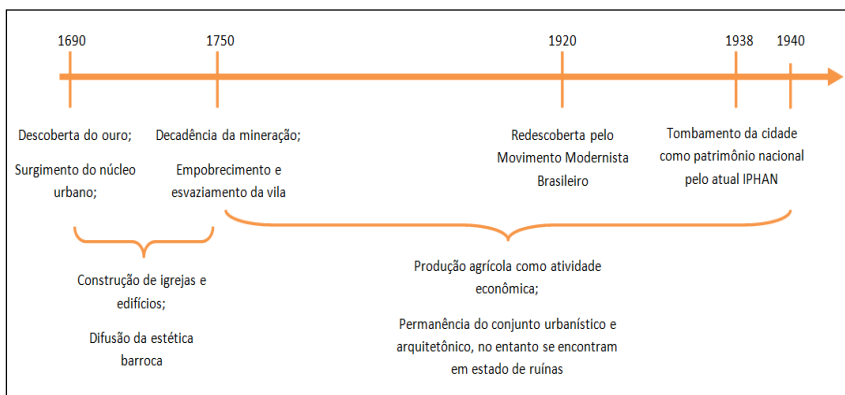
Mesmo estando inserida no primeiro conjunto de núcleos urbanos tombados pelo órgão federal, consagrados como símbolos da identidade nacional, foi necessário que décadas se passassem até que fossem direcionados para Tiradentes cuidados que preservassem o seu extraordinário acervo histórico e artístico (FROTA, 1993).

De acordo com o Inventário de proteção do acervo cultural de Tiradentes (2002), apesar do tombamento da cidade em 1938 e da significação de uma memória nacional de algumas cidades, em Tiradentes, as edificações ficaram em estado de ruínas no período de 1938 até os anos 1970. Apenas poucas exceções, como a matriz de Santo Antônio e a Casa do Padre Toledo, de todo o restante do conjunto tombado, presenciaram as iniciativas de recuperação ou restauro por parte do órgão federal ou de seus proprietários (VALLE, 2014). Isso se explica devido à pobreza de recursos da cidade paulatinamente esvaziada, somada às escassas verbas do Patrimônio (FROTA, 1993).

A figura 12 aponta os principais acontecimentos ocorridos em Tiradentes, caracterizados pela expansão e declínio da economia aurífera

e seu posterior abandono, compreendendo, em termos cronológicos, período que se estende do século XVII até a segunda década do século XX, até a década de 1930 quando a cidade é redescoberta pelo Movimento Modernista brasileiro.

Figura 12 - Representação da linha do tempo de Tiradentes desde seu surgimento até a década de 1930



Fonte: Elaborado pela autora

4.3.2 Dos retratos da ruína e abandono à redescoberta da cidade pelos novos moradores: da década de 1940 à década de 1980

Até meados das décadas de 1940, Tiradentes padecia com a perda de sua população, devido à sua estagnação econômica. A dificuldade era tanta que muitos proprietários demoliam suas casas e reutilizavam o material das mesmas em residências em outras localidades, essencialmente em São João del Rei (PELLEGRINI FILHO, 2000). A imagem de uma cidade morta, cujo passado colonial surgia como um sinal de atraso, como um travo a sua modernização, ficou associada a Tiradentes, conforme demonstram muitas reportagens de imprensa publicadas ao longo do período (VALLE, 2014).

No entanto, nas décadas de 1950 e de 1960 uma nova atividade econômica fez Tiradentes se levantar e superar a fase decadente. A

situação da cidade começa a mudar com a confecção de joias artesanais usando a prata como matéria-prima. Muitos ourives da região se mudaram para o local, a produção aumentou, a demanda também, e a cidade sobreviveu com esse artesanato durante anos (CAMPOS, 2006). A fama das produções artesanais de joias de prata, que chegaram a ser vendidas para lojas de cidades longínquas, aumentou a produção, mas ao mesmo tempo fez cair a qualidade, o que resultou na diminuição da demanda e em seguida ao fechamento das oficinas, fazendo com que Tiradentes voltasse à estagnação conhecida após o término da mineração (PELLEGRINI FILHO, 2000).

Nos anos seguintes, décadas de 1960 e 1970, Tiradentes passa a conhecer outra atividade econômica, essa perdurando até os atuais dias: o turismo. Atraídos pela tranquilidade, pelas casas coloniais, pelos atrativos naturais, pelo artesanato, pela culinária regional, pela simplicidade da população local e também pela história do mártir da Inconfidência Mineira, viajantes começaram a visitar Tiradentes (CAMPOS, 2006).

O turismo começa a surgir devido também as transformações históricas e territoriais que emanam na área central da cidade. Nos primeiros anos da década de 1970, Tiradentes começa a receber pessoas vindas de outras cidades e que optam por viver ali, estabelecendo-se em tempo integral e criando alternativas econômicas para isto (como os proprietários do pioneiro Hotel Solar da Ponte), ou como uma alternativa de lazer para férias e fins de semana (como no caso de Maria do Carmo de Melo Franco Nabuco, socialite do Rio de Janeiro que se preocupava com a questão da preservação do patrimônio, nora do escritor abolicionista Joaquim Nabuco e prima de Rodrigo Mello Franco de Andrade) (VALLE, 2014).

Dentre os novos moradores se encontravam também artistas plásticos e artesãos (responsáveis por impulsionarem o artesanato tiradentino), empreendedores (responsáveis pela abertura de estabelecimentos ligados ao turismo) e Yves Alves, na época diretor da Globo Minas (principal responsável pela inserção da cidade na mídia).

Essas pessoas foram e ainda hoje (com menos intensidade) são chamadas pela população local de ETs, ou extratiradentinos, pois vieram de várias partes, principalmente das capitais brasileiras mais próximas como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro ali se instalaram em busca de tranquilidade e beleza e/ou atraídas pelo potencial do

desenvolvimento do turismo. Pode-se dizer que eles foram fundamentais para a construção da história recente de Tiradentes, pois mudaram não só o perfil demográfico da cidade, mas também suas características sócio-culturais.

A partir dos anos 1970 junto com os ETs (e muitas vezes por influência deles) surge uma preocupação e iniciativa de um grupo de intelectuais e artistas que se preocuparam com a recuperação do conjunto urbano histórico de Tiradentes, como a própria Maria do Carmo de Mello Franco Nabuco, Yves Alves e Israel Pinheiro (governador de Minas Gerais no período de 1966 a 1971) (NEVES, 2013).

Foto 8 – Tiradentes na década de 1970



Fonte: Publicação do grupo Tiradentes Mais na página de sua rede social

Além da iniciativa de pessoas físicas, houveram ações de instituições como a Fundação Rodrigo Melo Franco de Andrade (FRMFA), criada na década de 1970, que favoreceu para a preservação e recuperação do conjunto urbano, uma vez que seu objetivo era o de colaborar com o IPHAN e com o governo do estado de Minas Gerais no que se refere à preservação do patrimônio histórico da cidade,

promovendo restaurações de vários monumentos civis da cidade (como a Matriz de Santo Antônio) por meio da conquista de verbas da iniciativa privada (NEVES, 2013).

Essa fundação contava com um grupo influente como Tancredo Neves (político natural de São João del Rei, então deputado federal), Israel Pinheiro e o próprio Rodrigo Melo Franco e devido a sua rede privilegiada de contatos, foi possível de imediato a dotação de uma sede própria e a realização de diversas ações, em parceria com o atual Iphan e com o governo do estado (VALLE, 2014).

Além dessa fundação, em 1977 foi criado o Instituto Histórico e Geográfico (IHGT) da cidade de Tiradentes tendo como objetivo estudar a história local, proteger o patrimônio histórico, artístico, paisagístico, arqueológico, geográfico e cultural da região do Rio das Mortes. O instituto ainda hoje em atuação promove concursos histórico-literários, exposições de arte e documentos, seminários sobre história da região, além do regate dos acervos documentais ligadas a história local.

A preservação do patrimônio histórico prossegue nos anos 1980, quando novas pessoas físicas como Ângelo Osvaldo (ex-prefeito de Ouro Preto e presidente do Instituto Brasileiro de Museus) e Joaquim Falcão (diretor da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas) aparecem na cidade com a mesma intenção: a de colaborar com a preservação. Juntamente com Yves Alves e outros membros das elites econômicas e políticas, como John Parsons (proprietário do Hotel Solar da Ponte, desde os anos 1970), criam em 1982, a Sociedade dos Amigos de Tiradentes (SAT), instituição que se preocupou em recuperar os edifícios históricos do centro da cidade, que estavam ameaçados de desabar (NEVES, 2013).

A atuação da SAT não estava voltada para a restauração, mas sim para obras mínimas e emergenciais que proporcionassem a conservação das edificações históricas, a fim de impedir o desmoronamento das casas, possibilitar e assegurar a permanência dos moradores em suas residências no núcleo histórico (op. cit., 2013). De acordo com Araújo (2004) a SAT conseguiu a restauração do órgão da matriz através da Lei de incentivo à Cultura e o repasse de verbas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) para a restauração do chafariz e da ponte de pedra. Madureira (2011) ainda destaca que a SAT trabalhou em conjunto com o IPHAN, na restauração de prédios, inclusive casas não tombadas, ajudou a criar a corporação de artesãos, organizando e encaminhando-os

a feiras em vários estados do país, e elaborou vários textos sobre a cidade e seus elementos culturais e artísticos, publicados em jornais de Belo Horizonte.

Neves (2013) considera que a SAT foi uma instituição de grande relevância para a intensificação da transformação da área central da cidade, afinal o processo de recuperação dos edifícios históricos, em que esteve envolvida, contribuiu para o surgimento de estudos relacionados ao potencial turístico que a cidade oferece e para que, com o tempo, surgisse o turismo elitizado. Com esse turismo a área central de Tiradentes passou pela transmutação permitindo que os imóveis residenciais se tornassem estabelecimentos comerciais.

Além da criação da SAT, no início dos anos 1980 foi desenvolvido na cidade um projeto destinado à revitalização de pequenas comunidades que contava com o apoio da Organização Internacional do Trabalho, do Ministério do Trabalho e outras organizações internacionais (VALLE, 2014). Em 1981 foi organizada a primeira exposição de artesanato da cidade, mesmo ano em que foi criada a Corporação dos Artesãos de Tiradentes (CAT), a primeira associação a reunir os artesãos que tinha como objetivo organizar os artesãos da cidade e divulgar seu artesanato em feiras por diversos estados do país, sendo sempre bem-sucedida em suas vendas (op. cit., 2014).

De acordo com o Inventário de proteção do acervo cultural de Tiradentes (2002) no processo de revitalização da cidade destacou-se além da SAT, as atuações da Fundação Rodrigo Melo Franco de Andrade e do Instituto Histórico Geográfico de Tiradentes. Frota (1993) ainda cita a ação da Fundação Roberto Marinho, da Orquestra e Banda Ramalho, da Igreja com seus párocos, que hoje conservam cuidadosamente os arquivos eclesiásticos restaurados pelo IPHAN, e do permanente trabalho das Confrarias e Conferências das igrejas e capelas. Neves (2013) aponta também o aparecimento da Fundação João Pinheiro, a qual criou o plano de organização espacial de desenvolvimento turístico e de conservação das edificações de Tiradentes.

A atuação desses atores da sociedade civil e das instituições criadas mudou a dinâmica e a fisionomia da cidade. A escolha de Tiradentes como local de moradia por esses atores atuantes da sociedade civil não foi motivada naquela época por uma opção comercial, e sim pelo interesse em usufruir de um ambiente e de um cenário especial, no entanto mesmo

assim esses atores provocaram grandes transformações (VALLE, 2014). Madureira (2011) compartilha dessa opinião e acentua que a presença dos ETs foi significativa para essas transformações, já que dentre a população local talvez não existisse, ao menos naquele momento, as condições culturais e cognitivas necessárias para fomentar essas iniciativas.

Cabe ainda acentuar que o IPHAN também favoreceu para a preservação do conjunto urbano de Tiradentes, como destaca em entrevista, Olinto Rodrigues dos Santos Filho, pesquisador e membro técnico do IPHAN e do Instituto Histórico e Geográfico, o qual assegura que se não houvesse o tombamento e a intervenção do IPHAN certamente a situação de Tiradentes teria sido outra: ela teria sido engolida pela expansão urbana, fato que aconteceu em vários outros municípios brasileiros.

No plano urbanístico a instalação de uma rede subterrânea de energia elétrica instalada em 1984, adaptou a iluminação pública ao caráter da cidade de período colonial, dando uma boa visibilidade ao ambiente histórico do conjunto urbano, contribuindo também para o potencial turístico. Essa instalação teve a participação do governo do Estado de Minas Gerais, através da implantação realizada pela CEMIG e da própria prefeitura Municipal (CAMPOS, 2006).

No entanto, na década de 1980 apesar das restaurações das casas do centro histórico, essa região da cidade era composta em sua maioria por residências de pessoas de Tiradentes e o número de turistas na cidade ainda era pequeno (NEVES, 2013). Havia uma política tímida de estímulo ao turismo nessa época, mas Tiradentes somente passa a ser um destino importante para os viajantes a partir do início da década de 1990, sendo que, até então, contava apenas com as construções em seu centro histórico e algumas pousadas e restaurantes rudimentares (NEVES, 2013; TONET, 2014).

A consolidação do conjunto por meio da pluralidade de ações também contribuiu para despertar a vocação para o turismo cultural da cidade (FROTA, 1993). Antes disso, nos anos 1970, a área do município divulgada como espaço turístico era o Balneário de Águas Santas, localizado a 20 quilômetros do “centro histórico” (NEVES, 2013).

Um dos resultados dessa crescente mobilização da sociedade civil foi a produção de um alentado diagnóstico sobre a região e a cidade, levado a cabo pela Fundação João Pinheiro (FJP), que repercutiu na esfera

do poder público, resultando um convênio firmado entre a FJP, a Superintendência de Articulação com os Municípios e a ANVER - Associação dos Municípios do Campo das Vertentes (VALLE, 2014). Tal diagnóstico apontava os problemas de infraestrutura urbana enfrentados por Tiradentes (a rede coletora de esgotos era mínima, com o lançamento do esgoto in natura nas redes fluviais das áreas urbanizadas; o abastecimento de água precário; as estradas vicinais muito sofríveis; não havia nenhum médico residente na cidade, que contava com dois ambulatorios médicos particulares) e desta forma, sugeria a articulação dos governos e órgãos públicos (prefeituras, Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, ANVER, Instituto Estadual de Florestas, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) (op. cit., 2014).

Foi assim que o plano de desenvolvimento urbano do município de Tiradentes inseriu-se no Programa Estadual de Restauração e Preservação para os anos de 1977-1979 e foram desenvolvidos de acordo com o Programa das cidades históricas do governo federal, no qual Tiradentes recebeu prioridade 1 (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO apud VALLE, 2014).

Além de apontar os problemas vivenciados por Tiradentes naquela época, o estudo realizado pela FJP demonstrava o potencial da cidade para o turismo cultural, destacando o patrimônio artístico-cultural como principal atrativo regional não deixando de citar as manifestações folclóricas, o artesanato e as atrações naturais (VALLE, 2014). Cabe aqui destacar que nos anos 1970 e 1980, além da infraestrutura turística ser mínima, contando com pouquíssimos hotéis e restaurantes, a maior parte dos visitantes hospedava-se em São João del Rei, o que não resultava em recursos financeiros para a economia da cidade (op. cit., 2014).

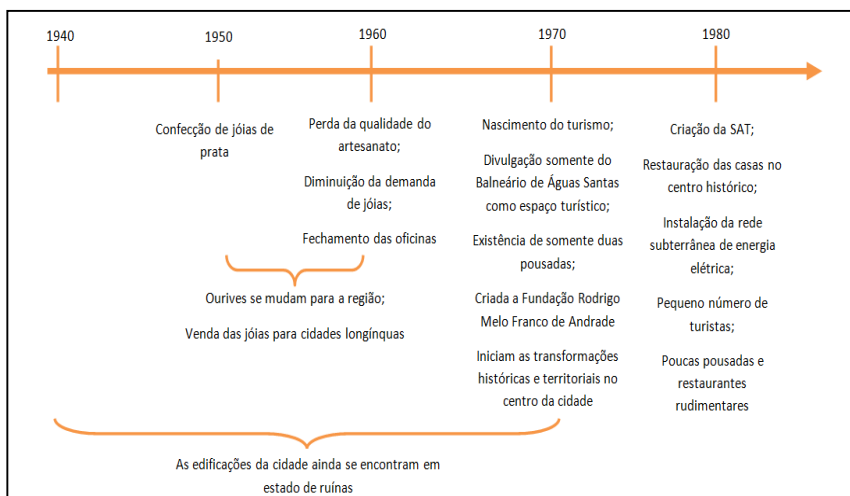
Apresentados esses dados, a FJP sugeria atitudes que conjugava a preservação da cidade com seu desenvolvimento, pautando em valores como: manutenção do ambiente urbano como reforço da coesão social e fortalecimento da vida comunitária; adaptação gradativa do centro histórico às novas demandas e usos; adequação da função turismo às diretrizes de uso e ocupação do solo urbano; qualificação do ambiente urbano sustentado pelos bens culturais que são preservados na relação com a tradição e na continuidade dos laços de sociabilidade (VALLE, 2014).

O diagnóstico e as soluções para melhoria de Tiradentes foram apresentados em um momento oportuno, quando os primeiros sinais de transformação urbana surgiam, no entanto nada foi implementado naquela época. Tiradentes seguiu sem planejamento, rumo às profundas mudanças que ocorreram nas décadas posteriores, como será destacado na próxima seção.

É importante aqui salientar que a postura que as instituições do terceiro setor (SAT, IHGT, IPHAN, FJP) assumem de zeladoras do patrimônio quase sempre apoiadas (sobretudo financeiramente) por empresas, demonstra claramente que a gestão pública do patrimônio que se via em 1938 foi substituída por uma gestão compartilhada, na qual a sociedade civil e a iniciativa privada têm papel fundamental (MADUREIRA, 2011).

Os principais acontecimentos que ocorreram em Tiradentes na década de 1940 a 1980 são representados na figura 13, caracterizados pela redescoberta da cidade e início de sua transformação territorial.

Figura 13 - Representação da linha do tempo de Tiradentes da década de 1940 a década de 1980



Fonte: Elaborado pela autora

4.3.3 O despertar e o auge do turismo: da década de 1990 aos dias atuais

A intensificação do processo de transformação do Centro Histórico nutriu o território promovendo sua vocação para o turismo. Sua divulgação pelos meios de comunicação (em Internet, jornais impressos, folders, grandes emissoras de TV), bem como a divulgação das igrejas e dos eventos criados como a Mostra de Cinema e o Festival Internacional de Gastronomia, promoveram a cidade na competição interterritorial e interlocal do mercado global turístico, passando a atrair turistas de todos os cantos do Brasil e do mundo (NEVES, 2013). A gravação de minisséries, novelas e filmes na cidade, também complementou e intensificou a divulgação e, conseqüentemente, atraiu maior número de turistas.

Esses acontecimentos inseriram Tiradentes no campo do turismo e favoreceram uma série de atividades socioeconômicas, as quais promoveram novos significados e nova configuração para o espaço urbano (NEVES, 2013). Foi por meio dessas atividades que o investimento no Centro Histórico ganhou ainda mais força.

Novos empresários, especialmente de outras localidades, passaram a investir no Centro Histórico por meio da compra e restauração dos imóveis dessa região, transformando as antigas residências em estabelecimentos comerciais, criando, desta forma, novas funções econômicas e sociais. Com isso, museus, hotéis, pousadas, restaurantes, bares, galerias de arte e lojas de artesanato se multiplicaram pelas ruas, largos e becos, adaptando edificações públicas e residenciais para estas novas funções relacionadas ao turismo, reativando a economia local, valorizando e difundindo o rico acervo arquitetônico, favorecendo cada vez mais sua vocação turística (ALBANO, 2002).

O patrimônio histórico, no entanto, passa a ser visto como mercadoria pela maioria dos empresários, publicitários e representantes do poder público. Isso atraiu significativos volumes financeiros despendidos pelo público consumidor, mas, ao mesmo tempo, colaborou com a perda da sua identidade, diferente do que pregavam os ideais

preservacionistas defendidos pelos membros da SAT e do IPHAN (NEVES, 2013).

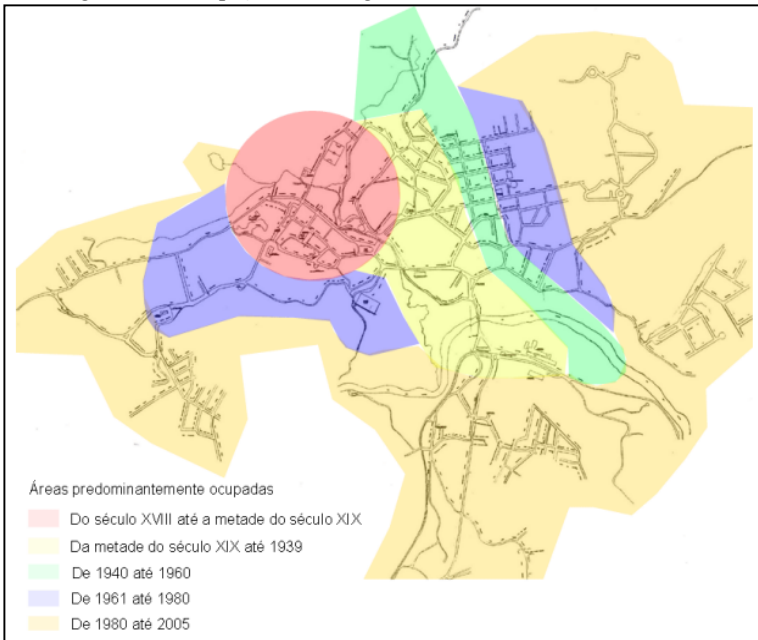
Com o novo significado e a nova configuração do Centro Histórico houve a valorização dos imóveis, o que resultou na venda das casas da região central. Isto é, os moradores tiradentinos que habitavam na região valorizada venderam seus imóveis para os ETs (os quais transformaram em estabelecimentos ligados ao turismo) e após a venda se locomoveram para zonas periféricas.

O Centro Histórico foi esvaziado do significado que os tiradentinos e seus laços com o cotidiano imprimiam a ele (MADUREIRA, 2011). Essa mudança do centro para a periferia gerou a eles um sentimento de não pertencimento àquele lugar que até então fazia parte da sua identidade. Muitos deles, se sentindo deslocados, se integraram na dinâmica econômica proporcionada pela indústria turística, por meio do emprego e ou subemprego nas pousadas, restaurantes e lojas do centro histórico.

Essas transformações no padrão da urbanização da cidade provocaram uma expansão urbana em todas as direções, criando um crescimento desordenado, não planejado e intenso: ampliação de bairros já existentes (Cuiabá, Várzea de Baixo e Cascalho) e formação de novos bairros, muitas vezes sem a infraestrutura necessária e invisíveis para o turismo, gerando, até nos dias atuais, uma segregação territorial (NEVES, 2013).

Essa segregação pode ser melhor visualizada na figura 14, a qual apresenta a ocupação cronológica de Tiradentes de 1702 até o ano de 2005.

Figura 14 - Ocupação cronológica de Tiradentes de 1702 a 2005



Fonte: Campos (2006)

Yázigi (2003, p.259) apresenta uma crítica quanto a esse movimento de esvaziamento do Centro Histórico e formação de novos bairros (movimento este que não diz respeito somente à cidade de Tiradentes como às cidades históricas de um modo geral): enquanto na cidade cenário (conhecida também como cidade empreendimento, cidade vitrine, cidade competitiva, e mais comumente cidade espetáculo) ocorre o consumo do lugar pelos visitantes, “o entorno, indigno de ser visto, é intencionalmente escondido”. Madureira (2011) compartilha de seu posicionamento e assegura que Tiradentes foi dividida em partes turísticas e não turísticas, entre cenários (criados para atrair visitantes) e bastidores (onde a população se recolhe). Para a autora, o Centro Histórico cumpre seu papel de cenário, enquanto os novos bairros abrigam as pessoas e usos que já não cabem mais nele.

Foto 9 - A cidade cenário e o seu bastidor. A Rua Direita e o Bairro considerado periferia.



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Cabe destacar que mesmo com a ampliação da periferia, a cidade não se tornou polinucleada, concentrando ainda toda a sua vitalidade no Centro Histórico, conforme confirma Campos (2006). Isso significa que o Centro Histórico mantém uma centralidade política, econômica e simbólica, por contar com a secretária municipal de turismo, câmara municipal, polícia, rodoviária, correio, IPHAN, IHGT, Centro Cultural Yves Alves, campus avançado da UFMG, Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, Banco Itaú, Banco Bradesco, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, lotérica, além das igrejas, histórias, memórias.

No entanto, o processo de segregação não alcançou somente às condições sociais e espaciais da população tiradentina, mas também atingiu sua relação cultural e simbólica com a cidade, que se tornou cada vez mais uma mercadoria a ser apropriada e usufruída pelos turistas (VALLE, 2014).

De acordo com Olinto, pesquisador e membro técnico do IPHAN e do Instituto Histórico e Geográfico, em entrevista para Zolini (2007), quem sofreu mais com as alterações sociais e econômicas foram as manifestações da cultura popular que tiveram que mudar de área geográfica. Olinto destaca como exemplo a festividade da Folia de Reis,

manifestação popular religiosa ligada à comemoração do Natal. Nesta manifestação grupos de foliões visitam as casas cantando e tocando músicas de louvor a Jesus e aos Santos Reis, em volta do presépio. De acordo com Olinto, a migração das pessoas do centro histórico para outros bairros fez com que a folia fosse impossibilitada de circular no mesmo lugar de antigamente. Fato este que, em sua opinião, muda completamente o sentido da celebração, uma vez que não há mais o caráter espontâneo, sendo somente uma apresentação programada, direcionada ao turista. Da mesma forma, as confrarias e os eventos religiosos necessitam de uma flexibilização para conviver com as modificações que ocorreram nos últimos anos na cidade por conta do turismo.

Tiradentes não só perdeu substância na crescente dificuldade de perpetuação das tradições e das festas religiosas populares, como também enquanto espaço de sociabilidade para sua população original, que não mais se apropria dos espaços do centro histórico, à exceção talvez do Largo das Forras, principal praça de Tiradentes (VALLE, 2014). O estudo de Madureira (2011) corrobora com Valle (2014) e aponta que até mesmo o Largo das Forras está sendo cada vez menos frequentado pelos tiradentinos. Segundo a autora, a principal causa disso são os preços praticados nos estabelecimentos, bem como a progressiva falta de identificação do cidadão com o espaço.

Fica evidente, novamente, a perda da identidade e a dificuldade de socialização dos tiradentinos no Centro Histórico. Somente as igrejas ainda fazem parte do cotidiano da população local, devido à forte presença da religião na cidade. Em minha passagem pelo campo, pude perceber e vivenciar a devoção, a fé e a religiosidade do povo mineiro. Atentei para as igrejas do Centro Histórico no domingo, repleta de fiéis, com destaque para a Matriz de Santo Antônio e a igreja Santíssima Trindade que mesmo no domingo logo cedo, se encontravam preenchidas não só de devotos tiradentinos, como também de fiéis das cidades vizinhas.

A fragilidade e quase inexistência de políticas públicas de inclusão da população tiradentina aprofundou a segregação sócio espacial em Tiradentes (VALLE, 2014). No entanto, por mais que o turismo tenha causado segregações sócio espaciais, ele também representou um alívio para a população local, uma vez que os tiradentinos foram durante muitas décadas vítimas de estagnação econômica (CAMPOS, 2006). Além disso, evitou o êxodo dos moradores para grandes centros urbanos, e, ao mesmo

tempo, fez com que retornassem ao território indivíduos que haviam migrado para outras regiões, bem como contribuiu com a migração de indivíduos de outras cidades (FROTA, 1993).

É importante ainda destacar aqui que até o ano de 1997 Tiradentes não possuía um órgão municipal específico para planejar e fiscalizar as obras da cidade, cabendo esse papel exclusivamente ao IPHAN. Nesse ano foram publicadas as normas de uso e ocupação no solo de Tiradentes, a fim de regulamentar as múltiplas e aceleradas intervenções que ocorriam no núcleo histórico da cidade (VALLE, 2014). Nessa época começam a surgir os conflitos entre os empresários, principais interessados pelas atividades turísticas, e o IPHAN, órgão destinado a preservar o patrimônio histórico da cidade, principal chamariz do turismo. Desde então, o conjunto urbano tombado tem sido mantido nesse difícil equilíbrio entre dinamização e preservação, do qual dependem todos os atores envolvidos – sejam técnicos do IPHAN, sejam empresários ou agentes públicos (VALLE, 2014).

Em termos de políticas públicas, é importante frisar que elas focavam exclusivamente na revitalização do Centro Histórico e por ele ser visto como uma área de potencial econômico recebeu o aporte de capitais e projetos para sua revitalização originado de várias fontes, desde empresas estatais, como a Embratur, até empresas particulares, passando ainda pela participação do governo do Estado de Minas Gerais (CAMPOS, 2006). Ainda referente às contribuições recebidas para a fortalecimento do Centro Histórico, Neves (2013) destaca a ocorrência de parcerias entre o poder público e instituições privadas, como a Fundação Roberto Marinho e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), as quais tinham como objetivo o recebimento de verbas ou a criação de projetos voltados para a restauração de monumentos históricos, como as igrejas e casarios.

De acordo com Tonet (2014), os investimentos públicos do Governo do Estado de Minas Gerais e do Governo Federal ganharam força na década de 1990, vislumbrando o turismo nascente e as novas possibilidades de geração de renda que os novos atrativos poderiam ensejar. O autor destaca, entre esses investimentos, a reforma da Estação de Trem da linha Tiradentes – São João Del Rei, os acessos pavimentados à cidade de Tiradentes, a criação do Circuito Turístico das Águas e da Estrada Real.

Na década de 1990 outras instituições surgiram para contribuir, direta ou indiretamente, com o desenvolvimento da cidade. Uma dessas instituições é o Instituto Estrada Real (IER), organização privada criada em 1999, ligada à Fundação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG), que tem como objetivo criar um novo roteiro turístico, organizando, fomentando e gerenciando o produto relacionado ao turismo.

A Estrada Real é o eixo principal do ciclo do ouro que exerceu papel fundamental no desenvolvimento político, cultural e socioeconômico do Brasil. Essa estrada foi transformada pelo IER em um programa turístico pioneiro no país, que além de resgatar as tradições locais, fomenta o desenvolvimento socioeconômico e a oferta de atrativos turísticos sustentáveis e de qualidade (INSTITUTO ESTRADA REAL, 2013a). Além de sua criação, em 1999 foi editada a Lei nº. 13.173, que institui, em Minas Gerais, o Programa de Incentivo ao Desenvolvimento do Potencial Turístico da Estrada Real.

Tiradentes é uma das centenas de cidades que pertence a Estrada Real. Em entrevistas com pessoas ligadas ao poder público da cidade, quando questionadas sobre a relevância da Estrada Real para o desenvolvimento de Tiradentes nenhuma delas referenciou a participação da cidade na Estrada Real como algo que contribuiu para a revitalização do Centro Histórico, tampouco para o incremento do turismo. Para o atual prefeito a “Estrada Real foi um grande marketing” e seu caminho é “mais fictício do que real”, uma vez que todas as cidades que estavam no entorno do caminho conseguiram participar mesmo sem fazer parte do roteiro da estrada original. Assim, em sua opinião “é uma estrada irreal” e não gerou mais movimento turístico para a cidade.

Em 1997, uma nova organização surge em Tiradentes: o Centro Cultural Yves Alves, construído por iniciativa da Sociedade dos Amigos de Tiradentes, da Fundação Roberto Marinho, da Prefeitura Municipal de Tiradentes – proprietária do prédio – e da Rede Globo Minas, viabilizada pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, segundo dados do site da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (atual responsável pela manutenção desse centro cultural). A fim de diminuir a segregação social existente, o Centro Cultural foi concebido com a intenção de constituir-se uma entidade cultural capaz de promover a melhoria da qualidade de vida da comunidade local, através da realização de eventos

que visassem difundir o conhecimento da cidade e desenvolver suas instituições culturais e empresariais, de acordo com os dados da mesma fonte.

O Centro Cultural Yves Alves hoje é administrado pelo Serviço Social da Indústria (SESI) e Instituto Estrada Real e apresenta uma programação regular com sessões de cinema gratuitas, espetáculos musicais, teatrais e de dança, além de exposições permanentes e temporárias, abertas a aos moradores, turistas e visitantes. Ainda de acordo com o site do patrocinador, o Centro Cultural, além de sediar e apoiar todos os festivais de cunho cultural que acontecem em Tiradentes, realiza, dentro e fora de seu espaço, atividades em parceria com as redes municipal e estadual de ensino e entidades filantrópicas locais.

Mesmo o Centro Cultural tendo como foco principal os moradores tiradentinos, Flavia Maria Frota de Souza, gerente do Centro, assegura que os mesmos não costumam frequentar com regularidade. Segundo ela, “tirando as igrejas, o morador tiradentino não costuma frequentar o centro histórico”. Ainda de acordo com a gerente, o centro cultural só fica superlotado pelos tiradentinos quando há apresentações do Grupo Teatral Entrevista.

Esse grupo surgiu em 1992 em Tiradentes com o objetivo inicial de apresentar serestas e teatro na rua. A instituição foi criada para ser um forte ponto de apoio cultural para Tiradentes, São João del Rei e região, onde se trabalha com atividades que visam, por um lado, recuperar seu passado cultural e, por outro, inovar com sustentabilidade e respeito ao patrimônio histórico e artístico. Por mérito, em 2008 transformou-se em Ponto de Cultura (entidade que implementa projetos financiados e apoiados institucionalmente pelo Ministério da Cultura do Brasil). De acordo com Sérvulo Matias Filho, membro do Grupo Entrevista, por meio do Ponto de Cultura, o grupo foi responsável pelas restaurações recentes da Capela de São Francisco de Paula, Nossa Senhora do Pilar do Padre Gaspar e Igreja de Nossa Senhora das Mercês, com o apoio financeiro do BNDES.

Ainda na década de 1990 foram criadas, pela Secretaria de Turismo de Tiradentes, estratégias relacionada ao turismo que incorporassem um conceito de hospitalidade e promoção de atividades culturais com temáticas voltadas a um segmento mais sofisticado, de renda mais elevada e ávida por novos conhecimentos e relacionamentos (cinema,

gastronomia, história, entretenimento) (TADINI JR; SILVA; OBA, 2006).

O primeiro evento criado foi o Tiradentes Bike Fest, também conhecido como Encontro de Motos Clássicas. O evento, que acontece anualmente na cidade de Tiradentes desde 1992 é considerado um dos principais festivais de motocicletas do Brasil. Em entrevista concedida por Rogério Almeida (tiradentino, historiador, antigo vereador e atual administrador do Museu da Liturgia) é este o evento que mais trás recursos financeiros para a cidade, desde sua criação, e assim até hoje. No entanto, é também este o evento que mais traz tumulto para os moradores, mesmo acontecendo somente em três dias. As milhares de motos reunidas afetam o cotidiano da população local e, além disso, contribuem para o fim de uma tradição da cidade, conforme destaca Rogério: “antes existia uma fogueira de São João e hoje nesse local há um encontro de moto”.

Em 1998 houve a criação de dois novos festivais na cidade: a Mostra de Cinema de Tiradentes e o Festival de Gastronomia, festivais esses que continuam até hoje. A Mostra de Cinema inaugurou oficialmente o calendário audiovisual brasileiro e assume a missão não só de mostrar cinema, como também de difundir e promover o encontro do público com as produções nacionais, destaca Raquel Hallak, coordenadora da Mostra de Cinema de Tiradentes desde sua primeira edição em 1998 até os dias atuais, em entrevista para o site Cinefestivais. De acordo com a coordenadora do evento, a mostra que hoje acontece em nove dias apresenta uma programação cultural oferecida gratuitamente à população, reunindo num amplo e rico painel mais de 100 trabalhos audiovisuais brasileiros (longas, curtas e vídeos), além da realização de oficinas profissionalizantes, debates, mesas-redondas, encontros com personalidades do segmento audiovisual e cultural.

O estudo de Tadini Jr, Silva e Oba (2006) apresenta estatísticas que demonstram a importância econômica desse festival para a cidade. De acordo com o autor, a mostra de cinema de 2005 gerou para a economia local, cerca de R\$ 2 milhões e mais de mil empregos diretos e indiretos. Durante o evento, todos os 4700 leitos das 105 pousadas da cidade foram ocupados. O orçamento do evento foi de R\$ 940 mil, captados por meio das leis Federal e Estadual de Incentivo à Cultura.

Em entrevista concedida por Ralph Araújo Justino, atual prefeito da cidade, o festival de cinema e o evento das motos foram os dois eventos

que perderam um pouco o controle, pois cresceram muito em número de participantes, o que tem causado incômodo nos últimos anos para os moradores da cidade.

Rogério, antigo vereador e atual administrador do Museu da Liturgia, demonstra claramente seu descontentamento com esse tipo de festival, por mais que ele traga ganhos financeiros para a cidade: “eu não quero amostra de cinema. Eu quero festival de Artes e Vertentes, eu quero Foto em Pauta que quando vem pra cidade fotografa as pessoas da cidade, faz oficina com as pessoas mais simples. Agrega”. Esses dois festivais destacados por Rogério surgiram nos anos 2000 e serão descritos mais a frente.

Em conversas com diferentes pessoas que habitam em Tiradentes, sejam tiradentinos ou não, pessoas ligadas ao poder público ou apenas cidadãos, ficou evidenciado o descontentamento da população local principalmente com esses dois eventos por eles não agregarem valor, além do econômico, nem à cidade, nem a seus cidadãos.

O Festival de Gastronomia, também criado no ano de 1998, se tornou um dos mais tradicionais eventos da cidade e também atrai todos os anos várias pessoas interessadas em participar. O evento que acontece em nove dias apresenta como o ponto principal os festins, que são os jantares de renomados chefs nacionais e internacionais, destinado a um público interessado em gastronomia.

De acordo com Ralph, atual prefeito da cidade e criador do Festival de Gastronomia, diferente dos outros dois eventos já destacados, esse festival, por ocupar menos espaço e por atrair um público diferenciado com maior poder aquisitivo, não causa grandes tumultos e confusões para a cidade e seus habitantes. Além disso, segundo ele, a cidade está envolvida como um todo no festival, uma vez que existe uma programação gratuita que envolve cursos, degustações, atrações culturais desde a primeira edição do evento.

Ralph ainda destaca que mesmo sendo o encontro de motos, o evento que mais alavanca a economia da cidade, foram o Festival de Cinema e o de Gastronomia, os dois eventos que mais desenvolveram o turismo da cidade, divulgando-a e aumentando seu movimento turístico. Estes dois festivais se tornaram os grandes produtos culturais de Tiradentes.

Apesar disto, diferente dos eventos religiosos, como a Semana Santa que atrai a população local, estes eventos criados na década de 1990 não apresentam relações com a história e a identidade da cidade, sendo eventos comerciais inventados tendo como público alvo os turistas.

Conforme destaca Madureira (2011), em 1980 a Festa da Santíssima Trindade, evento este relacionado a história e cultura da cidade chegava a atrair mais de 3 mil romeiros, número expressivo para uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. No entanto, os eventos criados a partir dos anos 1990 recebem ainda mais visitantes. De acordo com o estudo de Oliveira, Pizzolato e Longo (2008), nos anos 2000 Tiradentes passa a receber cerca de 50 mil turistas no Carnaval, 40 mil no Festival de cinema, 30 mil no festival de gastronomia e 5 mil no encontro de motos. Os autores ainda ressaltam que esse número significava o dobro a 10 vezes a população de Tiradentes na época, que era de aproximadamente 5 mil pessoas.

De acordo com Ralph, atual prefeito da cidade, em entrevista, os eventos foram importantes, pois fizeram a divulgação da cidade, posicionando-a no mercado brasileiro e também no internacional. Assim, segundo ele o boom do turismo que acontece a partir dos anos 1990 ocorreu através do turismo de eventos.

Ainda referente à década de 1990 cabe destacar as três etapas, destacadas na tese de Tonet (2014) que Tiradentes percorreu até ser considerada como um destino turístico. Essas etapas, de acordo com o autor, (criação de um destino turístico de Tiradentes; consolidação de Tiradentes como destino turístico; e diáspora produtiva e do varejo e o surgimento do atacado) apresentam uma dinâmica própria que ora envolve os atores em ações colaborativas ora promove dispersão ou mudanças na atividade artesanal.

Nas duas primeiras etapas o autor aponta a concentração da venda de varejo de peças de artesanato na cidade de Tiradentes e a sua descentralização dos vilarejos e municípios vizinhos. No entanto, com o aumento dos valores de compra e aluguel de imóveis em Tiradentes há uma migração dos artesãos e comerciantes de artesanato para outras localidades, o que faz surgir novos polos de produção e venda de artesanato. Assim, a região das Vertentes, em Minas Gerais, compreendida pelos municípios de Tiradentes, Prados, Santa Cruz de Minas e Resende Costa, além do distrito de Vitoriano Veloso ou

“Bichinho”, se desenvolveu fortemente a partir da década de 1990, apresentando uma especialização da produção artesanal.

Segundo Tonet (2014), o foco destinado ao turista em Tiradentes foi fator de modificação das dinâmicas socioeconômicas de toda a região, uma vez que as cidades do entorno apresentaram núcleos específicos para o atendimento aos lojistas, além da venda em grandes quantidades (atacado). Isso gerou uma mudança no nível de geração de emprego e renda, por meio do artesanato e da venda desses produtos principalmente por atacado e, hoje, representa significativa forma de ocupação e geração de renda.

Além da geração de emprego e renda, o turismo em Tiradentes proporcionou uma acentuada especulação imobiliária. Nos anos 2000, constatou-se que os imóveis tiveram um aumento de cerca de 2000% (NEVES, 2013). No início da década de 1990, uma casa do centro histórico, mal conservada, valia 25 000 reais, chegando a custar no mínimo quatro vezes mais no início dos anos 2000 (EDWARD, 2002). Hoje há somente duas casas no centro histórico ainda habitadas por tiradentinos, as demais casas são estabelecimentos ligados ao turismo.

Além da especulação imobiliária, Edward (2002) assegura que Tiradentes apresenta, a partir do início dos anos 2000, excesso de empregos, resultando na importação de trabalhadores de outras cidades para cobrir as vagas ofertadas em Tiradentes. Realidade esta que continua até hoje, conforme pude presenciar no campo com o Festival de Gastronomia e conforme relatos dos entrevistados.

O número da quantidade de pousadas e restaurantes marca o início e o desenvolvimento do ciclo do turismo. De acordo com Pellegrini Filho (2000), nas décadas de 1960 e 1970 havia duas ou três pousadas, já nos anos de 1990 elas se multiplicaram, juntamente com restaurantes e lojas de souvenir, apresentando em 2000, mais de 65, e em 2002 em torno de 86 pousadas e hotéis cadastrados. Isso mostra o crescimento significativo e acelerado das unidades hoteleiras na cidade: em 22 anos, de 1972 a 1994, haviam surgido 14 novos estabelecimentos, enquanto no período entre 1995 e 1999, ou seja, somente quatro anos, 13 novos estabelecimentos surgiram (PELLEGRINI FILHO, 2000).

Quanto aos restaurantes, Edward (2002) destaca que em 2002 Tiradentes apresentava 51 estabelecimentos desse tipo, sendo que dois deles faziam parte dos três restaurantes de Minas Gerais merecedores de

duas estrelas do Guia Quatro Rodas. Hoje Tiradentes apresenta, segundo dados da Secretaria de Turismo, 138 pousadas e hotéis cadastrados, 85 restaurantes, sendo 6 deles estrelados no Guia Quatro Rodas.

A partir dos anos 2000 criaram-se novos eventos e festivais para atrair ainda mais viajantes para a cidade de Tiradentes. De acordo com a entrevista concebida pelo prefeito Ralph, a cada mês Tiradentes tem um grande evento, para movimentar a cidade, gerar recursos, estimular a economia. Tiradentes conta hoje com 15 eventos que acontecem de janeiro a dezembro com exceção do mês de julho, mês de grande movimento turístico devido às férias escolares. De acordo com Ralph, a programação cultural da cidade é uma das melhores programações do Brasil, apresentando projeções tanto nacionais, quanto internacionais.

O quadro 7 apresenta os 15 eventos que acontecem em Tiradentes ao longo do ano incluindo suas principais características.

Quadro 7 – Tiradentes e seus eventos anuais

Mês	Evento	Principais características do evento
Janeiro	Mostra de cinema	Evento anual desde 1998, hoje em sua 18ª edição. Em nove dias a mostra apresenta ao público a diversidade da produção cinematográfica brasileira.
Fevereiro	Carnaval	É considerado um dos melhores Carnaval de Rua de Minas Gerais, com suas bandas e blocos caricatos, como os "Domésticas", "Roma foi pouco".
Março	Foto em Pauta	Depois de oito anos de sucesso do projeto Foto em Pauta, surgiu o Festival de Fotografia que está na sua 5ª edição. O festival conta com atividades ministradas por grandes nomes da fotografia no Brasil e no mundo. Produzem exposições, workshops, palestras, debates, leituras de portfólio, projeções de fotografias e atividades educativas voltadas para a comunidade local.

Abril	Semana Santa	O evento religioso preserva tradições centenárias. As pequenas capelas conhecidas como passos da Paixão de Cristo, erguidas na cidade a partir de 1729, são abertas somente nessa época do ano, e servem para representar o calvário vivido por Jesus Cristo. As procissões passam pelas ruas e vielas da cidade comovendo quem à acompanha. As celebrações são embaladas pela tradicional e tiradentina Banda Ramalho, que executa cânticos de compositores mineiros, dos séculos 18 e 19.
	Banquete da Inconfidência	Realizado pela primeira vez em 2013, o banquete proporciona para cerca de 2000 pessoas pratos preparados na hora. Por uma noite a estrutura de um restaurante é levada para o meio da rua da cidade histórica e reúne chefes de cozinha que preparam o melhor da culinária mineira a céu aberto.
Maio	Mostra de teatro Tiradentes em Cena	Em sua terceira edição, a mostra gratuita abrange e valoriza a diversidade da produção teatral brasileira e fomenta a produção artística. Além de espetáculos de repercussão nacional, acontecem cursos e debates.
	Tiradentes Vinho e Jazz Festival	Em sua 3ª edição, com uma proposta de unir o prazer da boa música com o sabor do vinho, o festival, durante 3 dias, apresenta os melhores vinhos juntamente com alguns dos mais renomados nomes do Jazz.
Junho	Jubileu da Santíssima Trindade	A festa religiosa atrai milhares de fiéis vindos para se reunirem em momentos de fé e devoção, e mostra que Tiradentes ainda preserva muitas tradições católicas. Além de Missas, novenas e procissões, o Jubileu conta com barracas de roupas, bebidas e salgados.
	Bike Fest Tiradentes	Em sua 23ª edição, acontece em 5 dias, o Encontro de Motos Clássicas, conhecido também como Bike Fest, o qual representa um encontro de amigos apaixonados pela marca Harley-Davidson. O evento é considerado o mais clássico do Brasil e apresenta as motos mais sofisticadas.

Agosto	Festival Cultural e Gastronomia	Evento anual desde 1998, hoje em sua 18ª edição. Em nove dias a mostra apresenta festins, degustações, shows e exposições. O festival é hoje considerado um sucesso que gera emprego, renda e acaricia os mais exigentes paladares.
Setembro	Festival Artes e Vertentes	Criado em 2012, estando em sua 4ª edição o festival apresenta uma programação que permite ricos diálogos entre as diversas formas de expressões artísticas: música clássica, literatura, artes visuais, instalações audiovisuais, cinema, dança, teatro e intervenções urbanas. São duas semanas de intensa programação de artes integradas, conceito inédito em festivais no Brasil. Desde sua primeira edição, o festival incluiu o público infantil no evento oferecendo parte da programação e ofertando oficinas específicas.
	X-Terra Estrada Real	É o maior festival de esportes outdoor. O XTerra Brazil Tour tem nove etapas, sendo uma delas em Tiradentes, a qual conta com a presença de atletas de elite e o grande número de adptos a este tipo de esporte de duathlon (Corrida e Bicicleta).
Outubro	Classic Fusca	Um encontro que reúne vários Fuscas de diversos anos e modelos, visando principalmente a preservação da memória, através de sua cultura e do ato de colecionar. O Classic Fusca Festival, em sua 7ª edição, é um evento aprovado pela lei Federal de incentivo a cultura e pela lei Estadual de incentivo a cultura de Minas Gerais.
Novembro	Festival de Jazz	Em sua 8ª edição o evento foi criado em 2008 por um residente a 7 anos em Tiradentes que percebeu a necessidade de criar um evento nesse mês considerado de baixa temporada. O evento é voltado para o público amante da música instrumental e oferece aos profissionais do ramo cursos e palestra para aperfeiçoar sua técnica.
Dezembro	Natal iluminado	Em sua 3ª edição, o mês de dezembro conta com uma iluminação de Natal com apresentações diversas, shows, feiras culturais das escolas, missa natalina e queima de fogos.

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com o atual prefeito da cidade o turismo de eventos já chegou ao seu limite por apresentar um evento médio por mês. Para ele, esses eventos são bons para a economia da cidade, no entanto criam tumulto para seus moradores. Segundo dados informados por ele todos os eventos recebem em torno de 20 mil pessoas, o que significa de 6 a 7 mil pessoas por dia. Esses números não parecerem incomodar o prefeito que destaca que a cidade comporta receber essa quantidade de pessoas: “nós temos quase 4 mil leitos. O problema todo está concentrado no trânsito”. Assim, o maior tumulto destacado por ele é a questão do movimento dos veículos. Tumulto este que acontece por ainda ser permitido a circulação de carros no centro histórico. Esta circulação causa tumultos pelo fato das ruas serem estreitas, por não haver muitos lugares disponíveis para estacionamento, o que leva aos engarrafamentos.

O boom do turismo também ocasionou a construção de pousadas de grande porte, a partir dos anos 2000, com infraestrutura para receber eventos sociais, corporativos, comerciais e culturais de diversos portes, apresentando desde heliponto até grandes centros de convenções.

Rogério Almeida destacou em entrevista a sua inquietação quanto a esse perfil de pousadas: “pousadas faraônicas, helicópteros sobrevoando pra cima e pra baixo, será que é isso que a cidade precisa?”, se pergunta ele. Além dos transtornos causados pelo trânsito terrestre a população sofre hoje perturbações devido ao trânsito aéreo. Segundo alguns moradores entrevistados, devido ao barulho proporcionado pelos helicópteros perde-se o ar de tranquilidade e sossego da cidade interiorana, perde-se sua identidade por assemelhar-se as características de uma grande metrópole.

Foto 10 - Tiradentes durante o Festival de Gastronomia de 2014



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Para Rogério, esse turista que vai para Tiradentes em busca da calma interiorana, ao se deparar com engarrafamentos terrestres e aéreos, nunca mais a ela retorna. De acordo com ele é: a limpeza, tanto das ruas quanto do ribeiro, a preservação dos monumentos, a ausência de poluição sonora, a organização dos estacionamentos o que faz com que o viajante retorne a Tiradentes.

Rogério busca por meio de suas ações, sendo uma pessoa pública, apresentar sua ideia de que o verdadeiro desenvolvimento econômico é poder desenvolver a cidade sem que se perca sua identidade. O turista “que está em São Paulo, mora do lado do Museu de Arte Moderna, que está cheio de Picasso, de Cavalcanti, ele não vem para cá para ver Tarsila, ele quer vir para cá para ver o pintor primitivo”, e para ele é essa opção de turismo que agrega valor à Tiradentes, que também é o seu grande diferencial.

Para ele, esse esquecimento que resulta na perda da identidade da cidade proporciona hoje um turismo de quantidade, mas não de qualidade. E para recuperar a qualidade da cidade algumas ações precisam ser desenvolvidas, como ele mesmo destaca: planejamento turístico, plano diretor, planejamento social, educação sadia, educação patrimonial, educação ambiental, consciência quanto ao lixo e até mesmo o tombamento da Serra de São José. Para isto, torna-se essencial refletir qual é a missão da cidade, do turismo, para onde de fato a cidade quer se direcionar, para então saber como agir.

Há um leque de estratégias, que segundo ele, podem ser desenvolvidas, como o turismo de eventos, este defendido pelo prefeito da cidade (turismo este que acontece no interior das grandes pousadas de segunda a quinta feira quando a cidade se encontra sem tanto movimento) turismo ligado ao patrimônio arquitetônico, ao patrimônio religioso, à gastronomia, à hidromineral, aos congressos.

Mesmo com cada categoria turística apresentando um critério específico, a atual gestão de Tiradentes prefere trabalhar com vários modelos de turismo. De acordo com o prefeito atual “se você concentra em um tipo de turismo só, aquele formato acaba cansando”.

A maioria das pessoas responsáveis pela tomada de decisão no que concerne ao turismo, como pude evidenciar em reuniões do conselho de turismo, parecem não se importar tanto com essas inquietações referentes a missão do turismo da cidade. A preocupação está apenas no desenvolvimento econômico. Segundo Rogério, “há pouco diálogo, há sempre alguém puxando pro seu lado. Os empresários puxando pro seu lado, nós, os xiitas, puxando para o nosso”. Para o entrevistado cabe então ao poder público ditar o caminho a ser seguido.

O poder público, no entanto, opta em fazer apenas o monitoramento constante desta atividade. Monitoramento este concentrado no tamanho dos eventos e dos transtornos que o turismo causa para a cidade e que é, segundo o prefeito, apoiado pelo conselho de turismo, o qual é muito atuante com a prefeitura, com o IPHAN e até mesmo com o ministério público.

Em relação aos problemas causados pelos eventos, o prefeito destacou como exemplo, o evento do Carnaval que precisou ser diminuído de tamanho por causar muitos transtornos à cidade, desde depreciações

ao patrimônio, como pichações de monumentos, até mesmo interferência no que diz respeito a segurança dos moradores.

Segundo dados apontados pelo prefeito, o Carnaval já chegou a receber em Tiradentes de 40 a 50 mil pessoas em quatro dias. Devido a um planejamento baseado em qualidade e não quantidade, a prefeitura conseguiu diminuir o carnaval, que hoje é considerado tranquilo.

Mesmo com a cidade apresentando deficiências que precisam ser superadas como as destacadas acima, é importante frisar que além dos eventos, das restaurações dos monumentos históricos e da sua preservação, Tiradentes conta hoje com três museus de destaque, como o Museu da Liturgia, Museu Padre Toledo e o Museu de Sant'Ana. Esses três museus tiveram o BNDES como apoiador financeiro de suas obras e implantação. Evidencio aqui o Museu da Liturgia, o qual é o primeiro museu da América Latina que apresenta essa temática.

De acordo com o catálogo do Museu da Liturgia o BNDES é a empresa que mais investe na preservação do patrimônio cultural brasileiro. Desde 1997, o Banco já investiu mais de R\$ 200 milhões em apoio a centenas de projetos que possibilitaram a revitalização de monumentos como igrejas, museus, teatros, fortes e centros históricos em todo o país; a restituição destes bens públicos à sua função social e sua reintegração à vida cotidiana das cidades.

Ainda segundo a mesma fonte, o objetivo da ação do BNDES em Tiradentes é o de prestar sua contribuição na construção de um arcabouço estruturante, que lastreie o desenvolvimento sustentável do município, beneficie a população local e possibilite a preservação permanente de todo o seu patrimônio histórico e cultural. O Banco já apoiou a restauração arquitetônica e artística da Matriz de Santo Antônio, das igrejas de Nossa Senhora das Mercês e do Pilar do Padre Gaspar e da capela de São Francisco de Paula, assim como a Casa do Padre Toledo. Além disso, o BNDES apresenta projetos de criação de um circuito de museus e igrejas, a implantação de um centro de artesanato, o estabelecimento do programa de educação patrimonial e a elaboração do Plano Diretor da cidade.

Cabe ainda destacar que a atuação do BNDES se alinha ao programa do Governo Federal, Programa de Aceleração de Crescimento das Cidades Históricas (PAC), capitaneado pelo IPHAN, que entende o patrimônio como um ativo capaz de dinamizar o desenvolvimento das localidades envolvidas.

O PAC das Cidades Históricas é uma política transversal que envolve além do BNDES, o Ministério da Cultura, os Ministérios das Cidades, da Educação e do Turismo, além da Caixa Econômica Federal. O programa está aberto a todas as cidades que possuam patrimônio protegido e que formulem planos de ação consistentes para enfrentar os problemas estruturais que afetam suas áreas históricas, para a promoção do desenvolvimento local a partir das potencialidades do seu patrimônio cultural, com a atuação integrada do setor público, privado e da sociedade, de forma a fortalecer a ação integrada de planejamento com os entes governamentais em prol da preservação (PAC, 2009).

O PAC-Cidades Históricas inaugurado em 2009 acabou envolvendo, num primeiro momento, 173 localidades, em todos os estados brasileiros. No caso de Minas Gerais, foi firmado convênio entre o Ministério da Cultura e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com diversas prefeituras, prevendo-se recursos acima de R\$ 250 milhões. O valor destinado a Tiradentes era de R\$ 415,5 mil (CASTRIOTA *et. al.*, 2011).

Mesmo recebendo apoios e incentivos, Tiradentes tardou a modernizar sua infraestrutura urbana e suas relações políticas. De acordo com um estudo realizado em 2002 por Giovannini Júnior, Tiradentes apresentava problemas no que concerne às relações políticas:

“não dispõe de uma legislação eficiente, não tem plano diretor, nem leis definidas de uso do solo, nem código de postura. Mesmo a arrecadação municipal não é eficiente e a maioria do comércio não paga os impostos corretamente à prefeitura, fazendo com que a indústria do turismo gere renda apenas para os proprietários. As eleições ainda seguem o modelo coronelista de voto de cabresto e se divide entre famílias rivais e tradicionais” (GIOVANNINI JÚNIOR, 2002, p.37).

Hoje se pode dizer que houve um avanço nas suas relações políticas, com a exclusão do coronelismo e a eleição em 2012 do primeiro prefeito extra tiradentino. Mesmo Ralph estando há 22 anos em Tiradentes, tendo sido secretário de turismo e tendo criado o festival de gastronomia, ele é um extra tiradentino, nascido em Belo Horizonte.

No entanto, alguns dos problemas apresentados por Giovannini Júnior (2002) ainda são enfrentados hoje, mesmo tendo passado mais de

uma década das suas constatações. Na entrevista realizada com Rogério, o problema fiscal apareceu evidente. Para ele “a cidade é um paraíso fiscal, ninguém paga imposto. O IPTU, quem mora na Várzea de Baixo paga mais imposto do que quem mora na Rua Direita”. Os imóveis da Rua Direita, principal rua do centro histórico, são mais valiosos do que os imóveis do bairro da Várzea de Baixo, apresentando uma desproporcionalidade quanto ao pagamento do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano).

A nova gestão administrativa da cidade tem clareza deste problema e tem buscado soluções. De acordo com o prefeito, a gestão atual prioriza uma melhor organização da cidade e para isso tem feito algumas ações visando a uma arrecadação mais correta de impostos, desde a compra de mapa aéreo para poder identificar o valor correto do IPTU a ser pago por cada imóvel, a reforma na lei tributária por meio de uma empresa licitada, até mesmo a nota fiscal eletrônica e a cobrança dos devedores.

A preocupação vinda da maior arrecadação de verba para a prefeitura é devido a crença de que para administrar é preciso recurso, recurso este que não surge pela via do turismo por existir ainda muita sonegação por parte dos empresários e comerciantes. Segundo o prefeito, Tiradentes é uma “cidade rica com uma prefeitura pobre” e continuou assim por muitos anos devido a escolha feita pelos prefeitos anteriores: o não envolvimento para não atrapalhar a carreira política. No entanto, o atual prefeito parece não demonstrar esta mesma preocupação e parece ter feito outra escolha: “estou fazendo essas atitudes que são atitudes corretas, mas politicamente ruins porque cria insatisfação da população”.

Além da reforma tributária a nova gestão também tem se dedicado a um novo local para o tratamento de esgoto, limpeza do ribeiro da cidade, conserto do calçamento, fim do lixão por meio da coleta seletiva, fechamento do centro histórico para automóveis, municipalização do trânsito e o desenvolvimento da cidade a partir de eventos turísticos. Com isto, a visão da atual gestão é manter a cidade visualmente toda antiga, mas internamente com uma administração moderna, com preocupações direcionadas ao turismo, meio ambiente, saúde e educação.

Como demonstrado nesta seção, Tiradentes passou por grandes transformações até ser considerada hoje um destino turístico tanto nacional quanto internacional. Essas mudanças, no entanto, não afetaram sua principal essência. Tiradentes continua sendo uma cidade

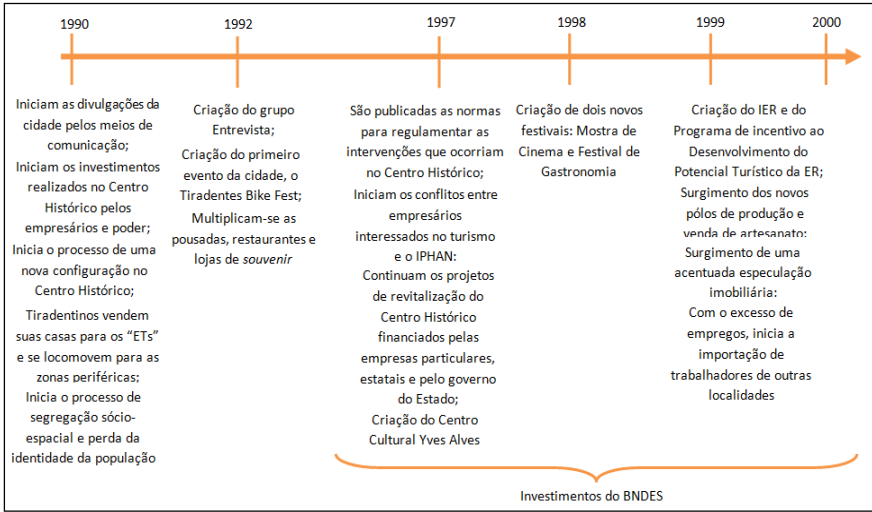
provinciana, pequena, interiorana e, de modo simultâneo, uma cidade cosmopolita, repleta de arte, cultura, pessoas de diferentes localidades. Por apresentar tais características pode ser normal o surgimento de conflitos diante das diferentes visões que cada ator, que ali vive, apresenta.

Concluindo esse período do turismo compreendido dos anos 1990 até os dias atuais, quero ressaltar a reflexão do estudo de Madureira (2011). Segundo a autora, a turistificação melhora a qualidade do espaço, mas tende a excluir a população original do mesmo; permite novas possibilidades de emprego e renda, no entanto, relega à população local os subempregos, quando não à informalidade; cria melhores condições sanitárias, de infraestrutura e segurança, porém gera efeitos perversos como o aumento do custo de vida, especulação imobiliária e aumento da violência; financia a preservação do patrimônio através dos projetos de restauração e dos lucros obtidos com a visitação, todavia, transforma o patrimônio em mera mercadoria da indústria cultural; valoriza a cultura local e aumenta a auto estima das comunidades, contudo, desfaz ou recria a memória e os laços de identificação com o lugar, estetizando o patrimônio.

Diante do exposto fica evidente que o turismo é uma atividade importante para Tiradentes e ao mesmo tempo é uma atividade complexa que não deve ser banalmente condenada, nem inconsequentemente apoiada.

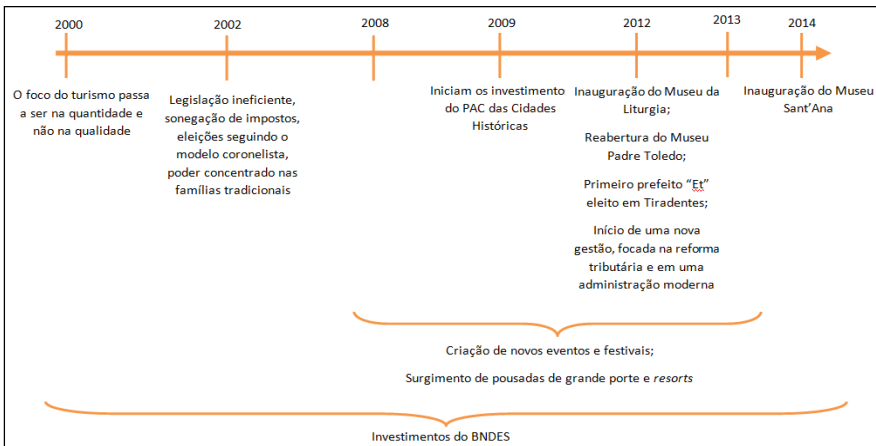
As figuras 15 e 16 apresentam um breve resumo dos principais acontecimentos ocorridos em Tiradentes da década de 1990 até os dias atuais.

Figura 15 - Representação da linha do tempo de Tiradentes da década de 1990 aos anos 2000



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 16 - Representação da linha do tempo de Tiradentes dos anos 2000 aos dias atuais



Fonte: Elaborada pela autora

5 AS HISTÓRIAS DOS ATORES

Neste capítulo iniciam os relatos das histórias de vida dos quatro atores estudados: Junior, Rita, Ricardo e Michel. Nomes fictícios são utilizados para preservar a identidade e as histórias dos personagens.

Pensando em uma maneira aprazível de narrar o caminho percorrido por cada ator, as histórias são contadas uma por vez. Uma das frases mais marcantes do relato de vida de cada ator dá início às histórias, seguida de uma breve apresentação do personagem do estudo, e de uma pequena narração de como nos conhecemos.

Todas as histórias se encaixam nos três cenários temporais comuns. Estes cenários, sendo o processo de mudança para o território de Tiradentes; inserção no território; e desenvolvimento da fenonomia, são os grandes períodos da vida dos atores relatados neste estudo. Dentro de cada um deles são feitas relações, quando pertinentes, com a história do território de Tiradentes e com os regimes de engajamentos propostos por Thévenot (2006) e Auray (2011). Estas relações oportunizam um relato das trajetórias de vida de modo integral, e favorecem uma compreensão do fenômeno na sua totalidade.

Por esta tese pertencer ao campo de estudos da ciência da Administração, um enfoque maior é dado ao terceiro cenário, o desenvolvimento da fenonomia, o qual considera a gestão e as relações com o território. Este cenário descreve e analisa como os atores estudados realizam a gestão das fenomenias, contemplando a coordenação do indivíduo com as pessoas que estão a sua volta, com o ambiente, com os objetos, no sentido do seu alinhamento com o mundo.

Ainda frente aos três cenários, destaco que cada um deles é encerrado com um diagrama que ilustra as principais ações dos atores, incluindo seus momentos de prova, de dificuldade.

Após a descrição do terceiro e último cenário, e antes do início do relato da trajetória do próximo ator, uma breve síntese com os aspectos mais marcantes da trajetória de cada personagem do estudo finaliza a análise da história do ator. Posteriormente aos relatos das vivências dos quatro personagens do estudo, um resumo geral que mescla todas as histórias, por fim, encerra este capítulo.

5.1 A HISTÓRIA DE JUNIOR. DA INDÚSTRIA PAULISTA À AUTO-EXPRESSÃO DA ARTE EM TIRADENTES.

“Fui entrar em Tiradentes, estava com uns amigos e gostei muito. Quando eu entrei ali na Estação eu falei: Ah, vou vir morar aqui!”
Fala de Junior em 1988 no seu primeiro contato com Tiradentes

Junior é paulista, nascido em Santo André, município brasileiro que corresponde a Região do Grande ABC, localizado na região metropolitana do estado de São Paulo. Há trinta anos trabalha com escultura em madeira e há sete anos cria peças de arte inspiradas na Curva de *Moebius*, seu grande diferencial. Essa curva é um tipo especial de superfície que ganhou destaque no mundo da Matemática, gerando o ramo da topologia, e também no mundo da Psicanálise, representando o modelo de nossa psique.

Em 1988 Junior tem seu primeiro contato com Tiradentes, e no ano de 2007 instala sua moradia na cidade que o encantou desde à primeira vista.

Ainda hoje, Junior mora e trabalha em Tiradentes. Suas esculturas em madeira são produzidas em seu ateliê situado em sua residência, comercializadas em sua galeria de arte instalada em uma rua próxima ao centro histórico da cidade.

Foi em uma segunda feira, 4 de agosto de 2014 que conheci Junior, quando fui até sua galeria para o conhecer e questionar se aceitaria fazer parte de minha pesquisa. Descobri sobre seu trabalho meses antes, em novembro de 2013, quando telefonei para a Secretaria de Turismo da cidade para coletar algumas informações referentes ao turismo. Nesta ligação, o funcionário da prefeitura, ao saber da minha proposta de pesquisa, me aconselhou a conhecer o trabalho de Junior, uma vez que para ele, Junior desenvolvia um trabalho diferente, único e impactante.

Naquele momento, vi a importância de procurar Junior, de conhecê-lo. O fato dele ter sido citado pelo funcionário da prefeitura, era um indício da legitimidade do seu trabalho em Tiradentes, fato este que me interessava muito averiguar.

Em uma busca rápida pela internet, encontrei uma entrevista de Junior de 2011 para o programa Câmera Aberta da TV da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse vídeo, ele apresentava seu trabalho e contava sobre sua paixão à primeira vista por esculturas. Sem conhecê-lo, mas diante das informações que possuía até então, percebi que ele se encaixava perfeitamente no perfil de pessoa que eu buscava estudar.

Nas primeiras semanas em Tiradentes, fui até sua galeria com o intuito de conhecê-lo. Após relatar a respeito do meu objetivo, ele apresentou-se desconfiado e receoso, e questionou quanto tempo a entrevista demoraria. Eu o respondi que dependeria muito, mas levaria em torno de duas horas. Após minha resposta, ele logo frisou que sua maneira de agir era mais prática e objetiva, diferente da maioria dos mineiros que adoram uma prosa. Ambos aceitamos as condições um do outro, e marcamos a entrevista para a mesma semana.

Dois dias depois, na quarta feira, retornei até sua galeria para realizar a entrevista, a qual durou uma hora e meia. Nas quartas feiras, por ser dia de folga de seu funcionário, Junior cuida do espaço, atende os visitantes e, quando não há movimento, esculpe suas peças. É somente neste dia da semana que Junior produz ali suas esculturas, nos demais dias a produção é realizada em seu ateliê, que se situa em sua casa. Na galeria é possível encontrar apenas uma mesa de trabalho, poucas ferramentas e pedaços de madeira, sua principal matéria prima, espalhados pelo chão.

Cheguei à galeria de Junior um pouco depois do meio dia. Junior ainda desconfiado, e aparentemente sem muito interesse na entrevista, me entregou uma folha A4 com sua pequena biografia e me disse: “tudo que você precisa saber está aí”. Li atentamente aquelas poucas linhas poéticas, escritas por um autor desconhecido sobre sua trajetória no ramo da escultura, mas, diferente do que Junior imaginava, nada do que eu ansiava conhecer de sua história em Tiradentes se encontrava naqueles escritos. Ao explicar isto, Junior, ainda um pouco desconfiado e contrariado, aceitou começar a entrevista.

Junior se encontrava em pé, em frente a sua mesa enquanto segurava o martelo, um dos seus instrumentos de trabalho, e a madeira na mão; eu me encontrava na sua frente também em pé, e segurava meu caderno de campo e uma caneta. Gravador ligado, começamos a entrevista. Pedi a ele para me contar como conheceu Tiradentes, e porque

decidiu se mudar para lá; na medida em que ele ia me contando sobre seu passado, eu percebia que eu ia ganhando sua confiança.

As fotos a seguir ajudam a visualizar como é o trabalho de Junior, suas obras de arte e sua galeria. Julgo serem importantes para se ter um melhor entendimento da sua história de vida.

Foto 11 - Junior no início da produção de uma de suas esculturas



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Foto 12 – A galeria de Junior



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Foto 13 - Algumas de suas obras expostas em sua galeria



Fonte: Arquivo da autora, 2014

5.1.1 Processo de mudança para o território de Tiradentes

Com doze anos, Junior começou a trabalhar na sua cidade natal, Santo André, metrópole de São Paulo. Dois anos depois, se instalava em uma grande siderúrgica. Por meio do ingresso precoce na vida profissional, desde a adolescência Junior apresentava consciência das dificuldades de viver e trabalhar em um grande centro.

Naquela época, ele já não conseguia ver sentido em sua rotina. Várias vezes ele se questionou ao olhar para o estilo de vida das pessoas que lá moravam, amigos, pais de amigos, dos seus próprios pais, e recorda que diante dos questionamentos falava para si mesmo: “se eu continuar aqui em São Paulo vai ser isto aqui sempre (...) minha vida não vai mudar nunca se eu continuar aqui”.

As dificuldades que Junior enfrentou quando era jovem, trabalhando desde pequeno com uma atividade pesada, morando em uma cidade que o desagradava, repleta de trânsito, insegurança e violência, fizeram com que ele desejasse e sonhasse com algo diferente para a sua vida.

Um dia na casa de um amigo, Junior avistou um entalhe em madeira feito em Olinda, e admirando aquela peça, notou que tinha sido amor à primeira vista: “é isto que eu quero”. Ele desejava “sair do convencional, daquela coisa toda de querer arrumar um bom trabalho, me aposentar e continuar vivendo ali a vida inteira”.

Seu discurso é típico do mundo da inspiração, proposto por Boltanski e Thévenot (1991), uma vez que ele decidiu romper com os hábitos clássicos e convencionais, no seu caso, com a vida em um grande centro, a qual poderia lhe oferecer melhores oportunidades de emprego e estudo. Contrariamente à grande parte das pessoas que escolhem viver em uma metrópole e trabalhar em uma empresa, Junior preferiu se engajar nas artes, sustentado pelas singularidades do mundo da inspiração.

Junior ansiava por uma mudança em sua vida, e decidiu dar a ela um novo rumo. Em fevereiro de 1982, Junior deixa Santo André, percorre 2667 quilômetros e se instala em Olinda para aprender a arte de esculpir. Sua decisão sublinha o seu desejo de mudar de vida, e reflete o regime do plano proposto por Thévenot (2006), uma vez que se mostrou como um indivíduo autônomo, dotado de capacidade de se projetar em direção ao futuro determinado por um plano de ação. O regime de exploração,

proposto por Auray (2011), também se encontra presente na decisão de Junior, uma vez que ele decidiu seguir seu plano de ir em direção ao nordeste do país para aprender a esculpir, uma decisão que é carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração. Como seu plano profissional estava ligado com o trabalho artístico, o qual privilegia a singularidade, a originalidade, bem como a espontaneidade, o regime público, mais especificamente o mundo da inspiração, também se encontra presente na ação de Junior (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

Devo igualmente realçar que quando Junior decidiu deixar sua vida natal para ir para o nordeste do país para se consagrar a uma nova atividade, ele migrou do regime de engajamento familiar para o regime de engajamento do plano, uma vez que Junior mostra-se como um indivíduo autônomo dotado de capacidade de se projetar para um futuro planejado.

Junior estabeleceu uma nova configuração de coordenação com ele mesmo, afinal ele abandonou a ação em curso - seu trabalho e sua vida em São Paulo - para uma outra ação - sua mudança à Olinda. Assim, ele avaliou sua ação, a si mesmo, seu trabalho, a cidade de Santo André, a vida dos seus pais e conhecidos, seus sonhos, seu íntimo; julgou se sua ação estava em conformidade com aquilo que ele acreditava e desejava para sua vida, e quando tomou consciência da incompatibilidade, ele a abandonou em favor de uma nova, colocando ênfase na ação que o convinha: sua mudança para Olinda.

Foi necessária coragem para Junior deixar sua cidade natal, sua família, seu trabalho e migrar para o norte do país para tentar uma vida diferente, mais perto daquilo que sonhava e desejava. Ao mesmo tempo, as dificuldades que ele enfrentava por morar e trabalhar em Santo André lhe deram forças para seguir sua aventura de descoberta de si mesmo. No entanto, por mais que Junior apresentasse um espírito aventureiro, e por mais que o mistério e o desconhecido o estimulassem, ele também enfrentou determinadas provas na sua nova morada.

Em Olinda, dois anos longe de seus pais e de sua cidade natal, Junior decide viajar para reviver seu passado e visitar seus familiares. Nesta viagem de ônibus ele conheceu alguns rapazes que moravam em Ouro Preto, município do estado de Minas Gerais, e recebeu deles um convite para visitar o estado mineiro e passar um período de tempo por lá. Como Junior já tinha conhecimento para trabalhar com esculturas, fruto

dos seus dois anos de dedicação em Olinda, ele decidiu aceitar o convite de conhecer Ouro Preto. Este foi o momento em que descobre seu amor por Minas Gerais.

Naquela época, devido a sua profissão de escultor, Junior acreditava ser de suma importância viver em um grande centro para poder comercializar suas peças. Em 1984, trinta anos atrás, Ouro Preto não apresentava o mesmo fluxo de turistas que apresenta hoje; era uma cidade tímida do interior do país, que contava com a presença de poucos turistas, até mesmo em época de alta temporada turística. Devido ao fraco movimento turístico, Junior permaneceu pouco tempo em Ouro Preto, e decidiu se mudar para a capital de Minas Gerais, Belo Horizonte (BH). Naquela época, BH era uma “capital com ar de interior”, fato este que o agradava.

Vindo de uma grande metrópole, ele apreciava as características das cidades interioranas. Quando ele conheceu Tiradentes, vinte e cinco anos atrás, em uma viagem com amigos, não foi diferente. Ele lembra que quando chegou de Maria Fumaça à estação de trem de Tiradentes, falou para ele mesmo: “Ah, vou vir morar aqui!”. Suas palavras tiveram tanta força que foi exatamente isto que aconteceu, e Junior mudou-se para Tiradentes.

Novamente, Junior estabelece uma nova configuração de coordenação consigo mesmo e também com seu ambiente mais próximo (THÉVENOT, 2006). Ele abandona a ação em curso, sua vida em Belo Horizonte, em prol de outra ação, viver em Tiradentes. Junior faz novamente um balanço da sua ação – sua vida em BH e também nas outras cidades em que morou, São Paulo, Olinda e Ouro Preto; avalia a si mesmo, o que procura, o que espera, o que lhe interessa, bem como, as coisas, as pessoas, as cidades em que morou; julga se a ação está coerente com o que busca para sua vida, e ao ver que ela ainda não o satisfaz por completo, alinha a ação de outra forma. Junior coordena-se e muda-se para Tiradentes, acreditando caminhar em direção ao que seu coração o pedia (THÉVENOT, 2006). Novamente há a migração de Junior do regime familiar para o regime do plano, e também para o regime de exploração (THÉVENOT, 2006; AURAY, 2011)

Quando Junior mudou-se para Tiradentes, em 1988, a cidade já havia saído do ciclo de ruínas, e as edificações que por anos se encontraram devastadas, já recebiam atenção da sociedade civil. Da

mesma forma, ocorriam transformações históricas e territoriais no centro da cidade vinculadas não apenas à sociedade civil, bem como às políticas públicas. Devido a tais ações, a cidade contava com a presença de turistas, mesmo que poucos, e com um número pequeno de pousadas (conforme apresentado e melhor detalhado na seção 4.3.2 Dos retratos da ruína e abandono à redescoberta da cidade pelos novos moradores: da década de 1940 à década de 1980).

Junior lembra que “Tiradentes era bem menor do que é hoje, muito menor, não tinha esse movimento turístico que tem hoje”. Ele conhecia as características que a cidade apresentava naquela época e sabia, também pelas experiências que já tinha vivenciado em outras cidades, que seria muito difícil sobreviver vendendo suas obras ali, por ser uma cidade pequena e não ter um turismo tão aflorado como hoje em dia. No entanto, ela também apresentava qualidade de vida e contato com a natureza, aspectos estes que Junior tanto buscava, desde sua infância. Foram estes os motivos que o fizeram se mudar para a cidade mesmo sabendo das dificuldades que encontraria para comercializar seu trabalho; ele apresentava consciência de que precisaria encontrar maneiras diferentes de comercializar suas peças.

A localização de Tiradentes favorecia as vendas de suas esculturas nas cidades mais desenvolvidas, uma vez que se encontrava próxima a três grandes capitais brasileiras: Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Na época da sua mudança, Junior levou este fator em consideração. Para ele, a localização de Tiradentes era estratégica: “você está bem no triângulo. Em Belo Horizonte eu tô mais longe do Rio e São Paulo e aqui eu tô perto de Belo Horizonte, perto do Rio e perto de São Paulo. Então, dava para mim ir rápido”.

No momento em que se mudou para Tiradentes, Junior apresentava oito anos de escultura, o que quer dizer que ele se encontrava no início de sua carreira, pois para a profissão de escultor “dá pra dizer que você sabe alguma coisa depois de uns 10 anos”, assegura ele. Com poucos anos de experiência, a ideia de comercializar suas peças nos grandes centros logo se mostrou inviável. Com esta barreira em sua atividade profissional, sua vida e seu trabalho em Tiradentes ficaram insustentáveis, “não dava para sobreviver” – lembra ele.

Naquela época, além dos poucos anos de experiência com o trabalho com escultura, a baixa procura por obras como as suas também

contribuía com sua dificuldade em comercializá-las. No início dos anos 1990, o número de pessoas que adquiria arte era bem menor do que é hoje, devido, em especial, ao panorama econômico menos desenvolvido do país. Junior relata que naquele momento da economia do país “as pessoas que compravam arte era uma classe mais privilegiada”. Sua frase exprime a dificuldade que enfrentava naquele período: “na época era muito difícil viver de arte; não sei nem como eu persisti. É porque você é novo, né? Acho que se fosse pra eu entrar hoje na situação de antes eu talvez não entraria não. Mas quando você é jovem, a gente não visava grana, né?”.

Tendo em vista os obstáculos para comercializar suas obras, Junior se viu obrigado a deixar a cidade, mesmo tendo adquirido em Tiradentes um terreno, com o qual pretendia construir sua casa. A compra do terreno de Junior se deu anteriormente ao movimento de especulação imobiliária e do processo de segregação territorial que ocorreu e se intensificou na cidade anos depois, mais especificamente, no final dos anos 1990.

Junior encontrou em Tiradentes tudo o que buscava desde sua juventude em Santo André: uma cidade calma, tranquila, com qualidade de vida, repleta de pessoas interessadas em arte, em cultura, em história – o estímulo que ele precisava para continuar com suas esculturas em madeira. No entanto, mesmo Tiradentes apresentando todas as características que Junior buscava para sua vida, ele enfrentou lá difíceis provas no que concerne a comercialização das suas esculturas, impossibilitando sua permanência e sobrevivência na cidade.

A comercialização das obras de Junior diz respeito ao regime público, de modo mais específico ao mundo mercantil, proposto por Boltanski e Thévenot (1991). Este mundo diz respeito a qualidade dos objetos comercializados, e a coordenação necessária para realizar a comercialização dos produtos. Conforme os autores asseguram, tanto a racionalidade utilitária quanto a distância emocional, são ambas condições necessárias para detectar as oportunidades de mercado e justificar suas ações.

No início dos anos 1990, momento este que Junior se encontrava na cidade, Tiradentes apresentava um turismo insipiente e ainda não se encontrava na competição interterritorial e interlocal do mercado global turístico. Devido as dificuldades de comercialização de suas obras, Junior necessitou abandonar a sua ação em curso – sua vida e seu trabalho em Tiradentes – em prol de uma nova ação – voltar para o nordeste. Por meio

do balanço de sua ação, ele avaliou a si mesmo, o seu trabalho, a cidade de Tiradentes, as pessoas que lá habitavam; julgou se a ação estava coerente com o que buscava e com o que necessitava, e ao perceber que ela condizia com o que ele aspirava em termos de qualidade de vida, mas que ao mesmo tempo, era incompatível com a proposta do seu trabalho, Junior abandonou a ação em curso em favor de outra. Ele impôs a si próprio uma nova configuração de coordenação, com seu retorno para o nordeste para dar seguimento no seu trabalho como escultor (THÉVENOT, 2006).

Junior migrou novamente para o nordeste do país, onde permaneceu em torno de quinze anos; morou em João Pessoa (PB) e novamente em Olinda, permanecendo lá por mais sete anos. Tanto João Pessoa, quanto Olinda, já apresentavam no início dos anos 1990 um considerável movimento turístico.

Anos depois, alguns amigos de Tiradentes o convidaram para ir visitá-los, e também para expor suas obras na cidade. Junior aceitou o convite, fez sua exposição e, para sua surpresa, vendeu todas as esculturas. Este momento da exposição em Tiradentes está ligado ao regime público, relacionado mais especificamente ao mundo mercantil e ao mundo da inspiração, pelo fato de Junior comercializar suas obras de arte (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

Em virtude do resultado positivo das vendas da exposição, ele decidiu deixar Olinda e retornar novamente à Tiradentes. Diante das mudanças ocorridas na pequena cidade mineira e do sucesso das vendas de suas obras na exposição, Junior abandonou a sua ação de viver em Olinda em prol de uma ação que o convinha em todos os sentidos – seu retorno para Tiradentes. Junior fez um balanço da sua ação: avaliou a si mesmo – seus desejos mais profundos, os ambientes – Olinda e Tiradentes, as pessoas – seus amigos, seus clientes; julgou se a ação estava coerente com o que desejava e com o que seu trabalho demandava, e ao ver que agora Tiradentes o contemplava na sua totalidade, ele abandonou a ação de morar em Olinda em favor de outra – seu retorno para Tiradentes, dando prioridade a um novo engajamento (THÉVENOT, 2006).

Em 2007, Tiradentes apresentava novos significados, novas configurações e um turismo mais desenvolvido, graças às transformações ocorridas na cidade realizadas pelas políticas públicas e por diferentes

atores da sociedade civil (conforme já descrito na seção 4.3.3 O despertar e o auge do turismo: da década de 1990 aos dias atuais).

Nos quinze anos que Junior ficou distante da cidade, ele não vendeu o terreno que havia comprado no início dos anos 1990, pois não o faltavam esperanças que um dia voltaria a morar em Tiradentes.

Faz sete anos que Junior retornou à cidade e, desde então, nunca mais a deixou, nem mesmo para fazer exposição em outras regiões: “às vezes tem pessoas que chegam aqui de outros lugares e convidam: ‘quer fazer uma exposição em São Paulo, no Rio, não sei aonde?’ Eu falo: ‘não dá’”. Com o turismo mais evoluído na cidade, fruto das políticas públicas e ações da sociedade civil, Junior começou a sobreviver do seu trabalho em Tiradentes, sem precisar vender suas obras em outras cidades. E, quanto a isto, ele salienta orgulhoso: “faz sete anos que eu voltei pra Tiradentes e eu nunca mais sai, nem para fazer exposição fora. Eu só vou no Natal na casa da minha mãe e volto pra cá e trabalho o ano inteiro”.

De acordo com ele, a cidade mudou muito no que diz respeito ao turismo: “você consegue se manter pelo fluxo turístico, que aumentou muito (...) tem época que você vem aqui, feriado prolongado, você não consegue nem andar direito, de tanto carro, de tanta gente, cidade lotada”. Do mesmo modo, Junior também se modificou como indivíduo, e aprimorou seu trabalho.

Ainda quanto ao fluxo turístico de Tiradentes, ele salienta que é intenso e constante, e, no caso específico do seu trabalho, as vendas são melhores em época fora da temporada, por acolher um público diferenciado, interessado mais em arte e nas singularidades do território, e não nos festivais criados.

Frente às principais diferenças ocorridas na cidade de 1988 a 2007, Junior destaca, além da consolidação no campo turístico, a questão da segurança, a qual declinou nos anos em que esteve distante. No entanto, para ele, Tiradentes continua mais tranquila que a maioria das cidades brasileiras, e apresenta uma qualidade de vida singular. Assim, em sua opinião é que “Tiradentes hoje em dia é um polo legal turístico, é uma cidadezinha bacana, qualidade de vida aqui é muito bom”.

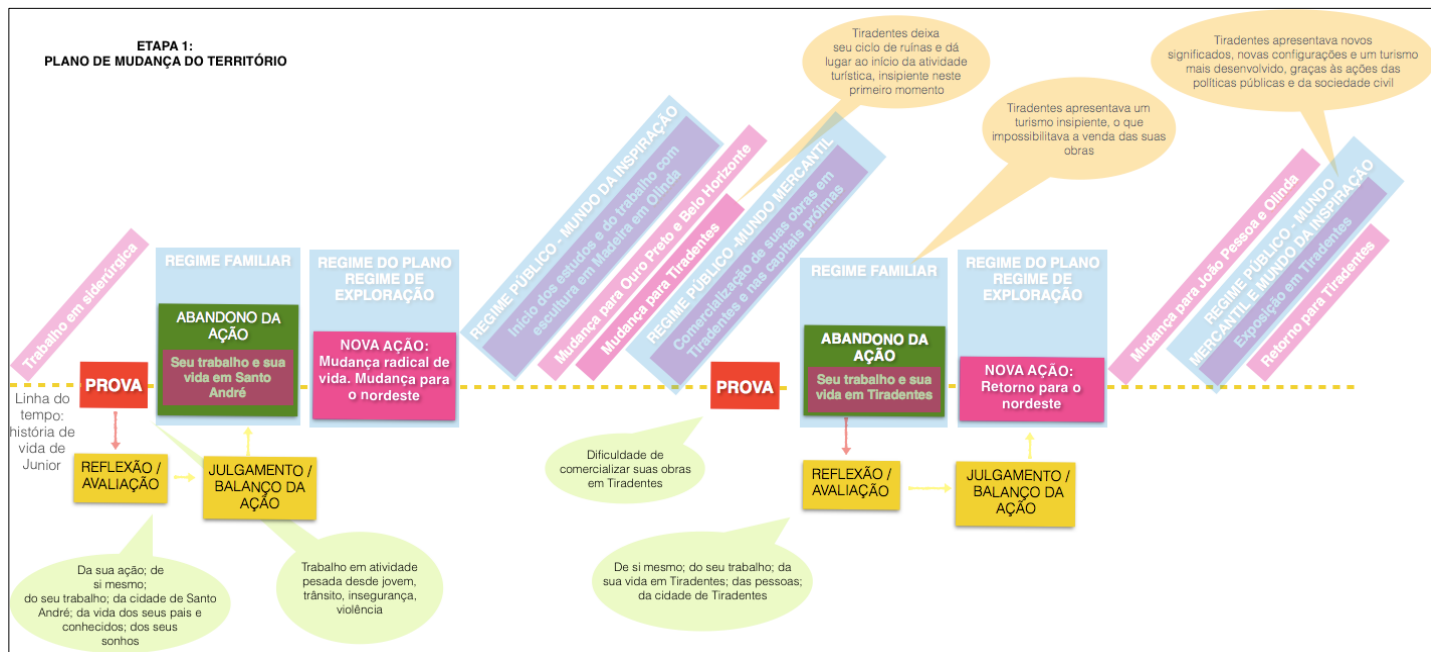
Com o fluxo turístico mais vantajoso para a comercialização de suas peças, e por conservar as características de uma cidade interiorana, Junior acredita que Tiradentes “uniu o útil ao agradável”. Para ele, “Tiradentes consegue ter um fluxo de renda melhor que São João del Rei

que é dez vezes maior que Tiradentes (...) falta até mão de obra, tem gente que vem da região trabalhar em Tiradentes”.

Feliz com seu retorno à cidade, e igualmente com o desenvolvimento do seu trabalho, da sua chegada até aos dias atuais, ele destaca que “hoje está perfeito, não precisa nem melhorar muito”.

Os principais momentos discutidos nesta seção podem ser conferidos na figura 17, a qual representa a linha do tempo da história de Junior, referente ao plano de mudança para o território de Tiradentes.

Figura 17 - Resumo da etapa 1 da história de vida de Junior



Fonte: Elaborado pela autora

5.1.2 Inserção no novo território

Junior relata que nas duas vezes que se inseriu em Tiradentes, a primeira em 1988 e a última em 2007, foi bem acolhido pelos tiradentinos. Fato este que não é tão natural na cidade de Tiradentes, conforme abordado anteriormente no tópico: 4.3.3 O despertar e o auge do turismo: da década de 1990 aos dias atuais.

A renovação do centro histórico e o desenvolvimento da vocação turística despertaram a migração de muitas pessoas de outras regiões para Tiradentes, com o intuito de instalar lá sua moradia permanente. Ao mesmo tempo que isto trouxe consequências positivas para a cidade, também gerou uma segregação territorial e perda da sua identidade. Isto despertou um grande incômodo nos tiradentinos, os quais não acolhiam com espontaneidade os novos moradores, pelo contrário, os apelidavam de ETs. O termo cunhado significa extra tiradentinos, e que, ao mesmo tempo, também fora uma sátira criada por relacionar estas pessoas em curso de imigração com extraterrestres.

Junior lembra que, ainda em 1988, na sua primeira morada em Tiradentes, era muito forte os conflitos advindos da intolerância por parte dos tiradentinos e da disputa por espaço e poder com os novos habitantes que vinham de outras localidades. Junior assegura que “eles – os tiradentinos – não gostavam muito do pessoal que veio de fora”. No entanto, ele afirma que nunca enfrentou esse problema: “porque eu já chegava e ia me enturmando com o pessoal da própria comunidade. Então, eu não sentia esse distanciamento, as pessoas não me tratavam como se eu fosse de fora. Então, faz muita diferença isso”.

Por não ter enfrentado este problema em nenhuma das duas vezes em que se instalou em Tiradentes, Junior nunca foi chamado de ET. Ele conseguiu se inserir na comunidade de tal forma que passou a ser visto pelos tiradentinos como um deles. A ação adotada por ele foi a de se colocar constantemente como um morador daquela região, independentemente de ter nascido ali ou não, e não como um morador que veio de outra cidade.

A prática de inserção na comunidade adotada por Junior não ocorreu apenas na comunidade de Tiradentes, como também em todos os lugares em que morou: “todo lugar que eu morei, eu me coloco como se fosse dali, então eu não sou um turista eu sou um morador”. Suas

experiências passadas, em outras cidades, contribuíram com esta atitude, fazendo com que ele não encontrasse dificuldades em sua inserção em Tiradentes.

Além disso, Junior sempre procurou ajudar e participar das ações coletivas da cidade, contribuindo para a melhoria do território. No início dos anos 1990, com a grande presença de artistas, pintores e escultores na cidade, foi fundada uma corporação de artesãos e uma galeria coletiva. Junior participou deste movimento, se associando, vendendo suas obras, realizando exposições fora da cidade de Tiradentes. Relembrando deste movimento e da sua participação ele destaca que nesta época, diz que “tinha um pessoal legal. Era menos artesanato e mais arte”. A fala de Junior refere-se a mudança do perfil de produtos que Tiradentes comercializa hoje, se comparado ao início dos anos 1990. Em sua opinião, naquela época, as pessoas se dedicavam a realização da sua arte de acordo com seus preceitos, gostos, inspirações. Quer dizer, não davam muita ênfase às demandas do mercado.

No seu retorno para Tiradentes, em 2007, Junior se insere na comunidade novamente por meio de um engajamento público. Desta vez, ele se inseriu no Abrigo dos Idosos e também nos conselhos municipais, participando, desde aquele ano até os dias atuais, como voluntário.

As duas inserções de Junior na comunidade, a primeira em 1988 e a segunda começando em 2007 e se estendendo até o momento presente, apresentam harmonia com o regime público, mais especificamente com o mundo cívico, proposto por Boltanski e Thévenot (1991). É neste mundo que o indivíduo, na qualidade de cidadão, abandona seus interesses particulares e se conduz exclusivamente na direção do bem-comum.

De acordo com Junior: “quando você se dispõe a participar da comunidade, as pessoas te recebem bem sim. Quando você se isola, aí não. Aí eles já te olham: ‘o cara tá aqui só pra explorar a cidade, pra ganhar dinheiro’. E, tem mesmo, tem uns aqui que é assim mesmo”. Junior ainda vai além em suas colocações, e concorda com os tiradentinos quando eles explanam a respeito dos ETs: “eles tem razão quando eles reclamam de algumas pessoas de fora, porque tem uns que vieram, montam uma pousada ou montam uma loja, ou montam um restaurante e não participam de nada”.

Para Junior, se uma pessoa decidir se manter afastado da comunidade, mesmo com seu trabalho estando lá, ela será vista como um

estrangeiro, como uma pessoa que não pertence aquele lugar. Assim, ele percebeu que era necessário se inserir, fazer parte da cidade, ajudar de alguma forma na melhoria do território, para que então os moradores pudessem o tratar bem, o acolher como um nativo. Para ele isto é essencial: “você está vivendo aqui, você tem que participar em comunidade, né? Se não, você não pode reclamar de nada. Não participa de nada, vai reclamar de que, né? ”.

Assim, Junior lembra que refletia com ele mesmo: “o que eu posso fazer pra ajudar? O que eu posso fazer para melhorar? ”. Após estas reflexões, ele passava então para a ação: o envolvimento imediato na comunidade.

Mesmo se inserindo na sociedade tiradentina desde o início, Junior relata que o começo, o processo de migração, de inserção, foi sua fase mais difícil. No entanto, ele lembra que passou por esta dificuldade de imersão somente até seu trabalho ser conhecido.

O reconhecimento não tardou, e devido as suas esculturas e também aos trabalhos voluntários que desenvolvia e ainda desenvolve, Junior foi aceito e acolhido na cidade. A prova deste acolhimento pode ser associada ao fato dele ter instalado sua galeria em um espaço que pertence ao abrigo dos idosos. Este fato não aconteceria com uma pessoa que não estivesse imersa na comunidade. Posso citar também, como outro exemplo do reconhecimento do seu trabalho, a maneira em que eu descobri a seu respeito: através da sugestão de um funcionário público relacionado ao turismo, e também membro da comunidade.

Junior destaca que são poucas as pessoas que se interessam em representar a população nos conselhos comunitários. No entanto, para ele, a participação é essencial no desenvolvimento de um território. Sua fala exprime claramente sua visão sobre a importância em participar das ações coletivas em prol da melhoria da comunidade:

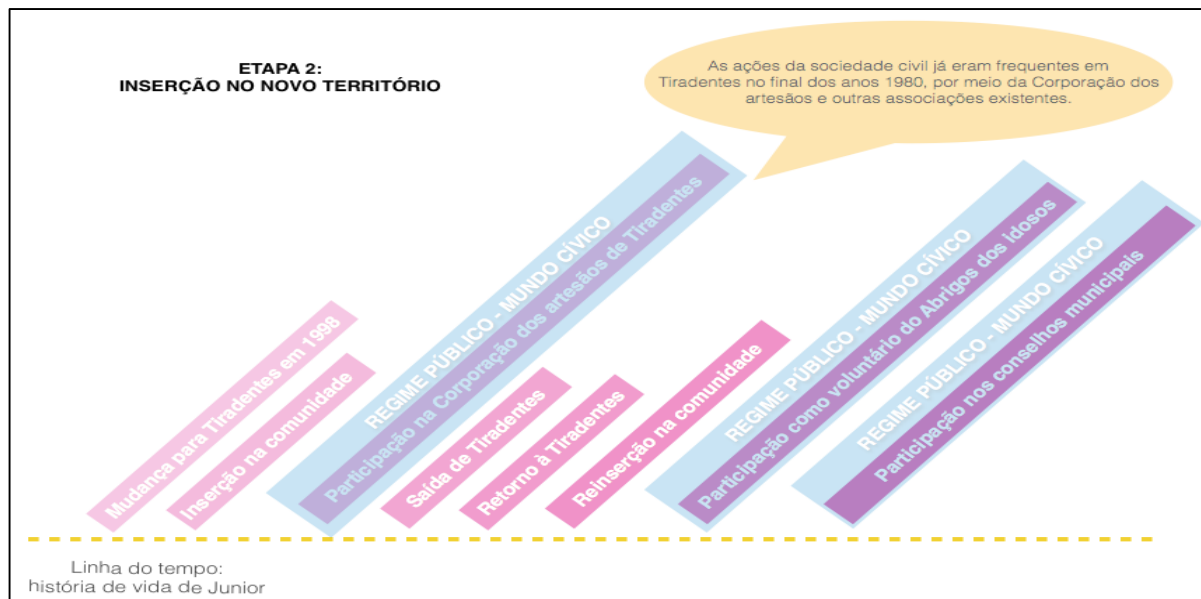
“A loja pode até estar legal, a galeria está legal, mas, e o resto? E a própria comunidade, como é que tá? Eu moro aqui, ué. Para mim então é interesse que a comunidade esteja bem organizada, que o conselho do idoso, do menor adolescente funcione, que é pra poder dar uma orientada nessa molecada ou alguma opção pra eles, né? O conselho do idoso funcione, porque, se isso funcionar, se tiver uma

política para as crianças, para os idosos, pro esporte, a comunidade vai funcionar melhor”.

A participação de Junior nos conselhos municipais e no abrigo dos idosos, mostra-se aqui como um exemplo de ação pública, alinhado a um senso de coletividade e participação cívica, condizendo precisamente com o mundo cívico proposto por Boltanski e Thévenot (1991), ainda que, neste caso, não se referindo às disputas em controvérsias.

Esta foi a maneira que Junior escolheu para se inserir na comunidade de Tiradentes. E, por meio de suas ações, hoje ele é aceito e acolhido pela comunidade. Suas principais ações nesta etapa de inserção no novo território podem ser conferidas na figura 18.

Figura 18 - Resumo da etapa 2 da história de vida de Junior



Fonte: Elaborado pela autora

5.1.3 Desenvolvimento da fenomenia

Desde o início do seu envolvimento com esculturas, há trinta anos atrás, Junior já apresentava uma atração por um determinado estilo de esculpir. As formas de suas peças e o movimento que delas surgiam foi, desde o início, sua principal característica; seu estilo hoje, aprimorado ao longo do tempo, continua sendo o seu diferencial na sua carreira como escultor.

Trabalhando com a madeira com grande intimidade, Junior sempre primou em desenvolver peças singulares, próprias e exclusivas. Sua criatividade o permitiu e permite, ainda hoje, desenvolver peças únicas, diferentes umas das outras, sendo esta sua principal motivação. O diferente o atrai e o faz agir. Suas peças esculpidas em madeiras com curvas harmoniosas são comercializadas em sua galeria em Tiradentes.

Quando Junior retornou à Tiradentes pela segunda vez, em 2007, a cidade passava por um período em que o turismo se encontrava no seu auge, fruto das políticas públicas e ações da sociedade civil. Tais ações já vinham sendo desenvolvidas desde o início dos anos 1990, como a divulgação da cidade pelos meios de comunicação, a criação de festivais, a nova configuração do centro histórico com estabelecimentos destinados aos turistas e os investimentos do BNDES com trabalhos ligados à preservação do patrimônio histórico (melhor abordado na seção 4.3.3 O despertar e o auge do turismo: da década de 1990 aos dias atuais).

Com o turismo desenvolvido e o território transformado, Tiradentes já admitia empreendimentos com as características da fenomenia de Junior, como galerias de arte com peças nobres e custosas. Isso demonstra que Junior se beneficiou desta fase de transformação do território, que por sua vez, foi impulsionada por políticas públicas e pela ação de agentes que atuavam em outras esferas, como empresários e demais atuantes da sociedade civil. Da mesma forma que o território proporcionou o seu progresso, Tiradentes também se beneficiou com a fenomenia de Junior, uma vez que a cidade carecia e ainda hoje carece de empreendimentos ousados e inovadores, com produtos ligados à cultura e à história do local, que agreguem valor, contentando os turistas, a população e a economia do território.

A partir dos anos 2000, o foco do turismo passa a ser na quantidade, e não mais na qualidade, fato este que acaba afetando também os produtos

comercializados na cidade. O comércio passa a se direcionar não apenas às obras de arte – reunidas por meio de diversas manifestações artísticas: escultura, pintura, bordado, desenho, gravura expressadas em madeira, pedra, ferro, aço, cerâmica, tecido, pedra-sabão, encontradas em galerias de arte, ateliês, lojas de artesanato – como também, a produção e a venda de artesanato em série.

Este perfil de artesanato, além de desconsiderar o imaginário do artesão, apresenta um caráter mais utilitário, caracterizado por ondas temporárias de consumo (CUNHA *et al*, 1994). Isto faz transparecer uma padronização que, muitas vezes, precariza e desvaloriza o trabalho do artesão, reforçando a visão do artesanato ligado a produtos sem significação e seriedade. Além disto, este perfil, em algumas situações, também está relacionado às cópias dos produtos mais procurados pelos turistas. Estas cópias apresentam um valor inferior e uma qualidade e um acabamento questionável, deteriorando o reconhecimento ao produto original. Mesmo apresentando estas características desfavoráveis, muitos turistas, devido a questão financeira, optam por adquirir a cópia da arte, e não o original em si.

Ainda, diante a esta questão relacionada à cópia dos produtos, Tonet (2014), autor que realizou uma pesquisa sobre artesanato na mesma região, assegura que estas cópias não facilitam a criação, pois o processo está concentrado na reprodução dos objetos mais procurados pelos turistas, o que faz com que estes produtos vendidos se tornem cada vez mais parecidos, quando não, padronizados. O autor ainda assegura que esta padronização dos produtos corrobora com o descrédito dos produtos vendidos na região. Assim, produtos que expressem conceitos originais e singulares, derivados da imaginação, motivação e criatividade do artesão; acabam sendo mais significativos para os territórios, em especial o território deste estudo, já que o trabalho artesanal criativo, como a arte de Junior, apresenta uma contribuição significativa para o desenvolvimento da cidade de Tiradentes.

Os produtos semelhantes e padronizados, por mais que desagreguem valor ao território de Tiradentes, contribuem para promover e alavancar o trabalho de Junior, ao ponto dele ser reconhecido na comunidade como um artista que trabalha com diferenciação. Junior também relata que os turistas, ao ansiar por objetos diferentes,

reclamavam por encontrar em Tiradentes muita semelhança entre os produtos comercializados.

As observações dos turistas frente aos produtos padronizados deram ainda mais segurança a Junior na sua escolha de desenvolver sempre produtos diferenciados, de “não fazer nada igual ao que já tem”, conforme ele mesmo destaca. Este foi e ainda é seu diferencial na cidade, apresentar uma arte única e original, que encanta não só as pessoas de outras localidades, como também os próprios moradores de Tiradentes. Desta forma, por apresentar produtos únicos, encontrados somente ali, sua galeria agrada muito os seus visitantes e também os moradores.

Esta padronização dos produtos em Tiradentes transparece numa forma de precarização do trabalho artesanal, e reforça a condição de artesanato como forma exclusiva de subsistência. Em oposição a isto, é possível identificar outros tipos de ganhos não-monetários, como a satisfação e a autorrealização, características estas típicas do enclave da fenonomia e, ao mesmo tempo, constatadas no trabalho de Junior (TONET, 2014).

Junior acredita que seu trabalho diferenciado, bem como o de outros artistas que primam por peças exclusivas, contribui para o território de Tiradentes, agregando a ele mais valor. Segundo o escultor: “isso aí acrescenta pra cidade e é bom para nós porque cada um tem o seu trabalho (...) eu até espero que venham mais pra acrescentar, porque se tiver um *boom* é bom pra todo mundo”. Os eventos culturais, aliados à beleza da cidade, sua arquitetura e aos artistas que nela desenvolvem trabalhos diferenciados, igualmente contribui com o perfil do público que frequenta a cidade: pessoas interessadas em arte, história, cultura, que conservam e valorizam o território.

O desenvolvimento das atividades do trabalho de Junior está alinhado ao enclave da fenonomia, por apresentar um trabalho baseado na liberdade, na opção pessoal e no bem-estar (GUERREIRO RAMOS, 1989). Além disto, sua maneira de pensar e agir o faz optar por um desenvolvimento diferente do padrão imposto pelo mercado centralizador, contribuindo para um modelo de economia diferente, sendo este plural, bem como para o desenvolvimento do território.

A economia plural tem como característica fundamental a diversidade, remetendo a uma economia aberta que elimina a legitimação exclusiva do binômio Estado-Mercado, incentivando uma economia

caracterizada pela combinação dos três polos (Estado, mercado e sociedade civil); isto resulta numa pluralidade de iniciativas de cunho econômico, que leva em conta as interfaces entre as esferas econômica, ecológica, social e política (ANDION; SERVA; LÉVESQUE, 2006).

Serva e Andion (2007) asseguram a correspondência entre a formulação de uma economia plural e da sociedade multicêntrica de Guerreiro Ramos, a qual apresenta a fenonomia como um dos enclaves propostos pelo autor. A aproximação entre economia plural e fenonomia vai ao encontro deste estudo, uma vez que a fenonomia de Junior está alinhada a uma economia plural, por apresentar o desenvolvimento da organização relacionada a uma racionalidade que não é predominantemente econômica e utilitária, na qual há uma preocupação com outros fatores, como: cultural, histórico, convivial, além de estar relacionada a sua história de vida e aos seus objetivos.

A relação do produto com a cultura do território aparece aqui como um fator importante para a gestão da fenonomia de Junior. Suas esculturas em madeira são obras diferenciadas e únicas, que além de serem seu diferencial e assegurarem sua comercialização, são também compatíveis com o que o território demanda: produtos originais que atraiam a atenção dos turistas, agregando-o importância.

Para Junior, a criação das suas peças é prazerosa e motivadora. Ele realiza seu trabalho baseado em suas motivações e realizações pessoais. Seu processo de criação apresenta-se compatível com as características que definem uma fenonomia, bem como com o regime público, mais especificamente com o mundo da inspiração proposto por Boltanski e Thévenot (1991). No mundo da inspiração, o princípio superior comum é o estímulo interior do indivíduo, que é adequadamente representado pelas motivações de Junior em seu trabalho.

Mesmo apresentando motivações pessoais vivas e um grande entusiasmo com seu trabalho, Junior assegura que inspiração e motivação não são tudo. Citando a frase de um dos maiores inventores do nosso tempo, Thomas Edison, ele assegura que “esse negócio de inspiração é (...) 1% de inspiração e 99% de transpiração. Então, a inspiração é rápida. Em um segundo você tem a inspiração. Pra você executar essa inspiração você vai ter que ralar”.

A inspiração hoje para Junior é algo normal e rotineiro, fruto da sua familiaridade com a madeira e dos seus trinta anos de experiência

como escultor. Para ele, é somente o tempo dedicado ao trabalho que transforma um iniciante em um profissional habilidoso e talentoso e, no caso do ramo de esculturas, é necessário um tempo de no mínimo dez anos para isto. “Com menos de dez anos você ainda é um aprendiz, você não tem um estilo definido, você ainda está procurando coisas, a própria técnica demora muito tempo pra você desenvolver, pegar habilidade, pegar a manha com a madeira mesmo”, assegura ele.

Tanto sua bagagem de trinta anos, quanto as dificuldades enfrentadas ao longo do percurso, foram necessárias para ele se sentir satisfeito com as habilidades que adquiriu e com o trabalho que realiza. Hoje, ele afirma que para realizar seu trabalho são necessários “trinta anos e dez dias. Porque se não fosse essa experiência que eu tenho hoje eu não faria em dez dias nunca; não teria técnica pra isso”.

É por meio desta experiência, adquirida ao longo destes trinta anos, que Junior consegue olhar para a madeira, matéria prima do seu trabalho, e saber o que fazer, como agir. “Você olha e diz eu vou fazer isso aqui. E você consegue fazer isso”, conta ele. No passado, sem tanta experiência, era impraticável tamanha agilidade, como ele mesmo destaca: “no começo você olha, você não sabe o que você vai fazer. Às vezes você começa a peça sem saber o que você vai fazer. Mas, tudo isso é experiência”. Além da falta de desenvoltura, havia sofrimento para produzir as peças: “o braço dói, a coluna, você não tem posição certa ainda e com o tempo você vai descobrindo o melhor jeito de fazer as coisas, e chega uma hora que você não sofre mais com o que você está fazendo”. Mesmo com sua produção sendo considerada demorada, árdua e exaustiva, hoje Junior lida com ela de uma maneira mais satisfatória e conveniente.

No início de sua fenoconomia, ele não se importava com horários de produção definidos, chegando a trabalhar de dez a quinze horas por dia. “Às vezes virava a noite trabalhando, empolgado com o trabalho”. Por trabalhar horas seguidas e sem pausa na realização de suas obras, dando ouvido, muitas vezes, ao entusiasmo e a empolgação, ele acabou contraindo dores nos ombros devido a tanto esforço e trabalho. Isto o obrigou a ser uma pessoa mais disciplinada, principalmente no que diz respeito às horas trabalhadas. “A velhice vai chegando e você vai sentindo, aí eu tive que disciplinar”, brinca ele.

Junior recorda que quando as dores começaram, ele falou para ele mesmo: “não, eu não posso mais, eu tenho que ter um horário, tenho que ter disciplina porque se não daqui a pouco eu não vou mais aguentar trabalhar”. Sua fala é fruto de uma reflexão que pedia uma ação imediata. Assim, Junior decidiu mudar seus hábitos e ser mais disciplinado.

A ação de Junior aqui precisou ser retificada para ele voltar a estabelecer uma nova configuração de coordenação consigo próprio, de maneira a amenizar e sanar suas dores (THÉVENOT, 2006). A ação de desenvolver suas obras de arte de maneira mais despretensiosa, seguindo seus anseios e sem tanta atenção com seu corpo, gerou desconfortos e dores nos seus braços e ombros, restringindo seus movimentos, dificultando-o a operar suas ferramentas e executar seu trabalho de forma prazerosa. Ele precisou avaliar a si mesmo, a maneira que vinha conduzindo sua tarefa profissional, as suas ferramentas de trabalho, as horas de dedicação. Por julgar sua ação prejudicial a sua saúde, ele precisou alinhá-la, a fim de poder retornar à sensação de bem-estar e conforto com o desenvolvimento do seu trabalho. Para isto, optou por estabelecer horários fixos, mudar hábitos, criar rotina e ser mais disciplinado. Assim, por fazer este balanço da ação e por alinhá-la em prol do seu bem-estar, Junior impôs a si próprio uma nova coordenação (THÉVENOT, 2006). Para isto, foi a ele necessário deslocar a prioridade do regime familiar (sua maneira condicionada de realizar seu trabalho) em direção ao regime do plano (uma nova maneira de trabalhar, a fim de melhorar o seu bem-estar físico).

Com o passar do tempo, Junior descobriu que a disciplina era essencial não só para sua saúde, como também para dar seguimento ao seu trabalho. Durante vinte e cinco anos de dedicação às esculturas, Junior produziu suas peças em madeira sem se importar com horários fixos. Ele afirma que “agora não dá. Até porque você tem que assumir outras coisas. Não é só trabalho não”.

Assim, hoje, Junior trabalha no horário convencional: “das oito ao meio dia e da uma e meia – tem que ter um descanso depois do almoço – às cinco horas. É horário mesmo, se não o negócio não anda”, assegura ele. Com horários fixos estabelecidos, Junior começou a viver para além do seu trabalho. Ele lembra que o fato de trabalhar o dia todo era agradável, mas chegou um momento que começou a atrapalhar alguns

aspectos da sua vida “com o tempo é bom, mas depois começa a pesar um pouco. Não tem tempo para mais nada, só para o seu trabalho”.

No entanto, ele trabalha todos os dias da semana, inclusive nos domingos pela manhã. Sua rotina de trabalho é intensa, com horários fixos estabelecidos para produção. Quando questionado sobre sua energia na produção, ele esclarece: “hoje em dia ficar sozinho em casa, fazendo o quê? Vou pra oficina”. A paixão pelo seu trabalho e a importância dele em sua vida apresentam a sua força.

Mesmo Tiradentes sendo uma cidade agitada culturalmente, apresentando várias atrações históricas, galerias de arte, museus, cinema, exposições, festivais, fruto das ações das políticas públicas aliadas às ações da sociedade civil, Junior prefere ficar mais em casa. “Eu estou muito cansado, quero ficar em casa, quero descansar. Trabalho o dia inteiro. A gente vai acomodando mesmo”, destaca ele.

Estudos a respeito da fenonomia (GUERREIRO RAMOS, 1989; TONET, 2004; BESEN, 2010) relatam que o tempo de trabalho neste enclave, conhecido como tempo de salto, é definido pelo ritmo pessoal de trabalho e sua qualidade reflete na intensidade do anseio do indivíduo pela criatividade e o auto esclarecimento. O anseio de Junior em produzir suas peças ultrapassava o limite saudável, o que acarretou problemas de saúde e, conseqüentemente, em seu trabalho, necessitando uma mudança na ação. Mudança esta que o fez estipular horários fixos para trabalhar, compatíveis com os horários convencionais de uma empresa tradicional. No entanto, o fato dele trabalhar nos finais de semana é compatível com o tempo de salto, tão característico das fenomenias, na qual o ritmo pessoal do seu trabalho reflete fielmente a intensidade do seu anseio no seu processo de criação e produção.

Junior produz suas peças em seu ateliê, que se situa no último andar de sua casa, e somente nas quartas feiras as produz em sua galeria por ser o dia de folga de seu funcionário. Mesmo o ateliê situando-se bem próximo da galeria, Junior relata orgulhoso das vantagens de poder trabalhar em casa: “você não tem que se deslocar, não vai perder tempo em trânsito, nem nada, então você levanta, toma café e vai trabalhar. Pára, vai almoçar, descansa e vai trabalhar. Tranquilo”. Mesmo apresentando uma rotina delineada, por sua casa e seu ateliê estarem interligados, há uma mescla acentuada de sua vida pessoal e profissional, característico das fenomenias.

Na visão de Junior, é fundamental a separação do espaço de criação e produção, do espaço de comercialização das suas peças de arte. “É bom você ter um lugar pra trabalhar, um pra morar, e outro pra você expor”, relata ele. Mesmo apresentando sua galeria e seu ateliê em espaços distintos, Junior cogita a ideia de separar seu ateliê do espaço da sua casa. Para isto, planeja construir o ateliê, que hoje se situa no último andar, ao lado de sua residência.

No entanto, a separação entre os espaços de criação e de produção, do espaço de comercialização, já proporcionam um ambiente que permite a liberação de sua criatividade, gerando satisfação e autorrealização. Características estas compatíveis com o enclave da fenonomia, apontadas por Guerreiro Ramos (1989).

As experiências que Junior vivenciou antes de chegar em Tiradentes o deram subsídios para ele criar seu ateliê, sua fenonomia. Sua participação em cursos, associações, feiras e suas experiências com galerias, compõem uma rica parte do seu currículo de aprendizagem, e são exemplos disto.

Em seu ateliê, Junior cria e produz suas peças sozinho. Por desenvolvê-las sem ajuda de qualquer assistente, e também pela complexidade do seu trabalho, sua produção é árdua e lenta, o que quer dizer que as peças não são concluídas rapidamente. De acordo com Guerreiro Ramos (1989), fenonomia é um enclave no qual pertence às pessoas que apreciam e sabem como trabalhar com elas mesmas; que parecem ter uma nítida compreensão daquilo que devem fazer; que se mantêm ocupadas, como se fossem movidas por uma compulsão interior; que as capacita a realizar coisas que estão além do alcance das pessoas comuns. Características estas pertencentes ao cotidiano de Junior frente ao seu trabalho.

O perfil da produção das obras de Junior é um dos motivos pelo qual ele não expõe suas esculturas em outras localidades, além de Tiradentes. Mesmo recebendo muitos convites para exposições, ele os nega de imediato. Para ele, “não compensa, compensa ficar aqui”, pelo fato de Tiradentes proporcionar um fluxo de turismo intenso.

Segundo Junior, “todo mundo que está aqui hoje, que fixou, que veio de fora, encontrou essa possibilidade de você produzir e vender aqui mesmo (em Tiradentes). Você não precisa sair. No meu caso eu posso ficar aqui, eu recuso até esses convites para fazer exposição fora porque

eu não consigo, hoje não dá”. Junior ainda assegura que fora das temporadas altas de turismo, o desempenho da galeria é ainda melhor, por ser este um público diferenciado, focado em conhecer as singularidades da cidade e dos produtos elaborados pelos artistas e artesãos.

As políticas públicas e ações da sociedade civil, que permitiram que Tiradentes migrasse de uma cidade fantasma à um destino turístico conhecido nacional e internacionalmente, foram fundamentais para Junior ter sua fenonomia instalada neste território. Da mesma forma, elas igualmente permitiram a criação, produção e comercialização de seus produtos somente na cidade, sem a necessidade de um deslocamento para outras regiões – como Junior fazia na década de 1990.

As transformações ocorridas em Tiradentes apresentaram um impacto notável na vida pessoal e profissional de Junior. Pelo âmbito profissional, dado o estágio de desenvolvimento do turismo na cidade, a instalação da sua fenonomia; pelo âmbito pessoal, por ter conseguido realizar seu desejo de morar em uma cidade interiorana, usufruindo de seus atrativos singulares e desenvolvendo um trabalho pelo qual tem paixão.

Assim, devido às transformações ocorridas em sua vida e na cidade de Tiradentes, Junior apresenta hoje sua galeria próximo à Rua Direita, uma das principais ruas da cidade. Com o tempo, ele percebeu a importância de ter um ponto fixo para expor suas obras. Satisfeito com a localização de sua galeria, ele afirma que um ponto fixo é fundamental para todo artista, pois é por meio dele que se torna conhecido, que divulga seu trabalho e que comercializa suas obras, permitindo, desta maneira, um fluxo de venda contínuo. A fala de Junior expressa claramente a relevância do ponto fixo para o seu trabalho: “tem gente que vem em um ano, no outro ano volta, compra, indica pro outro: “ó, lá em Tiradentes, perto do abrigo, tem uma galeria, olha, vai lá conhecer, tem uns trabalhos legais e tal”. Isso contribui e muito. Então, ter um ponto fixo isso é fundamental”.

No entanto, com o ponto fixo desafios de gestão começaram a aparecer. Qual a quantidade de peças que deve ser exposta? Como deve ser o atendimento aos visitantes e clientes? Como dividir o tempo no processo de criação, produção e atendimento às pessoas, sem comprometer o andamento do trabalho? Como divulgar a galeria e seu trabalho?

Referente a quantidade de peças, Junior destaca que “com o tempo você começa a ter uma quantidade boa para uma exposição. Porque se tiver pouca também não é bom, porque a pessoa não tem muito o que ver. Também não pode ter muito, porque aí congestiona o visual”. A experiência do dia a dia permitiu que ele tivesse esta clareza de pensamento. Isto mostrou a ele que a quantidade de peças expostas demandava planejamento, e este era um dos fatores que influenciava o andamento da galeria, as peças produzidas e a comercialização das esculturas. Novamente, o planejamento, um dos elementos tão presentes nas teorias gerenciais, como as de Peter Drucker, Henry Mintzberg, Douglas McGregor, entre outros, é um aspecto da gestão que, independente do setor ou do tamanho da organização, mostra-se de fundamental importância para a tomada de decisão e o desenvolvimento das ações em um empreendimento.

Pelo fato da galeria não ser meramente um espaço comercial, mas sim um espaço de exposição de obras de arte, o atendimento aos visitantes e clientes é essencial. “As pessoas entram, olham, perguntam”, destaca Junior. Durante os primeiros quatro anos da galeria, era ele quem fazia tudo, criava e produzia as esculturas, recebia as pessoas na galeria e comercializava as peças. Com o tempo, Junior percebeu que precisava de auxílio para atender os clientes na galeria, e assim, há alguns meses, contratou seu amigo para atender os visitantes e cuidar de toda a comercialização.

Com isto, hoje a galeria encontra-se sempre aberta, e além disto, os visitantes e clientes são bem atendidos pelo seu funcionário, que reforça seu trabalho explicando o conteúdo das obras. A ajuda de seu funcionário o libera para produzir suas peças em casa, onde situa seu ateliê.

Uma das características das fenomenias é apresentar um tamanho auto regulado, de no máximo cinco membros, bem como um baixíssimo grau de subordinação e de formalização nas normas e procedimentos. Estas características são compatíveis com a fenomenia de Junior, uma vez que ela apresenta apenas dois membros, além de pouca subordinação e formalização. A ideia do compartilhamento de valores e ideias entre os membros, percebida na fenomenia de Junior, também é uma particularidade deste enclave social.

No que concerne a divulgação da galeria, Junior divulgava seu trabalho nas ruas da cidade por meio de cartazes. Mas, nos últimos anos, ele precisou criar uma nova maneira. Isto porque com o aumento do número de turistas e também de empreendimentos, a divulgação dos atrativos nas ruas começou a suceder de forma desordenada, gerando poluição visual. A prefeitura precisou regularizar a maneira que as divulgações eram feitas pelas ruas, a fim de evitar uma desordem coletiva. Isto gerou impacto para os empreendimentos, os quais foram obrigados a criar um novo método de divulgação, método este que muitas vezes envolvia maior esforço, planejamento e organização. No caso de Junior, ele precisou se adaptar às novas regras ditadas pela prefeitura e devido a isto mudou o curso da ação, expandiu suas alianças com outros empreendimentos da cidade. Com isto, Junior passou a divulgar seu trabalho nos restaurantes e nas pousadas por meio de cartões, ao invés dos cartazes espalhados pelas ruas.

Atualmente, a Secretaria de Turismo apresenta a função de difundir os trabalhos dos artistas, artesãos e das atividades da cidade. Assim, na Secretaria, situada no centro histórico, se encontram vários folders e cartazes referentes a todos os trabalhos e atrações de Tiradentes. Lá, encontra-se também a divulgação do trabalho de Junior, divulgação esta bem sucedida, uma vez que foi por meio das atividades realizadas pela Secretaria de Turismo que tomei conhecimento do seu trabalho.

Assim, é visível a aliança firmada entre a Secretaria de Turismo e Junior, no que concerne a divulgação de seu trabalho. Da mesma forma, também é perceptível as parcerias estabelecidas nos últimos anos com as pousadas e os restaurantes da cidade no que concerne à propagação do seu trabalho. Ainda frente às alianças firmadas, também há a união de Junior com o lar dos idosos, uma vez que é o proprietário do imóvel em que situa sua galeria.

Além da divulgação na Secretaria de Turismo, nas pousadas, nos restaurantes e nas principais ruas da cidade de Tiradentes, Junior conta também com a difusão das suas obras na internet, por meio de uma rede social. O site é alimentado uma vez por mês com as fotos das peças mais recentes de Junior.

Quanto aos valores das peças esculpidas, Junior apresenta em sua galeria obras que variam de duzentos a quatorze mil reais. O preço é definido conforme a demanda: “se você tem pouca procura não tem como

você aumentar o seu preço, se você tem uma procura alta você já começa a melhorar e aí você começa a sentir o seu público também”.

Desenvolvendo produtos com preços diferenciados ele assegura que: “aquele que pode levar uma mais cara, uma maior, leva”. Pelo fato do valor das obras não ser acessível a todos os visitantes da galeria, ele relata casos de pessoas que vão até o seu espaço, conhecem seu trabalho, se apaixonam pelas peças e em outra oportunidade voltam e as compram. O que demonstra que seu trabalho agrega valor à cidade, uma vez que as pessoas retornam a ela para adquirir seu produto.

O valor das suas obras aliada à comercialização ativa dos seus produtos em Tiradentes representa o desenvolvimento do turismo, hoje mais diversificado e diferenciado. Novamente, mostra-se evidente a relevância das transformações ocorridas na cidade efetuadas pelas políticas públicas, e também pelas ações da sociedade civil.

Ainda quanto a comercialização, Junior destaca que a economia nacional e mundial influi nas vendas das peças de arte, como em qualquer outro ramo que envolve comercialização. No entanto, a melhora da economia nas últimas décadas corroborou com a evolução nas vendas e ao mesmo tempo com a mudança de perfil dos seus clientes. Ele assegura que o perfil dos clientes mudou consideravelmente: “as pessoas que estudaram, hoje têm uma profissão, conseguem viver do seu trabalho e compram arte. Antes as pessoas que compravam arte era uma classe mais privilegiada”.

Conforme já referenciei nesta seção, as características das peças produzidas por Junior revelam o regime público, proposto por Thévenot (2006), mais especificamente o mundo de inspiração, referenciado por Boltanski e Thévenot (1991), devido ao princípio superior comum ser representado pela sua motivação em seu trabalho. Entretanto, o mundo mercantil também se encontra igualmente presente, uma vez que Junior determina o valor das peças e as comercializa em sua galeria. Desta forma, podemos inferir que em seu trabalho há o compromisso entre estas duas grandezas – o mundo mercantil e o mundo da inspiração.

Diante do atendimento aos clientes, Junior já apresentava experiência, antes de instalar sua galeria em Tiradentes, por ter participado de feiras e exposições. Nestes eventos ele pôde perceber que as pessoas em geral se interessam em ver o artista trabalhando, em conversar com ele, saber do seu trabalho. Assim, ele procura, sempre que

possível, se relacionar com os clientes e visitantes da galeria, conversando, escutando seus elogios, críticas e opiniões. Segundo Junior: “quanto mais você tiver interagindo, e as pessoas também ficarem à vontade na exposição, melhor. Aí fica uma coisa mais solta, mais livre”.

Devido a este modo de agir, Junior conseguiu aprimorar seu trabalho, apresentando uma melhor performance pelo simples fato de escutar e acatar as sugestões apresentadas pelos clientes. Foi por meio de um comentário de um visitante da galeria, por exemplo, que Junior começou a desenvolver seu trabalho concentrado na Curva de *Moebius*, a qual representa hoje sua fama e seu prestígio. Ele conta que sempre trabalhou esculpindo curvas na madeira, mas durante sua primeira exposição em Tiradentes, um dos visitantes, o qual era um psicanalista, relatou a semelhança das suas obras com a Curva de *Moebius*. A partir deste comentário, Junior começou a pesquisar e estudar sobre a curva. Após estudos e pesquisas, ele lembra que falou para ele mesmo: “puxa, eu já faço uma coisa bem parecida com isso, vou inserir a curva no meu trabalho”. Inserção esta que começou naquele momento, fruto de uma sugestão de um visitante, e que corroborou com o seu destaque e diferencial.

Faz sete anos que Junior inseriu a Curva em seu trabalho. No entanto, ele assegura que ainda desenvolve pesquisas sobre ela, procura encontrar novas maneiras de ilustrá-la e de aprimorá-la em seu trabalho. “Tem muita coisa ainda para ser explorada nela. Então, vai tomar um tempo. Não sei quanto tempo não. Até enjoar, aí muda, né?”, destaca ele. Sua fala representa não apenas o seu interesse contínuo em aprofundar suas peças, como também a flexibilidade de criação do seu trabalho. Suas peças são desenvolvidas baseadas nas suas motivações pessoais, e não estão prioritariamente relacionadas às demandas do mercado, peculiaridades estas do enclave da fenonomia.

A fenonomia para Guerreiro Ramos (1989) é um ambiente necessário às pessoas para a liberação de sua criatividade, sob formas e segundo maneiras escolhidas com plena autonomia, tornando-se então um espaço de realização. Tais aspectos puderam ser evidenciados na galeria de Junior. Ainda de acordo com Guerreiro Ramos (1989), seus membros se mantêm ocupados ao extremo e seriamente comprometidos com a consecução daquilo que, em termos pessoais, consideram relevantes. Esta

afirmação igualmente apresenta relevância com o trabalho que Junior desenvolve.

O estudo elaborado por Tonet (2004) igualmente destaca que a fenonomia é um dos poucos, senão o único ambiente, em que a criatividade é encorajada. Em especial, no ramo do artesanato isto é visto com nitidez: é na diferenciação e nos detalhes que o artesão dá asas a sua imaginação e a transforma em algo palpável. Essas características também são intrínsecas na fenonomia de Junior, uma vez que ele possui plena liberdade para criar o que deseja, do seu modo, sem necessidade de obedecer às regras do mercado, fatos estes geradores de autossatisfação e autorrealização.

Além da curva de *Moebius*, outras sugestões dos visitantes da galeria foram acatadas por Junior e aprimoraram ainda mais seu desempenho no trabalho. Quanto à exposição de suas peças, por exemplo, uma dona de galeria em BH, o sugeriu expor suas obras em bases de apoio brancas e não pretas como fazia até então, a fim de deixar a exposição mais sóbria. Junior considerou a sugestão recebida, e rapidamente percebeu mudanças no visual da sua galeria: “eu fiz essa experiência e realmente melhorou, solta mais o trabalho, destaca mais”.

É também por meio destas sugestões e opiniões que Junior vai aprendendo e aprimorando seu trabalho. Para ele, “com trinta anos você vai aprendendo com as pessoas que passam, com cursos que você faz, com a própria experiência (...) em termos de galeria você tem que estar sempre aberto, as pessoas vão te dando um toque e por mais que você não concorde a intenção de quem tá te falando é pra te ajudar. Nunca é para te atrapalhar”.

Além das trocas de informações com os visitantes da galeria, a prática cotidiana, as experiências e os cursos e eventos que participou contribuíram para o aprimoramento da sua fenonomia. Quanto aos cursos e eventos, Junior participou de diversos, incluindo eventos do Sebrae. No entanto, nestes vinculados ao Sebrae, por não ser direcionado diretamente para o seu trabalho, Junior afirma que suas participações não proporcionaram uma interferência no andamento e qualidade da sua atividade. Mesmo assim, ele participava por acreditar que havia sempre algo para aprender, para aproveitar. Outra forma de aprendizado destacado por ele, a qual refletiu e ainda reflete no desenvolvimento do seu trabalho, é o diálogo com profissionais do mesmo ramo.

Assim, a participação em eventos, feiras e seminários, as trocas de informações com profissionais do ramo e visitantes da galeria, bem como a prática cotidiana, auxiliaram Junior a desenvolver suas obras e a técnica que apresenta hoje. Todos estes saberes, derivados de diversas fontes, proporcionaram destaque que ele apresenta hoje na cidade de Tiradentes.

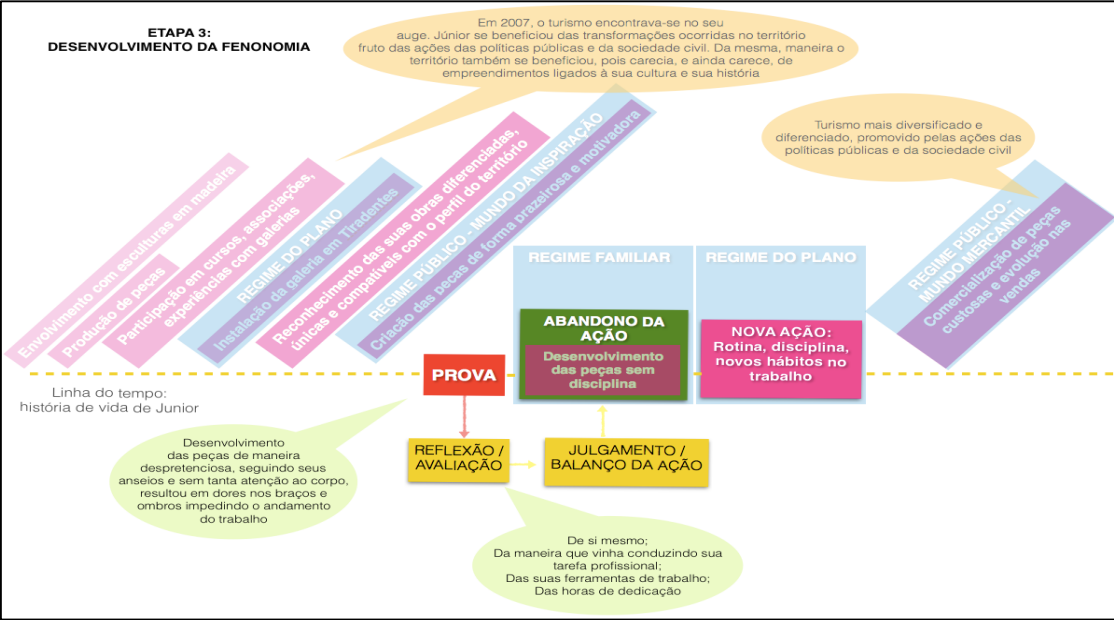
“Hoje eu posso dizer eu tenho trinta anos que eu trabalho com escultura e eu acho que eu estou no meu auge. Eu nunca posso dizer: já sei tudo. Isso ninguém pode dizer nunca. Mas eu acho que eu estou no auge do meu trabalho, da técnica e eu espero desenvolver mais ainda”, assegura Junior.

Da mesma forma, as experiências que Junior teve ao longo de sua vida foram essenciais para ele realizar seu trabalho baseado em suas motivações e realizações pessoais. Junior aprimorou seu estilo e sua técnica em favor do que ele acreditava.

Sua fenomenia é um espaço que proporciona liberação da criatividade, que permite um esclarecimento constante de si mesmo, que ocasiona um desenvolvimento contínuo de suas habilidades tanto da perspectiva profissional, quanto da perspectiva humana. Os desafios da gestão, sanados por meio das experiências por ele adquiridas ao longo do tempo, colocaram-se à frente dos desafios territoriais e dos desafios de liberdade, criatividade e imaginação.

As principais ações relacionadas à sua fenomenia podem ser conferidas na figura 19, a qual representa um resumo do seu desenvolvimento ao longo do tempo.

Figura 19 - Resumo da etapa 3 da história de vida de Junior



Fonte: Elaborado pela autora

A figura representa ações de Junior antes mesmo da sua chegada em Tiradentes, ações estas que foram fundamentais para a formação da sua galeria e o desenvolvimento de suas peças. Por exemplo, o envolvimento com esculturas em madeira em Olinda, o início da produção das peças, e a sua participação em cursos, associações e galerias. Estas ações foram importantes para a instalação da galeria em Tiradentes. A instalação foi proporcionada pelo regime do plano, uma vez que Junior, após fazer um balanço da sua ação, optou por retornar à Tiradentes, dando ênfase a um novo plano de vida.

Nesta época, Tiradentes se encontrava mais preservada e desenvolvida se comparada ao final dos anos 1980, época da primeira incursão de Junior no território. No entanto, mesmo com o desenvolvimento do turismo mais afluente, a cidade carecia e ainda carece de fenômenos que apresentem produtos ligados à história e à cultura do território, agregando a ele valor. Por desenvolver os produtos que o território necessitava, Junior conquistou reconhecimento dos moradores e turistas frente às suas obras diferenciadas e únicas.

A criação de suas esculturas esteve sempre atrelada a sua motivação interna, característica própria das fenômenos e do regime de inspiração. No entanto, seguindo seu fascínio pela produção intensa das suas obras, o trabalho pesado e as horas excessivas de dedicação provocaram dores nos braços e ombros, resultando em dificuldades no andamento do trabalho. Este foi o momento de sua prova, a qual gerou uma reflexão e avaliação de si mesmo, da maneira que vinha conduzindo seu trabalho, das suas horas de dedicação, das ferramentas utilizadas para a criação.

Por julgar esta ação, derivada do regime familiar, prejudicial ao seu trabalho, ele optou por uma nova ação, proveniente então do regime do plano. A nova ação condiz com uma maior disciplina na execução de suas obras, além de rotina e novos hábitos. Por fim, a figura relata também outra ação importante para o desenvolvimento da fenônomia: a comercialização das suas peças de alto valor e a evolução nas suas vendas. Estes dois aspectos são consequência do turismo mais evoluído, diferenciado e diversificado de Tiradentes, o que também é fruto das políticas públicas e ações de outras esferas.

5.1.4 Síntese da história de vida de Junior

Em sua cidade natal, Santo André (SP), Junior ingressou precocemente na vida profissional, se dedicando a uma siderúrgica. Devido às dificuldades de viver e trabalhar em uma região metropolitana, ele ansiava por uma mudança em sua vida. Em fevereiro de 1982, migrou para Olinda para aprender a arte de esculpir (abandonou o regime familiar e penetrou no regime do plano e no regime de exploração). Por se dedicar somente ao domínio das artes (mundo da inspiração), ele se especializou em esculturas em madeiras.

Dois anos depois da mudança para Olinda, Junior descobriu seu amor por Minas Gerais e decidiu morar em Ouro Preto, e logo depois, em Belo Horizonte. Em uma viagem com amigos, ele conheceu Tiradentes, e logo se encantou pelas suas singularidades. Diante do encanto, Junior fez um balanço da sua ação, a avaliou, a julgou, estabeleceu uma nova coordenação consigo mesmo, mudando-se para Tiradentes em 1988; novamente ele abandonou o regime familiar, e penetrou no regime do plano e de exploração. Nesta época, a cidade já havia saído do ciclo de ruínas, apresentava ações voltadas à preservação do patrimônio histórico, no entanto o número de turistas ainda era reduzido.

Junior vendia suas esculturas para os escassos turistas que em Tiradentes se encontravam e também nas cidades próximas a ela. Mas, por estar no início da sua carreira como escultor e também pelo fato da cidade apresentar um turismo incipiente, a comercialização das obras no território se mostrou inviável, fazendo-o retornar à Olinda, em 1992, para dar seguimento no seu trabalho como escultor.

Junior permaneceu no Nordeste por quinze anos. Retornou à Tiradentes para realizar uma exposição na cidade, se surpreendendo com as modificações ocorridas no território e com o seu desenvolvimento turístico. Ele conseguiu comercializar todas as suas obras, e devido ao seu sucesso nas vendas, decidiu voltar a morar em Tiradentes (movido pelo regime do plano).

Há sete anos Junior mora e trabalha em Tiradentes. Suas esculturas em madeira são produzidas em seu ateliê situado em sua residência, para a seguir serem comercializadas em sua galeria de arte, instalada em uma rua próxima ao centro histórico da cidade (fruto dos seus relacionamentos e alianças). Suas obras variam de duzentos a quatorze mil reais.

Tanto em 1988, na sua primeira incursão no território de Tiradentes, como em 2007, Junior foi bem acolhido pelos moradores da cidade. Sua postura foi fundamental para receber este acolhimento, já que ele buscou fazer parte da comunidade, participando de ações coletivas, contribuindo para a melhoria do lugar. Participações estas que ocorrem ainda hoje, visto que ele se envolve ativamente, também como voluntário do abrigo dos idosos e dos conselhos municipais.

A inserção de Junior na comunidade de Tiradentes (próprio do regime público, mais especificamente do mundo cívico) mostra-se aqui como um exemplo de ação pública, de cidadania (BOLTANSKI; THÉNOT, 1991). Ele contribui com o território não apenas desenvolvendo obras únicas e exclusivas que agregam valor à Tiradentes, mas também por meio da sua ação individual e voluntária, visando o bem-estar e a melhoria da população.

Junior sempre primou em desenvolver peças singulares, próprias e exclusivas, e hoje exibe uma arte única e original. Os produtos semelhantes e padronizados comercializados em Tiradentes contribuíram para alavancar seu trabalho, promovendo ainda mais suas esculturas em madeira, ao ponto de tornar-se reconhecido na comunidade como um artista que trabalha com diferenciação. Este reconhecimento se deve ao fato do seu produto agregar valor ao território, pois sendo esculturas que não permitem reprodução, devido à sua complexidade de produção, são consideradas obras singulares, e são encontradas somente em Tiradentes. Assim, suas esculturas em madeira são compatíveis com a história e a cultura do território.

Seu fascínio por desenvolver obras únicas e singulares o fez trabalhar horas seguidas, sem se atentar com pausas e descansos necessários. Isto acarretou dores que impediam o seguimento do seu trabalho, resultando em uma prova na sua vida profissional. Esta prova proporcionou um balanço da sua ação, quer dizer, o foi necessário avaliar, julgar e abandonar a ação em favor de outra (uma nova maneira de trabalhar a fim de melhorar o seu bem-estar físico). Neste momento, ele migrou do regime familiar para o regime do plano, o que foi fundamental para dar continuidade no seu trabalho como escultor.

A galeria de Junior apresenta características próprias do enclave da fenonomia, como também aspectos que envolvem a gestão de organizações voltadas ao enclave do mercado, esta amplamente

discursada nas teorias administrativas. Quanto à fenomenia, há o destaque para o entrelaçamento da sua vida pessoal e profissional, ou seja, uma expressão evidente da vida do indivíduo, da sua história, e do seu íntimo atrelado ao seu trabalho. Por apresentar este entrelaçamento, é visível a coordenação do indivíduo com ele próprio, assim como com o ambiente em que está inserido, o que contribui para a promoção de produtos relacionados com o território, além de um desenvolvimento territorial sustentável e uma economia plural.

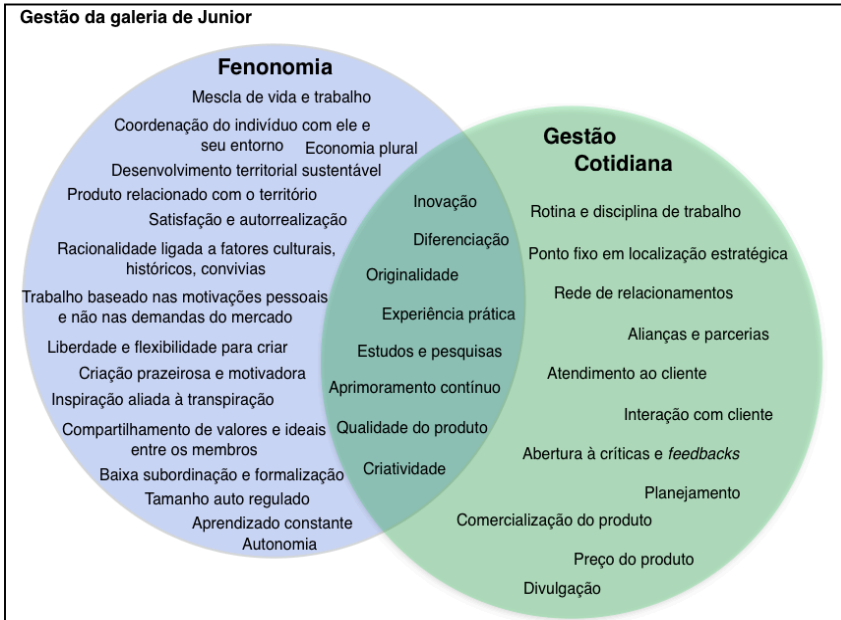
Igualmente, ficou evidente na gestão de sua galeria os aspectos da fenomenia, já conhecidos da teoria de Guerreiro Ramos (1989) e discursados em outros estudos (TONET, 2004; BESEN, 2010), como a satisfação e autorrealização; também o trabalho baseado nas motivações pessoais e não nas demandas de mercado; liberdade e flexibilidade para criar, e criação prazerosa e motivadora, aspectos estes também relacionados ao regime público, mais especificamente ao mundo da inspiração proposto por Boltanski e Thévenot (1991). Além destes, outros aspectos também já conhecidos da teoria do enclave da fenomenia foram igualmente encontrados na galeria de Junior, como o aprendizado constante, a autonomia, o tamanho autorregulado, o compartilhamento de valores e ideais entre os membros, bem como a baixa subordinação e formalização. Uma racionalidade ligada a fatores culturais, históricos e conviviais, bem como a inspiração aliada à transpiração, também se mostraram presentes no que concerne a este enclave.

Aspectos abordados habitualmente nas teorias administrativas também foram presenciados na gestão cotidiana de Junior, como por exemplo: a rotina e a disciplina de trabalho; o ponto fixo localizado em uma região estratégica; a rede de relacionamentos; as alianças e parcerias; o atendimento ao cliente e sua interação; a abertura às críticas e aos feedbacks; o planejamento; o preço do produto; a comercialização do produto, bem como a divulgação dos seus produtos (aspectos estes pertencentes ao regime público, especificamente ao mundo mercantil de Boltanski e Thévenot, 1991).

Outros aspectos da gestão que dizem respeito tanto ao enclave da fenomenia, quanto a gestão tradicionalmente abordada nas teorias específicas, foram por mim percebidos: inovação, diferenciação, originalidade, criatividade, experiência prática, realização constante de estudos e pesquisas, aprimoramento contínuo e qualidade do produto

(havendo o entrelaçamento do mundo da inspiração e o mundo mercantil). Todos os aspectos encontrados na gestão da sua galeria podem ser melhor visualizados na figura 20.

Figura 20 - Características da gestão da galeria de Junior



Fonte: Elaborado pela autora

Além das características da gestão da galeria de Junior, a figura demonstra que sua fenomenia conta não apenas com aspectos não econômicos, como também com a presença de aspectos administrativos clássicos, o que demonstra o entrelaçamento de racionalidades de mercado e não mercado, bem como o cruzamento de dois mundos comuns (o mundo da inspiração e o mundo mercantil). Isto quer dizer que a racionalidade não é predominantemente utilitária e econômica, e

tampouco, direcionada somente aos fatores culturais, históricos, conviviais e à história de vida do indivíduo e seus objetivos.

Assim, Junior, como gestor da fenonomia, deve apresentar habilidades para lidar também com o mundo mercantil, por meio de lógicas de ação, para conseguir viver do seu trabalho fortificado pelo mundo da inspiração.

Alguns acontecimentos específicos influenciaram a gestão da sua fenonomia, merecendo aqui serem destacados.

O primeiro deles, exposto no quadro 7, se refere às sugestões e críticas apresentadas pelos seus clientes quando estes visitam a galeria. Este *feedback* dado por eles trouxe consequências para sua fenonomia como o aprimoramento, a modificação e a melhoria no seu trabalho, impactando em pontos específicos na sua gestão cotidiana, conforme o quadro demonstra.

Quadro 8 - Fato que influenciou a galeria de Junior

Fato que influenciou a gestão da fenonomia de Junior			
Situação ocorrida	Resultado para a fenonomia	Regime de engajamento envolvido nesta ação	Impacto na gestão
Sugestões dos clientes na galeria	Aprimoramento, modificação e melhoria no trabalho	Regime do plano - um novo plano de ação a seguir	Atendimento ao cliente; interação com o cliente; abertura às críticas e feedbacks; aprimoramento contínuo; aprendizado constante; estudos e pesquisa

Fonte: Elaborada pela autora

Outros acontecimentos estão relacionados especificamente à fatores ocorridos no território, os quais fizeram com que Junior adotasse uma nova ação a qual resultou em uma mudança e/ou aprimoramento da gestão da sua fenonomia. Tais fatores, amplamente abordados e discutidos na seção concernente ao desenvolvimento da fenonomia, são elucidados no quadro 9. O quadro correlaciona a situação ocorrida no território, os regimes de engajamento envolvidos na ação de Junior, e finalmente, com os resultados gerados para a fenonomia, bem como com o impacto causado em sua gestão.

Quadro 9 - Acontecimentos ocorridos no território que influenciaram a gestão da fenonomia de Junior

Acontecimentos específicos do território que influenciaram a gestão da fenonomia de Junior			
Situação ocorrida	Resultado para a fenonomia	Regime de engajamento envolvido nesta ação	Impacto na gestão
Modificação do território graças às ações das políticas públicas e da sociedade civil	Instalação da fenonomia em Tiradentes	Regime do plano e regime de exploração - plano de mudança de território envolvendo uma nova ação carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração	Impacto em toda a gestão

Acontecimentos específicos do território que influenciaram a gestão da fenomenia de Junior			
Surgimento de cópias de produtos do território e avanço da produção do artesanato em série	Reconhecimento do seu produto pelos moradores e turistas como sendo único, impactante e diferente.	<p>Regime familiar - não houve ação diferente, Junior continuou exercendo seu trabalho da mesma forma</p> <p>Regime público: mundo da inspiração - Junior desenvolve suas peças baseados no seu estímulo interior</p>	<p>Parcerias; rede de relacionamento; diferenciação; inovação; originalidade; criatividade; satisfação e realização; aprimoramento contínuo; liberdade e flexibilidade para criar; autonomia; qualidade do produto; preço; venda; produto baseado nas motivações pessoais e não nas demandas do mercado; produto relacionado com o território; coordenação do indivíduo com ele e seu entorno; desenvolvimento territorial sustentável; economia plural; racionalidade ligada à fatores culturais, históricos, conviviais</p>

Acontecimentos específicos do território que influenciaram a gestão da fenomenia de Junior			
Acolhimento de Junior pelos moradores da cidade (devido em especial à sua prestatividade com a comunidade)	Reconhecimento da sua pessoa, seu trabalho e seu produto. Ponto fixo em uma das principais ruas da cidade	Regime público: mundo cívico - Junior se conduziu em direção do bem-comum, exercendo sua qualidade de cidadão	Ponto fixo em localização estratégica; rede de relacionamento; alianças e parcerias; coordenação do indivíduo com ele e seu entorno
Proibição da divulgação nas ruas com cartazes, devido ao aumento do número de empreendimentos e poluição visual com suas divulgações	Formação de alianças com a Secretaria de Turismo, pousadas, restaurantes e outros estabelecimentos. Divulgação do trabalho em redes sociais	Regime do plano - um novo plano de ação a seguir	Ponto fixo em localização estratégica; rede de relacionamento; alianças e parcerias; coordenação do indivíduo com ele e seu entorno; divulgação
Desenvolvimento do turismo e alteração no perfil dos turistas	Comercialização de peças custosas, evolução nas vendas e consequentemente a possibilidade de vender as peças na cidade sem precisar viajar ou realizar exposições em outros lugares	Regime público: mundo da inspiração - Junior desenvolve suas peças baseados no seu estímulo interior Regime público - mundo mercantil - Junior comercializa suas obras	Impacto em toda a gestão

Fonte: Elaborada pela autora

As políticas públicas e ações da sociedade civil, ocorridas desde o final dos anos 1980 até os dias de hoje, foram e são fundamentais para Junior ter sua fenonomia instalada em Tiradentes. Da mesma forma, são essenciais por possibilitar a criação, a produção e a comercialização de obras complexas e específicas como as de Junior. Além de colaborar com sua fenonomia, tais políticas e ações também apresentaram impactos em sua vida pessoal, pelos atrativos existentes na cidade. Atrativos estes que ele tanto aspirava encontrar desde a sua juventude, como a tranquilidade, a segurança, a qualidade de vida.

Da mesma forma, o território também se beneficiou com a presença da fenonomia de Junior, devido a seus produtos únicos e singulares, como também a sua ação voltada ao bem comum. Assim, a experiência, os comportamentos, o cotidiano e as ações de Junior, se encontram todos no coração da construção do território que habita (GUMUCHIAN *et al*, 2003). Aliada às políticas públicas e às ações da sociedade civil, a história de Junior, com suas experiências e singularidades, mostra-se expressiva no que concerne à construção do território de Tiradentes (REVEL, 1998).

5.2 A HISTÓRIA DE RITA. DOS TUMULTOS DA CAPITAL MINEIRA À TRANQUILIDADE QUE A PEQUENA CIDADE DE TIRADENTES OFERECE.

“As pessoas quando chegam aqui
perguntam e quando eu falo da
minha história, elas falam:

‘Nossa, mas você teve muita coragem’.
Não é coragem, é um desejo”.

Fala de Rita ao contar sobre sua mudança
de Belo Horizonte à Tiradentes

Rita é mineira, natural de Belo Horizonte e há trinta e cinco anos é ceramista. Em 2007, ela decide fazer uma grande mudança: abandona sua vida em Belo Horizonte e se instala em Tiradentes. Na cidade de pouco

mais de seis mil habitantes ela monta seu ateliê para criar, produzir e vender suas peças de cerâmica.

Os produtos criados por ela não são apegados a um único tipo de objeto; sua criatividade vai além: peças de diferentes tamanhos, com diferentes funções, para diversos ambientes da casa, incluindo também joias.

Foi em fevereiro de 2013, no meu primeiro contato com a cidade de Tiradentes, que conheci Rita. Naquele período, me hospedei em uma aconchegante pousada da cidade e nas conversas com o proprietário sobre a minha pesquisa e sobre o perfil dos atores que eu procurava encontrar, ele gentilmente me sugeriu conhecer Rita.

Feliz com a sugestão, liguei para ela para combinarmos de nos conhecermos e dias depois ela me recebeu em sua casa para conversarmos. relatei sobre a pesquisa e minhas intenções, comuniquei que ainda era um projeto inicial e que minha ida até Tiradentes naquele momento era para verificar a viabilidade de realizar o estudo na cidade. Ela confiante, gostou da minha apresentação e ali mesmo em sua casa começou a me relatar sobre sua vida, seu trabalho e seu amor pela cidade de Tiradentes, esta que ela chama de “cidade cenário”. Por aproximadamente uma hora, ela gentilmente e muito sorridente me acolheu, abriu sua vida para mim, me apresentou seu ateliê e mostrou as peças de cerâmica que desenvolve.

Quando retornei à Tiradentes para efetivamente coletar os dados da pesquisa, um ano e meio depois, tinha em mente encontrar novamente com Rita e fazer o estudo sobre sua história de vida. Ela ainda se situava em Tiradentes, realizando o mesmo trabalho, na mesma casa e no mesmo ateliê.

Na sétima noite da coleta de dados em Tiradentes decidi ir apreciar e fotografar o centro histórico da cidade e para minha surpresa me deparei com Rita em frente à Matriz de Santo Antônio. Me aproximei dela, nos cumprimentamos e voltamos a falar sobre minha pesquisa e no mesmo instante, ela aceitou fazer parte da tese como um dos personagens do estudo. Combinamos a entrevista para a manhã do dia seguinte em seu ateliê.

Seu ateliê se situa distante da onde estava hospedada, mesmo assim fui até o seu encontro a pé para aproveitar a agradável manhã de sol de inverno. As placas da prefeitura com o anúncio do seu ateliê me

indicavam o caminho. O bairro era calmo, bonito e muito florido o que proporcionou uma bela caminhada matinal.

Cheguei no encontro por volta das nove e meia. Rita me recebeu na porta, pediu para me sentar na mesa central, também usada para produzir suas peças em cerâmica, colocou uma música clássica de fundo, sentou em minha frente, começou a lixar algumas peças da sua produção e começamos a entrevista, a qual durou aproximadamente duas horas e meia.

Sempre muito simpática e entusiasmada relembrava sua história, seu passado, seu trabalho e me relatava tudo com leveza e alegria. No entanto, as duas horas e meia de relatos não foram suficientes para ela me contar tudo o que eu gostaria de saber e para isto foi necessário um novo encontro, o qual ocorreu vinte dias depois, tendo a mesma duração do primeiro. O resultado das cinco horas de conversa entre nós, a história de Rita, sua vida em Tiradentes e sua fenonomia poderá ser conferido a seguir.

Antes, algumas fotos do seu trabalho, das suas peças em cerâmica e do seu ateliê para uma melhor compreensão da sua história de vida.

Foto 14 - Rita na produção de uma de suas peças de cerâmica



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Foto 15 - O ateliê de Rita



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Foto 16 - Algumas de suas peças expostas em seu ateliê



Fonte: Arquivo da autora, 2014

5.2.1 Processo de mudança para o território de Tiradentes

Rita nasceu em Belo Horizonte em 1947 e viveu grande parte de sua vida na capital mineira até realizar sua mudança para Tiradentes. Como opção universitária escolheu o curso de jornalismo por acreditar que ele a proporcionaria uma diversidade de assuntos e informações. Após dois anos de dedicação, ela decidiu abandoná-lo, optando por estudar a língua inglesa. Após sua conclusão no curso de línguas, ela começou a dar aulas de inglês na escola de idiomas do seu ex marido.

No momento em que seus dois filhos nasceram, Rita suspendeu suas aulas e passou a se dedicar somente à família. Foi neste período que ela teve seu primeiro contato com a cerâmica.

Rita relata que sempre gostou de atividades manuais, de fazer ela mesma os presentes dos sobrinhos, de inventar objetos. Em casa, cuidando dos filhos, ela começou a fazer seus primeiros ensaios com a cerâmica: “pegava a cerâmica pronta, pintava e fazia vasilhinhos, dava de presente plantado”, relembra ela.

Um tempo depois do nascimento dos filhos, Rita decidiu participar de um curso de cerâmica em Belo Horizonte. Ela se sentiu tão conectada com aquela arte que após a conclusão do curso, lembra que falou para ela mesma: “eu vou continuar mexendo com isso”. E, assim fez. Desde aquele momento até os dias atuais, ela se envolveu diretamente e profundamente com a arte da cerâmica.

Após a conclusão do curso, Rita foi se dedicando cada vez mais nas leituras e nos estudos sobre esta arte. Naquela época, o inglês era seu grande aliado, pois através dele tinha acesso às diferentes literaturas que envolviam a cerâmica. Além do seu envolvimento com a produção das peças, ela passou a se dedicar também a ensinar as pessoas a fazerem objetos de cerâmica. Em um primeiro momento, os ensinamentos ocorriam em seu apartamento, mas com o aumento da demanda das pessoas interessadas foi necessário alugar um espaço maior destinado não somente às aulas como também à produção das peças para a comercialização. E assim nasceu seu ateliê escola em Belo Horizonte.

“Nos trinta anos que eu tive em Belo Horizonte, no ateliê escola o giro foi constante. E eu fui mudando de lugar, fui crescendo, fui mantendo o ateliê

básico em um ponto fixo e fui mudando a escola de acordo com o que eu achava de imóvel disponível na condição que eu queria, com o valor que eu também estava disposta a investir, né? Então fui funcionando assim”, revive Rita.

Relembrando sua trajetória, ela assegura que: “eu descobri a cerâmica como uma situação alternativa e resolvi levar a cerâmica a sério. A cerâmica acabou virando uma profissão. Na verdade, a cerâmica é um plano C e já funciona há 35 anos”. A fala de Rita reflete suas decisões de mudança de vida, as quais proporcionaram planos diversos, até finalmente encontrar algo que satisfaria o seu interior: a cerâmica. Estas decisões estão atreladas ao regime do plano, proposto por Thévenot (2006), uma vez que ela toma a iniciativa de apostar no seu envolvimento com a cerâmica ao ponto de sonhar em ser uma artista. Da mesma maneira, o regime de exploração, proposto por Auray (2011), e o regime público do mundo da inspiração determinado por Boltanski e Thévenot (1991) também se encontram presentes na decisão de mudança de Rita por apresentar a instigação e excitação pelo novo e peças que privilegiam a singularidade, bem como a originalidade e espontaneidade.

Após trinta anos de experiência no seu ateliê escola, Rita decidiu que era hora de mudar de ares. Nesse momento, seu trabalho na sua cidade natal, bem como a cidade que sempre a acolheu, deixaram de fazer sentido. Os motivos estavam relacionados desde às condições que a capital lhe oferecia até a sua vida profissional. Belo Horizonte acabou se tornando para ela uma cidade violenta e insegura: “eu morava há três quarteirões do meu ateliê, eu tinha que ir de carro porque um dos quarteirões que eu atravessava era zona morta e invariavelmente você era assaltada”.

Além das inseguranças que a cidade apresentava, Rita via dificuldades em manter o ateliê escola. “(...) chegou numa hora que eu cansei da coisa, os alunos voltaram para aquele lugar de comodidade e não me agrada. Ninguém queria fazer nada mais instigante e os custos de manutenção do ateliê estavam muito caros”, relembra ela.

Os custos de manutenção e as atitudes dos alunos ainda não eram tudo aquilo que a descontentava. Rita relata que houve uma fase complicada para trabalhar com a cerâmica em Belo Horizonte, pois alguns ateliês da cidade que também trabalhavam com este material, compravam

peças prontas e comercializavam tais peças como se a autoria do trabalho fosse deles. A atitude destes ateliês fazia com que suas peças apresentassem um valor inferior se comparado as peças desenvolvidas por Rita. Ela, por apresentar um trabalho diferenciado com a cerâmica, lembra que devido a esta situação falou para ela mesma: “depois de 30 anos de cerâmica fazer discurso para vender o meu trabalho? Eu não vou fazer isso. Então, vou parar”.

Todas essas dificuldades enfrentadas por Rita, todas essas provas, proporcionaram a ela um momento de reflexão o qual originou um balanço da sua ação: sua vida e seu trabalho em Belo Horizonte. Nesta fase, Rita lembra que falou para ela mesma: “bom, se eu ficar em Belo Horizonte em um condomínio ou numa coisa assim pequena eu vou começar tudo de novo, então se é pra mudar, vou mudar de vez”.

Diante das provas vividas e das reflexões dela com ela mesma, ela abandona sua ação em curso, o ateliê escola em BH, em prol de um benefício da ação, uma mudança radical de vida. Para fazer esse balanço da ação, Rita avaliou a si mesma, a sua cidade natal, as coisas, as pessoas, o trabalho, os ambientes, as situações; julgou se a ação estava coerente com o que almejava para sua vida e ao perceber que havia uma desconexão entre o que vivia e o que desejava abandonou a ação em curso em favor de outra; estabelecendo uma nova configuração de coordenação; dando ênfase a outra ação que convinha: a mudança para a cidade de Tiradentes (THÉVENOT, 2006).

Neste momento, Rita migra do regime familiar (a sua vida e rotina em Belo Horizonte) para o regime do plano (a mudança de cidade) (THÉVENOT, 2006). O regime de exploração, proposto por Auray (2011) também se encontra aqui evidente, uma vez que Rita abdicou do regime familiar, regime este em que está familiarizada com as pessoas, com os ambientes e com as situações e passou para uma situação de novidade, em que há a excitação da descoberta.

O primeiro contato de Rita com a cidade de Tiradentes se deu através do festival de gastronomia, festival que ela participou, anos antes a sua mudança, disponibilizando seus vasilhames de cerâmica para compor as refeições servidas no festival. Devido a este evento, Rita já apresentava uma forte ligação emocional com a cidade.

Mesmo conhecendo Tiradentes por meio do seu relacionamento com o festival, antes da mudança definitiva, querendo dar passos seguros,

Rita decidiu fazer um experimento de seis meses na cidade: “eu fiquei vindo pra Tiradentes seis meses só observando como a cidade funcionava, como era no feriado, durante a semana, em vários dias”. Quando finalmente compreendeu seu funcionamento, ela, com confiança, embarcou para Tiradentes com dois caminhões de mudança, levando, além de todos os seus pertences, toda a sua experiência, sua história de vida, seu trabalho, seus sonhos.

Mesmo sendo esta uma notável mudança de ares e também de estilo de vida, já que ela estava migrando de uma capital para uma pequena cidade do interior, Rita se sentia segura com a ideia de passar o resto de sua vida em Tiradentes: “era um lugar onde eu conhecia pessoas, um lugar que eu gostava da cidade, e era um lugar onde o meu trabalho continuaria tendo visibilidade por causa da questão turística”.

Além da visibilidade do seu trabalho aliada a qualidade de vida ofertada no território, os eventos culturais frequentes na cidade e a mistura das nacionalidades das pessoas que ali se encontram igualmente a agradavam. Para Rita: “apesar de – Tiradentes – ser uma cidade de interior, você não tem uma vida de cidade de interior”.

Desta forma, ela encontrou na cidade uma mistura de tranquilidade e segurança, características próprias de uma cidade do interior, mas também uma vida culturalmente e gastronomicamente agitada, características que foram adquiridas graças às políticas públicas instaladas na cidade a partir da década de 1990 por meio do desenvolvimento do turismo (acontecimentos estes já relatados na seção 4.3.3 O despertar e o auge do turismo: da década de 1990 aos dias atuais).

Assim, em consequência destas políticas públicas desenvolvidas no início dos anos 1990 que segeuem até os dias de hoje, Rita assegura com aprovação que: “eu moro em uma cidade fisicamente reduzida, mas que é aberta para o mundo. Porque Tiradentes tem gente de todo lugar o tempo todo, então você tem situações aqui de eventos, de música, de várias coisas que você às vezes na sua cidade nem tem”.

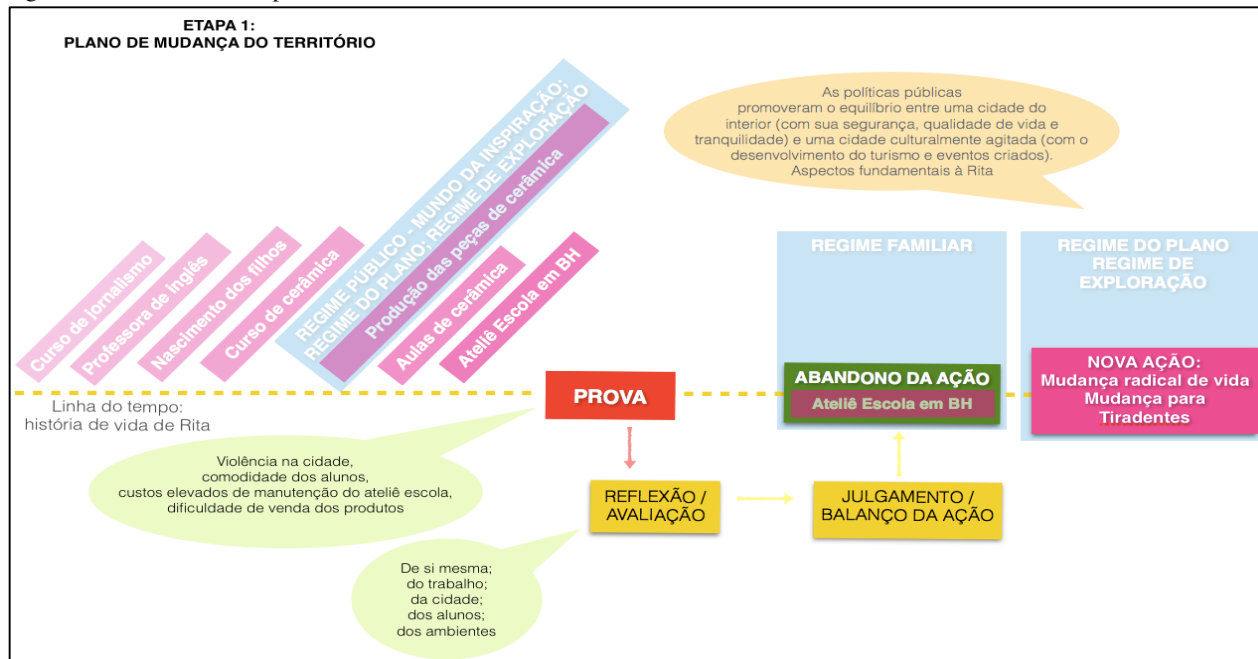
Sua vida profissional também influenciou na decisão da escolha de cidade. Tiradentes se mostrou novamente favorável às suas aspirações. Ela relata que “o pensamento foi esse: foi pensar em um lugar onde eu tivesse qualidade de vida, que é meu ir e vir, poder andar a pé e não estar

preocupada, cheia de grilos na cabeça e poder ter um contato direto com a pessoa que compra e gosta do meu produto”.

A pequena cidade de Tiradentes apresentava naquele momento da sua mudança e apresenta ainda hoje muitas características que Rita desejava para sua vida. Particularidades como qualidade de vida, segurança, tranquilidade, relacionamentos com pessoas de diferentes lugares, vida culturalmente agitada, estão presentes na cidade de Tiradentes graças às políticas públicas e às ações da sociedade civil implantadas na cidade desde o início dos anos 1990.

Uma síntese da história de vida de Rita, concernente ao processo de mudança para o território de Tiradentes, pode ser conferido na figura 21.

Figura 21 - Resumo da etapa 1 da história de vida de Rita



Fonte: Elaborado pela autora

5.2.2 Inserção no novo território

Quando Rita decidiu efetuar a mudança para Tiradentes, tinha certeza que a vida na nova cidade seria algo definitivo e não temporário. “Eu não vim pra ver se dava certo, eu vim pra ficar”, lembra-se ela. Confiante da sua escolha e da sua decisão, ela sabia que seria necessário se adaptar à nova vida e ao funcionamento da cidade, bem como ter um bom convívio com os habitantes de Tiradentes.

O seu experimento na cidade, seis meses antes da sua mudança definitiva, a permitiu fazer amizades e se relacionar tanto com nativos, quanto com as pessoas que tinham escolhido Tiradentes como moradia. Assim, quando ela finalmente decidiu ali se instalar, a reação das pessoas não foi negativa: “quando eu vim para ficar – em Tiradentes – a reação – das pessoas – não aconteceu porque eu já participava muito da estrutura – da cidade”, assegura ela.

O fato da sua arte ser diferenciada, arte esta que não causava e ainda hoje não causa concorrência para ninguém, contribuiu para ela ser acolhida na cidade, como ela mesma afirma: “eu acho que eu me tornei conhecida aqui primeiro por causa da minha atividade, eu sou a única pessoa fazendo isso na cidade. Eu acho que isso foi uma coisa diferente”. Assim, a arte diferenciada, aliada ao fato de seu produto não inviabilizar o empreendimento daqueles que já estavam instalados na região, culminou para a aceitação das pessoas. “Eu tô trazendo uma coisa nova que ninguém faz”, confirma ela.

Vivendo em Tiradentes e sendo acolhida pelos moradores, ela decidiu firmar raízes na pequena cidade se desvinculando de vez da capital mineira. Assim, ela vendeu seu apartamento em Belo Horizonte e comprou um lote em Tiradentes para construir sua casa e seu ateliê. O momento de dar este passo foi oportuno, pois foi anteriormente ao intenso movimento de especulação imobiliária ocorrido em Tiradentes. Frente a isto, Rita conta que “hoje, por exemplo com o dinheiro que eu ia ter do apartamento eu não faria essa casa. Não compraria o lote e faria a casa porque nenhuma aplicação que eu tivesse deixado o dinheiro ia me render o tanto que valorizou o imóvel”.

A situação apresentada na fala de Rita confirma a força da especulação imobiliária existente na cidade nos últimos cinco anos. A valorização dos imóveis é fruto das políticas públicas que contribuem

para o avanço de Tiradentes como um todo, tornando-a atraente não somente para turistas como também para novos moradores. No entanto, a venda dos lotes e casas e a especulação imobiliária também acarretam problemas para a cidade como a expansão urbana desordenada e a segregação territorial, aspectos já abordados na seção 4.3.3 O despertar e o auge do turismo: da década de 1990 aos dias atuais.

Mesmo com a cidade apresentando uma oferta grande de empregos, o que resulta na importação de trabalhadores de outras regiões, Rita sempre primou pela mão de obra local para tudo o que precisava, desde a construção da sua casa até o seu trabalho no ateliê. “Você vai buscando as pessoas locais e daí pra frente você vai abrindo esse leque e vai convivendo com as pessoas”, destaca ela. Esta foi uma das práticas adotadas por Rita para se aproximar das pessoas e também para se tornar conhecida na nova cidade: se relacionar com os moradores por intermédio do trabalho.

Segundo ela, “conforme você lida com as pessoas é como as pessoas passam pra frente a informação sobre você”. Sendo assim, ela sempre fez prevalecer um bom relacionamento com todos que trabalharam com ela: “nunca dei prejuízo, nunca deixei de pagar ninguém, nunca fiz nada que pudesse ir contra. Então as pessoas se forem falar tem que falar uma coisa positiva, não tem nada negativo”.

Para muitos tiradentinos, o empreendimento de Rita é visto como requintado e sofisticado. Ela destaca que quando suas ajudantes do ateliê contam sobre o local onde trabalham, as pessoas surpresas questionam: “você tá trabalhando naquele lugar chique?”. Assim, ciente da resistência de alguns moradores de Tiradentes no que concerne ao requintado e ao sofisticado, Rita procura mostrar-se uma pessoa simples e cordial, acreditando ser este um dos métodos de quebrar esta barreira existente.

As falas de Rita a seguir apresentam a sua iniciativa em conversar, em realizar trocas com as pessoas da cidade, em conhecer os moradores, em fazer amigos: “eu ando na rua, eu cumprimento: bom dia, boa tarde. Mesmo que eu não conheça (...) Eu ando muito, eu cumprimento todo mundo que eu encontro”; “eu tenho muita paciência com nativo (...) eu pergunto: sua mãe melhorou?”.

Isto também era aquilo que Rita buscava em Tiradentes, a troca, os diálogos, o bom relacionamento com todos os moradores. Por isto ela

sempre primou por uma convivência harmoniosa tanto com nativo quanto com os novos moradores.

Por ter ido para Tiradentes sozinha, Rita sempre soube que precisava sair de casa, se relacionar, conversar, para ter aquilo que ela visualizava em Tiradentes: convivialidade com as pessoas. “Se eu ficar aqui dentro quieta ninguém vai bater na minha porta pra saber se tá tudo bem”. Em oito anos em Tiradentes ela conseguiu se inserir na comunidade, se tornar conhecida e ainda conquistou grandes amigos: “os meus amigos hoje são todos da maturidade, que são amigos feitos em Tiradentes”.

Rita cultivou estas amizades participando de grupos de pessoas com os mesmos interesses que os dela. Segundo ela “existe uma turma muito boa em Tiradentes de pessoas de vários lugares que se agrupam de acordo com o perfil”. No seu caso: “a gente tem uma turma que é ligada a música, se reúne pra ouvir música (...). Então as pessoas vão achando seus grupos e vão funcionando”.

Além de participar do grupo da música, ela também criou seu grupo de interesse. Uma vez que tentou implantar em Tiradentes um ateliê-escola como aquele que ela tinha em Belo Horizonte, no entanto com um objetivo maior de poder conhecer pessoas interessadas em cerâmica. Esta foi outra maneira que Rita encontrou para fazer novos amigos e proporcionar aos moradores da cidade uma atividade diferente: uma tarde por semana, aulas de cerâmica com uma ceramista profissional. Hoje o ateliê-escola de Rita conta somente com três pessoas e devido ao maior envolvimento dela com a produção das suas peças, estes encontros semanais vespertinos estão por se encerrar.

O relacionamento com os moradores, a participação nos grupos de interesse, a criação do ateliê-escola, foram também parte do seu método para se inserir na comunidade e minimizar o seu sentimento de solidão. Para conquistar isto, ela tinha convicção de que um respeito pela cidade, pelas pessoas, pelos costumes era fundamental.

“Porque eu acho que você que chega na cidade do outro você tem que ter um respeito muito grande por isso. Porque tem muita gente que vem de fora e reclama ‘ah, aqui não tem isso; aqui não tem aquilo; aqui não funciona assim; não funciona assado’. Falei: ‘bom, você está chegando em uma cidade

que já existe. Ou você se adapta a isso ou então você vai embora'. Agora, querer que eles façam a mudança pra atender a sua demanda? Isso não existe", assegura ela.

Respeitando a cidade que escolheu para viver, Rita sempre buscou o entendimento: "não adianta você bater de frente. Não adianta. Você cria até um problema". Sabendo disto, sua atitude é o oposto: "eu que tenho que me adaptar às condições da cidade. Se a cidade tem uma regra eu tenho que tentar viver com aquela regra do melhor modo possível". Para ela, este é o meio da convivência saudável.

Além de compreender a vida interiorana, os costumes dos nativos e das pessoas que lá se instalaram, Rita procurou retribuir de alguma maneira à cidade que a acolheu. "Eu acho que quando você vai pra cidade do outro o mínimo que você pode fazer é dar um tipo de retorno por ele ter te acolhido", destaca ela.

Pensando em contribuir com a cidade, Rita se envolveu logo nos primeiros anos em Tiradentes com a Associação dos Empresários de Tiradentes (ASSET). Assim, ela, por ter feito parte da associação, atuou em projetos visando a melhoria da cidade, como a participação do Conselho do Meio Ambiente, colaborou com o projeto de coleta seletiva do lixo que estava para ser implementado. Este envolvimento de Rita na comunidade por meio da ASSET apresenta harmonia com o regime público, sugerido por Thévenot (2006), mais especificamente com o mundo cívico, proposto por Boltanski e Thévenot (1991), por apresentar um senso de coletividade e participação cívica.

Nos últimos anos de sua participação na associação, ela relata que a ASSET esteve mais voltada à melhoria dos empreendimentos dos seus associados ligados à hospedagem e à alimentação. Com a mudança de foco da associação, as ações voltadas ao desenvolvimento da cidade foram cada vez mais tendo menos importância, bem como os micro empreendimentos associados: "os pequenos foram ficando, nada foi feito para esses pequenos a não ser ter ali um lugar onde se fosse representado".

A mudança dos interesses e dos objetivos da organização causaram desapontamentos à Rita, uma vez que o seu empreendimento não apresentava um olhar cuidadoso por parte da associação a qual era afiliada. Além disto, Rita se desgastou ao participar de projetos ligados à melhoria da cidade. Para ela, havia um grande desejo em querer agir em

prol do desenvolvimento de Tiradentes, no entanto, ela se frustrava quando presenciava os projetos parados e sem solução.

Os desapontamentos e decepções vividos por Rita, fizeram com que ela vivesse um momento de prova, o qual gerou uma reflexão e avaliação de suas ações diante do seu envolvimento na associação. Assim, frente a esta prova, foi necessário um balanço da sua ação para ela reestabelecer uma coordenação consigo mesma a fim de evitar principalmente mais frustrações e desgastes com participações em projetos e ações de caráter público sem resultado. Quando suas ações em prol do bem comum (regime público de caráter cívico) começaram a lhe causar incômodos na sua vida pessoal, ela precisou avaliar a si mesma, seu lado emocional, sua relação com as pessoas da cidade, os prós e contras de se envolver em projetos da sociedade civil. Julgando sua ação naquele momento prejudicial ao seu bem-estar ela precisou alinhá-la para voltar a sentir-se bem e satisfeita com sua vida em Tiradentes. Para isto, optou por não se envolver em projetos de caráter público e se dedicar mais ao que lhe dá prazer: seu trabalho com a cerâmica, seu ateliê, suas amizades e sua vida cultural em Tiradentes. Com isto, fazendo esse balanço da ação e alinhando-a em prol do seu bem-estar, Rita apresenta uma nova configuração de coordenação (THÉVENOT, 2006).

Assim, ela decidiu se dedicar ao seu trabalho no ateliê e “virar moradora de Tiradentes”. Sua intenção é “ficar um tempo só como moradora, curtindo o que a cidade oferece, participando do que dá pra participar. Não me envolver por agora em nada que me demande esse tipo de envolvimento”. A passagem do regime público de caráter cívico para o regime familiar, torna-se aqui evidente. Afinal, Rita se afasta das ações as quais não tinha controle, das ações que envolviam diferentes pessoas (regime público) e migra para ações as quais está familiarizada: sua casa e seu trabalho; dando valor aos seus hábitos (regime familiar).

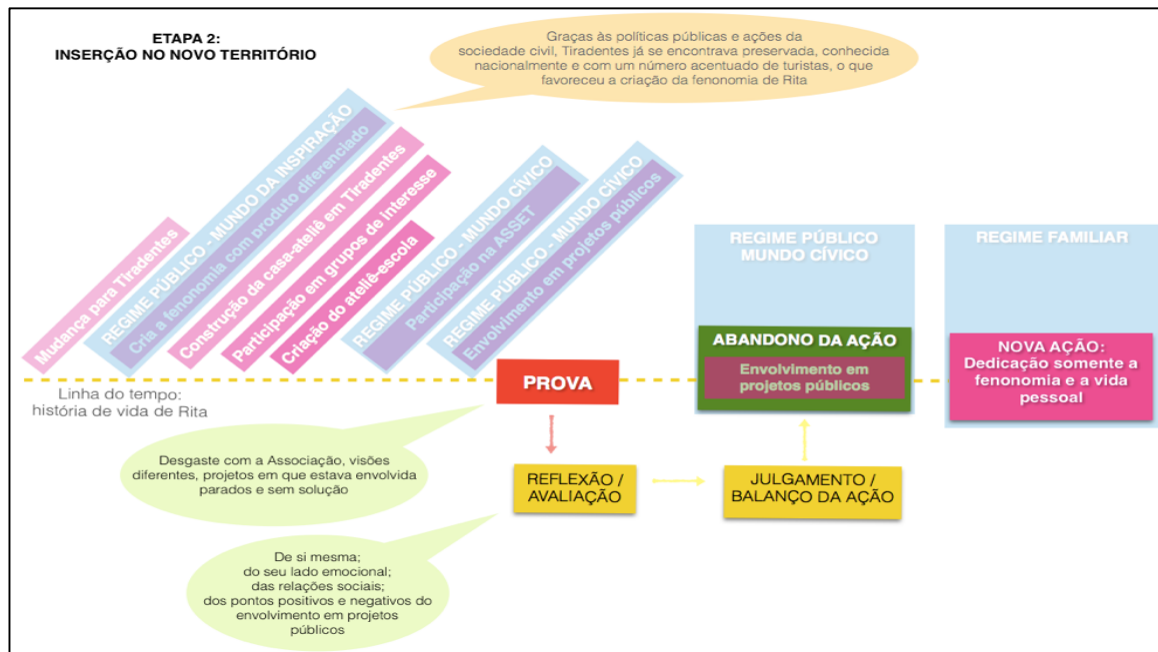
No entanto, mesmo com o desejo de ser somente moradora de Tiradentes, algumas pessoas ainda a buscam para saber sua opinião a respeito de algumas situações da cidade. Isto representa a consideração que estas pessoas têm por Rita e por suas colocações. Um exemplo disto é sua contribuição com o Plano Diretor, o qual estava sendo realizado na cidade. Em 2014, Rita foi procurada duas vezes em seu ateliê pelas pessoas envolvidas com a construção do plano para relatar suas considerações sobre a cidade. Ela relata que a responsável pela elaboração

do plano falou: “olha, como eu percebi que você tem uma participação – na cidade –, antes de fechar o plano eu queria trocar duas ideias: ‘o que você acha disso e o que você acha disso? Não só como pessoa que veio de fora mas também pelo fato de você estar morando aqui’”. Rita relata este fato com alegria, expressando o seu contentamento em ter sido reconhecida como uma moradora que pode contribuir com a cidade. “Então eu achei interessante porque de um jeito ou de outro você manifesta seu ponto de vista, né?”, assegura ela.

Por meio do seu trabalho, do envolvimento em projeto público, da sua participação na Associação dos Empresários, dos grupos em que participa, dos amigos que fez, dos diálogos com moradores, Rita conseguiu se inserir na comunidade de Tiradentes e desenvolver ali sua fénomia. Prova disto é a indagação de uma de suas ajudantes do ateliê, a qual um dia a questionou: “Rita, você acha que tem alguém nessa cidade que não sabe quem você é?”, conta ela satisfeita da sua integração em Tiradentes.

A síntese de sua história frente à inserção no novo território pode ser conferida na figura 22.

Figura 22 - Resumo da etapa 2 da história de vida de Rita



Fonte: Elaborado pela autora

5.2.3 Desenvolvimento da fenomenia

Rita sempre encarou a cerâmica com seriedade. Desde o início da sua ligação com esta arte, ela continuamente se envolveu em pesquisas aprofundando seus conhecimentos sobre a argila e também sobre os métodos corretos para empregá-la.

Por desejar compreender o máximo possível sobre a matéria prima empregada e as etapas que deveria percorrer para chegar no produto final, Rita precisou estudar química, física, geologia, mineralogia e outras disciplinas as quais não tinha nenhuma formação até então. Nestes estudos, preocupada com a questão da toxidade de alguns materiais empregados, Rita descobriu uma maneira de poder trabalhar com o material sem seu lado tóxico, cooperando com sua saúde e também com o meio ambiente, aproveitando materiais e diminuindo custos de produção.

Estes estudos possibilitaram um forte viés ligado à sustentabilidade e ao não desperdício de materiais: “a gente não joga argila fora, a argila secou você hidrata, ela volta, você mistura outra coisa, ela ganha outra cara, você usa a cinza que é aproveitada, que foi do fogão de lenha ou da lareira”, exemplifica ela. As particularidades dos resíduos utilizados e sua maneira de trabalhar, diretamente ligada à preservação do meio ambiente, proporcionaram, e ainda proporcionam, peças singulares e notáveis e corroboram com o seu reconhecimento como ceramista. Estudos e pesquisas referente à matéria prima e a sua etapa de produção a acompanharam desde o início do seu envolvimento com a cerâmica e ainda hoje fazem parte do seu cotidiano no trabalho, auxiliando a inovar e a criar peças distintas.

Por estar inserida no estado de Minas Gerais, em uma região que apresenta uma riqueza muito grande de pigmentos, de terras, de rejeitos advindo das mineradoras do entorno, Rita se interessou em estudar mais a fundo esta riqueza e usá-la no seu trabalho com a cerâmica. Um estudo técnico realizado por ela para um congresso de cerâmica a permitiu chegar em oitenta cores de argila; estudo este que a proporcionou prêmios e que posteriormente se tornou uma exposição. Sua paixão, criatividade e interesse pela arte proporcionou a ela bons resultados desde o início da sua carreira.

Isto também era avistado e apreciado pelos seus clientes: seu amor pela cerâmica, seu modo de trabalhar, seu envolvimento com a sustentabilidade e com o meio ambiente e também sua maneira criativa de transformar um produto bastante tradicional, como utensílios de cozinha e decoração, em uma peça singular.

Em minha incursão no campo de pesquisa pude evidenciar as pessoas, moradores da cidade e turistas, contemplando suas peças de cerâmica. Eles a consideram simples e especiais, uma arte que encanta. Presenciei turistas de Belo Horizonte em seu ateliê seduzidos pelas suas peças; da mesma forma, testemunhei na hospedaria em que fiquei instalada, durante todo o tempo da coleta de dados deste estudo, pratos e outros utensílios de cozinha produzidos por Rita sendo usados, apreciados e divulgados pela minha anfitriã.

As características do trabalho de Rita, sua maneira de criar suas peças de cerâmica e o sentimento dos moradores e turistas em relação ao seu trabalho, apresentam a importância deste produto na cidade de Tiradentes. Suas peças de cerâmica são peças originais e exclusivas e estão ligadas ao regime público mais especificamente ao mundo da inspiração, proposto por Boltanski e Thévenot (1991), o qual, apresenta como princípios a inovação e a referência na inspiração, na sensibilidade artística, na imaginação e na criatividade do gênio criador. Mundo este caracterizado pelas emoções, próprio daqueles que conseguem encontrar em seu trabalho artístico um estado de graça, independente do reconhecimento das outras pessoas. No entanto, o reconhecimento e o encantamento das pessoas são visíveis no trabalho de Rita, pela singularidade do seu produto.

A sua não formação em artes plásticas a ajudou a olhar a cerâmica de outra maneira: sem uma preocupação exacerbada com a arte em si. Desde o início, Rita lembra que as pessoas definiam seu trabalho como sendo de uma artista plástico e seu posicionamento foi sempre frisar que suas peças não carregavam conceitos de arte e sim de *design*. Para ela, “eu não sou artista plástico. Eu sou ceramista. Eu não passei por uma escola de arte. Eu não tenho formação de artes plásticas. Meu trabalho hoje é plasticamente bom, mas eu não passei por uma escola de arte. Então, meu trabalho não carrega conceitos de arte”.

Em sua visão, seu trabalho era visualmente cativante, no entanto, não era artisticamente interessante, por não carregar conceitos teóricos de

arte e ser conceitualmente mais simples. A simplicidade de suas peças pode ser conferida nas suas formas básicas e descomplicadas.

Rita relembra que por muitos momentos questionava a si mesma: “se eu tinha me simplificado e o trabalho tinha simplificado ou se eu tinha me simplificado por causa do trabalho”. Suas inquietações nessa direção e as suas inseguranças em relação ao produto que desenvolvia lhe causaram alguns desconfortos e sofrimentos: “eu já sofri com isso, porque no começo como o trabalho era muito pro lado mais técnico eu falava: ninguém vai querer nada do que eu faço, ninguém vai comprar nada do que eu faço, eu fico fazendo só por fazer”.

A inquietude, a dúvida e o sofrimento vivenciado por Rita, são grandezas perseguidas no mundo da inspiração, quer dizer, são sentimentos típicos de pessoas que estão inseridas no meio artístico, o qual valoriza o mistério, a imaginação, a originalidade e a unicidade (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

No entanto, por não entender a simplicidade do trabalho que realizava e por muitas vezes não ter tido o reconhecimento que desejava, Rita enfrentou dificuldades e provas que a provocaram desconfortos, mas que, ao mesmo tempo, a proporcionaram reflexões e um balanço da sua ação: a maneira de realizar e de conduzir o seu trabalho. Assim, ela avaliou a si mesma, seu trabalho, a maneira de realizar suas peças, a opinião dos clientes, sua opinião pessoal, o seu ateliê, as vendas dos seus produtos; julgou se a ação estava de acordo com seus valores e anseios e ao perceber que a coerência existia, ela optou por retomar a ação. Quer dizer, mesmo com incômodos e inseguranças, ela decidiu seguir com a produção das suas peças da maneira que lhe convinha, estabelecendo uma coordenação consigo mesma (THÉVENOT, 2006). O regime familiar torna-se evidente nesta situação, afinal Rita persevera a maneira condicionada de realizar seu trabalho.

Com a retomada da ação, ela percebeu que tanto a simplicidade do seu trabalho, como sua simplicidade como ser humano ocorriam em paralelo, ou seja, era impossível haver uma separação. Com o tempo, ela percebeu que seu trabalho com a cerâmica adentrava no seu interior: “a cerâmica mexe muito mais na sua estrutura do que você imagina”. Assim, seu trabalho com a cerâmica se mistura com sua vida pessoal e da mesma forma, o lado pessoal se confunde com o lado profissional, havendo uma

mescla de vida e trabalho, característica esta corrente no enclave da fenomenia.

Seguir com um trabalho que mexia com sua estrutura e ao mesmo tempo agradava o seu interior, a fez perceber que a simplicidade das suas peças era o seu grande diferencial; o toque a mão, o qual dava um ar artesanal para o produto, tinha um espaço especial devido ao gesto e a manualidade. Devido a isto, e também na medida em que revistas conceituadas de decoração começaram a publicar seu trabalho, Rita percebeu que suas peças poderiam sim ser consideradas uma obra de arte.

O mundo da inspiração, mundo este que Rita faz parte por meio de sua produção, classifica-se de irracional, quer dizer, escapa à razão, à determinação e à certeza da técnica (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991). Assim, seus traços manuais e os gestos artesanais do seu produto condizem com o mundo proposto pelos autores, por também estar relacionado ao original e ao indizível.

Mesmo apresentando produtos considerados por muitas pessoas como uma obra de arte, Rita acredita que o artesanato que realiza, e outros artesanatos vendidos mundo afora, ainda não é reconhecido com o apreço que merece. Ela relata aborrecida que há pessoas que acreditam que “artesanato é feito por qualquer um, não cobra nada, não exige nada e também você não precisa esperar nada daquilo. É aquilo ali e acabou. Durou um mês e quebrou, fica por isso aí mesmo”. Assim, para ela, na visão de muitos, o artesanato carrega ainda hoje conceitos de um produto quebradiço, fraco, precário, sem uniformização.

Cansada desta imagem que as pessoas fazem a respeito dos produtos feitos a mão, ela tenta apresentar aos seus clientes um novo significado: “eu acho que compete a quem faz o artesanato trabalhar a mudança desse conceito”. Assim, em suas peças ela tenta apresentar um novo significado, simples, elegante e e ao mesmo tempo com características de uniformização e padronização. Para ela, em um produto feito a mão: “você tem o lado diferente, mas você pode ter o lado igual também”.

Além do conceito de artesanato, Rita também precisou trabalhar o conceito de cerâmica para poder comercializar suas peças. Ela assegura que “cerâmica na cabeça das pessoas, querendo ou não é tijolo, telha e santo”. Com a falta de conhecimento das pessoas quanto à cerâmica, sua arte também era incompreendida: “quando você fala que você faz arte a

pessoa pergunta se você pinta. Porque pintura é que é considerado arte e se você fala: ‘não, eu faço cerâmica, eu faço esculturas figurativas’. Quando elas chegam aqui e veem elas dizem: ‘mas, isso aqui é argila?’ Porque pra elas argila é aquele barro vermelho”.

As dificuldades em transmitir às pessoas o conceito da sua arte, do artesanato e da cerâmica, configuram em provas enfrentadas por ela no início da sua carreira como artesã. Provas estas que ela de vez em quando ainda enfrenta. Isto proporcionou a ela e ainda proporciona momentos de reflexão seguidos de balanço da sua ação: qual a maneira mais sensata em transmitir às pessoas o significado da sua arte?

Assim, Rita percebeu que precisava realizar um trabalho de apresentação da sua arte, como também do artesanato e da cerâmica. Ela buscou e ainda busca elucidar às pessoas a respeito do seu trabalho, das suas escolhas, dos materiais empregados e dos processos efetuados. Assim, a relação direta com o cliente para poder explicar e apresentar seus diferenciais e as particularidades do seu produto se torna um ato importante na comercialização das suas peças de cerâmica. Esta apresentação sempre acompanha seus produtos, seja através de escritos e explicações no seu site virtual, seja na sua fala diante do cliente.

Deste modo, toda vez que um produto novo é criado, Rita o batiza, escrevendo um texto de apresentação acreditando ser esta a melhor maneira de divulgar às pessoas. “Porque se eu falar: ‘isso aqui é uma jarra’, a pessoa não vai olhar. Então, eu falo: ‘isso aqui é um projeto ligado com a frase que tem a ver com natureza...’, aí a pessoa pára para prestar atenção. Se não, ela acha que é tudo a mesma coisa”, justifica Rita. Este é o ritual feito por ela com cada produto que desenvolve, com cada linha das peças criadas. A apresentação do produto e a maneira de o transmitir ao cliente são relevantes e necessárias para desfazer julgamentos e provocar o desejo de compra do consumidor.

Desde o início do seu envolvimento com a cerâmica, Rita desenvolvia produtos que o mercado não previa para aquele momento, mas os desenvolvia mesmo assim por acreditar nos seus estudos, no seu gosto, no prazer que sentia em desenvolver suas peças de forma livre. No entanto, as pessoas muitas vezes não entendiam o seu produto, como ela mesma descreve: “às vezes eu entrava com uma coisa que a pessoa ainda não estava pronta pra absorver aquilo”. Com a experiência, Rita percebeu que o tempo de dois anos era fundamental para a peça ser comercializada.

“Aprendi com o tempo. No começo eu sofria muito. ‘Poxa, eu fiz. Está bacana’. Ninguém achava graça; então, eu comecei a perceber essa coisa do tempo”.

Ainda hoje, Rita realiza seu trabalho baseado nas suas motivações e realizações pessoais, as quais nem sempre vão em prol das exigências do enclave do mercado dito centralizador e da racionalidade econômica e utilitária que o circunscreve. Desta forma, o ateliê de Rita está alinhado no enclave da fenonomia por desenvolver peças que estão fundamentadas na sua opção pessoal e no seu bem-estar e não na racionalidade predominantemente econômica e utilitária, como o enclave do mercado sugere. Assim, sua fenonomia está aliada a fatores culturais, históricos, conviviais, além de estar relacionada a sua história de vida e seus objetivos, configurando conformidade com a economia plural, bem como o desenvolvimento territorial sustentável.

Mesmo assim, por não apresentar congruência com as demandas do mercado e por acreditar na sua vocação e habilidade como artesã, com o tempo, suas peças se tornam exatamente o que o mercado requer. Um exemplo disto, é a linha de utilitários de cozinha lançada em 1998, a qual foi aceita pelos clientes alguns anos depois do seu lançamento. Esta linha de produtos continua vigente até os dias de hoje.

Esta linha de produtos apresenta peças com acabamento irregular e lados repicados. Hoje esta característica do seu produto é um dos seus diferenciais, mas no passado foi a solução encontrada por Rita para manter uma certa padronização nas peças, uma vez que seus produtos apresentam uma modelagem manual. Além da solução encontrada, este repicado tornou-se seu diferencial e sua marca. “Hoje as pessoas me reconhecem pelo acabamento, que é uma coisa muito interessante”, assegura Rita.

A partir desta linha de produtos muitas revistas começaram a procurá-la para publicar e divulgar seu trabalho por ser considerado ousado e singular. Devido à estas aparições na mídia e ao diferencial dos seus produtos, sua cerâmica é hoje reconhecida na sua área. “Hoje eu vejo que eu tenho um nome. O meu nome acabou virando uma marca, isso é uma coisa que funciona. As pessoas levam o trabalho a sério”, assegura ela. Assim, a marca criada gera valor ao consumidor e contribui para a comercialização das suas peças.

No entanto, para ter esta conquista uma dedicação de trinta anos foi a ela necessária. Rita, descrente de todo o caminho percorrido para chegar neste reconhecimento, assevera: “se você fosse falar que você vai trabalhar trinta anos em uma coisa pra ser reconhecido daqui trinta anos, dificilmente você vai investir naquilo”. O reconhecimento de Rita ocorreu devido a sua seriedade no trabalho, a sua criatividade aliada ao prazer e a motivação em realizar as peças. Esse prazer e motivação encontrados na sua ação criativa são compatíveis não só com as características das fenomenias (GUERREIRO RAMOS, 1989), como também com o mundo inspirado do regime público de Boltanski e Thévenot (1991).

Rita assegura que: “hoje as pessoas me reconhecem muito pelo trabalho, me reconhecem pela borda irregular, me reconhecem pelo esmalte de cinza, me reconhecem pelas misturas nas argilas, porque eu faço isso também aproveitando o que eu acho no meu entorno. E eu acho que isso vai definindo o trabalho”. A fala de Rita corrobora com o estudo de Tonet (2004), o qual destaca que é nas fenomenias que a criatividade é encorajada, de modo que a diferenciação e os detalhes dão asas à imaginação do artesão e o permite realizar algo palpável. A borda irregular de Rita, os materiais sustentáveis por ela utilizados, o aproveitamento de materiais, são frutos da sua criatividade tão bem expressada em sua fenomenia.

Além da sua criatividade e de suas peças singulares, Rita precisou estudar, aprimorar sua arte, transpirar, para ter enfim o reconhecimento que gostaria. Para ela seu trabalho como artesã é “dez por cento de inspiração e noventa por cento de transpiração”. No entanto, a transpiração necessita de planejamento: “tudo tem que ser pensado antes. Porque quando você fala ‘eu quero fazer isso’ eu já tenho que saber pra quê, qual o uso, como vai funcionar, se vai ser decorativo ou utilitário, se a argila é pra temperatura baixa ou alta. Tudo tem que ser esclarecido antes do trabalho começar”. Desta forma, seu trabalho com cerâmica exige a “pensar muito pra frente”, ou seja, a se planejar. O planejamento, processo contínuo e dinâmico que consiste em um conjunto de ações que possibilitam a tomada de decisões, tão presente nas organizações pertencentes ao enclave do mercado e amplamente abordado nas teorias administrativas também é revelado como fundamental na fenomenia de Rita.

Em resultado ao seu planejamento, aos seus anos de experiência, a sua prática cotidiana, aos seus zelos e cuidados com o desenvolvimento das peças, Rita apresenta hoje um desperdício zero: “praticamente a perda da gente é zero, se você não quiser falar que é zero, você fala que é 0,001. Eventualmente uma coisa dá errado”.

Além do planejamento na produção das peças, Rita necessita também de um minucioso planejamento para as compras dos materiais necessários à sua produção. Seu fornecedor está situado em São Paulo, o que demanda tempo para a chegada dos materiais. Esta é uma tarefa de fundamental importância no andamento do seu ateliê e por isto Rita é a responsável por esta atividade, bem como pela criação das peças, concepção do produto, apresentação e venda do produto final aos clientes.

O ateliê de Rita conta com duas funcionárias que a auxiliam somente na produção das peças e apenas nas tarefas mais básicas e corriqueiras. O tamanho auto regulado de seu ateliê, o qual apresenta três membros, é uma particularidade do enclave da fenonomia; no entanto, o baixo grau de subordinação, também característicos deste enclave, não é evidenciado em seu ateliê. Não há um compartilhamento de valores e ideais entre Rita e suas funcionárias, conforme Guerreiro Ramos (1989) propõe no enclave da fenonomia. O que ocorre no ateliê de Rita é a tradicional relação entre chefe e subordinado.

Apesar disto, Rita apresenta um perfil compatível com o que Guerreiro Ramos (1989) sugere para este enclave. Para o autor, a fenonomia pertence às pessoas que apreciam e sabem como trabalhar com elas mesmas; que parecem ter uma nítida compreensão daquilo que devem fazer; que se mantêm ocupadas, como se fossem movidas por uma compulsão interior; que as capacitam a realizar coisas que estão além do alcance das pessoas comuns.

Rita apresenta horários de trabalho e uma rotina bem definida: “de uns tempos pra cá eu estabeleci que meu horário de trabalho vai só até às seis. Às vezes eu ficava um pouco mais e as coisas da cidade acontecem a noite, então se eu fico muito aqui eu não encontro com as pessoas”. Para Rita, disciplina para cumprir o expediente, que vai das oito da manhã às seis da tarde, é fundamental: “eu respeito muito o meu horário de trabalho”, assegura ela.

A rotina de trabalho estabelecida por Rita, de segunda a sexta feira das oito às seis da tarde com pausa de uma hora e meia para o almoço, é

compatível com os horários convencionais muitas vezes estabelecidos por empresas tradicionais, e diferente das características apresentadas por uma fenonomia, no que diz respeito a tempo e método de trabalho (GUERREIRO RAMOS, 1989). No entanto, por mais que Rita seja organizada e disciplinada, para ela, uma rotina tradicional de trabalho foi fundamental para equilibrar sua vida pessoal e profissional.

Este equilíbrio entre vida pessoal e profissional também é evidente no seu ateliê, local em que produz e vende suas peças, o qual é integrado à sua casa. Desde sua incursão no trabalho com a cerâmica em Belo Horizonte, Rita desejava ter “casa e o trabalho juntos” dividindo o mesmo espaço. Em Tiradentes, ela pôde tornar seu desejo realidade. O desejo e a conquista de Rita são compatíveis com a característica da fenonomia no que concerne a mescla de vida pessoal e profissional, ou seja, trabalho e vida cotidiana dividindo o mesmo espaço.

Rita assegura que desde Belo Horizonte, “o ateliê foi encolhendo cada vez mais, mas tem que ser”. A simplificação das suas peças de cerâmica, não refletiam somente na sua estrutura como indivíduo, como também na do ateliê. A sua mudança para Tiradentes corroborou ainda mais com esta maneira mais simples de viver e realizar seu trabalho, como ela mesma descreve: “na realidade eu brinco e falo: em BH eu era micro, quando eu vim pra Tiradentes eu virei nano e agora eu quero uma coisa menor que nano. É essa a filosofia!”. Seu desejo de ser “nano” está aliado a sua aspiração de continuar realizando seu trabalho baseado nas motivações pessoais e não nas demandas do mercado. Aspiração esta que promove liberdade e flexibilidade para criar, tornando sua criação prazerosa e motivadora.

A construção da sua casa e do seu ateliê acompanhou a filosofia criada por ela. Afinal, a casa por ela construída não permite um aumento da sua produção. Ela assegura que: “pode aumentar até um certo ponto, mas vai chegar numa hora que dali pra frente não tem mais como crescer. Eu não posso ter dentro desse ateliê quatro pessoas trabalhando”. Ciente também dos seus limites de produção, Rita ainda assegura que “eu não sou uma máquina então, eu não posso ficar produzindo indefinidamente”.

Declarações como esta, quanto a imposição de limites de crescimento na unidade artesanal, também foram verificadas no estudo elaborado por Tonet (2004). Seus entrevistados apresentaram consciência de que existia uma limitação inerente ao trabalho que eles desenvolviam,

devido ou a incapacidade de gerenciar um negócio de dimensões maiores ou ao desejo do artesão em não aumentar sua produção.

Mesmo apresentando uma estrutura do ateliê reduzida, Rita assegura que existe um crescimento econômico real desde a sua instalação na cidade. Em Tiradentes, ela percebeu que precisava disponibilizar produtos variados, no entanto, apresentando a mesma qualidade e o mesmo cuidado. “Eu comecei a perceber que aqui em Tiradentes eu tinha que ir de A a Z, eu tinha que ter coisas pequenas, coisas baratas, coisas fáceis de realizar, mas ao mesmo tempo coisas mais trabalhadas. E aí você vai fazendo e as pessoas vão achando, cada um vai escolhendo o que quer”, assegura ela. Essa percepção sobre o *mix* de produtos a serem ofertados na sua fenonomia garantiu a ela uma maior abrangência de clientes e apresentou-se como fundamental na comercialização das suas peças em Tiradentes.

Para Rita, a visibilidade do seu trabalho é mais presente hoje em Tiradentes se comparado a toda a sua história profissional em Belo Horizonte. Frente a isto, ela assegura que: “o turismo conta muito; hoje, não só pelo turismo, mas até por outras questões, eu tenho muito mais visibilidade estando em Tiradentes do que quando eu estava em BH”. As políticas públicas e as ações da sociedade civil são responsáveis por Tiradentes apresentar hoje um turismo acentuado, tão importante para a economia dos pequenos empreendimentos e pequenas fenomias instaladas na região. Da mesma forma, estes pequenos e estas fenomias, por meio da sua ação e da sua gestão, também são responsáveis pelo desenvolvimento do território, pois, sem eles evolução alguma aconteceria. Assim, foram as políticas públicas e as ações da sociedade civil aliadas às fenomias que fizeram com que Tiradentes deixasse de ser uma cidade “fantasma” e se tornasse um destino turístico com renome nacional e internacional.

A instalação do ateliê de Rita em uma cidade turística evidenciou ainda mais o seu trabalho. As matérias nacionais divulgadas em mídia escrita sobre seus produtos e sobre seu trabalho proporcionam visibilidade não somente para Rita, como também para a cidade de Tiradentes que é divulgada como sendo uma cidade que irradia arte. Isto ocorre porque as pessoas que vão até Tiradentes para fazer a matéria sobre seu trabalho acabam conhecendo também sua cidade e a divulgando da mesma forma. Sendo assim, Rita agrega valor ao território de Tiradentes difundindo-o

por meio do seu trabalho “o fato de eu estar aqui em Tiradentes está divulgando que eu estou aqui”.

Há uma troca clara entre Rita e a cidade de Tiradentes. Tiradentes se beneficia da fenonomia de Rita graças aos seus produtos singulares e diferenciados que agregam valor ao território e da mesma forma Rita se beneficia da segurança, da tranquilidade, do movimento turístico, dos eventos culturais que Tiradentes proporciona graças às políticas públicas instaladas na cidade a partir da década de 1990.

Rita assegura que depois que ela estabeleceu seu ateliê em Tiradentes, suas peças da linha utilitária ganharam ainda mais força e visibilidade se comparado a todo seu tempo de trabalho em Belo Horizonte. Isto também é fruto de uma parceria realizada entre ela e um restaurante da cidade. Rita conta satisfeita sobre a ligação que apresenta com o restaurante:

“quando ele se estabeleceu há dois anos e meio, ele veio, me procurou e eu fiz todo o vasilhame para ele, que ele usa constantemente. Então, as pessoas vão, comem a comida no prato, se encantam. Porque além dele ser muito competente, a hora que você recebe o prato, o prato tem estética. Não só o prato como também a comida que ele colocou. Então, a pessoa vai lá, vem cá e aí a coisa vai rodando, vai divulgando”.

Frente a esta parceria, Rita ainda assegura que “o Carlos do restaurante valoriza o vasilhame porque ele acha que o vasilhame com a comida, as duas coisas funcionam bem. Então, ele abre espaço, ele divulga”. Os vasilhames de Rita complementam a comida contemporânea e brasileira e a criatividade do chef do restaurante reciprocamente; os dois juntos com seus produtos particulares acrescentam originalidade ao território de Tiradentes.

A parceria de Rita com o restaurante pode ser relacionada com a proposta de Pecqueur (2000) sobre a cesta de bens, a qual diz que quando um consumidor adquire um produto de qualidade territorial, descobre a especificidade de outros produtos provenientes da produção local, reforçando a imagem do território. Para o autor, os artesãos com seus produtos conseguem internalizar as externalidades positivas do território, e além disto diferenciam a “cesta” por eles ofertadas dos produtos que circulam no mercado. Assim, a parceria feita por Rita e pelo restaurante

de Tiradentes apresenta-se como fruto de uma combinação de bens que colaboram para a formação da imagem do território, como assegura Pecqueur (2000).

Os vasilhames de Rita expostos no conceituado restaurante de Tiradentes é uma grande vitrine do seu trabalho. Ela se sente satisfeita em ver sua arte reconhecida pelas pessoas da cidade, pelas pessoas que frequentam o restaurante, pelos turistas. Esta parceria com esse primeiro restaurante se estende hoje para outras possibilidades, como outra parceria com um restaurante em São João del Rei.

Mesmo tendo formado estas duas grandes parcerias, Rita ainda não consegue ter o mesmo reconhecimento por todas as pessoas da cidade de Tiradentes. Ela assegura que: “quem está vindo na minha porta, quem vem aqui, vem porque viu na revista, vem porque alguém indicou, vem porque eventualmente passou na porta, vem porque conhece meu nome, vem porque viu a placa na esquina, mas são poucas as pessoas que chegam aqui e falam assim eu vim indicada pelo lugar tal”. Assim, Rita também enfrenta dificuldades e provas quanto a questão da divulgação e do reconhecimento do seu trabalho.

Em termos de divulgação do seu ateliê, Rita não conta com muitos aliados. Esta é uma das suas decepções na cidade e também sua crítica à associação dos empresários. Para ela, é função da associação promover a conscientização da importância da divulgação do trabalho de um e de outro, já que todos estão com seus trabalhos inseridos em uma cidade turística e ao mesmo tempo pequena. No entanto, isto não acontece.

A fim de alterar esse cenário, Rita, quando participou da associação, apresentou uma sugestão para alterar a situação da falta de divulgação entre os estabelecimentos da cidade, propondo a eles um selo “eu indico”. Por meio deste selo, os estabelecimentos iriam indicar um ao outro. E se um ou outro não fossem indicados, eles “iriam naturalmente buscar uma qualificação para passar a ter aquele acesso”, acreditava ela. Lamentavelmente, sua sugestão não foi acatada pelas pessoas da associação.

Para Rita, “se você tem uma associação ela tem que lutar pelo todo”, pela melhoria dos serviços, melhoria da divulgação, melhoria da economia, melhoria da cidade. A divulgação dos estabelecimentos da cidade é para ela fundamental nesse processo. Assim, ela acredita e ao mesmo tempo deseja que as pessoas divulguem o trabalho uma das outras:

“você quer conhecer um ateliê de cerâmica? Vai lá na Rita. Você quer comer uma comida boa? Vai lá neste restaurante”. No entanto, ela desconfia que isto está longe de acontecer: “eles acham que a partir do momento que eles se posicionarem eles criam dificuldades com as pessoas que eles não indicam”. Rita crê integralmente no oposto: “tudo o que você divide e compartilha rende muito mais”.

Ciente da importância da divulgação do seu ateliê na promoção do seu trabalho na cidade e ciente da necessidade de uma divulgação especial devido a localização distante do centro histórico, Rita conseguiu permissão para divulgar seu ateliê nas placas de sinalização da cidade. Isto gerou uma espécie de ciúme e inveja por parte de alguns estabelecimentos. Frente a isto, Rita conta que “as pessoas viram e falaram: ‘como que você conseguiu isso?’, ‘Eu fui na prefeitura e perguntei’. Porque eles ficam achando que é favorecimento. Porque o pessoal sai espetando coisa de qualquer jeito. Eu falei: ‘eu não vou espetar uma sinalização; se tem a placa, eu vou usar da placa’.

Além das placas de sinalização, Rita também divulga seu ateliê com cartões de visitas nas pousadas que estão dispostas a anunciar o seu trabalho: “no começo eu fazia com todas, agora eu já sei aquelas que tem mais interesse em divulgar o trabalho. Então, já estou restringindo a essas. Porque você está pondo um material que não custa barato em um lugar em que ele vai ser disponibilizado e não jogado na lata do lixo”.

Para Rita há um grande desapontamento em relação a atitude não colaborativa de uns estabelecimentos com os outros: “você chega e pergunta posso deixar uns cartões?”, ‘Pode’. Você vira as costas, jogam o seu cartão na lata do lixo, porque ela não gostou de você, não foi com sua cara, não quer divulgar o seu trabalho. É assim que funciona”. Frente aos desapontamentos ocorridos, Rita prefere hoje andar pelo caminho seguro, dos que valorizam e divulgam o seu trabalho: “Aí você retorna nesses lugares, ali pelo menos você sabe que a coisa está bem”.

Além da divulgação com os cartões nas pousadas e restaurantes, Rita divulga seu trabalho no site do ateliê e em redes sociais, as quais são alimentadas com notícias e fotos do ateliê e de suas peças. A divulgação do seu trabalho e produto eventualmente também ocorre por meio da mídia escrita, com matérias em revistas conceituadas. Diante desta última divulgação, Rita assegura que: “a mídia me dá um apoio muito bom. O

pessoal vem buscando. O pessoal liga e fala nós estamos fazendo uma matéria não sei sobre o que e tal, vou mandar alguém aí”.

Além de receber convites para expor seu trabalho nas revistas, Rita também é convidada frequentemente para apresentar e expor seu trabalho em feiras e eventos. No entanto, depois que ela se instalou em Tiradentes, o seu interesse em participar em feiras de exposição diminuiu, devido aos gastos financeiros e a dificuldade de deslocamento.

Rita assegura que: “além do custo da feira, o custo de sair de Tiradentes é muito alto. Primeiro você leva mostruário, você tem que voltar com esse mostruário, não tem aeroporto, você enfrenta um ônibus, oito horas para ir pra São Paulo, oito horas para voltar. (...) sem contar que eu estou trabalhando, mas não estou produzindo”. Ao mesmo tempo, graças ao número de pessoas que transitam na cidade, fruto das políticas públicas e ações da sociedade civil ocorridas em Tiradentes a partir dos anos 1990, Rita não precisa expor e comercializar seu trabalho nos grandes centros, podendo o fazer somente em Tiradentes.

Mesmo apresentando tal discernimento, Rita decidiu aceitar o último convite que recebeu para participar de uma feira em São Paulo, por ter sido um convite específico e exclusivo. Além da exclusividade, ela pensou ser esta uma oportunidade para divulgar seu ateliê em Tiradentes: “vai ser bom para as pessoas me situarem de novo, pra saber que eu estou aqui, que eu ainda estou no mercado”. O resultado da feira foi para ela muito positivo, tanto na divulgação das suas peças, como também da cidade de Tiradentes.

Desde Belo Horizonte, Rita desejava ter um contato direto com seus clientes. “Em BH, eu trabalhava com loja e galeria, eu não sabia quem era a pessoa que comprava o meu trabalho. Hoje, aqui, eu quero isso. Eu quero é esse contato que eu não tinha”, destaca ela. Em Tiradentes, seu desejo foi realizado e Rita pôde observar que o contato mais próximo com os clientes agregou mais valor aos seus produtos artesanais, uma vez que os clientes sentem-se satisfeitos por comprar diretamente com a artesã e desfrutar de um contato sincero e franco com a pessoa responsável pela criação.

Este relacionamento entre cliente e artista é positivo para ambos os lados, uma vez que os clientes ficam deslumbrados em serem atendidos pela artista, ao mesmo que a artista se sente satisfeita em presenciar de

perto as sensações que seus clientes apresentam ao ver e ao tocar suas criações.

Além desta troca, o convívio mais direto com os clientes a ensinou que o cliente não é uma divindade, diferente de algumas teorias da Administração que dizem que o cliente é o rei. Percebendo isto na prática, Rita constatou a importância de dizer não. Este contato direto com os clientes permitiu que ela aprendesse a negar ideias, sugestões e até pedidos de vendas que fossem em direção contrária ao seu bem-estar. Ela conta que: “Tiradentes me ensinou a falar não. Porque as pessoas aparecem com umas ideias tão malucas: ‘será que dava pra fazer não sei o que?’. Ou então: ‘eu quero isso pra amanhã’. Então, quando vem com umas coisas assim eu digo: ‘não dá’. E antes eu ficava angustiada, eu queria tentar resolver todas as possibilidades. E agora eu falo ‘não dá’”.

Por meio do convívio direto com os clientes, Rita também percebeu que o movimento turístico atrelado ao calendário de eventos desenvolvido em Tiradentes não a gera mais visitas em seu ateliê e tampouco mais vendas. Para ela, “o evento não me traz nada. Porque quando o evento é muito pontual a pessoa só vem por conta do evento, nem olha outras coisas”. Salvo o evento de gastronomia, que por apresenta um público mais específico e alinhado aos produtos desenvolvidos por ela lhe garantem visitas e consequentemente vendas.

Rita acredita que o turista que realmente está interessado em conhecer os trabalhos dos artesãos da cidade é a pessoa que vai para Tiradentes para vivenciar as peculiaridades de uma cidade colonial. Ainda, segundo ela: “o turista que vem normal, pra passar o final de semana ou mais uns dias, é o turista que sai andando pela cidade buscando coisas e aí ele acaba vindo parar aqui na porta, porque tem a sinalização, viu a sinalização, foi andando por curiosidade, ou porque gosta de cerâmica, ou porque perguntou na pousada e a pousada indicou”.

Os turistas e visitantes de Tiradentes, independente de estarem ligados ao calendário de eventos oferecido pela prefeitura, são frutos das ações das políticas públicas realizadas desde o início dos anos 1990 na recuperação e preservação do patrimônio histórico de Tiradentes. Hoje, o desenvolvimento deste território ocorre pela complementariedade do trabalho macro com o micro, ou seja, as políticas públicas ali desenvolvidas e os pequenos artesãos, os pequenos estabelecimentos, as fenonomias.

Rita concentra as vendas dos seus produtos praticamente só nos turistas, mas devido ao número dos visitantes da cidade oscilar mês a mês, suas vendas oscilam junto. “Aqui eu dependo da venda. Então, um mês eu posso estar com uma vida mais tranquila; um mês eu posso estar tendo que fazer conta”, destaca ela. No entanto, ela mostra-se segura quanto a sustentabilidade da sua fenonomia: “não tenho aflição porque eu sei que de um jeito ou de outro eu vou vender alguma coisa”. Isto porque ela pode contar com a participação em exposições e com as vendas pela internet. No entanto, mesmo apresentando uma página na internet bem construída com sua marca e seus produtos de cerâmica, hoje as vendas pelo meio virtual mal acontecem.

Há uma compatibilidade na fenonomia de Rita entre o mundo da inspiração, ligado ao processo criativo dando ênfase à singularidade, à originalidade e à espontaneidade da produção das suas peças e também com o mundo mercantil, o qual os princípios convocados estão relacionados com o funcionamento do mercado, relacionado à comercialização das suas peças.

Além das peças criadas que saem do convencional e do tradicional, suas sacolas e seus cartões também apresentam as mesmas características. Rita é quem os personaliza, evidenciando os preceitos do seu trabalho ligados à simplicidade e originalidade, utilizando menos material e menos recurso. Sua postura criativa, única e ao mesmo tempo simples, é bem recebida por seus clientes. “As pessoas quando veem, falam: ‘nossa que coisa chique, até a sacola daqui é personalizada’. (...) Agrega, né? Você vai agregando assim”, relata ela.

Esta também é a filosofia do trabalho de Rita, agregar valor há algo que já existe: “você tem que pensar em um jeito novo ou um jeito melhor, mais econômico ou mais sustentável, qualquer que seja o foco do seu trabalho”, assegura ela. Com esse pensamento, Rita procura fazer isto com tudo o que está ao seu redor, inclusive com os produtos considerados por ela como “produtos vencidos”, os quais, em sua concepção são produtos que já foram copiados por outras pessoas e, conseqüentemente, não apresentam mais o caráter exclusivo.

Desta forma, quando ela percebe que a validade da originalidade da sua peça está vencida, ela opta por tirar o produto de linha ou então, opta por criar uma nova utilidade para aquele produto. O contato direto com o seu cliente a ajuda neste processo de melhoramento, uma vez que,

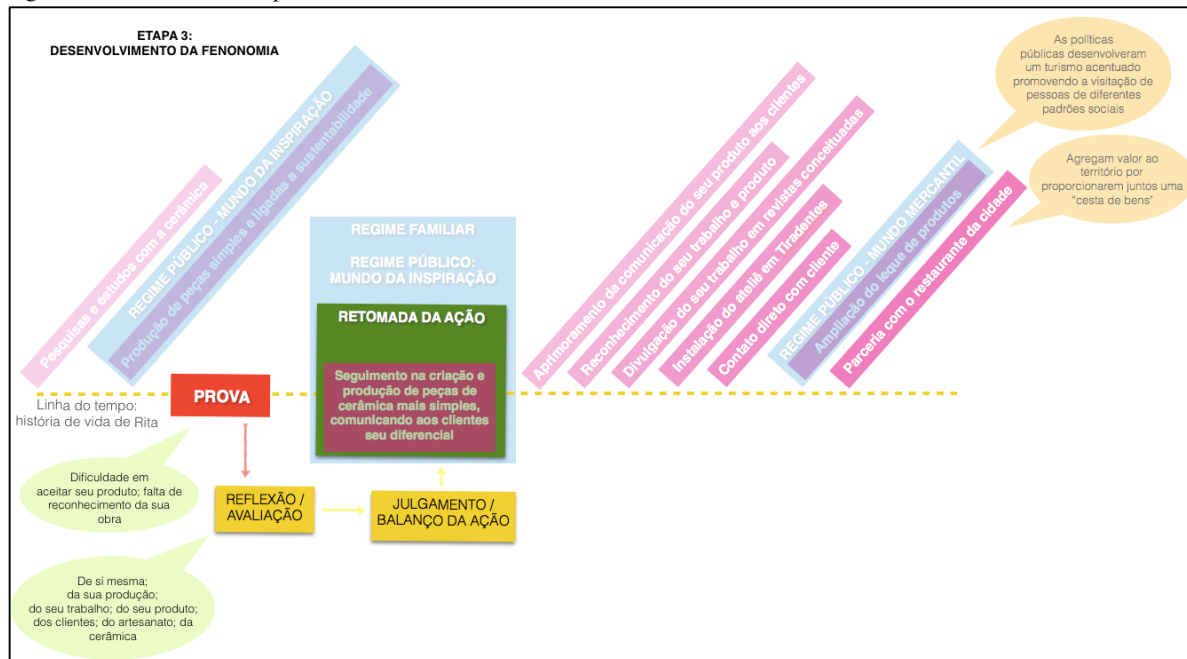
agora com o ateliê instalado em Tiradentes, ela pode presenciar como ele percebe seus produtos, como o acolhe, bem como as suas reações diante de suas peças. Desta forma, o relacionamento direto com seus clientes é fundamental para ela, e agrega valor ao seu produto.

Assim, o ateliê de Rita é um ambiente de aprendizado constante, que proporciona um desenvolvimento contínuo das habilidades técnicas, que amplia o conhecimento pessoal, que favorece a liberação da criatividade, que está ligada às motivações e realizações pessoais, características estas inerente ao enclave da fenonomia (GUERREIRO RAMOS, 1989).

A mudança de Rita para Tiradentes foi importante tanto para a sua vida pessoal quanto profissional. Seus desafios de gestão mostraram estar relacionados as suas inseguranças, quer dizer, a sua dificuldade inicial de aceitar a simplicidade e o diferencial do seu produto e ao mesmo tempo a dificuldade de transmitir essa simplicidade aos seus clientes, ao ponto de os fazer se interessarem pela sua arte. Após os anos de vivência e experiência, Rita mostra ter superado este desafio. A dificuldade de gestão que encontra hoje é a falta de aliados em Tiradentes. Assim, o desafio territorial se colocou a frente ao desafio da inovação, da criação e da execução de sua arte.

As principais ações relacionadas à fenonomia de Rita e o seu desenvolvimento ao longo do tempo, podem ser conferidas na figura 23.

Figura 23 - Resumo da etapa 3 da história de vida de Rita



Fonte: Elaborado pela autora

A figura demonstra que a história de vida de Rita no que concerne ao desenvolvimento da fenonomia se inicia nos seus primeiros movimentos com a cerâmica, antes mesmo da sua chegada em Tiradentes. As pesquisas e estudos sobre o tema, a auxiliaram tanto na produção das peças como na criação do seu diferencial, ou seja, na simplicidade e no envolvimento com a sustentabilidade. No entanto, a simplicidade de suas peças, mesmo sendo seu diferencial, foi a causa de provas e dificuldades, uma vez que a falta de reconhecimento das pessoas e a difícil comercialização das peças colaboravam com suas inseguranças a respeito do seu trabalho. Estas dificuldades ou provas, fizeram com que ela refletisse e avaliasse a sua ação, neste caso, a maneira que vinha conduzindo o seu trabalho. No processo de avaliação foi necessário avaliar a si mesma, a sua produção, o seu trabalho, o seu produto, os clientes, o artesanato, a própria cerâmica. Após a avaliação, ela julgou se sua ação apresentava harmonia com o que desejava para a sua vida profissional e ao ver que a coerência existia, ela retomou a ação em curso, ou seja, deu seguimento na criação e produção de peças de cerâmica mais simples, comunicando aos seus clientes as características do seu produto, bem como o seu diferencial. O regime familiar se encontra aqui presente, uma vez que Rita opta por continuar com a produção das peças da mesma maneira, de uma forma simples e singela, dando uma ênfase maior na sua comunicação com os clientes, explicando seu trabalho e suas escolhas, apresentando o seu diferencial. Assim, a produção das peças de cerâmica de Rita está relacionada ao mundo da inspiração de Boltanski e Thévenot (1991), por envolver originalidade, espontaneidade, singularidade.

Quando Rita aceitou as características do seu trabalho e aprimorou a comunicação com os clientes, seu produto passou a ser reconhecido pelas pessoas, ao ponto de revistas conceituadas de *design* a procurarem interessadas em escrever sobre seu trabalho artesanal e seu diferencial. Com o ateliê instalado em Tiradentes, Rita teve pela primeira vez contato direto com seus clientes. Neste contato, ela pôde verificar o perfil das pessoas que se interessavam pelo seu trabalho e tomar a decisão de ampliar seu leque de produtos a fim de atingir diferentes públicos, para melhor comercializar suas peças. Sua atitude a fim de garantir reconhecimento e venda dos seus produtos condiz com o mundo mercantil, proposto por Boltanski e Thévenot (1991), uma vez que está relacionada à prática mercantil de negociar objetos. O perfil distinto dos

seus clientes são fruto das ações das políticas públicas, pois foi através destas ações que se instalou um turismo acentuado na região promovendo a visitação de pessoas de diferentes padrões sociais. A figura também relata a parceria estabelecida com o restaurante da cidade, aliança esta que não beneficia apenas o trabalho e o produto de Rita e do restaurante como também a cidade de Tiradentes, já que por proporcionarem uma “cesta de bens”, com produtos compatíveis com a cultura e a história do território, agregam a ele valor.

5.2.4 Síntese da história de vida de Rita

Rita nasceu e cresceu em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Foi por meio de um curso sobre cerâmica, em sua cidade natal, que ela descobriu seu dom e decidiu investir na carreira de artista e na arte da cerâmica. Quando ela decide encarar a arte como sua profissão, o regime do plano, proposto por Thévenot (2006) e o regime de exploração, proposto por Auray (2011), se encontram presente.

Em Belo Horizonte, Rita montou seu ateliê para desenvolver esculturas figurativas e também para ensinar às pessoas sobre a arte da cerâmica. Com o passar das décadas, algumas provas surgiram no seu caminho, as quais originaram um balanço da sua ação, ou seja, uma análise da sua vida e do seu trabalho em Belo Horizonte. Diante do balanço realizado por ela, Rita abandonou sua ação em curso, o ateliê escola em Belo Horizonte, em prol de um benefício da ação, uma mudança radical de vida.

Há oito anos, Rita trocou os tumultos da capital mineira pela tranquilidade que a pequena cidade de Tiradentes oferece. Para estabelecer uma nova configuração de coordenação, Rita abandona o regime familiar (a sua vida e rotina em Belo Horizonte) em direção ao regime do plano (a mudança de cidade) (THÉVENOT, 2006). O regime de exploração, proposto por Auray (2011) também se encontra aqui presente pois há a excitação da descoberta, do novo.

Rita embarcou para Tiradentes, cidade que conheceu por meio do seu envolvimento com o festival de gastronomia, com todos os seus pertences, toda a sua experiência, sua história de vida, seu trabalho, seus sonhos.

Tiradentes apresentava naquele momento da sua mudança e apresenta ainda hoje muitas das características que ela buscava, como:

qualidade de vida, segurança, tranquilidade, relacionamentos, vida culturalmente agitada, visibilidade no trabalho, contato direto com as pessoas que compram o seu produto. Estas características são frutos das políticas públicas e das ações da sociedade civil que tiveram início na década de 1990.

O processo de inserção de Rita na comunidade de Tiradentes é marcado pelos grupos que participou, em especial o grupo de música e a Associação dos Empresários. O envolvimento de Rita na comunidade por meio desses grupos está ligado ao regime público, mais especificamente ao mundo cívico, proposto por Boltanski e Thévenot (1991). Seu envolvimento na comunidade a agradava, mas ao mesmo tempo a causava desgastes e frustrações. Para evitar tais inconvenientes sua ação precisou ser corrigida. Rita avaliou, julgou e alinhou sua ação, optando por não se envolver mais em projetos de caráter público e se dedicar mais ao que lhe dá prazer: sua vida pessoal e profissional. Rita passa então do regime público de caráter cívico (envolvimento com ações de melhoria para a cidade) para o regime familiar (ênfase na sua vida pessoal).

Em Tiradentes, ela desenvolveu uma fenomenia alinhada de acordo com a cultura do território. Sua fenomenia apresenta harmonia com o que Tiradentes requer e necessita, produtos singulares que atraíam as pessoas que lá moram e os turistas que a visitam, acrescentando valor ao território.

O seu amor pela cerâmica, seu modo de trabalhar, seu envolvimento com a sustentabilidade e com o meio ambiente e também sua maneira criativa de transformar um produto tradicional em uma peça singular, faz com que suas peças tenham um reconhecimento especial. Seus produtos também estão ligados ao mundo da inspiração de Boltanski e Thévenot (1991).

Rita não conseguia se apropriar do reconhecimento das pessoas perante ao seu trabalho, pelo contrário, se afligia por desenvolver peças conceitualmente mais simples. O não reconhecimento e o não entendimento da simplicidade que carregava em suas obras, foram as dificuldades e as provas enfrentadas por ela. Tais provas provocaram um balanço da ação: a maneira de realizar seu trabalho. Após reflexões, Rita volta a se coordenar consigo mesma quando decide seguir fazendo suas peças da maneira que lhe convinha, com simplicidade, com um ar artesanal, dando destaque ao gesto e a manualidade. O regime familiar

torna-se evidente nesta situação, uma vez que Rita opta em seguir realizando seu trabalho baseado na simplicidade de suas peças com formas básicas, descomplicadas e com acabamento irregular. Com o passar do tempo ela começou a perceber que a simplicidade das suas criações era o seu grande diferencial.

No entanto, até chegar nesta percepção, Rita passou por provas ligadas à falta de reconhecimento das pessoas em relação ao artesanato, à cerâmica e ao entendimento da sua arte. Tais provas proporcionaram um momento de reflexão que originou um balanço da sua ação: elucidar às pessoas a respeito do seu trabalho, das suas escolhas, dos materiais empregados e dos processos efetuados.

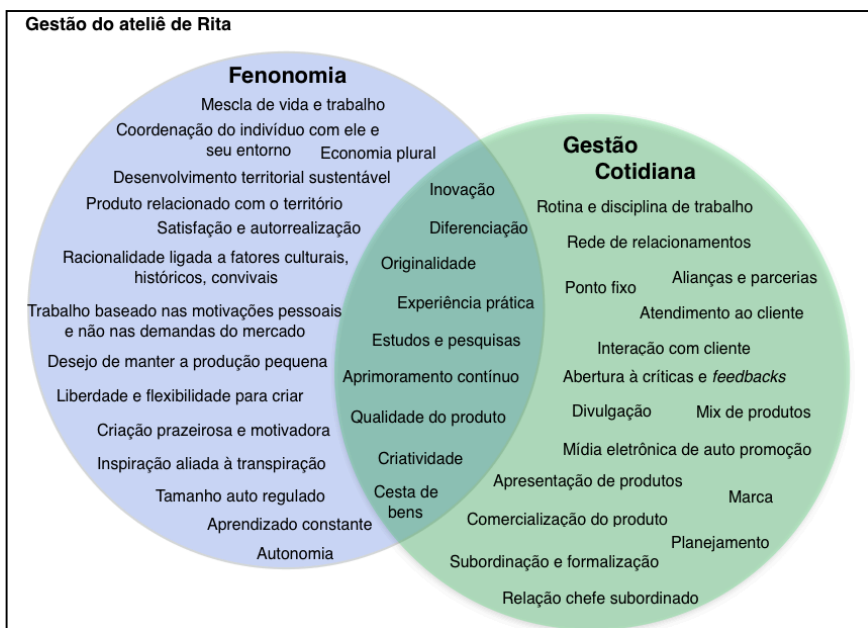
O ateliê de Rita apresenta aspectos próprios do enclave da fenonomia como também aspectos comumente relatados nas teorias administrativas. No que diz respeito à fenonomia, o ateliê apresenta uma harmonia entre vida pessoal e profissional, uma coordenação do indivíduo com ele e seu entorno colaborando com o desenvolvimento territorial sustentável e a economia plural, por apresentar um produto relacionado com o território, e uma racionalidade ligada a fatores culturais, históricos, conviviais. Ficou evidente também na gestão do ateliê de Rita, características típicas da fenonomia como: autonomia; satisfação e realização tanto na criação quanto na produção das peças; liberdade e flexibilidade para criar. Aspectos estes também compatíveis com o mundo da inspiração, proposto por Boltanski e Thévenot (1991).

Seu processo de criação se mostrou prazeroso e motivador e sua produção baseada nas suas motivações pessoais e não nas demandas do mercado. O tamanho auto regulado, o desejo de não aumentar a produção, o aprendizado constante aliado ao processo de inspiração e de transpiração também se mostraram uma realidade importante. A gestão do ateliê de Rita conta ainda com a presença de aspectos característicos tanto do enclave da fenonomia quanto do enclave do mercado, como: inovação, diferenciação, originalidade, criatividade, experiência prática, estudos e pesquisas, aprimoramento contínuo, qualidade do produto, combinação do seu produto com outro produto do território, formando uma cesta de bens.

Aspectos comumente abordados nas teorias administrativas e característicos do mundo mercantil proposto por Boltanski e Thévenot (1991) também foram percebidos na gestão cotidiana de Rita, como a

rotina e a disciplina no trabalho, rede de relacionamentos, alianças e parcerias, ponto fixo, atendimento ao cliente, interação com o cliente, abertura à críticas e feedbacks, divulgação, mix de produtos, mídia eletrônica de auto promoção, apresentação de produtos, marca, planejamento, subordinação e formalização, comercialização do produto, relação chefe subordinado. Com isto, o ateliê de Rita torna as grandezas do mundo da inspiração e mundo mercantil compatíveis. A figura 24 apresenta os principais aspectos encontrados na gestão de Rita condizentes não apenas ao enclave da fenonomia, como também ao enclave do mercado, enclave este frequentemente discursados nas teorias administrativas.

Figura 24 - Características da gestão do ateliê de Rita



Fonte: Elaborado pela autora

Dois acontecimentos do território, ambos frutos das políticas públicas e ações da sociedade civil, impactaram na gestão da fenonomia de Rita. O primeiro deles diz respeito à modificação do território, que se iniciou no final dos anos 1980 e prossegue até os dias atuais, transformando a cidade em um território atraente para turistas e moradores. Com esta modificação ocorrida no território, Rita pôde se beneficiar e instalar sua fenonomia na cidade, o que teve impacto em toda a sua gestão. O outro acontecimento, também fruto desta modificação e das políticas públicas e ações dos atores civis, diz respeito ao desenvolvimento do turismo, bem como a alteração do perfil de turistas ao longo do tempo. Este acontecimento também teve impacto na gestão de Rita e resultou especialmente na criação de novos produtos compatíveis com o perfil dos turistas e na possibilidade de vender as peças na cidade sem precisar participar de feiras em outros lugares. Esses acontecimentos podem ser conferidos no quadro 10, a qual inclui também as explicações do regime de engajamento envolvido em cada ação.

Quadro 10 - Acontecimentos ocorridos no território que influenciaram a gestão da fenonomia de Rita

Acontecimentos específicos do território que influenciaram a gestão da fenonomia de Rita			
Situação ocorrida	Resultado para a fenonomia	Regime de engajamento envolvido nesta ação	Impacto na gestão
Modificação do território graças às ações das políticas públicas e da sociedade civil	Instalação da fenonomia em Tiradentes	Regime do plano e regime de exploração - plano de mudança de território envolvendo uma nova ação carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração	Impacto em toda a gestão

Acontecimentos específicos do território que influenciaram a gestão da fenonomia de Rita			
Desenvolvimento do turismo e alteração no perfil dos turistas	Criação de novos produtos compatíveis com o perfil dos turistas e a possibilidade de vender as peças na cidade sem precisar participar de feiras em outros lugares	Regime público: mundo da inspiração - Rita desenvolve suas peças baseadas no seu estímulo interior Regime público - mundo mercantil - Rita comercializa suas obras	Impacto em toda a gestão

Fonte: Elaborado pela autora

Além destes acontecimentos específicos do território, outros fatos também influenciaram a gestão da fenonomia de Rita, todos eles estão relacionados de alguma forma com o mundo da inspiração ou mundo mercantil, propostos por Boltanski e Thévenot (1991) e proporcionam reconhecimento do trabalho realizado por Rita, visibilidade da sua fenonomia e melhoria nas vendas dos seus produtos. Os cinco fatos ocorridos apresentaram resultados para a fenonomia, bem como impactos específicos na sua gestão e podem ser conferidos no quadro 11.

Quadro 11 - Fatos que influenciaram a gestão da fenonomia de Rita

Fatos que influenciaram a gestão da fenonomia de Rita			
Fato ocorrido	Resultado para a fenonomia	Regime de engajamento envolvido nesta ação	Impacto na gestão
Desconhecimento pelas pessoas do artesanato, da cerâmica e da sua arte	Melhoria na apresentação e comunicação do produto ao cliente	Regime público: mundo da inspiração - Rita desenvolve suas peças baseadas no seu estímulo interior	Inovação; diferenciação; originalidade; aprimoramento contínuo; criatividade; atendimento ao cliente; interação com o cliente; abertura à críticas e feedbacks; divulgação; mídia eletrônica de auto promoção; apresentação de produtos; planejamento
A simplicidade e o diferencial do seu produto	Matérias divulgando seu produto publicadas em revistas conceituadas de design	Regime público: mundo da inspiração - Rita desenvolve suas peças baseadas no seu estímulo interior	Divulgação; marca; mídia eletrônica de auto promoção

Fatos que influenciaram a gestão da fenomenia de Rita			
<p>Maior convívio com os clientes</p>	<p>Modificação na linha de produtos incluindo novas peças abrangendo diferentes perfis de clientes</p> <p>Experiência de compra e venda singular por meio da troca de informações entre cliente e artesão</p>	<p>Regime público: mundo da inspiração - Rita desenvolve suas peças baseadas no seu estímulo interior</p> <p>Regime público - mundo mercantil - Rita comercializa suas obras</p>	<p>Atendimento ao cliente; interação com o cliente; aberturas à críticas e feedbacks; mix de produtos; apresentação de produtos; planejamento; venda; inovação; diferenciação; originalidade; qualidade do produto; criatividade; ponto fixo</p>
<p>Falta de aliados em Tiradentes</p>	<p>Criação de novas maneiras de divulgar seus produtos. Parceria para divulgação nas placas de sinalização da cidade</p>	<p>Regime público - mundo mercantil - Rita comercializa suas obras</p>	<p>Rede de relacionamentos; alianças e parcerias; divulgação; mídia eletrônica de auto promoção</p>

Fatos que influenciaram a gestão da fenomenia de Rita			
Parceria com restaurante da cidade	Nova maneira de divulgar seu trabalho e de contribuir para o território	Regime público: mundo da inspiração - Rita desenvolve suas peças baseadas no seu estímulo interior	Coordenação do indivíduo com ele e seu entorno; desenvolvimento territorial sustentável; economia plural; produto relacionado com o território; racionalidade ligada a fatores culturais, históricos, conviviais; inovação; diferenciação; originalidade; aprimoramento contínuo; criatividade; cesta de bens; rede de relacionamentos; alianças e parcerias

Fonte: Elaborado pela autora

A fenonomia de Rita e a singularidade das suas peças de cerâmica apresentam harmonia com o território de Tiradentes, por apresentar uma racionalidade ligada à fatores históricos, culturais, conviviais, por ela se coordenar com ela mesma e com o ambiente em que está inserida, por apresentar um produto relacionado com o território, promovendo o desenvolvimento territorial sustentável e uma economia plural. Pelo fato do território depender hoje dos pequenos empreendimentos e das pequenas fenomenias instaladas na região, ele requer e necessita de produtos distintos e particulares que atraiam o interesse das pessoas que lá moram e visitam, produtos estes encontrados na fenonomia de Rita.

Além dos seus produtos em si, Rita também agrega valor ao território com a parceria formada com o restaurante da cidade por apresentar uma combinação de bens que colaboram para a construção da imagem do território, como assegura Pecqueur (2000). A sua visibilidade em âmbito nacional, divulgada em revistas de *design* de renome, também agrega valor ao território, uma vez que há a promoção não apenas do seu trabalho e da sua marca, como também da cidade onde está inserida.

Há uma troca perceptível entre Rita e Tiradentes. O território se beneficia da sua fenonomia graças aos seus produtos singulares e diferenciados que o agregam valor e ao mesmo tempo Rita se beneficiou da fase de transformação do território e se beneficia ainda hoje da segurança, da tranquilidade, do movimento turístico e dos eventos culturais que Tiradentes lhe proporciona – qualidades estas conquistadas graças às políticas públicas instaladas no território à partir da década de 1990 e às ações da sociedade civil.

Assim, o território de Tiradentes agrega valor à fenonomia de Rita, graças ao seu desenvolvimento ocorrido pelo trabalho das políticas públicas e ações da sociedade civil. Da mesma forma, a fenonomia de Rita agrega valor ao território de Tiradentes pelo produto que desenvolve estar ligado à cultura do território. Por conseguinte, o desenvolvimento do território de Tiradentes está atrelado ao trabalho do macro - as políticas públicas - e do micro - as fenomenias e é este trabalho conjunto que fez e ainda faz com que Tiradentes prospere de uma maneira favorável aos moradores que lá se encontram.

A história de Rita com suas singularidades, apresentou-se carregada de significados importantes que nos fazem refletir sobre a trajetória do território e sobre sua relação dinâmica com ele por meio da

sua fenomenia. Os enredos da sua história, abordada por uma perspectiva micro, ligada a sua história de vida, corrobora com as ideias de Revel (1998), as quais dizem que a experiência de um ator social apresenta conteúdos expressivos para uma realidade, justamente por estar associada a sua frugalidade. Assim, a história de Rita sobre a cena territorial, se encontra onipresente por meio de sua postura e suas ações, a qual apresenta a ela uma nova leitura (GUMUCHIAN *et al*, 2003).

5.3 A HISTÓRIA DE RICARDO. DAS LOUCURAS DE SÃO PAULO ÀS PINTURAS BARROCAS EM TIRADENTES.

“Eu vivo da arte. Eu me sinto uma pessoa feliz, eu me sinto bem porque eu não tenho outro ganho, meu ganho é dentro da arte. Eu valorizo todo o meu trabalho.”

Fala de Ricardo em 2014 durante nossa entrevista

Ricardo é natural de Santos, município portuário do estado de São Paulo. Desde pequeno seu lado artístico era afluído, inspirado pelas pinturas e desenhos de sua mãe: uma artista autodidata. No entanto, sua juventude o fez percorrer outros caminhos, distante do mundo das artes e mais próximo dos empregos tradicionais, atuando por muitos anos em empresas multinacionais.

Há vinte e três anos, Ricardo vive somente da arte. Em 1991, ele estabeleceu sua residência permanente em Tiradentes juntamente com sua esposa e sua filha, na época com um ano de idade.

Ainda hoje ele possui um ateliê de pintura integrado a sua casa na pequena cidade mineira. É lá que ele cria e desenvolve placas de ferro decorativas pintadas a mão. Sua pintura apresenta, na maioria dos trabalhos por ele efetuados, características muito vivas e coloridas. No entanto, ele opta por percorrer caminhos variados dentro do mundo das pinturas, indo dos mais clássicos aos mais abstratos, pintando desde santos religiosos à personagens que agradam principalmente às crianças, típicos de desenho infantil.

Foi em fevereiro de 2013 no meu primeiro contato com a cidade de Tiradentes que Ricardo e eu nos conhecemos. Mas, anterior ao nosso encontro eu já sabia um pouco da sua história, a qual me foi apresentada pelo meu orientador deste estudo.

Posso dizer que a ideia desta tese e a escolha do campo de pesquisa foi uma criação conjunta que nasceu de um desejo meu em estudar a história de “pessoas comuns” aliadas a um antigo desejo de meu orientador em realizar uma pesquisa com pequenos empreendimentos em um território mineiro. Em uma de suas viagens com sua família, ele visitou cidades pertencentes à Estrada Real e contemplou a arte e os artistas que brotam desta região. E foi assim, animado em conhecer o artesanato de cada uma destas cidades que encontrou as obras de Ricardo e descobriu um pouco da sua história de vida.

Assim, quando fui para Tiradentes eu já possuía o nome de Ricardo como um possível personagem da pesquisa. Na pousada em que estava hospedada, quando perguntei como poderia encontrá-lo, prontamente recebi o endereço da sua casa e de seu ateliê. Me dirigi até seu ateliê com meu pai - que neste momento acompanhava de perto minha aventura nos solos mineiros - para conhecer Ricardo e sua família e contemplar as obras que juntos desenvolviam.

Nós fomos recebidos por uma família paulista com mimos mineiros: muita alegria, muita história, muito café e muitas fotos. Sim, fotos! Ricardo, admirador de sua própria história e do seu trabalho, me apresentou várias fotos dos principais momentos de sua trajetória, estas reveladas e organizadas em álbuns.

Depois do primeiro contato, um ano e meio depois, retornei ao seu ateliê para realizar as entrevistas para o estudo. Ele, sua esposa e sua filha continuavam no mesmo lugar, realizando o mesmo trabalho e com a mesma simpatia e animação. Em 2014, foram cinco encontros incrementados com cafés e doces mineiros, jantares, e com muitas fotografias, as quais não apenas testemunhavam seus feitos, como também o ajudavam a recordar os caminhos que havia percorrido em sua vida. Nas nove horas e doze minutos de entrevista, pude observar o quanto Ricardo é apaixonado pela sua história e pelos diferentes trabalhos artísticos que realizou ao longo de sua caminhada.

Um pouco da sua paixão e da sua narrativa podem ser acompanhadas nas próximas páginas, após algumas imagens visuais.

Foto 17 - Ricardo no momento de criação e produção



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Foto 18 - O ateliê de Ricardo



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Foto 19 - Algumas de suas pinturas expostas em seu ateliê



Fonte: Arquivo da autora, 2014

5.3.1 Processo de mudança para o território de Tiradentes

Desde criança, Ricardo manifestou um grande apreço pelo mundo das artes. A admiração pelas pinturas e desenhos da sua mãe o inspiravam a seguir o mesmo caminho artístico. Foi nas aulas de geografia do ensino fundamental, desenhando planícies e relevos, que Ricardo descobriu seu dom e que posteriormente o levou a fazer um curso de desenho artístico publicitário. No ensino médio, antigo colegial, ele cursou edificações, em seguida tentou cursar as faculdades de arquitetura e cálculo, desistindo nos primeiros anos por apresentar um anseio grande em começar a trabalhar. O curso de edificações o possibilitava a trabalhar no exército como oficial de operações mexendo diretamente com topografia de terreno e foi ali que Ricardo se dedicou durante algum tempo.

Em seguida, trabalhou na Basf, empresa alemã, em Guaratinguetá (município do estado de São Paulo), recebendo convites para trabalhar na General Motors (GM), empresa americana, de São Paulo, e na Volvo, empresa sueca, de Curitiba. Optou pela primeira, devido a proximidade com a família que residia em Santos.

Enquanto trabalhava nas empresas multinacionais, Ricardo dava aulas de pintura e tinha um pequeno ateliê em casa dedicado às suas criações. Mesmo estando envolvido em um trabalho considerado tradicional, o mundo das artes o acompanhava.

Em São Paulo, seu anseio artístico começou a aflorar cada vez mais e Ricardo passou a se envolver com a pintura, a música e até mesmo a moda. No mundo da música, ele tocava guitarra em uma banda, a qual abria shows de renomadas bandas nacionais da época; no mundo da moda, ele desenvolvia roupas e promovia desfiles e no mundo das artes, ele pintava telas, realizava exposições e dava aula na pinacoteca em São Paulo.

Seu envolvimento com esses diferentes mundos - pintura, música, moda - o realizava em alguns aspectos, mas financeiramente não era considerado viável. Assim, sua permanência na General Motors era necessária, devido ao fato do seu salário, em sua opinião, ser considerado convidativo. Assim, Ricardo buscou aliar as duas profissões: o mundo empresarial devido à questão financeira, e o mundo das artes devido à sua paixão. A mescla entre as duas profissões evidencia a harmonia entre o regime público do mundo da inspiração e do mundo mercantil. Mas, o equilíbrio dos dois mundos o gerava desgastes. Ricardo relata que tentou agrupar as duas atividades durante um período de tempo, ou seja, ele trabalhava à noite com a música, chegando em casa às sete da manhã e começava a trabalhar às oito na GM.

Seus desgastes o faziam ter que apelar para remédios e cigarros: “eu saía tomando tudo o quanto era remédio pra dor”, relembra ele. Mesmo sabendo que isto era prejudicial à sua saúde, durante muitos anos ele levou a vida desta forma, tentando aliar um trabalho que lhe garantia um salário fixo e uma atividade que lhe dava prazer.

Ricardo ingressou na empresa americana em 1979, permanecendo nela até 1991, quando foi implantado um sistema computacional que facilitava o projeto e os desenhos técnicos. Com a implantação do novo sistema na empresa, trezentas e oitenta e uma pessoas foram demitidas, incluindo Ricardo.

Ele relata que aquela ação que era para muitos considerada assustadora, mas para ele era um alívio: “eu estava sempre pra pedir as contas, mas não tinha coragem. Então, a GM fez por mim”. Mesmo assim,

ele se viu em alguns momentos sem rumo: “Aí eu falei: cara, o que eu vou fazer?”, lembra ele.

Ricardo tinha o desejo de morar em uma cidade pequena, com mais tranquilidade, mais segurança, mais qualidade de vida, com casas de madeira, com cercas vivas. Devido a demissão da empresa em que trabalhava, ele decidiu visitar outras cidades para ver se encontrava nelas as características que tanto desejava.

“Aí peguei um ônibus e fui até Joinville (município do estado de Santa Catarina). Eu queria morar em Joinville. Cheguei lá, cheio de fábrica, parecia Cubatão (município da baixada Santista, considerado na década de 1980 como a cidade mais poluída do mundo). Voltei no mesmo dia, cheguei de manhã, voltei no ônibus da noite. Não tinha condições. Não tinha mais cerca viva, não tinha mais casa de madeira. Não é isso que eu quero. Acho que cai na cidade errada. Voltei”, lembra ele.

Ainda sem destino e procurando um novo lugar para começar sua vida com sua esposa e sua filha, Ricardo olhou para um quadro de um metro e meio, que ele mesmo tinha pintado, com a imagem de um conjunto de casarões de Tiradentes e se questionou “será que isso ainda existe?”. “Olhei o quadro na parede e decidi ver como estava a cidade, se existia se era aquilo do mesmo jeito da pintura” revive ele.

Seu primeiro contato com a cidade mineira foi quando fez uma excursão com a escola de Belas Artes para conhecer as cidades históricas de Minas Gerais - Tiradentes, Mariana, Ouro Preto e São João del Rei. Ele lembra que desde aquele momento as características das cidades mineiras o chamaram muito a atenção: “eu gostei e ficou aquilo marcado na cabeça”, assegura ele.

Deitado na cama, olhando para sua pintura, Ricardo decidiu pegar um ônibus e ir sozinho para Tiradentes para ver se a cidade apresentava o mesmo conjunto arquitetônico, quer dizer, se as características da sua pintura continuavam vivas naquele território. Chegando em Tiradentes e percebendo que tudo continuava igual as suas recordações, ele ligou na mesma hora para sua esposa e disse que eles se mudariam para Tiradentes.

A demissão de Ricardo, foi uma prova enfrentada por ele. Anteriormente a isto, as suas dificuldades em harmonizar seu gosto e

talento artístico com um rendimento financeiro compatível com as necessidades da família, já o faziam refletir em um caminho novo a seguir. Sua demissão, no entanto, o encorajou a fazer um novo balanço da ação mais coerente com os seus desejos. Para fazer este balanço, Ricardo avaliou a si mesmo, a sua família, a sua vida profissional, seu desejo em investir na sua arte, a cidade em que morava e o que esperava para sua vida; julgou se a ação que vinha executando estava coerente com o que desejava e ao verificar que havia uma incoerência entre o que vivia e o que sonhava, ele abandonou a ação em curso (o envolvimento em trabalhos convencionais e a residência em um grande centro) em favor de outra ação (o envolvimento em trabalhos artísticos e a vida em uma cidade do interior). Ele lembra que falou para si mesmo: “já que é pra mudar de vida eu vou mudar geral” e assim o fez; ele mudou-se com sua família para a cidade de Tiradentes, dando prioridade a um novo engajamento.

Neste momento, Ricardo migra do regime familiar (sua vida rotina em São Paulo e seu trabalho convencional) para o regime do plano (a mudança de cidade e de profissão) e para o regime de exploração (momento de euforia e descoberta) (THÉVENOT, 2006; AURAY, 2011).

As qualidades da cidade de Tiradentes eram favoráveis às aspirações de Ricardo e também da sua família. Neste território ele poderia finalmente realizar seu desejo de morar com sua esposa e sua filha em uma cidade calma, segura, bonita e principalmente viver somente da arte, seu grande desejo.

Ricardo relembra que na época em que eles mudaram “a cidade tinha uma coisa bonita, jardins bem arrumadinhos, florido, um brinco. Como arquitetura ela tinha o seu charme. As ruas eram arrumadinhas, os jardins floridos, bonitos de ver, a praça tinha flores”. Tiradentes apresentava então a mesma arquitetura e o mesmo perfil daquele exposto em seu quadro, com o estilo barroco que tanto apreciava e com outras características que também admirava.

O dinheiro do fundo de garantia da empresa em que trabalhava foi investido na compra de um terreno e na construção da sua casa. Ricardo se encontrava tão animado em se mudar para Tiradentes e finalmente viver somente da arte que foi ele mesmo quem projetou e construiu sua casa.

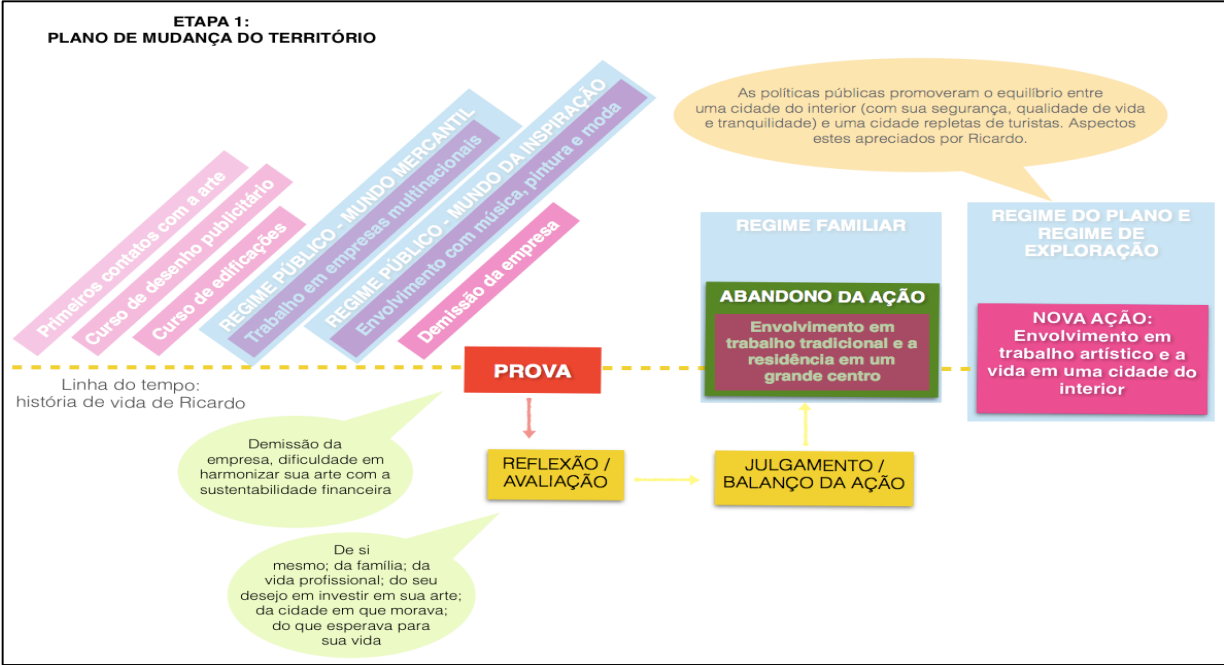
Ele relembra que no momento da construção “tinha só a casa aqui do lado, uma casinha nos fundos e tinha uma casinha ali”. Isto porque o

lote comprado não se situava no centro histórico, mas em um bairro ao redor. Nesta época, os tiradentinos timidamente começavam a vender suas casas do centro histórico para os novos moradores e migravam para outros locais, formando novos bairros, como o bairro que Ricardo mora hoje.

No início dos anos 1990, a cidade se encontrava sem o movimento turístico que apresenta hoje, possuía poucos turistas, poucas pousadas, restaurantes rudimentares e nenhum festival. Alguns tímidos movimentos já aconteciam em direção ao desenvolvimento da cidade como referência do turismo, como a restauração das casas, o início das novas configurações no centro histórico com a multiplicação de estabelecimentos ligados ao turismo e também algumas divulgações nos meios de comunicação. Estes acontecimentos estavam ligados ao incentivo financeiro dos empresários e pessoas da sociedade civil. As políticas públicas atuavam em outra direção, na instalação da rede subterrânea de energia elétrica.

A síntese do plano de mudança de Ricardo e sua família para o território de Tiradentes pode ser conferida na figura 25.

Figura 25 - Resumo da etapa 1 da história de vida de Ricardo



Fonte: Elaborado pela autora

5.3.2 Inserção no novo território

Antes da sua mudança para Tiradentes, Ricardo já ansiava por um trabalho que ele pudesse se dedicar inteiramente ao mundo das artes. A sua ida para Tiradentes, proporcionada graças a demissão da empresa em que trabalhava em São Paulo, se mostrava favorável a conquista do seu desejo de longa data. Outro fator promissor que corroborava com o seu anseio era a situação da cidade na época. No momento de sua mudança, início dos anos 1990, Tiradentes ainda não possuía o vasto número de turistas que apresenta hoje, no entanto, a cidade já contava com bons artistas que desenvolviam artesanatos e artes diferenciadas.

Assim, Ricardo se mudou para Tiradentes com sua família já sabendo que se envolveria apenas com trabalhos artísticos: “eu não vim pra arrumar um emprego”, relembra ele; sua ideia era investir em si mesmo e no seu talento como artista. O dinheiro do fundo de garantia o dava seguranças de sobrevivência financeira na nova cidade e ao mesmo tempo o dava tempo para pensar e refletir no seu campo de atuação: “tinha dinheiro pra mim sobreviver, fazer e ficar nesse espaço de tempo criando outras coisas, pesquisando o que eu ia fazer, onde eu ia aplicar”.

No entanto, sua ideia inicial era ir até Tiradentes para pintar telas à óleo e comercializá-las ali mesmo, na pequena cidade. Sua paixão pelo mundo das artes sempre foi a pintura a óleo; ele havia pintado ao longo dos anos em São Paulo quatrocentas telas e desejava comercializá-las em Tiradentes. O que ele não imaginava era que enfrentaria grande dificuldade para vendê-las naquele território.

Sem conseguir vender suas pinturas em Tiradentes, Ricardo precisou fazer o movimento contrário: todos os sábados ele viajava de ônibus para São Paulo com todas as suas telas, as vendia no domingo em uma grande praça da capital e na mesma noite retornava de ônibus para Tiradentes. “Inverti, passei a morar aqui e vender lá, mas só até acabar as telas”, relembra ele.

Além da venda das telas, Ricardo também viajava para São Paulo para desenvolver outros trabalhos, como a promoção de desfiles de moda. Viagens para outras localidades para realizar trabalhos de restauração de pinturas antigas para o IPHAN também fizeram parte dos seus primeiros anos em Tiradentes. Após a venda das telas em São Paulo, ele deu início a outros tipos de trabalho artístico em Tiradentes, permanecendo a partir

dai somente na pequena cidade mineira (o desenvolvimento dos seus trabalhos artísticos será detalhado na próxima seção - 5.3.3 Desenvolvimento da fenomenia).

Ricardo relembra que: “tirar São Paulo da cabeça não foi muito fácil. Eu tinha um ritmo com os amigos, com as pessoas, com a banda, com o rock, com a vida noturna, essas coisas todas, né?” Em Tiradentes, por ser uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, ele não tinha acesso aos agitos que a grande capital oferecia. Além disso, a dificuldade em fazer amigos na nova cidade, dificultava a sua inserção e adaptação, causando a ele e também a família bastante frustração.

Ainda hoje, Ricardo apresenta dificuldades em lidar com os moradores da cidade. Expondo seu desapontamento ele assegura que: “é difícil de lidar, eu não tenho amigos aqui na cidade. Amigos pra tomar uma cerveja, pra bater um papo. Não tenho. Tu conversa com as pessoas, mas tu não tem uma amizade de você ir na casa dele conversar, não tem”. Até mesmo com seus vizinhos, o relacionamento é frágil: “o vizinho aqui do lado eu nunca fui na casa dele e ele nunca veio na minha casa. Oi, oi, cumprimenta assim, mas não passa disso. (...) ele se isola. O outro não quer conversar com a gente porque acha que a gente tem uma casa melhor”.

Mesmo apresentando esta dificuldade em lidar com as pessoas da cidade, Ricardo apresenta uma sensibilidade e um desejo que isto mude. Para isto, ele apresenta sempre um cuidado no trato e no relacionamento com os moradores. Mesmo assim, a interação entre Ricardo e os nativos ocorre somente quando há uma oportunidade de trabalho, como ele mesmo revela:

“enquanto você estiver doando cifrão pra A, B, C, D por comprar ou fazer qualquer coisa as pessoas vão te tratando bem. Você na terra e Deus lá em cima. Está tudo bem. No momento que acabou o serviço, o empregado passa na outra calçada, nem bom dia, boa tarde, ele dá . Trabalhou mais de um ano contigo mas já não te conhece mais porque você não está dando nada para ele. Existe esse problema ruim”.

A dificuldade de interação de Ricardo com os moradores de Tiradentes, revela uma conformidade com os dados apresentados na seção - 4.3.3 O despertar e o auge do turismo: da década de 1990 aos dias

atuais. Esta seção destaca que Tiradentes é dividida em dois grupos: o grupo dos nativos e o grupo dos extra tiradentinos (ETs). Com o movimento de entrada de novos moradores, os nativos se uniram, excluindo, muitas vezes, os novos moradores do seu grupo de convívio. De acordo com Ricardo, os nativos optam por essa exclusão porque o seu meio de relacionamento já é grande o suficiente, afinal todos eles apresentam um laço de parentesco uns com os outros. Além disto, ele assegura que há um julgamento negativo por parte dos nativos no que diz respeito aos ETs, para eles: “ninguém vem de outra cidade se não fez nada errado”.

Além da dificuldade de interação com os nativos, Ricardo e sua família apresentam também dificuldade de interação com os novos moradores: “as pessoas que moram nas casas você nem vê, porque estão sempre viajando”. Assim, a família paulista optou pela distância dos dois grupos, optando em conversar e dar atenção aos seus clientes, que são na grande maioria moradores de outras cidades. Mesmo assim, Ricardo mostra-se simpático e atencioso com todos os habitantes da cidade: “eu sou desse jeito, eu cumprimento todo mundo, dou beijinho em todo mundo, abraço todo mundo, não tem A e não tem B”.

Além da sua simpatia, Ricardo sempre se mostrou confortável em realizar trabalhos voluntários envolvendo a sua arte. Ele conta que pintava painéis para as festas juninas de escola, para o grupo municipal de teatro Entrevista, e para blocos de carnaval. Até hoje, Ricardo desenvolve esta espécie de trabalho filantropo: “se eu tinha tempo eu participava, como até hoje!”. No entanto, ele é seletivo no que concerne a doação do seu tempo e da sua arte: “quando eu percebo que há abuso eu já caio fora. Eu não vou gastar muito o meu tempo em uma coisa que é o outro que vai levar o nome. E quando envolve política, eu saio fora”. Seu trabalho voluntário é caracterizado pelo regime público, mais especificamente pelo mundo cívico.

Pelo fato da cidade ser pequena, Ricardo percebeu, ao longo dos anos, que quando o assunto é política é melhor não se envolver. Esta percepção ocorreu devido a dois episódios amargos que resultaram em um dano para o seu trabalho.

Um deles ocorreu quando ele foi presidente de mesa nas eleições, as pessoas da cidade ligavam a sua presença com um determinado candidato, o que lhe causava dificuldades em comercializar suas peças na

cidade, dependendo de quem ganhava as eleições. O segundo episódio ocorreu no retorno de uma viagem, quando ele se deparou com uma grande faixa fazendo propaganda para um candidato a prefeito da cidade no muro de sua casa. Ricardo lembra com amargura deste episódio: “você acredita que eu passei quatro anos sem pintar móveis pra cidade? Porque ganhou o outro! E pra quem eu pintava, que tinha várias lojas, aí não deram mais serviço pra mim”.

A partir destes episódios, Ricardo aprendeu a interagir de forma neutra com todas as pessoas da cidade. Por meio da sua imparcialidade, ele procura usufruir do que o território tem de melhor, como, em sua opinião, a arquitetura, a história, as obras barrocas e a vida cultural. Ele assegura que “as pessoas não participam das coisas que estão acontecendo na cidade. Tudo que tem eu vou”. Ricardo também participou de uma exposição coletiva de pinturas que ocorreu no Centro Cultural Yves Alves, expondo seu trabalho e sua arte.

Outra maneira encontrada por Ricardo para interagir com as pessoas foi a inserção nas associações da cidade, o que também não gerou bons frutos. Ele tentou fazer parte da Associação dos Artesãos quando chegou na cidade; ficou por um tempo associado, mas dois episódios o fizeram se afastar. Um deles está ligado a falta de cuidado por parte da associação com os produtos dos artesãos, estes destinados a comercialização. Frente a isto, Ricardo conta que havia deixado alguns móveis com suas pinturas para a associação comercializar; a associação, por descuido, vendeu seus móveis com algumas de suas telas de pinturas dentro.

O outro fator que culminou para a sua saída, foi a cópia da sua arte pelos outros artesãos. Segundo Ricardo: “acontece muito em Minas, eu vou lá, um vai vender sapato, outro vai vender roupa. Aí, o que tá vendendo mais? Tá vendendo mais passarinho! Então, na outra semana já está todo mundo fazendo passarinho. Então, se você cria alguma coisa que começa a sair, daqui a pouco tá todo mundo fazendo. As pessoas não mantêm o padrão das coisas que elas gostam de fazer”. Por ser fiel e coerente com a arte pela qual é apaixonado, Ricardo preferiu se afastar da associação antes que sua participação prejudicasse ainda mais seu trabalho. Sua fala demonstra seu pensamento: “se eu colocar meus produtos na associação, as folhas de bananeira que eu faço, daqui a pouco

tem folha de bananeira em tudo o que é lugar. Porque vão lá vão ver, um fotografa, outro copia, outro tira medida, outro pesa, outro vê”.

Após, sua participação na Associação dos Artesãos, Ricardo tentou ainda participar da Associação do seu bairro, mas decidiu se afastar pelo mesmo motivo: a cópia de seus produtos. Hoje, mesmo recebendo convite para participar da Associação dos Empresários, ele prefere não fazer parte de nenhuma associação: “não era uma boa pra mim, nunca foi e nem vai ser”.

Além disto, Ricardo desejava que as associações tivessem um propósito diferente, o de escutar as dificuldades dos artesãos e de orientá-los. Para ele: “não é uma coisa assim que você, vai lá e eles vão te orientar pra você fazer melhor”. Assim, diante da expectativa não cumprida e das suas frustrações com as participações nas associações, Ricardo prefere seguir seu trabalho, nas suas palavras: “com minhas próprias pernas”.

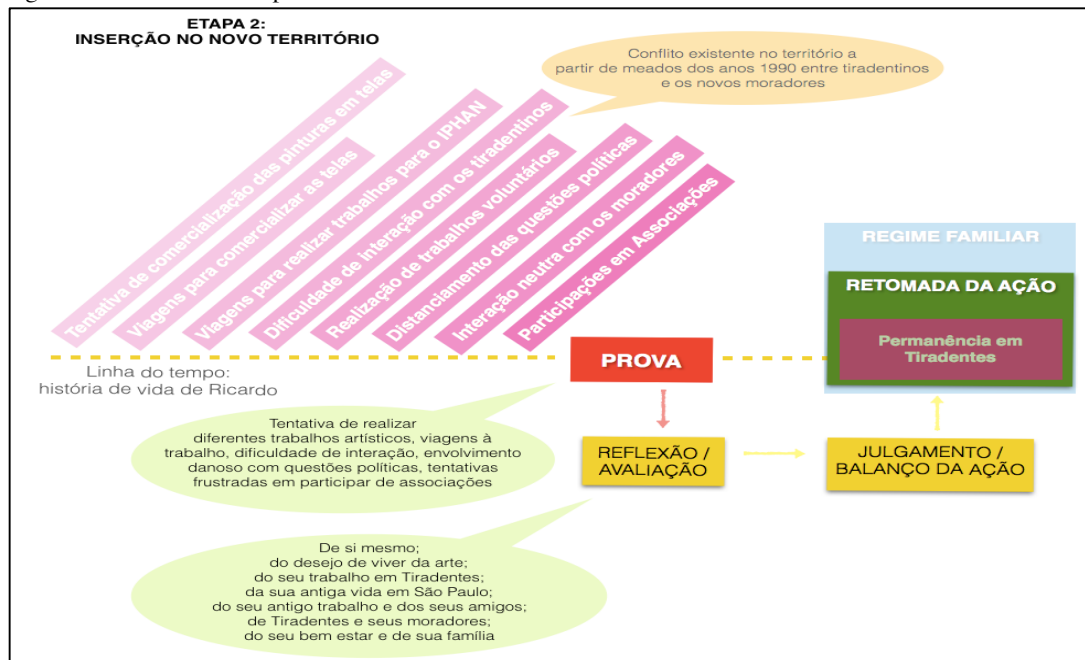
Devido as participações nas associações e também aos vinte anos habitando na cidade e a atividade artística que realiza, Ricardo é conhecido por grande parte dos moradores de Tiradentes. Ele conta que sua casa-ateliê é ainda ponto de referência para explicar endereços e direções. No entanto, “pra comprar ninguém indica”, reclama ele. As dificuldades de encontrar aliados na cidade serão melhor relatadas nas páginas seguintes, juntamente com a explanação do desenvolvimento da sua fenomenia.

A inserção de Ricardo e sua família no território de Tiradentes, não foi um processo leve, pelo contrário foi alimentada por dor e frustração durante vários momentos. As diversas provas enfrentadas por eles – as várias tentativas de trabalhos artísticos (melhor abordados na próxima seção), as viagens para outras cidades relacionadas a trabalho, as diversas dificuldades de interação com as pessoas da cidade, o envolvimento danoso com questões de caráter político e as tentativas frustradas em participar de associações – resultaram em um balanço de suas ações que ocasionariam ou não na sua permanência em Tiradentes. Ricardo avaliou o seu desejo de viver da arte, seu trabalho em Tiradentes, sua antiga vida em São Paulo, seu antigo trabalho, seus amigos, os moradores de Tiradentes, a pequena cidade mineira, o seu bem-estar e da sua família; julgou se a sua moradia na cidade estava coerente com o que almejava para a sua vida e ao perceber que mesmo diante das dificuldades vividas havia uma harmonia entre o que ele buscava e o que vivia. Assim, decidiu

permanecer em Tiradentes, impondo a si próprio uma nova coordenação (THÉVENOT, 2006). O regime de engajamento que sobressai em sua decisão é o regime familiar, uma vez que ele opta em continuar com uma ação que já era para ele íntima e habitual.

O que fez Ricardo optar por sua permanência em Tiradentes e também pela continuidade da sua vida artística foi um conjunto de características únicas que a cidade oferece. Para ele: “se você vier pra cá e você observar a cidade, o contexto da cidade, as coisas que a cidade te oferece: é o que me mantém”. Por apreciar tais qualidades, sua permanência em Tiradentes já dura mais de duas décadas: “faz vinte e dois anos e ainda não fui embora e nem quero ir”, assegura ele com firmeza.

Figura 26 - Resumo da etapa 2 da história de vida de Ricardo



Fonte: Elaborado pela autora

5.3.3 Desenvolvimento da fenomenia

Ricardo foi para Tiradentes com o intuito de pintar telas a óleo, mas precisou se adaptar às condições que o território o colocou. Como sua intenção em trabalhar com pintura era genuína, mesmo sem conseguir vender suas telas, ele encontrou uma maneira de permanecer em Tiradentes que fosse compatível com o perfil do território e com seu desejo de trabalhar com arte: a pintura em móveis de madeira natural.

Sua ação reflete na migração do regime familiar, a pintura em telas - o que era para ele habitual; em direção ao regime do plano, a pintura em móveis - a qual era fruto de uma nova ação baseada em uma nova proposta para poder permanecer em Tiradentes (THÉVENOT, 2006). Por envolver uma nova ação, o regime de exploração encontra-se evidente, bem como o regime público, sustentado pelo mundo da inspiração posto que seu trabalho estava ligado a valores como criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade (AURAY, 2011; BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

Desde a sua mudança para Tiradentes em 1991 até os dias atuais, Ricardo e sua família moram na mesma residência, situada em um bairro que liga uma das entradas da cidade com o centro histórico. No momento da sua mudança, Tiradentes não apresentava o número acentuado de turistas que registra hoje, desfrutava apenas do início do movimento turístico, e por esta razão, não havia um grande movimento de pessoas transitando em frente ao seu ateliê, presenciando e comprando seu trabalho.

No entanto, nos primeiros meses instalados em Tiradentes, um fato inesperado aconteceu: uma das pontes de acesso a cidade caiu e ficou um ano em reforma para poder ser ativada novamente. Este acontecimento obrigou as pessoas a passarem na frente da casa de Ricardo e desta forma, a testemunharem sua arte em móveis. Ele relembra do acontecimento da ponte como um fator que impulsionou o seu trabalho artístico em Tiradentes: “meu trabalho que precisava de uma divulgação, veio a cair do céu aquilo. A ponte ter caído foi a melhor coisa pra mim. Eu pintava móveis, eu colocava ali na frente e tal e as pessoas viam”.

O acontecimento com a ponte foi uma condição imprevista ofertada pelo território, a qual resultou na melhoria de exposição e venda do seu trabalho, uma vez que ele decidiu aproveitar do movimento das

pessoas que transitavam em frente ao seu ateliê e montar ali na fachada da sua casa uma vitrine dos seus produtos. Ricardo enxergou e aproveitou a oportunidade de divulgação do seu trabalho por meio do episódio inesperado ocorrido no território, no entanto não houve uma ampla racionalização a respeito da situação imposta, ele apenas agiu em função do que o território o oportunizou.

Por meio da pintura, Ricardo procurava desenvolver uma arte diferenciada e compatível com o perfil da cidade que habitava. Como Tiradentes apresentava naquele momento, e ainda apresenta hoje, um conjunto arquitetônico barroco respeitável, ele decidiu usar e dar ênfase neste estilo no seu trabalho de pintura: “eu comecei a criar um estilo barroco”. Ele valorizou esta potencialidade de Tiradentes, isto é: o estilo barroco foi o ativo presente no território escolhido por ele para realçar o seu trabalho. Isto caracterizou não apenas a sua identidade como artista, como também a congruência com a especificidade local (PECQUER, 2000).

Na década de 1990, as ações das políticas públicas estavam voltadas para a preservação do patrimônio histórico, para a promoção do território no circuito turístico, favorecendo a economia da pequena cidade. O movimento realizado por Ricardo apresenta ligação com estas ações públicas, afinal suas obras agregavam e ainda agregam valor ao território por apresentarem características compatíveis com o local. Isto demonstra que a ação de um ator por meio do seu pequeno empreendimento, da sua pequena fenonomia, pode contribuir com a construção e com o progresso de um território.

Posso inferir que a ênfase na característica barroca escolhida por ele, está atrelada ao regime do plano, uma vez que ele precisava de um projeto novo a seguir para conseguir se diferenciar dos demais artesãos e desta forma, conseguir permanecer no território de Tiradentes. A ênfase no barroco também está ligada ao mundo da inspiração, por estar atrelada a singularidade, originalidade, e pela criação ser revelada em suas obras.

As teorias administrativas apresentam o posicionamento que a criatividade e inovação são os importantes aliados das empresas ditas tradicionais, sendo seus grandes diferenciais. A mesma criatividade e inovação se mostrou e ainda se mostra promissora no desenvolvimento do trabalho artístico de Ricardo, o que representa uma compatibilidade entre a teoria da Administração e as fenomenias.

Sua inovação, por meio do seu estilo barroco começou a despertar atenção dos turistas e das pessoas que passavam na frente do seu ateliê. Além das vendas dos móveis com pinturas barrocas, ele foi convidado para trabalhar em São João Del Rei (município do Estado de Minas Gerais situado a quatorze quilômetros de Tiradentes) com o propósito de pintar nas mobílias imagens da cidade, em especial das igrejas. Mais tarde, ele aprimorou suas técnicas de pintura e começou a pintar móveis inteiros. Ricardo relembra deste episódio como um momento importante na sua trajetória, pois além dele conquistar seu desejo de morar em uma cidade pequena, bonita e com qualidade de vida e de trabalhar finalmente com o que desejava - arte e pintura - ele ainda recebia o pagamento do trabalho que realizava em dólares, uma vez que os móveis pintados por ele eram vendidos no exterior.

Naquela época, além de Ricardo, muitos tiradentinos precisavam sair de Tiradentes e se dirigir para as cidades vizinhas para trabalharem, uma vez que a oferta de emprego na cidade era mínima. Hoje, no entanto, graças às ações das políticas públicas realizadas desde a década de 1980, o movimento é inverso: Tiradentes apresenta carência de mão de obra e há muitos moradores de São João Del Rei e da região trabalhando na pequena cidade mineira. Além disso, Tiradentes se mostra uma cidade que atrai novos moradores das diversas regiões do país, como também do exterior, seja pelas oportunidades de negócio que oferece, seja pela calma, tranquilidade e segurança que ela proporciona.

As pinturas em móveis de Ricardo despertavam a atenção de turistas, moradores, lojistas, comerciantes. O mobiliário pintado a mão era considerado um produto atraente para os turistas e uma oportunidade de negócio para marceneiros e artesãos. Com isto, “todo mundo virou pintor de móveis em toda região”, conforme assegura Ricardo. Fato este que exigiu uma escolha de ação por parte dos artesãos: ou eles continuavam comercializando o mesmo produto, aprimorando-o e apresentando nele um novo diferencial, uma inovação; ou abandonavam as pinturas em móveis e seguiam para a criação de um produto novo, escapando, desta forma, da concorrência que se instalava com força na região.

Ricardo optou por libertar-se da mesmice e do marasmo e criar uma arte nova com pinturas inéditas em um material diferente. Ele continuou com a pintura em móveis, com uma menor intensidade, e

passou a se concentrar mais na criação de novos produtos artesanais envolvendo a madeira e o ferro. Com o passar do tempo ele conta que “foi indo, foi indo, chegou em um tempo que móveis ninguém mais procurava e ficou no artesanato, no ferro, madeira”. Ele conta que as pessoas começaram a comprar móveis sem pinturas, “sem muita arte, coisa que você vê em qualquer marcenaria”.

Por um lado, a troca dos móveis para a pintura no ferro e na madeira foi uma agradável mudança para Ricardo, pois segundo ele a pintura em móveis era árdua e trabalhosa, consumia mais material e exigia mais esforço físico - muitas vezes era necessário colocar os móveis em cima dos caminhões para serem transportados para outras localidades. Assim, a mudança do produto a ser criado, produzido e comercializado resultou a ele menos trabalho e mais prazeres, pois com as placas de ferro e com a madeira ele também apresentava autonomia para criar e desenvolver a sua arte da maneira que o agradava não deixando de ser compatível com o perfil do território.

Esta ação de Ricardo está aliada ao regime do plano, por haver um plano de mudança de ação, neste caso, a migração da pintura em móveis para a pintura em ferro e madeira. Da mesma forma, está ligada ao regime de exploração, por ser ao mesmo tempo, uma ação carregada de novidade, descoberta, excitação e exploração; e ao regime público mais especificamente ao mundo da inspiração, por ter produtos ligados a criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade (THÉVENOT, 2006; BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991; AURAY, 2011).

Suas pinturas em placas de ferro ainda seguem o seu estilo próprio e muitas vezes o estilo barroco. As placas são sempre pintadas a mão, um dos seus diferenciais na cidade, e apresentam funcionalidades variadas: decorativas e/ou indicativas, como por exemplo as placas de estabelecimento comerciais, ou ainda as placas para portais de fazenda. Além da decoração externa, em jardins, Ricardo também desenvolve artesanato em ferro para o interior da casa, com pinturas que vão desde brasão de família, santos religiosos até singelas flores e frutos.

Em vários trechos da história de Ricardo, está evidenciado a sua motivação em desenvolver um artesanato único, independente do material que é por ele utilizado. O desenvolvimento destes novos produtos o realizam, uma vez que ele apresenta plena autonomia em criar, em produzir e até mesmo em vender. Seu desejo de criar é a inspiração

revelada nos objetos, como descreve o mundo da inspiração (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991). A liberação da criatividade, a satisfação e a realização em desenvolver algo que o contenta, o aprendizado constante, as tarefas automotivadas, as metas autogratificantes, a autonomia e a liberdade de escolha são aspectos presentes no seu trabalho, também presentes no enclave da fenomenia (GUERREIRO RAMOS, 1989). Além disso, a coordenação de Ricardo com o seu entorno e a qualidade do seu produto, também se encontram presentes e evidenciadas em sua gestão. Da mesma forma, o resultado econômico colateral também se manifesta em sua fenomenia.

Seu movimento constante de criação resultava em uma arte singular e original, que apresentava relevância para o território e também para o mercado da região em si. Devido ao destaque da sua arte, plágios das suas pinturas começaram a aparecer na cidade. Para ilustrar esta alegação, Ricardo relata a história de um homem que foi até seu ateliê para reclamar da qualidade de um dos seus produtos; produto este que ele havia comprado em um estabelecimento comercial situado no centro da cidade. Quando Ricardo viu o móvel notou que algo estava estranho, pois ele não havia pintado aquele produto. Assim, os dois se dirigiram juntos até o estabelecimento para averiguarem o que tinha ocorrido. Lá descobriram que os móveis que Ricardo pintava e vendia para o lojista se encontravam no estabelecimento apenas como mostruário. O que acontecia era a seguinte situação: o cliente encomendava com o lojista um novo móvel com a mesma pintura, mas quando o recebia em casa percebia que a qualidade não era a mesma que ele tinha presenciado na loja. O lojista, ao invés de encomendar com o Ricardo mais pinturas em móveis, optava por contratar artesãos menos experientes, os quais realizavam a cópia da pintura, por um preço bem inferior e sem apresentar o mesmo cuidado com os detalhes e a mesma qualidade. Ou seja, os artesãos copiavam o trabalho de Ricardo e vendiam como se fosse pintado por ele. Ele relata que neste episódio, o cliente enganado conseguiu recuperar o seu dinheiro com o lojista e assegurou que não voltaria mais na cidade.

A cópia, o plágio, os produtos sem qualidades não agregam valor ao território de Tiradentes, pelo contrário prejudicam a imagem não apenas da cidade, como dos empreendimentos e dos indivíduos. A queda de qualidade generalizada leva à desvalorização dos produtos e, por conseguinte, à desvalorização do trabalho de todos.

Para Ricardo, foi uma grande frustração tomar ciência dos plágios e do incentivo às cópias por parte dos lojistas e saber que eles visavam apenas um maior rendimento financeiro. “Nesta época, eu quase fui embora daqui. Se uma pessoa faz isso, quantos não estão fazendo”, relembra ele.

Esta prova enfrentada por ele em seu trabalho fez com que realizasse um novo balanço da ação, avaliando a si mesmo, seu trabalho, sua arte, seu produto, seus concorrentes, sua cidade, suas expectativas em relação a sua vida, sua família, seus desejos; julgando se suas ações estavam coerentes com o que almejava e ao perceber que estava trilhando o caminho que aspirava, decidiu contornar a dificuldade encontrada, permanecendo na cidade e aprimorando o seu produto. Assim, Ricardo passou a criar produtos diferenciados, ousados e difíceis de serem plagiados.

Neste momento, há uma mescla dos quatro regimes: o regime familiar, uma vez que Ricardo opta em permanecer com sua residência e seu trabalho em Tiradentes; o regime do plano, dado que ele apresenta um novo plano a ser seguido no que diz respeito ao seu trabalho, elaborando e criando produtos novos e irreverentes; o regime de exploração, posto que a descoberta, a vivência e a experiência farão parte do seu processo criativo e, por fim, o regime público, pertencente ao mundo da inspiração, em consequência do seu trabalho privilegiar a singularidade, a originalidade, a espontaneidade, sendo legítimo; e também ao mundo mercantil, mesmo que em menor predominância, pois a ação de tornar seu produto mais original, criando barreiras ao plágio das suas obras, dizem respeito a uma ação de autoproteção dentro de um dado mercado. (THÉVENOT, 2006; AURAY, 2011; BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

Assim, ao invés de desistir de Tiradentes, de suas conquistas, de seus sonhos, Ricardo optou por prosseguir desenvolvendo produtos diferenciados, ousados, que fossem difíceis de serem plagiados. “Você tem que dificultar pra pessoa não copiar, entende? Se não, se você fizer uma coisa fácil você perde o cliente”, assegura ele. Assim, ele começou a desenvolver produtos utilizando técnicas de pinturas diferentes, mudando a sequência das pinturas: “todo o momento eu tô sempre mudando alguma coisa”. Esta mudança constante além de dificultar o plágio por parte dos artesãos de Tiradentes, estimula e aguça o seu processo criativo, o qual

tornou seu grande destaque e diferencial, uma peça fundamental no seu ateliê e uma constante em seu trabalho. Segundo ele, “a criação é o meu ganha pão. Eu transformei o ateliê, o dia a dia, o meu trabalho. Tenho que estar criando para manter a casa, a parte interna, a família, essas coisas todas”. Diante disto, podemos perceber que os regimes de engajamentos facilitaram a criação de novos produtos que atendam os desejos dos clientes e que dificultem a reprodução por outros artesãos.

No entanto, mesmo comprometido com a criação e o com desenvolvimento de uma arte irreverente, os plágios progrediram, situação esta que ele enfrenta ainda hoje. O que ocorre é a produção e a venda de produtos similares, no entanto com características industriais, quer dizer são feitos em grande escala, com pinturas realizadas por meio de compressores e jatos de tinta, o que permite que estes produtores desenvolvam mais peças em menos tempo, as vendendo por um valor inferior as peças de Ricardo.

De acordo com Cunha *et al* (1994), há dois tipos de artesanato. O artesanato artístico que é aquele que expressa de alguma maneira o sentimento estético individual do artesão, com forte presença no imaginário, e também de caráter utilitário (características apresentadas no trabalho de Ricardo) e há também o artesanato que os autores consideram de “industrianato”, que é aquele que não apresenta identidades que garantam sua originalidade, no qual a produção é feita em série, utilizando na maioria das vezes moldes ou até mesmo máquinas, e que a criação pode ser direcionada por ondas temporárias de consumo (características apresentadas nos trabalhos de muitos artesãos de Tiradentes).

O industrianato é o artesanato característico das cidades vizinhas de Tiradentes, como Prados, Santa Cruz de Minas, Resende Costa e Vitoriano Veloso, que usam primordialmente esta atividade para alavancar a economia da cidade (TONET, 2014). Em Tiradentes também pode ter ocorrido a migração do artesanato para o industrianato, conforme destaca as falas de Ricardo, no entanto, não com a mesma força das cidades vizinhas.

A produção feita em série transparece uma padronização que precariza e desvaloriza o trabalho artesanal e reforça a condição de artesanato como forma exclusiva de subsistência, não sendo possível identificar outros tipos de ganhos além dos não monetários, como a satisfação e a autorrealização (TONET, 2014). Diante disso, podemos

inferir que a produção feita em série não condiz com as características de uma fenonomia, a qual reconhece além da autorrealização, a satisfação, a criatividade, a autonomia, as tarefas automotivadas e as regras autogratificantes como preceitos primordiais.

A fala de Ricardo também corrobora com este argumento da existência de uma diferenciação na maneira de gerir o empreendimento quando se trabalha com produtos originais e criativos se comparado a um empreendimento com foco em produtos padronizados.

“Quem industrializa, faz quantidade, ele nem fica mais na oficina. Vai fazer em escala grande pra revender pra loja, supermercado. Ele acaba empregando os outros que trabalhavam por conta, porque eu que sou artesão não consigo vender, então eu vou trabalhar pro cara e vou ficar lá com salário”.

Além das diferenças entre empreendimento pequeno e fenonomia, o produto feito em série também se difere do produto feito pelo artesão no que concerne aos regimes de engajamento público, por apresentar mundos com diferentes ordens de grandeza. Em um dos mundos - caracterizados pelos artesão e artistas - as ações são justificadas pelo mundo da inspiração, sendo o que prevalece é a graça, a singularidade, a originalidade, a emoção. No outro mundo, os atores - representados aqui pelos pintores de jatos de tinta - tem suas ações justificadas pelo mundo mercantil, uma vez que prevalece o funcionamento do mercado e o interesse egoísta voltado ao lucro, predomina uma racionalidade mais utilitária e um distanciamento emocional (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991). Os pintores que realizam seus trabalhos com jatos de tinta e os artesãos que produzem produtos em série e padronizados evocam valores típicos de um mundo mercantil e que não são compatíveis com os valores de grandeza maior do mundo das artes.

Os produtos vendidos em Tiradentes que são esteticamente semelhantes aos de Ricardo e financeiramente mais atraentes acabam sendo fortes concorrentes dos seus produtos artísticos. Isso porque, segundo ele, “as pessoas estão acostumadas a ver coisas baratinhas, então gerou uma série do baratinho”, “eles querem comprar o que é baratinho”. Ainda, segundo sua fala: “esse é o perigo da gente”, afinal “qualquer um nota que não é de boa qualidade”, mas mesmo assim, hoje, na cidade de

Tiradentes, há a preferência, por muitas pessoas, pelos produtos menos custosos. Fato este que gera a desvalorização do artesão, do seu trabalho, do seu produto. “Estamos perdidos nesse sentido de valorização do artesão”, como ele mesmo assegura.

Por enfrentar dificuldades na comercialização do seu produto, Ricardo às vezes se questiona: “será que é melhor eu partir pra isso? Pra você sobreviver, às vezes se você fizer essas coisas de quantidade vai ser melhor, né?”. No entanto, fiel ao seu produto, seu talento, seus preceitos e valores, Ricardo prefere prosseguir com o desenvolvimento da sua arte, da sua pintura a mão, mesmo enfrentando dificuldades em comercializar seu produto: “eu faço alguma coisa diferente é com arte. O cara vai copiar a minha arte e vai fazer uma coisa industrializada de montão, barato”, “eu faço porque sempre vai ter alguém que gosta de arte e vai comprar. Eu mantenho sempre o padrão, eu não relaxo”.

A “série do baratinho” não agrega valor ao território de Tiradentes, pelo contrário, muitas vezes denigre a imagem de um território de artistas. Os produtos de qualidade inferior, cópia das obras de arte que os verdadeiros artistas desenvolvem na região, quando apresentam problemas, ficam ligados a figura do artesão de Tiradentes, pois, muitas vezes, as pessoas generalizam e vinculam a cópia com o artista.

É pertinente aqui fazer um paralelo com esse episódio da “série do baratinho” e um acontecimento passado ocorrido também na cidade de Tiradentes. Nas décadas de 1950 e de 1960, Tiradentes iniciou a confecção de joias artesanais usando a prata como matéria-prima. Esta foi a atividade econômica encontrada para a cidade se levantar e superar a fase decadente iniciada após o término da mineração. Muitos ourives da região se mudaram para o local, devido ao crescimento da demanda e da produção, promovendo durante décadas esta atividade na cidade. No entanto, a concorrência aumentou, a qualidade caiu e Tiradentes novamente voltou à estagnação conhecida após o término da mineração (PELLEGRINI FILHO, 2000). Hoje, poucas lojas de artesanato em prata existem no local. No início deste artesanato, os produtos eram originais, singulares e agregavam valor ao território de Tiradentes, promovendo a mudança de ourives para a região. Mas, com a cópia e a diminuição da qualidade, houve a saturação desta atividade, a qual deixou de fazer sentido e ter relevância para o território, uma vez que não haviam mais pessoas interessadas na sua aquisição.

O produto de Ricardo valoriza o território por ser uma arte diferente e por apresentar numerosas características que o distingue dos produtos em série tão comuns hoje em Tiradentes: a pintura a mão (evidenciando em especial jogos de luzes e sombras, algo que não se pode reproduzir com jatos de tinta); o padrão de qualidade (evidenciando o seu cuidado com o produto, desde a tinta que emprega até os materiais utilizados para não enferrujar as placas de ferro e deteriorar a madeira); a garantia do produto final (o cliente recebe a garantia de dois anos para qualquer produto comprado no seu ateliê). Tais características além de ser consideradas o seu diferencial, agregam valor ao território no qual ele está inserido.

No entanto, há quem não compreenda o seu diferencial e a arte que desenvolve. “As pessoas chegam aqui e falam que o meu é diferente. Mas, porque não compra o diferente também?”, se pergunta ele. Ricardo ilustra dificuldade de obter valorização das obras relatando um fato ocorrido em seu ateliê: uma mulher que analisava os seus produtos, o criticou dizendo que a pintura da galinha da angola - elemento importante do artesanato mineiro - feita por Ricardo apresentava movimento, o que quer dizer que ela era diferente das demais galinhas de angola encontradas na cidade. Cansado do fato da sua arte não ser compreendida e das pessoas preferirem a “série do baratinho”, respondeu à senhora que sim, que a galinha tinha movimento: “não é carimbo, eu falei”, conta ele furioso por reviver a situação. Para ele, o carimbo é contraditório à arte que desenvolve, é a característica de quem “só sabe fazer daquele jeito, não é criativo”, “agora, como a minha arte assim, ninguém pinta por aí não, o meu é pintado a mão, não é pintado com compressor que tem lá embaixo (no centro da cidade)”, frisa ele.

Acreditando no valor do seu produto, Ricardo assegura que “a gente sofre um pouquinho pra ter a arte, por isso eu mantenho o meu padrão. Goste ou não goste, eu não vou fazer mais ou menos. Não dá pra trabalhar assim, com arte principalmente”. Sua consciência realça o seu diferencial no território de Tiradentes: sua criatividade, sua pintura elaborada, refletindo sombras e luzes, movimentos, característicos de uma obra de arte.

Ricardo valoriza o seu produto, o seu diferencial e a profissão que escolheu desenvolver em Tiradentes: “eu to fazendo aquilo que eu gosto que é pintar, criar”. Em sua fénomia, é ele quem cria a arte do seu

produto, quem pinta, quem organiza e executa a compra dos materiais que precisam ser adquiridos, quem apresenta o produto ao cliente, e quem realiza a venda. Segundo o artista, “pra você pintar e viver bem da pintura, da arte, a pessoa com que você for conviver também tem que gostar daquilo que você faz, tem que dar o incentivo e você vice e versa”. Sua esposa além de o incentivar desde o início da sua carreira como artista, também trabalha com ele na fenonomia, pintando placas de ferro e ajudando na venda *on line*. Sua filha, também participa, mesmo que timidamente, do dia a dia da fenonomia. Em alguns momentos, ela desenvolve pequenos ensaios de pintura com inserções em papel *machê* que são expostos e vendidos no ateliê.

Além dos membros da família, a fenonomia conta com um ajudante que trabalha com eles há mais de dez anos, o qual realiza trabalhos predominantemente ligado ao manuseio com as placas de ferro. O vínculo com este ajudante é característico da típica relação chefe e subordinado.

O ateliê (local onde desenvolve e vende suas pinturas) e a oficina (local onde são realizados os trabalhos com as placas de ferro) estão integrados a sua casa, o que faz com que a família esteja envolvida em todos os momentos com as atividades artísticas.

Ainda sobre a fenonomia, cabe destacar que Ricardo, não apresenta horário de trabalho definido, seu envolvimento no ateliê depende da quantidade de trabalho a ser realizado e também da sua inspiração. Sua grande motivação e realização é o processo de criação, o qual não apresenta nenhum método ou sistema. Para auxiliá-lo neste processo criativo, Ricardo beneficia principalmente de imagens da natureza, fotografadas por ele, de imagens e gravuras de jornais, e de seus livros de pintura.

Em todo o processo que desenvolve em sua fenonomia, seja na criação das peças e na gestão como um todo ele não conta com o auxílio de equipamentos de informática e internet, é a sua esposa quem timidamente gerencia esta parte. O número de pessoas envolvidas no seu ateliê, a convivialidade dos membros, a autonomia, a falta de prescrições e subordinações formais e a harmonia entre vida pessoal e trabalho também se revelam no cotidiano da sua fenonomia (GUERREIRO RAMOS, 1989; TONET, 2004; BESEN, 2010).

Conforme já abordado, o produto de Ricardo está atrelado ao regime público, havendo uma uniformidade com o mundo da inspiração, por ele desenvolver obras de arte que refletem singularidade, originalidade, espontaneidade, emoção e paixão. No momento de comercializar seu produto, Ricardo apresenta dificuldades em aplicar regras de mercado, típicos do mundo mercantil, como por exemplo a definição do preço da sua mercadoria. Esta dificuldade se dá pelo fato do mundo da inspiração apresentar uma justificação classificada como irracional, o que quer dizer que foge à razão, à determinação e à certeza da técnica, o que por várias vezes não se aplica às regras de comercialização de produtos próprias da justificação do mundo mercantil.

Frente às justificações dos dois mundos, Ricardo assegura que “a pior coisa que tem é dar preço nas coisas”. Inserido no mundo da inspiração, o qual representa a justificação por vezes insensata e incoerente se comparado a justificação do mundo mercantil, ele se questiona sobre qual deve ser o preço da sua arte. Sem muita paciência para refletir sobre este assunto e mostrando mais interessado em se dedicar às suas criações, ele adotou um sistema de “metro quadrado”, o que quer dizer que o preço de suas obras é estabelecido pelo metro quadrado que é encomendado e entregue ao cliente, independente do que nele esteja pintado, da técnica e da dificuldade de realizar a pintura.

Evocar um valor de um mundo mercantil em um produto pertencente ao mundo da inspiração, não é compatível com o valor de entusiasmo, emoção e singularidade. Como propor um preço em uma arte se para muitos a arte não tem preço? Mundos diferentes, grandezas diferentes, como definir valor de compra e venda? Ricardo optou por não se envolver com um estudo de preço de mercado, preferiu definir o valor da sua obra por meio de uma atitude que muitos consideram simplória, mas que para ele apresenta sentido e relevância.

A venda dos seus produtos ocorre tanto para turistas, como para lojistas, tanto no seu ateliê em Tiradentes como no seu site específico na internet. Quanto às vendas, Ricardo assegura que elas são relativas, há épocas em que fluem melhor pela internet e em outros momentos em seu próprio ateliê. Da mesma forma, seu ritmo de trabalho também é acidental, há momentos em que a demanda de trabalho é grande, por outro lado, em outras semanas, nenhuma encomenda de trabalho acontece. Assim, os acontecimentos em sua fenomenia não são lineares e surpresas

fazem parte da sua diversão: “às vezes acontece de uma pessoa da capital comprar tudo o que eu tenho. Encosta lá o caminhão e carrega tudo”, conta ele satisfeito.

Este tipo de atitude é comum dos lojistas que visitam Tiradentes em busca de produtos diferenciados para vender em outras regiões. Mesmo vendendo seus produtos para este perfil de cliente, Ricardo assegura que prefere realizar a venda para turistas. Segundo ele: “para lojista você tem que vender mais barato e você corre o risco de vender uma vez só porque ele pega a peça e sai atrás de alguém que faça mais em conta, aí quando você vê tem gente fazendo o seu trabalho por aí”. As experiências amargas vividas por ele em Tiradentes envolvendo lojistas, em especial aquelas envolvendo o plágio do seu trabalho o fazem apresentar um grande desconforto e resistência em relação a este tipo de comprador.

No entanto, o plágio também ocorre com as vendas realizadas pela Internet. Estas vendas acontecem da seguinte forma: Ricardo expõe na *web* fotos de trabalhos que realizou, as pessoas ligam para ele para fazer a encomenda e quando o produto é finalizado ele o envia pelo correio. Na hora da encomenda, o comprador define os parâmetros do produto que deseja, o tipo de obra, o tamanho, o material, o estilo de pintura. Após tais definições, Ricardo realiza um esboço da arte feito a mão e envia para o cliente para aprovação. O esboço efetuado por ele é construído nas devidas proporções e devidas escalas, incorporando também os materiais utilizados e a maneira que o produto pode ser fixado (no caso das placas indicativas). Assim, o esboço já é parte do seu trabalho, mas o mesmo não é cobrado ao cliente. O que ocorre é que em alguns casos, após receber o esboço com a arte do produto, as pessoas desaparecem, não o respondem mais, agindo, segundo ele, de má fé, uma vez que ficam com a posse do esboço, considerado por ele parte da sua arte, podendo realizar o trabalho em outro lugar, com outro artesão. Fato este que viola seus direitos autorais.

É também por este motivo e pelo fato de ser uma pessoa muito comunicativa que ele apresenta a preferência da venda face a face e para turistas. No entanto, as vendas pela internet são cada vez mais frequentes e o auxiliam no seu processo de comercialização do seu produto: “o que me ajudou bastante é quando eu coloquei meu nome nesse site”, conta ele.

Nos últimos anos, Ricardo tem percebido um aumento nas vendas pela internet e um enfraquecimento nas vendas direto para turistas. O enfraquecimento nas vendas diretas se dá, segundo ele, devido a mudança do perfil de turistas nos últimos anos se comparado aos primeiros anos da sua vivência na cidade. Ele assegura que “na época que eu vim, Tiradentes era mais visitada pelas pessoas que tinham curiosidade pela parte histórica. As pessoas vinham visitar movido a história. Agora, as pessoas vêm pra Tiradentes quando é feriado pra almoçar. Não vem por causa da cidade, vem porque a cidade ficou famosa, saiu em várias revistas, teve várias divulgações. Então, tem um efeito diferente”. Além das divulgações na mídia, ele também relata que a criação dos festivais contribuiu para esta discrepância: “quando tem os eventos, vem as pessoas pros eventos mas, só isso. Não vem visitar a cidade. A pessoa vem pro evento, não vem por Tiradentes”.

Conforme já abordado, as estratégias elaboradas pelas políticas públicas e pela sociedade civil, como a reconstituição e a preservação do centro histórico, a divulgação da cidade na mídia televisiva, a criação e disseminação das cidades que compõem a Estrada Real, os festivais criados, atraíram várias pessoas para visitar o território, intensificando cada vez mais o turismo no local. Os festivais da mesma forma, criados para serem um ativo específico e distinto do território, conseguem cumprir com sua missão ao atrair um grande número de pessoas para a cidade, todavia eles acabam ocupando toda a cena, ocultando o trabalho dos artesãos e também do turismo cultural.

Tais constatações refletem diretamente na venda do produto de Ricardo:

“As pessoas que vem pra cidade hoje, muitas vezes elas não vêm com o intuito de compras, vem com o intuito de passear, de conhecer, ou de comer, dormir e ir embora. É diferente daquele pessoal que vinha de trenzinho. Elas vinham, iam tirar uma foto da praça, da rua, ver isso, ver aquilo. Hoje as pessoas passam aqui a cinquenta, sessenta por hora e tem que ir pro centro. Não sabe o que vai ter lá, mas tem que ir pro centro de Tiradentes. Resume-se em uma coisa rápida. As pessoas vêm, almoçam e já saem rápido porque querem ir jantar em Ouro Preto. Eles querem aproveitar o máximo, mas não

curtir aquela coisa gostosa que a cidade pode passar. Antes as pessoas vinham, olhavam, uma loja tinha um trabalho meu, gostavam, perguntavam: ‘quem que faz?’. Tinha essa indicação, tinha esse lado. A pessoa vinha aqui olhava: ‘ah, você me faz isso?’. Me encomendou isso, encomendou aquilo e tal. Via teu trabalho, né? Hoje não. Hoje é tudo industrializado e visão de faturamento. A gente torce pra que venha alguém que goste da arte e compre a arte. Mas, hoje são poucos. Todo mundo passa, todo mundo olha. Porque também o que acontece é que todo lugar tem praticamente as mesmas coisas. Então, se eu não comprei aqui eu vou comprar na hora de ir embora, lá deve ter no caminho”.

A fala de Ricardo reflete a decadência do perfil turístico de Tiradentes, verificado por ele na prática. Um perfil turístico que no passado era voltado para a cultura, a história, as singularidades da região, os costumes locais, a aquisição de produtos típicos, hoje é caracterizado pela massa, pela quantidade, pela pressa, pelo consumo inconsciente. Tiradentes parece se mostrar carente do turista que aprecia a arte, que se interessa pelo artesanato, pelo artesanato; carência esta refletida na dificuldade de comercialização do trabalho de Ricardo.

Este tipo de arte e artesanato que sempre foi uma alternativa para alavancar a economia do território se mostra esquecido pelo poder local. O trabalho destes pequenos necessita de reconhecimento por parte das políticas públicas, tornando-se necessário uma avaliação da posição turística atual e a elaboração de programas direcionados a auxiliar o artista, o artesão. Afinal, o artesanato, em especial em Tiradentes, é fonte de renda e contribuinte do desenvolvimento econômico, cultural e histórico do território.

As políticas públicas atuais ainda dão mais valor à preservação dos monumentos históricos, aos festivais mensais e aos números de turistas (conforme já apresentado e descrito na seção 4.3.3 O despertar e o auge do turismo: da década de 1990 aos dias atuais). Cabe aqui frisar que estas ações foram importantes para reativar a economia local e colocar Tiradentes no circuito do turismo, hoje, no entanto, outras ações referentes às políticas públicas se fazem necessárias no território.

Na opinião de Ricardo, o que falta é uma ação destinada à valorização do artesão de Tiradentes. “Falta a parte de divulgação, a própria prefeitura fazer com que a gente sinta que esta aqui”, destaca ele. Além de uma maior divulgação, a reunião de ativos específicos do território a fim de comercializá-los de forma conjunta, como a cesta de bens que Pecqueur (2000) sugere, pode auxiliar a agregar ainda mais valor ao local, reacendendo a imagem artística de Tiradentes.

Quanto aos clientes, Ricardo destaca que todos eles, independente de ser turista ou lojista, são catalogados em seu caderno. O cadastro não apresenta qualquer formalização, é simplório e ultrapassado se olhado pela perspectiva do mundo globalizado em que estamos inseridos. Nele, Ricardo registra o nome do comprador, a região de origem e o produto que comprou. A estatística do cadastro aponta que, desde o primeiro ano de vendas em Tiradentes até hoje, há mais de dois mil clientes escritos de todos os lugares do Brasil. No entanto, no contexto geral mineiro o número de compradores é mínimo. Ricardo apresenta uma justificativa para este fato: “se é turista de Minas, pode ir dormir porque não vende nada. Vovó e mamãe já fazia aquilo que você faz. Eles sempre têm, eles sempre sabem”.

Novamente, em sua fala é presente a sua dificuldade de interagir com o povo mineiro. Mais um acontecido ilustra o seu desapontamento e seu incômodo: um mineiro, que havia comprado em Angra dos Reis (município do estado do Rio de Janeiro) umas placas de ferro em formato de bananeira pintadas a mão, foi até o seu ateliê para criticar seu trabalho. Afirmou que Ricardo estava plagiando produtos de outros artesãos, no entanto, o que ele ainda não havia percebido é que os produtos que ele havia comprado no Rio de Janeiro, estavam assinados por Ricardo. Quer dizer, ele comprou um artesanato feito em Minas Gerais no Rio de Janeiro, “ele pagou quatro vezes mais caro lá na beira da praia. Ele ia falar para os amigos que comprou no Rio, porque ele não podia falar pros amigos que ele comprou aqui em Minas, se ele é de BH”, conta ele inconformado.

Em Minas Gerais, Ricardo não tem aliados, tão pouco em Tiradentes, apenas alguns comerciantes o procuram para desenvolver placas decorativas para seus estabelecimentos, no entanto são poucas as vendas que ele realiza para a cidade. De acordo com ele, “Tiradentes é uma cidade turística, então para mim é um polo interessante. Porque o que

eu faço eu forneço para várias outras cidades, outros estados. Agora pra cidade mesmo, se fosse fazer alguma coisa pra vender pra cidade, eu ia morrer no primeiro mês de fome”. A sua permanência em Tiradentes se dá pelo fato dele apreciar aquilo que a cidade oferece: beleza, inspiração, tranquilidade, segurança e pelo fato dele conseguir comercializar suas obras, seja pela internet, seja para um ou outro turista que aparece em seu ateliê.

Em Tiradentes ele não conta com aliados para divulgar e indicar o seu trabalho, tão pouco conta com estabelecimentos no centro histórico expondo suas obras: “não tenho aliado, aqui na cidade não dá pra ter aliado. Ninguém se alia com nada. O pessoal aqui se interessa desde que tenha seu lucro”. Amargurado com os incidentes que aconteceram e ainda acontecem referente as cópias do seu produto, ele se sente deslocado e com uma arte incompreendida “o que eu faço o pessoal daqui nem olha. O que eu faço não serve pra cidade”.

No entanto, as placas indicativas que Ricardo realiza para os estabelecimentos da cidade, são sim uma forma de aliança com os proprietários dos estabelecimentos, pois eles além de encomendarem suas obras, elas sempre são assinadas com seu nome e normalmente ficam expostas nas principais ruas de Tiradentes, em frente aos estabelecimentos comerciais. O que é, sem dúvida, uma forma de divulgação e reconhecimento seu trabalho. Enquanto estive presente em Tiradentes durante a coleta de dados desta pesquisa pude presenciar diversos estabelecimentos no centro da cidade com placas indicativas produzidas por Ricardo.

Assim, também por não enxergar o fato das pessoas divulgarem o seu trabalho, Ricardo opta por expor suas obras na rua em frente a sua casa, como uma maneira de atrair os turistas e futuros compradores. A maneira encontrada por ele apresenta bons resultados, como ele pôde observar quando precisou, por um determinado momento, inserir o seu ateliê em outro espaço. O calçamento em frente a sua casa ficou dois anos em obras e como o número de pessoas que transitavam ali diminuiu drasticamente ele foi forçado, pelas circunstâncias apresentadas pelo ambiente, a mudar temporariamente a localização de seu ateliê. “Tive que sair daqui para ir para outro lugar. Foi a pior coisa que aconteceu porque eu fui para um lugar que eu não sabia. Estava acostumado aqui em casa, porque as pessoas vinham pra cá e compravam as coisas”.

Lamentavelmente, o novo espaço do ateliê não apresentava um movimento tão atraente como o da sua casa: “então, isso me atrapalhou um pouquinho”, lembra ele. Este acontecimento pontual ocorrido no território o impôs a encontrar maneiras de se adaptar para continuar suas vendas, interferindo diretamente em sua gestão.

Ainda hoje Ricardo conta com o muro, a calçada e a fachada da sua casa para expor seus produtos. Esta é a maneira encontrada por ele para atrair os turistas que transitam de carro pelas ruas. Suas peças sempre grandes e coloridas chamam a atenção de todos que ali passam.

Outro acontecimento específico ocorrido no território que afetou a gestão e a venda dos seus produtos, desta vez de maneira positiva, foram as várias gravações, de novelas, filmes e minisséries, ocorridas em Tiradentes no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. No final dos anos 1990, não existiam muitos artistas em Tiradentes, existia, no entanto, a fama que lá residiam bons artesãos.

Devido a esta fama, os produtores de filmagens procuravam os moradores que apresentavam um dom artístico e que se encontravam disponíveis para realizar trabalhos. Foi desta maneira, que Ricardo participou com suas obras das gravações realizadas na cidade. Para uma das novelas gravadas, ele desenvolveu todos os santos religiosos que faziam parte da cena; em outra desenvolveu placas indicativas dos estabelecimentos comerciais que faziam parte da cidade cenário; em outra gravação pintou painéis que também compunham o palco. Por desenvolver produtos que apareciam na televisão, ele teve seu trabalho reconhecido e lembra que isto colaborou significativamente para o aumento das suas vendas, pois agregou valor ao seu produto.

Estes dois acontecimentos - a mudança de ponto do ateliê e o desenvolvimento de produtos que apareciam na televisão - representam a interação indivíduo território por meio da fenonomia, uma vez que o território apresentou novos desafios que requeriam uma nova ação dos indivíduos. O território insere novos condicionantes, que muitas vezes não estão previstos, e que não são analisados pelos atores de uma maneira que envolva uma estratégia tradicional, maneira esta comumente apresentada nas teorias de Administração. Os atores, por vezes, não analisam estrategicamente suas ações; eles não visualizam os acontecimentos como uma oportunidade de negócio proveitosa. A ausência de um pensamento estratégico ligado a um maior benefício e este

estilo de racionalização não antecede suas ações, o que quer dizer que eles apenas agem diante do que o território apresenta a eles.

A instabilidade da situação financeira do país também reflete em estímulo à adaptação. Na época em que o país era governado pelo ex presidente Fernando Henrique Cardoso (de 1995 a 2003), Ricardo percebia que as pessoas tinham um poder aquisitivo maior, o que refletia diretamente no seu produto e na sua venda. Ele lembra que na época sua maior dedicação era a pintura de móveis e recorda que ele chegava a desenvolver mobiliário para a casa inteira. Segundo ele, “hoje comprar um trabalho daquele ali, que é oitenta reais, é caro. Tinha época que isso não era caro, como a época dos armários. Chegavam aqui e mandavam fazer cama, criadinho, bercinho. Hoje, ninguém manda fazer”. Ele ainda frisa que hoje “ninguém compra móveis pintado porque já compra o móvel do jeito que tá acabado”. Além das vendas já terem sido maiores no passado, o aumento do custo do material também reflete as suas dificuldades: “então, eu tenho que trabalhar mais. A tinta custava dezoito, vinte reais, hoje custa quarenta e cinco reais. Tudo vai aumentando e como que eu vou repassar tudo isso para o produto final? Eu tenho mantido o preço do ano passado, aumentei um pouquinho, entendeu?”.

A dificuldade encontrada por Ricardo em comercializar seu produto frente a uma instabilidade econômica do país é um acontecimento não apenas exclusivo das fenomias e dos pequenos empreendimentos, mas também presenciado nas empresas ditas tradicionais, independente do seu ramo de atuação. Ricardo, por apresentar um trabalho mais artístico, dá mais valor a sua arte e ao seu processo criativo do que a gestão de sua fenomia em si, deixando de desenvolver por exemplo práticas de venda mais elaboradas para melhor comercializar seu produto. Pelo fato dele confiar plenamente nas peças que desenvolve e nas pessoas que adquirem arte, sua gestão e o aumento das suas vendas não parece ser aqui objeto de sua preocupação.

Os produtos de Ricardo agregam valor ao território de Tiradentes, uma vez que contribui com a imagem de um território que irradia arte; atrai a atenção de turistas e lojistas por meio da sua pintura; estimula outros artesãos a criarem produtos novos e irreverentes; colabora com a economia da cidade por meio da sua venda; embeleza o território através das suas placas decorativas fixadas na faixa de vários estabelecimentos comerciais. Desta forma, por mais que Ricardo julgue que seu trabalho

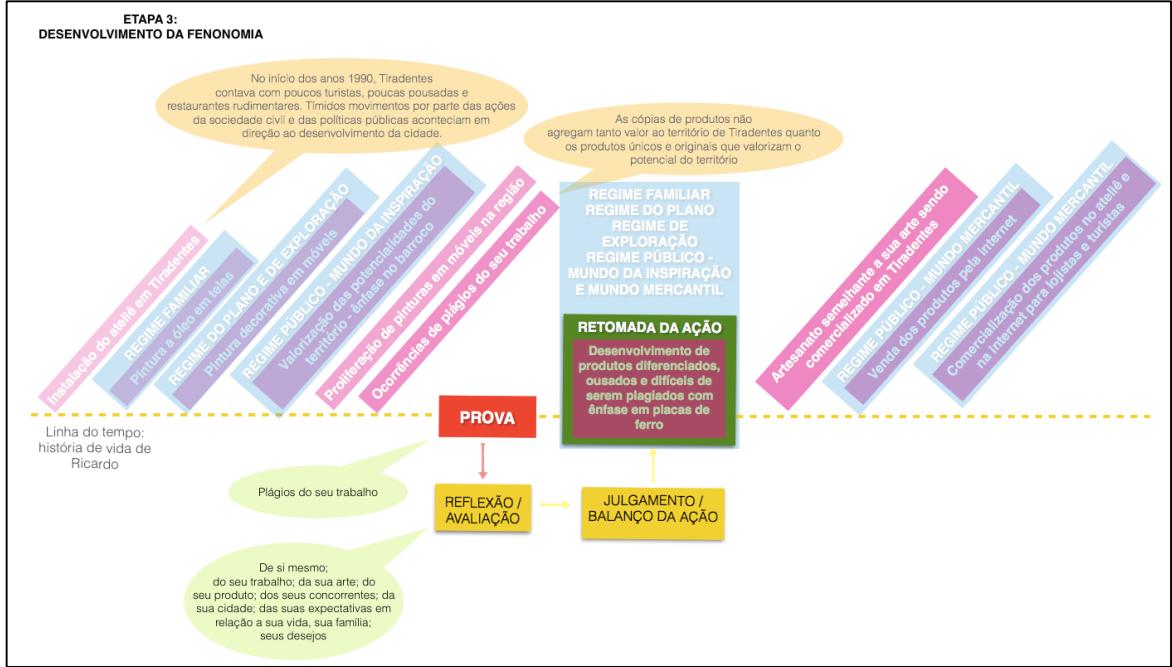
não tem serventia para a cidade, que ninguém olha e valoriza, ele é sim promissor para o território de Tiradentes.

Sua história, relatada aqui por uma perspectiva “vista de baixo”, não é uma tentativa de aprender conjuntos, de caracterizar comportamentos globais e médios, mas sim de poder explicar a lógica dos significados destas experiências vividas por este ator em sua singularidade. A experiência de um ator individual, de um homem comum - ignorada tantas vezes por ser considerada inessencial e considerada mal vista por dezenas de teorias, é repleta de significado, por apresentar as vantagens da evidência e da simplicidade (REVEL, 1998).

Assim, a vida de Ricardo também participa, à sua maneira, da história do território de Tiradentes, dando a ela uma versão diferente, distinta, complexa. Da mesma forma, sua história de vida também nos mostra que neste movimento dinâmico de micro e macro, de ator e território, tem habilidades e experiências de gestão.

A figura 27 apresenta uma síntese da etapa 3 aqui relatada.

Figura 27 - Resumo da etapa 3 da história de vida de Ricardo



Fonte: Elaborada pela autora

A figura demonstra que o desenvolvimento da fenomenia de Ricardo se inicia quando ele instala seu ateliê na cidade de Tiradentes no início dos anos 1990, momento inicial do processo de transformação do território. O intuito inicial do seu ateliê era o desenvolver e comercializar suas pinturas em telas em Tiradentes. Esta ação inicial era proveniente do regime familiar, uma vez que em São Paulo, Ricardo já tinha o hábito de realizar estas pinturas. No entanto, a dificuldade de comercialização das telas no novo território fez com que ele se dedicasse a outro tipo de arte: a pintura decorativa em móveis (ação esta ligada ao regime do plano e ao regime de exploração). Com o desenvolvimento dos novos produtos, estes ligados ao regime público e ao mundo da inspiração, Ricardo dá ênfase à pintura barroca, valorizando uma das potencialidades do território. Devido a relevância do seu trabalho, começaram a surgir plágios dos produtos que comercializava. Estes plágios ocasionaram um momento de prova em sua vida, momento este de reflexão, avaliação, julgamento e balanço da sua ação para verificar se ela condizia com seus objetivos de vida. Ao perceber que havia congruência na sua ação, ele a retoma, desenvolvendo produtos diferenciados, ousados e difíceis de serem plagiados, dando ênfase à arte em placas de ferro. Neste momento, há a compatibilidade dos quatro regimes de engajamento e dois mundos comuns, o mundo da inspiração e o mundo mercantil.

A figura ainda destaca que os plágios não agregam tanto valor ao território de Tiradentes quanto os produtos únicos e originais, características estas do produto de Ricardo. A comercialização de produtos de artesanato semelhantes aos seus também foi um fator ocorrido que afetou no desenvolvimento da fenomenia, afinal Ricardo passou a comercializar seus produtos também na internet. Assim, seus produtos são vendidos no seu ateliê e na internet tanto para turistas quanto para lojistas. Esta comercialização está vinculada ao mundo mercantil, o qual está relacionado à qualidade dos objetos comercializados e a coordenação necessária para realizar a comercialização dos produtos.

5.3.4 Síntese da história de vida de Ricardo

Desde pequeno, Ricardo apresentava simpatia e habilidade com o mundo das artes. No entanto, na juventude optou pelo mundo mercantil, atuando por muitos anos em empresas de renome internacional, situadas

em grandes cidades. Com o tempo, por perceber que não podia abandonar seu talento, Ricardo procurou aliar o trabalho na empresa com atividades que alimentassem seu dom artístico. Seu trabalho na multinacional, naquele momento, o era necessário devido às questões financeiras, e as atividades artísticas ligadas à pintura, à moda, à música, continuavam ocupando um espaço dos seus dias, pois eram suas verdadeiras paixões. A combinação entre a atividade empresarial e a atividade artística evidencia a harmonia temporária entre o mundo da inspiração e do mundo mercantil.

A demissão da empresa que trabalhou por doze anos, o deu coragem para efetuar uma grande mudança em sua vida: mudar para uma cidade que lhe fosse permitido viver somente da sua arte. Ele buscava um território pequeno, tranquilo, seguro, bonito e que proporcionasse a ele e a sua família mais qualidade de vida. É nesse momento que ele visualiza Tiradentes como sua futura morada. Em 1991, ele estabeleceu sua residência permanente na pequena cidade mineira juntamente com sua esposa e sua filha. Naquela época, início dos anos 1990, Tiradentes contava com artistas desenvolvendo artes diferenciadas, e também pequenos movimentos em direção ao desenvolvimento do território como referência do turismo.

Antes da decisão de mudar para um novo lugar com sua família, sua história, suas experiências, seus sonhos, sua arte, Ricardo precisou fazer um balanço da sua ação: avaliou a si mesmo, a sua família, a sua vida profissional, seu desejo em investir na sua arte, a cidade em que morava e o que esperava para sua vida; julgou se a ação que vinha executando estava coerente com o que desejava, e ao verificar que havia uma incoerência entre o que vivia e o que sonhava, ele abandonou a ação em curso (o envolvimento em trabalhos convencionais e a residência em um grande centro) em favor de outra ação (o envolvimento em trabalhos artísticos e a vida em uma cidade do interior); estabelecendo consigo mesmo uma nova coordenação, dando destaque a uma ação que convinha, migrou, do regime familiar, para o regime do plano e para o regime de exploração.

Ricardo se mudou para Tiradentes com a ideia inicial de pintar quadros. Chegando no território, enfrentou adversidades que não imaginava: teve dificuldade em comercializar suas telas (que o fez viajar para São Paulo para poder comercializá-las); sentiu a complicação de

inserção e adaptação no novo território; passou pela dificuldade de pertencer a um grupo (seja o dos nativos, ou dos extra tiradentinos); tanto quanto as frustrações da sua participação nas associações dos artesãos da cidade, e o desapontamento frente às questões políticas.

Estas provas enfrentadas por ele resultaram em um novo balanço das suas ações a fim de avaliar a sua permanência em Tiradentes. Ele avaliou o seu desejo de viver da arte, seu trabalho, sua antiga vida em São Paulo, seu antigo trabalho, seus amigos, os moradores de Tiradentes, a pequena cidade mineira, o seu bem-estar e da sua família; julgou se a sua moradia na cidade estava coerente com o que almejava para a sua vida, e ao perceber que mesmo diante das dificuldades vividas havia uma harmonia entre o que ele buscava e o que vivia, decidiu permanecer em Tiradentes, adotando uma nova coordenação (THÉVENOT, 2006). O regime de engajamento que se sobressai na sua decisão é o regime familiar, uma vez que ele opta em permanecer em Tiradentes, ou seja, continuar com uma ação que já era para ele íntima e habitual.

Tomada esta decisão, Ricardo passou a interagir de forma neutra com todas as pessoas da cidade, usufruindo do que a cidade tem de melhor, da arquitetura, da história, das obras barrocas e da vida cultural. Devido a tais atitudes, assim como ao seu trabalho artístico, ele apresenta o reconhecimento de grande parte dos moradores de Tiradentes.

Frente aos trabalhos artísticos, Ricardo passou por várias fases até chegar no trabalho que desenvolve hoje. Após perceber que a comercialização de telas pintadas à óleo não iria prosperar em Tiradentes, ele decide pintar imagens em móveis. No momento desta decisão, Tiradentes ainda não apresentava o número acentuado de turistas que registra hoje.

Esta ação de Ricardo reflete na migração, do regime familiar, para o regime do plano e também para o regime de exploração. Além disto, seu trabalho artístico está vinculado ao regime público, sustentado pelo mundo da inspiração, por apresentar valores como criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade.

Por meio da pintura, Ricardo procurava desenvolver uma arte diferenciada e compatível com o perfil de Tiradentes: símbolos e características barrocas passaram a fazer parte das suas pinceladas. Isto caracterizou não apenas a sua identidade como artista, como também a congruência com a especificidade local (PECQUER, 2000). Além disso,

também por apresentar tais características, suas obras agregavam e ainda agregam valor ao território, o que demonstra que a ação de um ator por meio da sua pequena fenonomia, pode contribuir com a construção e com o progresso de um território. A ênfase na característica barroca em sua obra está atrelada ao regime público - mundo da inspiração - e também ao regime do plano, uma vez que ele precisava de um projeto novo a seguir para conseguir se diferenciar dos demais artesãos e, desta forma, conseguir permanecer no território de Tiradentes.

No entanto, devido a concorrência instalada na região, Ricardo precisou novamente optar por outra arte utilizando novos materiais, em especial placas de ferro. Passou a desenvolver placas decorativas pintadas a mão, um dos seus diferenciais na cidade. Seus produtos continuavam caracterizados como um artesanato único que envolvia criatividade e inovação - elementos tão presentes nas teorias administrativas e nas empresas tradicionais, estas pertencentes ao enclave do mercado. O que mostra uma compatibilidade entre a teoria da Administração e as fenomenias.

Plágios das suas pinturas e dos seus produtos começaram a aparecer na cidade, trazendo muita frustração. A cópia, o plágio, os produtos sem qualidade não agregam valor ao território de Tiradentes, pelo contrário prejudicam a imagem não apenas da cidade, como dos empreendimentos e dos indivíduos. A queda de qualidade generalizada leva à desvalorização dos produtos e, por conseguinte, à desvalorização do trabalho de todos.

O episódio do plágio e sua frustração foi outra prova enfrentada por ele que o proporcionou um novo balanço da ação, avaliando a si mesmo, seu trabalho, sua arte, seu produto, seus concorrentes, sua cidade, suas expectativas em relação a sua vida, sua família, seus desejos; julgando se suas ações estavam coerentes com o que almejava, e ao perceber que estava trilhando o caminho que aspirava, decidiu contornar a dificuldade encontrada, permanecendo na cidade e aprimorando o seu produto.

Neste momento, há uma mescla dos quatro regimes: o regime familiar (seu trabalho e sua residência em Tiradentes); o regime do plano (novo plano de trabalho com produtos novos e irreverentes); o regime de exploração (a descoberta, a vivência e a experiência estarão presentes) e, por fim, o regime público, pertencente ao mundo da inspiração (trabalho

singular, original e espontâneo) e ao mundo mercantil (ação de autoproteção dentro de um dado mercado). Diante disso, podemos perceber que os regimes de engajamentos facilitaram e ainda facilitam a criação de novos produtos que atendam os desejos dos clientes, e que dificultem a sua reprodução pelos artesãos.

No entanto, mesmo comprometido com a criação e o com desenvolvimento de uma arte irreverente, os plágios progrediram - situação enfrentada ainda hoje. Tornaram frequentes a produção e a venda de produtos similares com características industriais, feitos em grande escala, com pinturas realizadas por meio de compressores e jatos de tinta. A migração do artesanato para a produção de peças feitas em séries que são produzidas em menos tempo, e vendidas por um valor inferior a uma obra de arte, precariza e desvaloriza o trabalho artesanal, reforçando a condição de artesanato como forma exclusiva de subsistência, não sendo possível identificar outros tipos de ganhos além dos não monetários, como a satisfação e a autorrealização - o que não condiz com as características de uma fenonomia. Além disso, os produtos em série e padronizados evocam valores típicos de um mundo mercantil, que não são compatíveis com os valores de grandeza maior do mundo das artes, e ainda, não agregam valor ao território de Tiradentes, pelo contrário, ajudam a denegrir a imagem de um território de artistas.

O produto de Ricardo, no entanto, valoriza o território e o agrega valor por ser uma arte diferente, apresentando uma série de características que o distingue dos produtos em série: a pintura a mão; o padrão de qualidade; a garantia do produto final.

A gestão do seu ateliê apresentou vários aspectos característicos das fenomenias, e também alguns aspectos abordados nas teorias de Administração. Na fenonomia, foi identificado a mescla de vida e trabalho, por seu ateliê estar integrado a sua casa e também pelo fato de sua família participar juntamente com ele das atividades de pintura e criação; foi identificado também a coordenação do indivíduo com ele e seu entorno, por desenvolver uma arte compatível com o perfil de Tiradentes, valorizando suas potencialidades, o que também está relacionado ao desenvolvimento territorial sustentável, economia plural, produto relacionado ao território, e uma racionalidade ligada a fatores culturais, históricos e conviviais. Características típicas da fenonomia, e que dizem respeito também ao mundo da inspiração proposto por

Boltanski e Thévenot (1991), também se mostraram presentes na sua gestão, a ver: satisfação e realização; trabalho baseado nas motivações pessoais e não nas demandas de mercado; liberdade e flexibilidade para criar; criação prazerosa e motivadora; compartilhamento de valores e ideias entre os membros; baixa subordinação e formalização; tamanho autorregulado; aprendizado constante e autonomia. Seu ritmo de trabalho accidental, ao mesmo tempo que tranquilo e sereno, também se mostrou um aspecto verificável em sua fenomenia.

Diante dos aspectos abordados frequentemente nas teorias de Administração, sua gestão apresentou enfoque na divulgação; ponto fixo em localização estratégica; rede de relacionamentos; alianças e parcerias; atendimento ao cliente; interação com o cliente; exposição do produto; comércio digital; preço do produto e comercialização do produto.

Algumas características de sua gestão dizem respeito tanto as fenomenias quanto as teorias de Administração, como a inovação; diferenciação; originalidade; estudos e pesquisas; aprimoramento contínuo; qualidade do produto; criatividade.

Por envolver tanto aspectos da fenomenia, alguns compatíveis com o mundo da inspiração, como também aspectos da teoria da Administração, alguns compatíveis com o mundo mercantil, posso assegurar que o ateliê de Ricardo apresenta uma compatibilidade entre os mundos comuns de ordens de grandeza diferentes, o mundo da inspiração e o mundo mercantil (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991).

Tais aspectos presentes em sua gestão podem ser conferidos na figura que segue.

Figura 28 - Características da gestão do ateliê de Ricardo



Fonte: Elaborada pela autora

Alguns acontecimentos específicos do território geraram um resultado para sua fenomenia e impactaram a sua gestão. Acontecimentos estes positivos como a queda de uma das pontes de acesso à cidade; aumento considerável da concorrência das pinturas em móveis, a gravação de novelas e minisséries na cidade, e também negativos, como o pouco movimento turístico existente em Tiradentes no momento da sua chegada; plágios da sua pintura e dos seus produtos; obras de pavimentação da rua em frente ao seu ateliê; mudança no perfil do turista.

Esses acontecimentos são condicionantes que o território insere, os quais muitas vezes não estão previstos, e que não são analisados pelos atores de uma maneira que envolva uma estratégia tradicional, maneira esta comumente apresentada nas teorias de Administração. Os atores, por vezes, não analisam estrategicamente suas ações; eles não visualizam os

acontecimentos como uma oportunidade de negócio proveitosa. A ausência de um pensamento estratégico faz desconsiderar a obtenção de um maior benefício, estilo de racionalização que não antecede suas ações, o que quer dizer que eles apenas agem diante do que o território apresenta a eles.

As situações específicas ocorridas no território, o resultado que estas geraram para a fénomia, os regimes de engajamento envolvidos nas ações de Ricardo, assim como o impacto na gestão do seu ateliê, podem ser conferidos no quadro 12.

Quadro 12 - Acontecimentos ocorridos no território que influenciaram a gestão da fenonomia de Ricardo

Acontecimentos específicos do território que influenciaram a gestão da fenonomia			
Situação ocorrida	Resultado para a fenonomia	Regime de engajamento envolvido nesta ação	Impacto na gestão
Pouco movimento turístico no início dos anos 1990	Criação de novos produtos. Migração da pintura em telas para a pintura em madeira	Regime do plano - plano de mudança de ação Regime de exploração - ação carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração Regime público: mundo da inspiração - produtos ligados a criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade	Impacto em toda a gestão
Queda de uma das pontes de acesso à cidade	Maior visibilidade dos seus produtos e da sua arte.	Regime do plano - plano de mudança de ação	Ponto fixo em localização estratégica; divulgação; atendimento ao cliente; interação com o cliente; comercialização do produto; exposição do produto

Acontecimentos específicos do território que influenciaram a gestão da fenomenia			
Aumento considerável da concorrência nas pinturas em móveis	Criação de novos produtos com diferentes materiais como madeira e o ferro	<p>Regime do plano - plano de mudança de ação</p> <p>Regime de exploração - ação carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração</p> <p>Regime público: mundo da inspiração - produtos ligados a criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade</p>	Impacto em toda a gestão
Plágios das suas pinturas e dos seus produtos	Criação de produtos diferenciados, ousados, que aguçam seu processo criativo e que são difíceis de serem plagiados	<p>Regime do plano - plano de mudança de ação</p> <p>Regime de exploração - ação carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração</p> <p>Regime público: mundo da inspiração - produtos ligados a criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade</p>	Impacto em toda a gestão

Acontecimentos específicos do território que influenciaram a gestão da fenonomia			
Obras de pavimentação	Mudança de ponto do ateliê, diminuição da visibilidade e consequentemente das vendas	Regime do plano - plano de mudança de ação	Comercialização do produto; exposição do produto; divulgação; ponto fixo em localização estratégica
Gravações de novelas, filmes e minisséries	Reconhecimento e maior visibilidade dos seus produtos	Regime público: mundo da inspiração - produtos ligados a criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade Regime público - mundo mercantil - Ricardo comercializa suas obras	Alianças e parcerias; divulgação; comercialização do produto; aprimoramento contínuo; criatividade; originalidade; inovação; diferenciação
Mudança no perfil dos turistas	Novos desafios. Dificuldade de comercialização dos produtos para os turistas interessados predominantemente na programação cultural da cidade e nos eventos criados pela prefeitura	Regime público: mundo da inspiração - produtos ligados a criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade Regime público - mundo mercantil - Ricardo comercializa suas obras	Comercialização e preço do produto

Fonte: Elaborada pela autora

Além das situações específicas do território, outros fatos influenciaram a gestão do ateliê de Ricardo. Estes fatos também geraram resultados para sua fenomenia, impactando sua gestão e podem ser conferidos no quadro 13.

Quadro 13 - Fatos que influenciaram a gestão da fenomenia de Ricardo

Fatos que influenciaram a gestão da fenomenia			
Fato ocorrido	Resultado para a fenomenia	Regime de engajamento envolvido nesta ação	Impacto na gestão
Valorização das potencialidades do território	Reconhecimento do seu produto	Regime do plano - necessidade de um novo projeto a seguir Regime público: mundo da inspiração - produtos ligados a criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade	Impacto em toda a gestão
Violação de direitos autorais	Diminuição das vendas	Regime familiar - Ricardo tem consciência dos plágios realizados pela internet, mas persiste com seus métodos de criação e venda	Satisfação e autorrealização; interação com o cliente; comercialização do produto
Instabilidade da situação econômica do país	Reflexo direto na venda do produto	Regime público: mundo da inspiração - produtos ligados a criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade Regime público - mundo mercantil - Ricardo comercializa suas obras	Impacto em toda gestão

Fatos que influenciaram a gestão da fenomenia			
Falta de aliados em Tiradentes	Criação de novas maneiras de divulgar seus produtos. Exposição dos seus produtos em frente a sua casa.	Regime público - mundo mercantil - Ricardo comercializa suas obras	Alianças e parcerias; divulgação; exposição do produto; divulgação; comercialização do produto; criatividade; originalidade; diferenciação; inovação
Dificuldade de obter valorização das obras	Melhoria na apresentação e comunicação do produto ao cliente, expondo seu diferencial	Regime público: mundo da inspiração - produtos ligados a criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade	Inovação; diferenciação; originalidade; aprimoramento contínuo; criatividade; atendimento ao cliente; interação com o cliente; divulgação; exposição do produto; coordenação do indivíduo com ele e seu entorno; economia plural; desenvolvimento territorial sustentável; produto relacionado com o território; liberdade e flexibilidade para criar; criação prazerosa e motivadora

Fonte: Elaborado pela autora

Os produtos de Ricardo contribuem com a imagem de um território que irradia arte, atrai a atenção de turistas e lojistas, estimula outros artesãos a criarem produtos irreverentes, colabora com a economia da cidade por meio da sua venda, e também embeleza a cidade por meio das suas placas decorativas fixada na faixa de vários estabelecimentos. Desta forma, pode-se inferir que o trabalho de Ricardo é promissor para o território de Tiradentes. Isto corrobora com o argumento de que as pequenas fenomenias são relevantes para a construção local.

A história de Ricardo, com suas experiências singulares, nos ajuda a compreender as ações dos atores em um território por meio de sua fenomenia, proporcionando uma versão dos fatos diferente, distinta e complexa. A história de vida de Ricardo também nos mostra que neste movimento dinâmico indivíduo-território, há habilidades e experiências de gestão.

5.4 A HISTÓRIA DE MICHEL. DA INTRANQUILIDADE DE BH À QUALIDADE DE VIDA QUE TIRADENTES PROPORCIONA.

“Fazer com o coração,
fazer com amor, compensa!”

Fala de Michel em 2014
durante nossa entrevista

Michel nasceu, cresceu e viveu a maior parte de sua vida em Belo Horizonte (MG). Na capital mineira ele se dedicou aos estudos e concluiu sua formação em acupuntura e massoterapia. Há quinze anos, atraídos pelos encantos da pequena cidade interiorana, ele, juntamente com sua esposa, se mudou para Tiradentes.

Os primeiros anos profissionais na nova cidade foram dedicados ao atendimento de pacientes por meio das técnicas de massoterapia e acupuntura. No entanto, devido às influências do território tiradentino, sua vida profissional se alterou completamente. Há cinco anos Michel é proprietário de uma pousada em Tiradentes, a qual é atrelada aos preceitos da “arte de bem viver”.

Sua pousada foi inaugurada em 2011 e hoje conta com doze apartamentos. Apresenta como características o contato com a natureza, por meio de amplos jardins repletos de plantas nativas; arquitetura com

madeiras de demolição; peças artesanais de artistas de todo o Brasil; produtos vinculados ao território, os quais refletem a tradição mineira; e um consultório terapêutico com uma equipe capacitada.

Michel e eu nos conhecemos em fevereiro de 2013, no meu primeiro contato com a cidade de Tiradentes. No entanto, a fama do seu trabalho chegou aos meus ouvidos ainda quando estava em Florianópolis, por meio do meu orientador deste estudo, o qual teve o privilégio de ser atendido por ele em uma viagem com sua família percorrendo cidades da Estrada Real.

Chegando em Tiradentes, hospedada em uma simpática pousada, perguntei ao proprietário se ele conhecia Michel. Da mesma forma, ele também fez muitos elogios não apenas ao trabalho de Michel como acupunturista, massoterapeuta e também à sua pousada, como também ao ser humano que é. Após conseguir seu contato, liguei para ele para marcar um encontro e, para minha surpresa, ele gentilmente me recebeu em sua pousada no mesmo instante. Chegando lá, a paz e a tranquilidade se instaurou em mim devido a atmosfera de sua pousada. Michel me recebeu em seu consultório, situado em um espaço acolhedor, com uma xícara de chá e pronto para prosseguir, citando o bom palavreado mineiro.

Neste primeiro encontro já pude perceber o encantamento de Michel com a cidade de Tiradentes e o seu esforço, não apenas em alavancar a sua pousada, como também o território no qual está inserido. Essas percepções do seu fascínio com o território de Tiradentes estiveram presentes em todas as nossas conversas, até mesmo quando nos reencontramos um ano e meio mais tarde para finalmente dar prosseguimento ao estudo. Em 2014, nossos encontros foram divididos em dois, um no final de julho e outro em agosto, totalizando três horas e vinte e oito minutos de entrevista.

Antes de apresentar sua história de vida em Tiradentes, algumas fotos que ilustram seu trabalho.

Foto 20 - Um dos apartamentos da pousada construídos com madeira de demolição, integrado à natureza



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Foto 21 – Área externa com amplos jardins repletos de plantas nativas



Fonte: Arquivo da autora, 2014

Foto 22 - Espaço de café com produtos vinculados ao território, os quais refletem a tradição mineira e peças artesanais de artistas de todo o Brasil



Fonte: Arquivo da autora, 2014

5.4.1 Processo de mudança para o território de Tiradentes

Michel nasceu, cresceu, se formou e casou na capital mineira. Após o casamento, trabalhando como acupunturista e massoterapeuta, enquanto sua esposa como psicóloga; decidiram juntos deixar Belo Horizonte, a cidade que tinha os acolhidos até então. Os motivos da mudança eram incômodos típicos dos grandes centros urbanos: violência, poluição, carência de qualidade de vida. Frente a esses motivos, ele relembra: “a gente estava cansado, o apartamento que a gente estava foi assaltado, tinha aquele trânsito de lá que era muito chato, muita poluição”.

Michel desejava se mudar para uma cidade interiorana. Desejo este que o acompanha desde a infância, devido às viagens de férias com seus pais com destino aos pequenos territórios, distante dos tumultos das metrópoles. Sobre suas férias, Michel relembra: “eu tive uma vivência em cidade de interior e mesmo depois na hora em que eu comecei a viajar sozinho as minhas escolhas eram sempre pra cidades pequenas, praias

desertas, acampar. Então, a minha sintonia sempre foi essa. Os meus pais me apresentaram isso e eu gostei”.

Estava desejoso por viver nesta sintonia em todos os momentos, não apenas nas férias. Ansioso por vivenciar um estilo de vida que acontece em outro ritmo, sintonizado com outras prioridades, Michel, juntamente com sua esposa, decidiu deixar BH e os tumultos da cidade grande. Sem um destino em vista, apenas ávidos em morar em uma cidade pequena, eles traçaram um raio de duzentos quilômetros ao redor da capital mineira e começaram a analisar as cidades pertencentes ao perímetro traçado. A ideia inicial era ir até uma região a cada final de semana a fim de conhecê-la, até encontrarem uma cidade que os despertassem um sorriso e os encorajassem a mudar.

Folheando o Guia Quatro Rodas (publicação tradicional de turismo brasileira desde 1965), e analisando as cidades do perímetro por eles traçado, Michel se deparou com o nome de Tiradentes, o qual o guia descrevia: “Tiradentes se destaca das outras cidades do círculo histórico por suas casas com grandes quintais”. No momento desta leitura, Michel lembra que falou para ele mesmo: “Ah, grandes quintais! Eu estava querendo fazer uma horta. Isso ia ser legal! Então, vamos lá conhecer Tiradentes? E a gente veio”.

Tiradentes foi o primeiro território que eles visitaram, e logo na chegada na cidade, Michel lembra que eles suspiraram emocionados. Ele recorda que “tinha acabado de chover e tinha aberto um céu delicioso e o ar estava muito limpo, aquele ar translúcido de depois da chuva, a natureza feliz da vida que tinha chovido e agora estava batendo um sol e esse astral todo e eu olhei pra cara da Regina - sua esposa - e era inevitável respirar fundo e suspirar”. Encantados pela atmosfera, Michel e sua esposa percorreram a cidade a pé sentindo e imaginando suas vidas naquele novo lugar. Eles tinham encontrado o que tanto buscavam.

Relatando para as pessoas que lá moravam sobre suas intenções de viver em Tiradentes, a reação das mesmas era de espanto. Michel lembra que elas falavam perplexas: “você são loucos? Não façam isso! Não tem campo pra vocês; isso aqui às dez horas da noite, você pode sair pelado na rua que não tem ninguém. Você não vão conseguir sobreviver aqui, não vai dar certo, não venham pra cá”.

Naquele dia, Michel e Regina encontraram apenas uma pessoa que lhes disse o que eles gostariam de ouvir. Diferente das outras pessoas que

apresentavam uma opinião pessimista em relação a esta mudança de cidade, um oleiro tiradentino que fazia vasos de barro na praça central da cidade lhes disse: “bom demais que vocês vão mudar pra cá. Bem vindos!”. O oleiro fez uma festa de boas vindas e era tudo o que Michel precisava para tomar a decisão: “tá certo que foi porque ele falou o que a gente estava querendo ouvir; foi o único naquele dia. Mas, eu gosto de pensar que eu mudei aqui pra Tiradentes por causa do Seu Zé”, lembra ele.

Após a fala do oleiro e dos encantos promovidos pela cidadezinha do interior, Michel não precisou conhecer mais nenhuma cidade; ele e sua esposa se mudaram para Tiradentes. Ainda sobre a frase e a recepção do oleiro, a qual originou a mudança de cidade, Michel relata que:

“Eu tenho uma dívida de gratidão imensa com ele porque possivelmente se ele não tivesse virado pra gente naquele fim de tarde depois daquele dia sofrido de tantos nãos, se ele não tivesse aberto os braços e falado: “bem vindos!”, talvez a gente não tivesse acabado de dar esse salto e vindo aqui pra Tiradentes. E foi talvez a coisa mais insensata que eu já fiz na minha vida, mas a melhor coisa que eu já fiz na minha vida também. Estou muito feliz de ter mudado pra cá, sou muito feliz de morar aqui”.

A fala de Michel, sobre sua decisão insensata e ao mesmo tempo sensata, reflete na incerteza do que é lógico na sociedade em que vivemos, a qual é movida prioritariamente por preceitos como lucro e progresso.

Os incômodos vividos em Belo Horizonte - tumulto, violência, assalto, poluição, trânsito - se transformaram ao longo do tempo em provas enfrentadas por Michel. Sua juventude e suas aspirações em direção a busca de qualidade de vida e de um cotidiano mais tranquilo o encorajaram a procurar uma nova sintonia. Frente a tais provas, Michel fez um balanço da sua vida em BH, quer dizer, avaliou a si mesmo, sua relação com sua esposa, sua vida profissional, seu anseio por mais qualidade de vida, a capital mineira, o que aspirava para sua vida; julgou se a ação que vinha exercendo estava coerente com seus desejos e aspirações, e ao perceber que havia uma desconexão entre o que vivia e o que desejava, ele abandonou a ação em curso (sua vida em Belo Horizonte) em favor de uma nova ação (a mudança para uma cidade com mais qualidade de vida). Assim, ele estabeleceu uma nova configuração

de coordenação, quer dizer, deu destaque a uma ação mais condizente às suas pretensões. Tiradentes foi a cidade escolhida pelo casal para conquistar o que tanto desejavam: qualidade de vida. A mudança da capital para o interior reflete na predominância do regime familiar para o regime do plano, estando presente também o regime de exploração, por envolver excitação e a revelação de uma nova vida.

Michel lembra que no ano que visitaram Tiradentes e decidiram se mudar para a região, a cidade “estava vivendo um crescimento vertiginoso. Na virada de 2000 foi mais ou menos a hora que isso aqui era um lugar pra iniciados e se tornou um lugar mais conhecido”. No início dos anos 2000, Tiradentes já desfrutava de um turismo embrionário que se expandiu exponencialmente a partir desta data, também já contava com os dois maiores festivais da cidade - Amostra de Cinema e Festival de Gastronomia -, além disso, se beneficiava dos investimentos do BNDES e do trabalho de preservação patrimonial e da mesma forma, já se iniciava uma acentuada especulação imobiliária.

Michel e sua esposa, cientes de que a cidade apresentava um potencial turístico forte e consciente da especulação imobiliária que já estava ocorrendo, e que possivelmente iria aumentar ao longo dos anos, decidiram investir suas economias na compra de um terreno em Tiradentes. “A gente falou: “nossa, a gente tem que aproveitar agora esse negócio e se a gente não comprar um terreno agora, a gente não vai conseguir comprar terreno, porque as coisas estão ficando caras demais. Então, vamos comprar agora”, revive ele. Ele conta que decidiram vender seu apartamento em Belo Horizonte e comprar o terreno e construir a casa: “na verdade a gente falou, vamos só comprar o terreno e aí depois de um tempo a gente constrói. Mas logo começamos a construir”.

No momento da mudança, Michel e sua esposa eram jovens, tinham menos de trinta anos de idade. Apresentavam muitas fantasias e aspirações, além de um espírito corajoso e muito aventureiro, o que muitas vezes não era bem compreendido por seus familiares. Ele relata que quando foram apresentar seu terreno a seus pais, sua esposa estava com os “braços abertos apontando uma coisa grandiosa e minha mãe com os braços pra trás com os olhos todo arregalado, “sabe aquela postura de Meu Deus do céu?”.

Parece que para seus pais e seus familiares a postura de Michel e sua esposa era vista como desequilibrada, leviana e absurda. Deixar sua

vida e seu trabalho em um grande centro para se mudar para uma cidade do interior do país era para eles, e aparenta ser também para muitas pessoas, algo impensável e incoerente, afinal isto significa um fluxo migratório incompreensível em uma perspectiva de mercado. No entanto, para os territórios menores, situados no interior do país, esse fluxo migratório de pessoas com experiências e valores diferentes torna-se importante, pois elas, juntamente com os nativos, podem promover um desenvolvimento diferenciado para esse pequeno território, o qual se mostra muitas vezes esquecido por aqueles que apresentam um olhar somente mercantil.

A principal razão da mudança de cidade foi a busca por uma melhor qualidade de vida: “eu me mudei para cá em busca de qualidade de vida, em primeiro lugar, segundo, terceiro, quarto e quinto lugar”, assegura ele. Para Michel, qualidade de vida está relacionado também ao aproveitamento do seu tempo: “o que mais eu posso chamar de qualidade de vida? Não perder tempo no trânsito! Tem noção o quanto a vida da gente rende aqui? Quantas horas eu estaria perdendo num deslocamento de um lugar pro outro, tendo que organizar a vida pra que ela tenha que acontecer num raio de até dez quarteirões pra ela ser viável?”.

Por não enfrentar problemas de deslocamento e trânsito em Tiradentes, e por apresentar mais tempo para se dedicar às atividades que gosta, Michel é frequentador assíduo das atividades culturais da pequena cidade, como inaugurações, shows, eventos, restaurantes: “a gente tem uma vida cultural aqui que pouquíssimos lugares do mundo têm. Então, é incrível. Você tem o melhor dos dois mundos”. Satisfeito com a singularidade e a essência de uma cidade do interior e os agitos culturais como os de uma metrópole, Michel assegura que Tiradentes

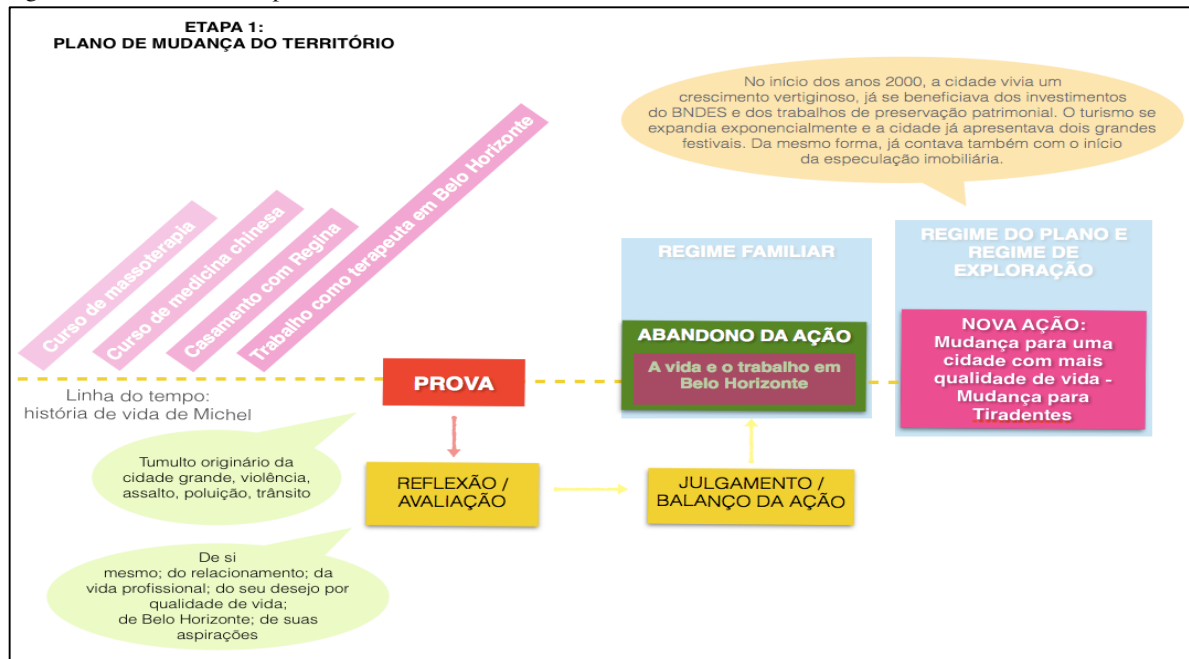
“é um lugar muito bom de visitar, mas pra morar não tem lugar melhor no Brasil. No Brasil, eu não conheço. Fora, eu não sei dizer, mas aqui no Brasil eu não conheço não. É um lugar que a gente tem uma experiência de qualidade de vida. Tiradentes é isso. E aqui você acha a sua turma, você acha a sua sintonia, tem muita cultura, tem muito lazer, tem muita gente interessante tanto visitantes quanto moradores. Um lugar feijão sem bicho”.

Para ele, por mais que quinze anos tenham se passado, Tiradentes apresenta ainda hoje as mesmas características que tanto o agradam,

estando ainda melhor: “ela se expandiu e ela se lapidou mais. Era um diamante bruto hoje é uma pedra mais lapidada. Mas, não estou dizendo que ela não precise ainda ser muito lapidada e preservada”.

A figura que segue, representa a linha do tempo da história de Michel referente ao plano de mudança para o território de Tiradentes.

Figura 29 - Resumo da etapa 1 da história de vida de Michel



Fonte: Elaborado pela autora

5.4.2 Inserção no novo território

No momento que Michel e sua esposa se mudaram para Tiradentes, a cidade já contava com características que encantavam a todos que a visitavam, da mesma forma já existia um movimento de migração de pessoas de outras cidades para ali morarem e construírem uma nova vida, mais atrelada aos costumes interioranos. Michel relembra que no momento da sua inserção na comunidade, foi bem recebido pelo território que já era conhecido como um polo agregador.

A inserção de Michel na comunidade de Tiradentes ocorreu de uma maneira tranquila, principalmente se comparado com outras pessoas que também escolheram esta cidade como sua nova morada. Isto ocorreu, porque segundo ele, houve a devida sensibilidade ao mudar para um território pequeno como Tiradentes: “o tempo inteiro eu busquei o mínimo de cuidado vindo de uma consciência de que eu estava entrando em um espaço que não era meu. Isso aqui era terra de outras pessoas”.

Por ser mineiro, Michel compreendia com clareza a desconfiança dos tiradentinos em relação às pessoas que estavam vindo de outras regiões para ali morar. “Então, era fácil pra mim conversar com as pessoas tomando o devido cuidado de saber que era casa do outro, sabe?”, assegura ele. Michel adotou, desde sua primeira inserção na cidade até os dias atuais, uma postura cuidadosa, educada e cordial; ele opta por renunciar a conduta “de cima pra baixo” dando ênfase a um relacionamento “frente a frente”. Sua busca por qualidade de vida significava “inclusive a gente estar inserido na sociedade. Então, tem que tratar bem, tem que ser educado, tem que cuidar da cidade”, assegura ele.

Além da postura adotada, Michel também usou de práticas para se introduzir na comunidade e para se tornar conhecido. Mudando-se para Tiradentes com a ideia de continuar seu trabalho como terapeuta, ele decidiu que além de atender pacientes em seu consultório - trabalho este que ele já realizava em Belo Horizonte - ele também se dedicaria ao atendimento às pessoas menos favorecidas financeiramente. Assim, ele montou um ambulatório para atender o pessoal da cidade por meio do seu trabalho com acupuntura. Sua esposa, da mesma forma, também realizava trabalho voluntário por meio do atendimento como psicóloga no posto de saúde da cidade. Devido a esta atitude humanitária do casal, Michel

assegura que: “essas coisas foram angariando simpatia de camadas mais humildes da população”.

Além do atendimento às pessoas mais humildes, Michel se tornou conhecido pelo trabalho que realizava com acupuntura e massoterapia em seu consultório. Ele relembra que: “o consultório particular nosso foi fazendo a gente conhecer outros extratos da população de Tiradentes” e muitas amizades brotaram dali.

A ação do voluntariado de Michel e de sua esposa está ligada ao regime público de caráter cívico, por os conduzirem na direção do bem comum. No entanto, sua ação, além de estar associada ao bem comum, também carrega o desejo de se tornarem conhecidos no território de Tiradentes. Karam (2014) resgata em sua tese, ao tratar do tema racionalidade, a noção clássica de prudência ou sabedoria prática, também conhecida por *phronesis*, a qual é uma competência intelectual para julgar e deliberar em situações variáveis, tendo o bem comum como axioma e um espectro da boa vida como finalidade ulterior. Ao citar Boltanski e Thévenot (2006), o autor destaca que o desafio de estudar as relações entre princípios de ação e sua implantação envolve considerar uma competência humana que difere em muito da racionalidade calculista, no sentido moderno; assinalando a *phronesis*, como uma habilidade humana de se ajustar às circunstâncias para o cálculo acerca de seus deveres morais.

A tese de Karam (2014), por meio da *phronesis*, apresenta a visão de cálculo diferente da razão instrumental, a qual é utilitarista; o cálculo por várias vezes faz parte da ação, no entanto não é conduzido, nem controlado pela razão instrumental, tampouco pelo utilitarismo. Assim, a ação de Michel e de sua esposa, e a implantação desta ação, envolve uma competência humana que difere em muito da racionalidade calculista, no sentido moderno.

Ainda diante desta ação, Michel assegura: “a gente fez isso de caso pensado porque a gente estava querendo ser bem recebido e queria divulgar o nosso trabalho. Era uma delicadeza que a gente fazia para com a cidade que estava nos recebendo na qual a gente queria construir a nossa vida”. Assim, Michel usou da *phronesis* para analisar os valores, ou seja, as coisas que eram boas ou más para ele, como um ponto de partida para sua ação.

Suas ações surtiram um efeito positivo ao ponto de amizades serem formadas e convites para jantares e cafés se tornaram frequentes: “a gente se sentiu acolhido mesmo, vizinha chamando pra tomar um chá, pra comer uma broa, o pessoal chamando pra ir almoçar na casa deles”, relembra ele satisfeito. Além dos trabalhos voluntários, o encantamento e amor por Tiradentes que eles transmitiam em suas palavras, olhares e atitudes também os ajudou a serem bem quistos pela população em geral. Frente a isto ele assegura que: “imagino que fosse e ainda é fácil as pessoas perceberem esse nosso encantamento, isso gerava simpatia nas pessoas, nos moradores de Tiradentes, no pessoal nativo e no pessoal de fora”.

Devido a tais abordagens, as pessoas os viam com bons olhos; no entanto, também houveram situações envolvendo preconceito, pelo fato deles não serem tiradentinos. Conforme relatado no capítulo destinado aos resultados de Tiradentes, sempre existiu - hoje com menor intensidade - conflitos entre os nativos e as pessoas vindas de outras regiões, apelidadas pelos tiradentinos de ETs. Michel recorda que esta foi uma das dificuldades por eles encontradas: “aconteceu algumas vezes da gente ser depenado por ser de fora, cobrar um preço caríssimo da gente, combinar uma coisa e não fazer, não entregar. Combinar uma coisa e simplesmente não aparecer. Vamos falar que a gente passou o trote aqui em Tiradentes também”. Além da rejeição pelo fato de terem vindo da capital, outra situação envolvendo preconceito aconteceu com sua esposa, desta vez relacionado a sua profissão, “achavam que psicólogo era médico de pessoas doidas”, relata ele.

No entanto, por mais que exista o preconceito com as pessoas que vem de outras cidades para morar em Tiradentes, Michel assegura que eles não o enfrentaram com tanta intensidade, devido a relação que eles estabeleceram na cidade por meio do trabalho e, em especial, do voluntariado. Desta forma, o regime público, mais especificamente o mundo cívico, apresenta-se aqui como uma contribuição no processo de inserção no território.

Além de alguns preconceitos sofridos, outras provas os foram apresentadas nos primeiros anos de moradia em Tiradentes. Dificuldades estas que vão desde a saudade da família e dos amigos, o acesso à internet (a cidade na época só disponibilizava internet via telefone, o quer dizer que era extremamente lento, além de custoso) até a compra de alimentos

(por eles seguirem, na época, uma dieta muito específica e muito restrita, os produtos que eles consumiam não eram encontrados facilmente no mercado). Estas dificuldades enfrentadas por eles, refletem um estilo de vida o qual é predominantemente proporcionado por um grande centro, e pelo qual eles estavam habituados até então.

Michel relata que a maior dificuldade enfrentada por eles no processo de inserção foi a questão financeira. “A gente viveu muitos anos aqui em Tiradentes sem sobrar um centavo”, lembra ele. Sua ideia inicial era se mudar para a pequena cidade para continuar com seus trabalhos terapêuticos, e nos primeiros meses esta proposta se mostrou incrivelmente viável. Michel lembra que: “o boca a boca foi incrivelmente eficiente, o consultório encheu muito rápido. Um paciente satisfeito trouxe dez que trouxeram mais dez. Em três meses a gente estava com um consultório cheio que eu pelo menos tinha demorado anos para conseguir chegar no volume de pacientes que eu atendia aqui quando eu estava em Belo Horizonte”. No entanto, com o passar do tempo, a situação se alterou: “fui dando alta pro pessoal e chegou num ponto que eu alcancei o limite do público alvo a ser atingido aqui na cidade”.

Algumas atitudes precisaram ser tomadas por eles, para reverter a situação imposta. A primeira delas foi instalar um consultório na cidade vizinha, São João Del Rei. Como em Tiradentes, o consultório em São João del Rei, no início, também avançava com bons resultados, porém quando a acupuntura começou a ser oferecida pelo plano de saúde, seu número de pacientes novamente estagnou. Com isso, Michel começou a perceber que o mercado em Tiradentes e região era limitado para a sua profissão naquela época.

Desejoso e necessitado por mais pacientes, ele passou a atender os turistas e também os hóspedes das pousadas de Tiradentes. O atendimento se dava nas próprias pousadas, sem horários fixos, e eram os próprios responsáveis pelas pousadas que o chamavam para o atendimento, o que ocorria a todo momento: “eu ia, mas eu não ia feliz, sabe? Não ia satisfeito”, ele lembra com sinceridade.

Neste momento, Michel e sua esposa estavam construindo sua casa e o consultório terapêutico no terreno que haviam comprado. O que significava dizer que haviam muitas despesas extras, pois além de todos os gastos com a construção, havia também o pagamento do aluguel da casa que estavam morando naquele momento em Tiradentes. Todos estes

gastos financeiros fizeram com que Michel retornasse à Belo Horizonte para atender pacientes na capital e conseguir equilibrar um pouco as finanças. Michel lembra com desgosto desta fase que viveram: “eu voltei a atender em Belo Horizonte, ficava lá alguns dias da semana e voltava e atendia aqui e foi bastante desgastante isso e a gente chegou a pensar em vender mesmo nossa casa - a qual ainda estava em construção - e ir embora, porque a gente não estava conseguindo sobreviver aqui, não estava conseguindo viver com o mínimo de dignidade”.

Com seu retorno semanalmente a Belo Horizonte, os problemas característicos das metrópoles, que tanto o incomodavam, começaram a perturbá-lo cada vez mais. “Toda vez que eu ia lá, e eu ia toda semana e voltava, as coisas começaram a me incomodar cada vez mais, as coisas da cidade grande. Aí quando eu tava ganhando tipo X dividido por dois, eu falei agora chega, está bom. Com isso aqui eu já consigo viver em Tiradentes. Pronto, chega!”, relembra ele.

Quando Michel decide deixar completamente a capital e atender somente em Tiradentes, seus pacientes de Belo Horizonte agendaram todos os horários disponíveis para serem atendidos por ele mais uma vez antes da sua partida. Devido a empolgação dos pacientes com o seu atendimento, não haviam horários vagos disponíveis e consequentemente seus ganhos financeiros aumentaram exponencialmente. Michel lembra que um dos seus pensamentos naquele momento era: “você tem certeza que você vai embora de Belo Horizonte? Olha bem o que você está abrindo mão. Você vai embora pra morar na cidade de Tiradentes? Você tem certeza que vc vai abrir mão disso?”. Foi-lhe necessária coragem para mudar, coragem para dizer não ao montante financeiro que estava conquistando em Belo Horizonte e para dizer sim à vida interiorana que Tiradentes ofertava. “Vou falar que foi uma dificuldadezinha esta também. Mas dinheiro não seguiu a gente não”, relembra ele.

Os preconceitos encarados em Tiradentes pelo fato deles não serem tiradentinos; o estilo de vida diferente do que estavam acostumados quando viviam em uma capital; as inúmeras dificuldades financeiras; a estagnação do número de pacientes atendidos em Tiradentes e São João del Rei; o desgaste das idas e vindas à Belo Horizonte, bem como os incômodos dos tumultos da capital; e por fim, o desaparego ao dinheiro, foram as provas enfrentadas por Michel neste período de inserção na nova cidade. Todas essas provas o impulsionaram a fazer um balanço da sua

ação. Para isto, foi necessário avaliar a si mesmo, o seu trabalho, as suas aspirações, o seu estilo de vida, as duas cidades e julgar se a sua ação de continuar insistindo em morar em Tiradentes estava coerente com o que desejava para sua vida. Ao perceber que a coerência existia, Michel retoma sua ação, permanecendo na cidade e criando uma nova maneira de ter uma vida financeiramente sustentável no território por ele escolhido - a qual será melhor abordada na próxima seção. Compatível com o regime familiar, por escolher sua permanência em Tiradentes e ao mesmo tempo com o regime do plano, por encontrar um novo plano a seguir que lhe garantisse um rendimento financeiro satisfatório, Michel determina uma nova forma de coordenação.

Ainda hoje, ele e sua esposa desenvolvem ações frente à melhoria da cidade, hoje por meio da Associação dos Empresários (ASSET). O regime público de caráter cívico continua vivido em suas ações. Ações estas ligadas a iniciativas que muitas vezes vão na contramão de um turismo com características predatórias. Segundo ele: “a gente quer um turismo mais de qualidade, um turismo não de densidade, mas de raridade”.

O mundo cívico, proveniente do regime público, é manifestado por várias vezes em seu discurso, como na frase em que ele assegura: “a gente precisa sair do piloto automático, sair da zona de conforto, tem que parar de ficar falando que alguém tem que tomar uma providência e lembrar que esse alguém somos nós”.

Encantado ainda hoje com a cidade em que mora, Michel assegura que Tiradentes é um local a ser preservado. “O pessoal não tem noção como isto aqui é especial. É triste de ver, achar que isto aqui é um lugar pra minerar, extrair, sugar o máximo possível e largar o bagaço. Não, gente! Isso aqui é um lugar pra cultivar e colher pro resto das nossas vidas com muita prosperidade”, assevera ele. No entanto, ele destaca que há muitos empresários na cidade com o desejo de garimpar o ouro que ainda resta por lá.

Michel se mudou para Tiradentes em busca de qualidade de vida, e devido a este propósito o viés que conduziu o seu trabalho esteve sempre ligado ao cultivo da cidade como um todo. Devido a suas atitudes, ele pode afirmar que: “o pessoal vê que eu não sou um garimpeiro, que eu tô aqui pra cultivar a cidade”. Foram estas ações e pensamentos que os

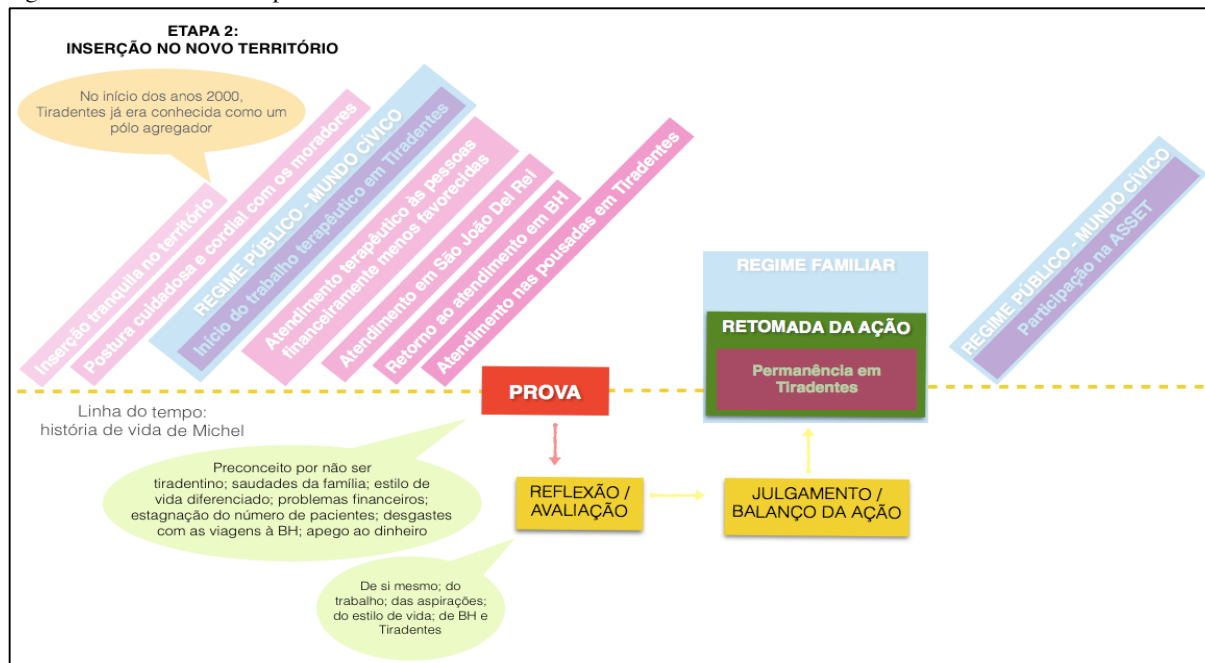
ajudaram a se inserir na comunidade de Tiradentes, tão bem expressados em seu depoimento final:

“pra gente ser realmente próspero a gente precisa que a cidade inteira seja próspera. Pra gente ter qualidade de vida a gente tem que fazer com que a cidade inteira tenha qualidade de vida. Então, a gente devota boa parte do nosso tempo para esse tipo de ações aqui em Tiradentes, se envolve com a comunidade, se envolve com a associação empresarial, com esse foco mesmo de fazer a coisa aqui dar certo”.

Para Michel, é um verdadeiro privilégio poder viver em Tiradentes, e devido ao reconhecimento das benfeitorias que a cidade fez em sua vida, como forma de agradecimento, ele procura se envolver em ações que busquem à prosperidade do território como um todo.

A história de Michel com os principais acontecimentos referente à inserção no território de Tiradentes apresenta ilustrada na figura 30.

Figura 30 - Resumo da etapa 2 da história de vida de Michel



Fonte: Elaborado pela autora

5.4.3 Desenvolvimento da fenomenia

O relato do desenvolvimento da fenomenia de Michel se inicia no momento da construção da sua casa em Tiradentes. Isso porque devido as dificuldades enfrentadas com o seu trabalho de acupunturista e massoterapeuta, a casa que construiu para morar com sua esposa acabou se tornando sua fenomenia, sua pousada.

A edificação da casa foi baseada em madeiras de demolição e também em sabedorias tradicionais e alternativas, como a permacultura. A escolha em seguir este caminho singular se justifica através de três motivos fundamentais: beleza, economia (a madeira de demolição era considerada, naquele período, um material econômico) e sustentabilidade ecológica (devido ao reaproveitamento de material).

Michel relembra que o processo de construção da casa foi único e especial “a gente foi construindo de uma maneira muito artesanal, deu tempo do espaço contar pra gente como que ele queria ser feito”. Além da escolha a respeito do estilo de construção e do material empregado, e da interação com o espaço da construção, a cidade de Tiradentes igualmente contribuiu com a maneira em que o espaço foi edificado. Frente a influência que Tiradentes apresentou na construção da futura pousada, Michel atesta que:

“Tiradentes foi muito importante pra gente nisso. Foi uma grande educação dos sentidos também, tanto pela parte de natureza, como pela parte das edificações que já estavam aqui, o estilo colonial. A gente não construiu no estilo colonial, mas a gente é uma releitura. A gente usou os materiais, usamos as técnicas, as sabedorias que são típicas aqui da região. Mas a gente fez de uma outra maneira”.

Por ter proporcionado a Michel e a sua esposa uma educação dos sentidos, o território de Tiradentes exerceu influência no estilo de vida, no cotidiano, na maneira de pensar e agir de Michel, o que corrobora com o argumento aqui defendido: o território influi na vida dos indivíduos que nele se encontram.

Durante o processo da construção da casa, Michel e sua esposa ainda não apresentavam uma estabilidade financeira. Ele relembra que “era uma época de muita crise profissional nossa, porque eu tava tendo

que ir pra BH pra ganhar um tanto necessário pra gente conseguir sobreviver, tava tendo que atender em São João Del Rei, tava tendo que atender de segunda a segunda, os turistas e a população de Tiradentes, eu tava achando aquilo muito desgastante, muito cansativo”. A instabilidade financeira, o cansaço, a falta de esperança, estava tornando o desejo de permanecer em Tiradentes inviável. A dificuldade de sobrevivência financeira do casal em Tiradentes continuava mesmo após o término de uma parte da construção da casa, parte esta que já os permitia a morar na nova residência. Mesmo diminuindo os custos, já que neste momento não pagavam mais aluguel, o tamanho da casa e as necessidades que ela lhes demandava, ainda traziam obstáculos financeiros. Quanto a isto, Michel revive a incerteza que sentiam naquele momento em ter que deixar a cidade de Tiradentes: “estava uma coisa muito complicada da gente conseguir sobreviver aqui. Não estava dando tempo mesmo, não tinha condição. Então, a gente ficou muito naquela, vamos embora, vamos ter que ir embora, não está dando pra gente se sustentar em Tiradentes, está inviável. A gente chegou a colocar a casa nossa a venda”.

As provas por ele enfrentadas, promoveram um balanço da sua ação. Michel avaliou a si mesmo, seu relacionamento pessoal e profissional, seus anseios, a capital mineira, a cidade do interior e julgou se a ação que vinha exercendo estava coerente com seus desejos e aspirações. Logo Michel percebeu que havia coerência no plano, no entanto não havia estabilidade financeira, o que fazia com que ele enfrentasse várias inseguranças e dificuldades. Assim, tendo em vista seus momentos de prova derivados destas dificuldades financeiras, ele optou por abandonar a ação em curso (sua vida em Tiradentes) em favor de uma nova ação (sua antiga vida e seu antigo trabalho em Belo Horizonte). Desta forma, ele impôs a si próprio uma nova coordenação: a decisão de colocar a casa à venda e retornar para BH.

Sua vida em Tiradentes estava ligada ao regime familiar, aonde a venda da casa e o retorno para a capital configurava o regime do plano. Por mais que Michel já tivesse vivido grande parte de sua vida na capital mineira, ou seja, por mais que a capital o despertava aspectos familiares, aquela circunstância de retorno a sua cidade de origem não o era familiar, afinal a familiaridade naquela ocasião era sua vida no interior, a qual acontecia em outro ritmo.

Michel e sua esposa colocaram a casa à venda em Tiradentes e retornaram para BH, mas mesmo após um ano de intensas negociações, a casa continuava sob o domínio deles. Já que estavam com dificuldade de comercializá-la, um amigo, o qual trabalhava em uma imobiliária, os sugeriu, por observar que eles tinham um apego grande com a residência e também com a cidade de Tiradentes, a seguinte alternativa: alugá-la durante a temporada até eles conseguirem se estabelecer financeiramente.

Michel decidiu acatar a sugestão do amigo, e ao acolher a alternativa proposta percebeu, para a sua surpresa, que apesar de Tiradentes possuir, naquela época, mais de cem pousadas, ainda existia um nicho de mercado e um público que apresentava um grande interesse em casas com as características do seu espaço: um ambiente calmo, tranquilo, em contato com a natureza. De acordo com ele, “existia um público que estava atrás do que a gente tinha pra oferecer, do espaço que a gente tinha, do tipo de construção que a gente fez, dos itens de conforto que a gente selecionou pra oferecer”.

Mesmo sem apresentar qualquer experiência neste ramo de aluguel e de hospitalidade, eles optaram por alugar a casa ao perceber que existia uma demanda por hospedagens com características semelhantes à sua morada. Assim, de uma maneira despretensiosa, sem apresentar qualquer expectativa, eles se mudaram para o porão da casa e passaram a disponibilizar a parte superior para acolher as pessoas que os procuravam. A partir daí as contas começaram a equilibrar e o anseio de continuar a morar em Tiradentes se tornava cada vez mais forte.

Michel relembra deste momento com emoção, e ainda hoje desconfia como conseguiu encontrar uma maneira sustentável de viver em Tiradentes. “É incrível como que olhando em retrospecto a gente tangenciou com desastre total o tempo inteiro em nossa trajetória. Mas, parece que Deus protege os loucos, porque no final deu tudo certo. Fazer com o coração, fazer com amor, compensa!”.

Animados em receber e acolher as pessoas em sua casa, satisfeitos com o equilíbrio financeiro, e ao notarem que, mesmo com a saturação do mercado de Tiradentes no que diz respeito à hospedagem, havia uma procura considerável pelo serviço que oferecia, Michel, juntamente com sua esposa, decidiu transformar a casa em uma hospedaria. A ideia inicial de construir no espaço sua residência e seu consultório terapêutico deu lugar a uma ideia que anteriormente nunca haviam pensado: uma pousada.

Diante desta mudança de ação, Michel relata que “o nosso negócio era um consultório terapêutico mesmo, mas a gente sabia que mais do que ser psicólogo, ser acupunturista, ser massoterapeuta, a gente queria ficar aqui em Tiradentes e a pousada se mostrou o que existia de viável para que a gente conseguisse alcançar esse sonho de permanecer nessa cidade pelo qual tanto eu quanto Regina somos encantados”.

No entanto, a ideia de ter uma pousada exigia um grande esforço da parte deles, afinal eles não apresentavam qualquer prática e conhecimento envolvendo esta nova atividade. Quanto a isto Michel menciona que: “foi um período bastante intenso. A gente aprendendo esse negócio de mexer com pousada, receber hóspede, porque a gente não pensava que a gente ia ter pousada não”. Ele também relata no início da nova ação, a aprendizagem foi constante: “tivemos que aprender tudo; foi aprendendo na prática mesmo, basicamente. Regina sempre foi uma pessoa que tem um tino para os negócios; maior que o meu. A sorte foi isto, porque eu sempre fui um cara muito viajandão, muito zen. Nunca fui um sujeito muito prático”.

Além da aprendizagem cotidiana, eles contaram com a ajuda de várias pessoas.

“A gente conversou com muita gente, trocamos informações, expusemos nossas dúvidas, nossos questionamentos pra muita gente também. Fizemos muita pesquisa com gente da área de pousada, da área de hotelaria, com gente da área do receber, com gente da área do turismo, com gente que não tinha absolutamente nada a ver com isso. A gente perguntava: “mas e aí? O que vc sente? O que é importante pra você? O que que faz a diferença?”

Os saberes adquiridos por meio da ação cotidiana, assim como as informações coletadas nas conversas com os diferentes perfis de pessoas, foram fundamentais para dar seguimento na coordenação da pousada. Cursos profissionalizantes também foram acolhidos por eles, como workshops ofertados pelo serviço brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas (Sebrae) e também pelo serviço nacional de aprendizagem comercial (Senac). No entanto, tais cursos não supriram a expectativa deles prevista.

Para Michel, esta categoria de curso “não faz uma adaptação para buscar o diferencial de cada negócio. Eu acho que o que precisa acontecer

hoje em dia pra você conseguir seu lugar no espaço, você tem que ter a sua alma, o seu diferencial, o que é único ali e em nenhum desses cursos eu vi ele privilegiando este tipo de visão, caminhando por este viés”. Tais cursos aparentam promover ensinamentos mais genéricos, com propostas generalizadas e fórmulas prontas, deixando de moldar os conhecimentos e experiências transmitidas às singularidades de cada administrador, focando apenas no sucesso do empreendedor, caso ele cumpra as regras do mercado. Da mesma forma, estes cursos não parecem ser direcionados às propostas de empreendimentos que apresentam uma racionalidade menos instrumental, em que há a mescla de vida e trabalho, havendo também a liberação da criatividade, a autonomia, a autorrealização, propostas estas ligadas às características da fenomenia e neste caso, relacionada também à pousada de Michel.

Devido a sua experiência com a administração de sua pousada, e também devido ao seu conhecimento sobre este padrão de cursos, Michel apresenta uma visão crítica a respeito deles, “você tem que preparar a pessoa para entender o mercado, entender quem que ela é e como que ela pode trabalhar para encontrar seu lugar ao sol dentro deste mercado; cultivando e preservando as suas próprias características, o que é único em você”.

Como suas expectativas com os cursos relacionados à administração não foram supridas, e também pela necessidade de compreender mais a respeito do dia a dia do trabalho com gestão, Michel passou a observar o empreendimento dos seus concorrentes, mais especificamente a maneira que eles trabalhavam, os seus erros e acertos, e o modo que eles administravam seus estabelecimentos. De acordo com Michel, “a nossa evolução enquanto administradores de pousada eu acho que ela teve muito mais a ver foi com esse amadurecimento a partir da observação e da prática mesmo, do que de cursos que a gente tenha feito”.

Tais observações também ocorreram antes mesmo do seu projeto com a pousada existir, quando ele trabalhava como terapeuta, realizando atendimento com os turistas nas pousadas de Tiradentes. Diante disso, ele afirma que nos seus atendimentos nas pousadas: “eu me relacionei um pouco, mesmo que tenha sido por osmose eu absorvi um pouco e a Regina sempre gostou muito de receber os amigos em casa, foi aprendendo também como que fazia”.

Por meio dos aprendizados, estes derivados de diversas fontes, eles começaram a construir lentamente novos apartamentos na casa e foram lapidando o espaço calmamente, até chegarem no modelo de pousada que ele e sua esposa gostariam de se hospedar.

Para chegar neste modelo, Michel relembra que foi um período bastante intenso. A construção da casa começou no ano de 2001; em 2008, houve a transformação da mesma em hospedagem de temporada; e no início de 2014, houve o término da construção da pousada e do cumprimento da meta estipulada, a qual foi estipulada nos primeiros anos do projeto e tinha como objetivo atingir doze apartamentos.

Michel hoje se sente realizado e satisfeito não apenas com o seu empreendimento e com o ser humano que se tornou por meio dele, como também com sua cidade. Tiradentes foi responsável pela educação dos seus sentidos, contribuindo com o espaço formado e com o empreendimento que apresenta hoje. Por considerar Tiradentes como a responsável pela sua conquista, ele revela que “Tiradentes é uma coisa muito maior, incomensuravelmente maior, mais importante do que minha pousada”.

Baseado nesta revelação, Michel procura se sintonizar com a cidade de forma saudável e respeitosa, preservando-a, e também fazendo com que as pessoas que a visitam ou que ali moram tomem consciência da importância e igualmente das singularidades do território em que se encontram. “Se eu conseguir fazer com que as pessoas se encantem com o que eu sou encantado com isso aqui, naturalmente vão buscar preservar isso aqui, cultivar isso aqui, cuidar disso aqui. Quem ama cuida, né? E tem tanta coisa pra se amar aqui em Tiradentes”. A sintonia de Michel com o território e suas ações em busca da sustentabilidade do local e da conscientização coletiva, evidenciam particularidades do regime público, estritamente do mundo cívico, por envolver sua qualidade de cidadão e o interesse geral da comunidade.

Além dele apresentar uma relação profunda com o território que escolheu para viver, Michel também apresenta uma relação intensa com sua fisionomia. Suas palavras expressam bem esta conexão:

“Se eu não tiver uma identificação muito profunda com o meu negócio, com a filosofia do negócio no qual eu tô inserido, com a postura desse negócio, com a sintonia desse negócio, eu acho que eu não

vou dar conta de ter esse negócio. Eu não conseguiria vender esse negócio se eu não acreditasse nele; se minha alma não estivesse ali. Então, eu acho que o processo de capacitação e organização, implemento e crescimento da pousada, ele está intimamente relacionado a um processo de auto conhecimento, de eu saber o que faz meu olho brilhar, de entender qual caminho tem coração pra mim. Então, no final das contas, fazer a pousada, organizar a pousada, lapidar a pousada, tudo veio de uma resposta à pergunta de quem você é. Eu tenho que encontrar o meu olho brilhando”.

As falas de Michel demonstram a relação dinâmica indivíduo e território por meio de sua fenonomia, o que quer dizer que Tiradentes influenciou e influencia Michel; e, da mesma forma, Michel, por meio da sua pousada, influencia também para o território de Tiradentes. Nesta ligação repleta de ações diversas, ambos crescem e amadurecem, e neste movimento evidencia-se um desenvolvimento. Seu discurso também está atrelado e configura a mescla de vida e trabalho tão presente no enclave da fenonomia.

Michel tinha ciência que precisaria se destacar dos seus concorrentes, já que existia e ainda existe uma forte concorrência no ramo de hospedagem em Tiradentes. Assim, um diferencial seria a ele necessário para conquistar sucesso no seu empreendimento e para continuar com sua morada em Tiradentes.

Desde seu primeiro momento no território, ele apresentou um fascínio pelos produtos locais, pelas manifestações artísticas e culturais da região, e pelas histórias dos moradores da cidade. Tal fascínio foi um dos diferenciais por ele utilizados para incrementar o seu serviço; ele passou então a incorporar no seu empreendimento produtos artesanais, ingredientes locais, alimentos cultivados na região, receitas tradicionais de Tiradentes e do estado de Minas Gerais.

Foi-lhe necessário sensibilidade e criatividade para extrair do território o seu diferencial. Sua criatividade, sua imaginação e sua autenticidade estão alinhadas ao regime público, exclusivamente ao mundo da inspiração.

A atitude de Michel, além de contribuir com a exclusividade de seu empreendimento, também favorece o desenvolvimento territorial,

apresentando serviços e produtos ancorados territorialmente, os quais além de apresentarem qualidade inegável e características próprias, se identificam com o território de origem. A união destes produtos e serviços configuram na imagem e na reputação, não apenas da pousada, como também do território (PECQUEUR, 2000). Assim, a ação de Michel contribui com Tiradentes, bem como com um modelo de economia diferente, sendo este plural. A correspondência, portanto, entre a economia plural e a sociedade multicêntrica proposta por Guerreiro Ramos, mais especificamente ao enclave da fenonomia, se apresenta mais uma vez ao encontro deste estudo. A fenonomia de Michel está relacionada a uma racionalidade que não é predominantemente econômica e utilitária, e sim, a aspectos diferenciados como sua coordenação com ele mesmo e seu entorno, sua história de vida, seus objetivos, além de fatores culturais, históricos e conviviais.

A relação do serviço de Michel com o território aparece aqui como um fator importante para a gestão da sua fenonomia. Sua pousada apresenta serviços e características diferenciadas, que além de assegurarem a comercialização do seu serviço, são também compatíveis com o que Tiradentes demanda: serviços e produtos originais que despertem atenção dos turistas, agregando-o relevância.

São os fornecedores destes serviços e produtos que Michel busca como aliados para o seu empreendimento: “experiências inesquecíveis estão aqui à disposição para quem quer se sintonizar com elas. Vão ser os negócios que eu vou cultivar aqui em Tiradentes, vai ser quem eu vou indicar, vai ser pra onde eu vou tentar fazer meu hóspede transitar por elas. É a Tiradentes que eu quero cultivar! É uma panelinha mesmo, mas é a panelinha que tem a ver com o que eu acho que é o espírito”.

Além dos fornecedores dos produtos e serviços, Michel conta também com a aliança com terapeutas da cidade para realizarem massagens e acupunturas nos hóspedes em sua pousada. Sua ideia sempre foi a de se mudar para Tiradentes para criar um espaço terapêutico que ele pudesse continuar com seus atendimentos. Com a mudança de direção profissional, Michel não desistiu de seu projeto inicial e incorporou-o a sua pousada, proporcionando bem-estar para às pessoas por meio da massagem, da acupuntura e das suas filosofias de vida. Nos primeiros anos do nascimento da pousada, ele conseguiu aliar o seu trabalho como massoterapeuta com a administração da sua fenonomia. No entanto, com

o passar do tempo, ele percebeu que seria necessário se dedicar somente à gestão da pousada, a qual o demandava muita dedicação.

Frente a esta percepção, ele assegura “eu não tenho mais disponibilidade para atender meus hóspedes e as pessoas de fora para usar como um atrativo a mais para a minha pousada. Mas, é um atrativo importante dentro do meu entender, porque nós somos uma referência aqui em Tiradentes. Nós estamos fazendo isso já há algum tempo, né? Começamos como centro terapêutico, evoluímos a partir do centro terapêutico, então acho que vale a pena manter, cultivar”, destaca Michel. Assim, para aliar o projeto da pousada com a ideia do centro terapêutico, ele apresenta como parceiros seus antigos concorrentes.

Além da parceria com os terapeutas, Michel dispõe também da colaboração de outras pousadas da cidade. A aliança entre as pousadas ocorre por meio do ato de compras conjuntas, o que os ajuda a economizar no frete e também a conseguir preços de aquisição mais satisfatórios, uma vez que as pousadas apresentam um tamanho modesto e poucos quartos. Além das aquisições conjuntas, a parceria se estende também às trocas de informações sobre as atividades cotidianas da pousada, bem como às opiniões a respeito de fornecedores, de contadores e afins. Assim, colaborando uns com os outros, eles ensinam e desvendam juntos os “caminhos das pedras”, parafraseando Michel.

Satisfeito com suas alianças, Michel assegura que “tem um determinado ponto, quando a gente está cuidando de um negócio, que a gente vê que se a gente se unir a gente consegue ir muito mais longe. Sozinho você vai mais rápido, mas junto você vai mais longe. E a gente passou da fase de Tiradentes de ir rápido, o que resta pra gente, o que a gente quer, é ir longe”.

Michel procura se unir e se relacionar com empreendedores que apresentam visões semelhantes as suas, e sente-se satisfeito por ter encontrado em Tiradentes cidadãos que apresentam percepções similares: “no círculo de empresários com os quais eu me relaciono, com os quais eu transito, essa cultura já é uma coisa já a mais, que esta se tornando mais forte mesmo, cada vez mais forte, e eu acho que é inevitável. É bonito é, mas é também prático. Se não for assim você não consegue fazer. Se você não fizer você não consegue se sobressair no mercado”.

Por mais que o discurso de Michel cite o enclave do mercado e palavras derivadas deste cenário social, sua postura e suas visões

administrativas derivadas de seu discurso apresentam características do enclave da fenonomia como: satisfação e realização, autonomia, mescla de vida e trabalho, aprendizado constante, economia plural e desenvolvimento territorial sustentável (GUERREIRO RAMOS, 1989; TONET, 2004; BESEN, 2010).

A pousada apresenta um espírito semelhante ao primeiro empreendimento de Michel em Tiradentes, o centro terapêutico, quer dizer, ela também foi construída a fim de proporcionar aos hóspedes um espaço de cura e harmonia. Para Michel, “quem se hospeda aqui em Tiradentes e aqui na pousada mais especificamente é quem está afim de sintonizar com este espaço, com espaço pra se curar, com espaço pra se harmonizar, com espaço pra se equilibrar, com espaço pra repensar a própria vida”. Por meio do seu discurso, parece evidente que Michel considera sua pousada como uma extensão do centro terapêutico. Assim, ele atrai clientes que já estão naturalmente sintonizados com o mesmo estilo de vida e de pensamento.

No entanto, em época de alta temporada e de grandes eventos, sua pousada muitas vezes é escolhida por clientes que não se enquadram nas características e diferenciais que ela apresenta e não apresentam reciprocidade com a essência da pousada. Estes hóspedes a escolhem pelo fato de não haver vagas disponíveis em outras pousadas, o que é frequente na época dos grandes eventos da cidade.

A fim de acolher estes clientes e de fazer com que eles se sintam à vontade no seu espaço e fiquem satisfeitos com sua hospedagem, Michel foca no atendimento: “a gente carrega água na peneira, trata muito bem e na maioria das vezes a gente consegue quebrar essas expectativas iniciais e fazer sintonizar”.

Sua atitude pode parecer trabalhosa e exagerada, no entanto Michel acredita verdadeiramente no serviço que oferece. O que é verificável no seu discurso: “realmente sou encantado com isso aqui, realmente acho a pousada especial, realmente acho a cidade de Tiradentes maravilhosa, então pra mim é fácil vender isso aqui. Eu estou falando com meu coração o tempo inteiro”. Torna-se evidente em sua fala sua satisfação e realização com seu trabalho, o que se mostra, mais uma vez, uma compatibilidade com o enclave da fenonomia, mesmo ele ofertando também serviços e não apenas produtos.

Por priorizar o atendimento, tanto quanto as acomodações, os serviços e os produtos que oferece em sua pousada, Michel acredita que seus hóspedes são os seus maiores professores. “O grande mestre pra nós aqui é o nosso cliente”, afirma ele. Assim, quando seus clientes lhe apontam uma nova demanda, Michel vai em busca de desvendar as soluções para incorporar os novos pedidos, pesquisando e estudando as melhores soluções para melhorar o seu serviço, os produtos vinculados, o atendimento, a forma de divulgação.

Nos últimos anos, Michel recebeu uma confirmação de que suas ações e sua maneira de gerir sua pousada tem sido bem aceitas pelos seus clientes, frutificando em bons resultados, o que lhe proporcionou segurança para seguir com seus métodos. Esta confirmação está ligada à avaliação feita pelos seus clientes no site de viagens TripAdvisor, site de grande prestígio o qual fornece informações e opiniões de conteúdos relacionados ao turismo.

Em dois anos consecutivos, a pousada de Michel recebeu o Certificado de Excelência deste site. Este certificado premia os estabelecimentos do setor de turismo e hotelaria que estão sempre recebendo boas avaliações dos viajantes que frequentaram o determinado estabelecimento. Satisfeito com o certificado adquirido, Michel comemora: “o maior site de avaliação que existe no mundo deu selo pra gente. Sinal que a gente está fazendo a coisa certa, né?”

De acordo com dados do site de viagens, os ganhadores deste certificado recebem uma carta de parabéns, um certificado impresso e um adesivo para anunciar o novo status de prestígio, além do anúncio no próprio site como um dos empreendimentos de excelência. Assim, o certificado acaba sendo um diferencial que a pousada apresenta; diferencial este que gera resultado, uma vez que, ainda em concordância com as estatísticas da mesma fonte, 75% dos viajantes que acompanham o site preferem estabelecimentos com o selo do TripAdvisor.

Diferencial que se mostra relevante para a realidade de Tiradentes, já que a concorrência no território é acentuada. Em Tiradentes, há cento e duas pousadas cadastradas no site em questão, e a hospedagem de Michel encontra-se entre as dez primeiras, sendo a sexta pousada mais bem classificada no *ranking* destas cento e duas.

Segundo Michel, “o TripAdvisor com certeza foi uma coisa que moldou o nosso negócio profundamente”, pois além do certificado que

auxilia na divulgação e no diferencial da sua pousada, as avaliações das pessoas, seguidas de comentários e sugestões o auxiliam a apurar e a entender as melhorias que ainda precisam ser efetuadas.

Além deste site de avaliação, Michel conta também com um site próprio, organizado, informativo, bonito e atraente com diversas fotos e com todas as informações necessárias para seu cliente conhecer os seus serviços: informes sobre as acomodações e os diferenciais que apresentam, a localização, o tarifário, os contatos para reservas.

Da mesma forma, o site de rede social *Facebook*, também é usado para a divulgação do seu empreendimento: “é uma ferramenta incontornável para a divulgação do negócio. Oitocentos milhões de pessoas tem *facebook*, como que eu não ia colocar a pousada nele?”, destaca Michel. Pensando nisto, Michel utiliza frequentemente esta rede social para divulgar não apenas a hospedagem, como também o espírito pelo qual a pousada está sintonizada e finalmente os acontecimentos, as atividades e as atrações ofertadas na cidade de Tiradentes. Para Michel: “tem que ser muito cristalino em deixar claro pra ele - o cliente - quem somos nós e usar o *facebook* pra explicitar isso, tem ajudado profundamente na divulgação correta da pousada. Estamos colhendo bons frutos disso”.

Para conquistar boas avaliações dos clientes, resultando no certificado de excelência, Michel trabalha em tempo integral em sua pousada. No início, ele relembra que era ele quem cuidava de todas as atividades: “era só eu atendendo, jogando nas 11 posições mesmo”. Com a prática e o aprendizado adquirido ao longo do tempo, ele foi percebendo a necessidade de ter outras pessoas envolvidas. Hoje, Michel apresenta uma equipe composta por seis pessoas, suficiente para a quantidade de trabalho que a pousada apresenta. O número de pessoas na equipe facilita a convivialidade, e é compatível com as características do enclave da fenomenia (GUERREIRO RAMOS, 1989).

De acordo com Michel, trabalhando com pousada “você tem que ficar muito disponível e é muito imprevisível. Talvez vai chegar o momento, eu espero que chegue, que a gente vai ter aprendido tanto como a coisa funciona que as surpresas, caso aconteçam, já tem uma coisa tão bem estruturada, que a própria equipe consiga remanejar e resolver”. No momento, é ele quem coordena e administra todo o funcionamento da

pousada; o relacionamento com os funcionários é derivado da clássica relação chefe e subordinado.

Para Michel uma das dificuldades na sua administração é a falta de capacitação tanto da mão de obra local quanto do empresariado. Quanto à mão de obra local ele assegura que as pessoas expressam um entendimento diferente a respeito do emprego, do que ele gostaria que elas apresentassem. Segundo ele, o trabalho é entendido por elas como um lugar “onde ele vai se sacrificar, ter que tolerar, pra ganhar o dinheiro, pra viver a vida. As pessoas não veem o trabalho como uma ferramenta de aprimoramento pessoal”. E é esta falta de discernimento por parte de seus funcionários que dificultam o compartilhamento de valores entre os membros da fenonomia.

Quanto à falta de capacitação do empresariado, Michel se refere à lacuna existente na compreensão do que é a cidade de Tiradentes, bem como no entendimento do diferencial e do potencial do território. Sem compreender com profundidade a respeito do diferencial e das potencialidades da região, não sabendo respeitar os seus limites, Michel assegura que: “o pessoal não entende direito isso e vem para Tiradentes com um viés muito de Eldorado, de garimpo”.

No entanto, ele apresenta uma visão diferente e contrária à ideia de exploração e mineração.

“Eu fazer a minha pousada dar certo é uma responsabilidade também, porque eu sei que eu estou fazendo do jeito certo, eu sei que eu estou fazendo de um jeito para levantar a cidade junto comigo, pra valorizar a cidade junto comigo porque a gente está sintonizado com isto. Eu tô apostando que este é o jeito certo, eu sei que vai dar certo e dando certo eu vou poder mostrar pro povo: “Tá vendo gente, você pode fazer do jeito certo que você vai ser próspero, vai funcionar com respeito ao lugar no qual você está inserido, com respeito a comunidade na qual você faz parte (...) então é uma responsabilidade nossa também fazer isto aqui dar certo pra gente provar que é possível. Você não precisa ser um garimpeiro, você não precisa ser um safado, pra coisa dar certo. Você pode fazer de uma

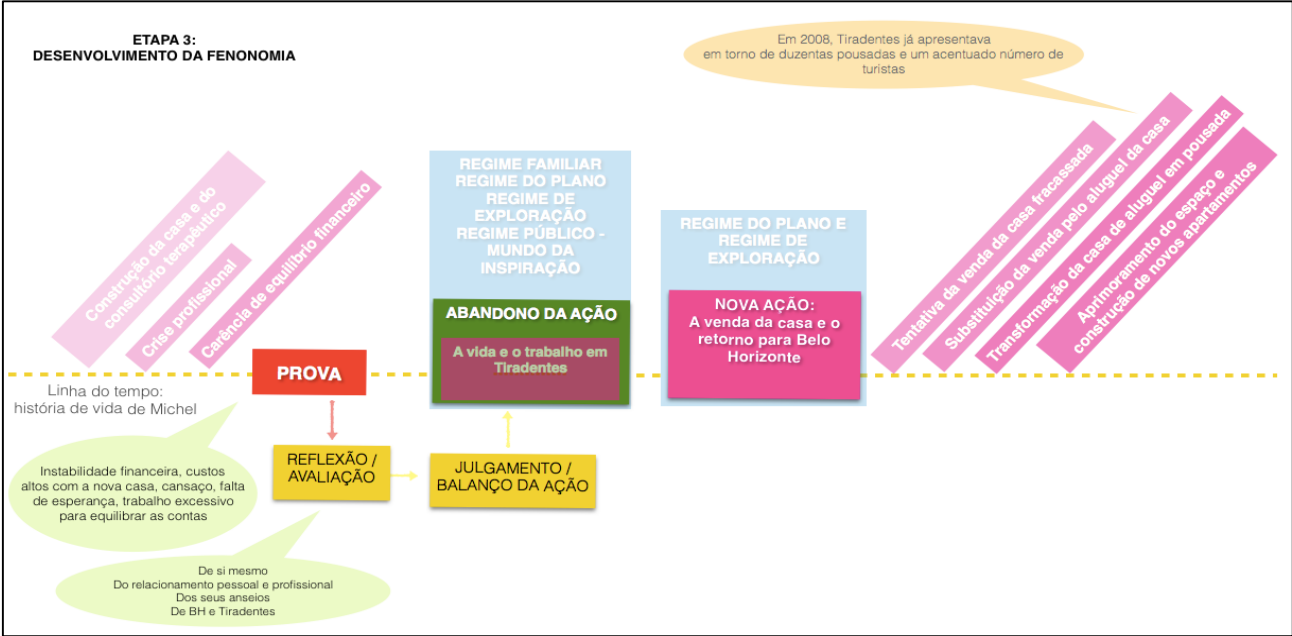
maneira bonita, de uma maneira ética. Vai dar certo. Esse é o grande legado pra cidade”.

Baseado no seu discurso, parece que Michel opta por valorizar a cidade juntamente com seu trabalho, respeitando o território em que mora, agindo com ética e responsabilidade. Esta é a ação escolhida por ele para permanecer no território; sendo assim, segundo sua concepção, é inconcebível existir sua pousada se não existir Tiradentes. O que me faz inferir que Michel desenvolveu mais do que um empreendimento, ele desenvolveu um plano de vida futuro para ele e sua família, como ele mesmo aponta: “tem gente que faz como um negócio, a gente fez como um projeto de vida, foi tudo o que a gente fez nessa vida eu e Regina”.

Por ser um projeto de vida, tudo mostra-se de forma integrada e harmoniosa: “eu montei o negócio, moldei esse negócio a mim, e fui moldado por esse negócio também, e isso moldou a minha visão de mundo e isso moldou é claro a minha visão a respeito da comunidade”. O que corrobora com a ação do indivíduo no território e do território no indivíduo, como também com a simbiose de vida e trabalho presente na fenonomia.

A figura 31 representa a linha do tempo da história de Michel referente ao desenvolvimento da fenonomia.

Figura 31 - Resumo da etapa 3 da história de vida de Michel



Fonte: Elaborado pela autora

A história de vida de Michel, representada na figura 31, relata sua trajetória na cidade de Tiradentes desde o início da sua fisionomia, a qual começou com a construção da sua casa e do consultório terapêutico. A crise profissional e a instabilidade financeira, aliado aos custos altos com a construção e manutenção da casa, ao trabalho excessivo para equilibrar as contas, associado também ao cansaço e à falta de esperança, fez com que Michel fizesse um balanço da sua ação, percorrendo pelas etapas de avaliação (de si mesmo, do relacionamento pessoal e profissional, dos seus anseios, de Belo Horizonte e Tiradentes), julgamento e coordenação, neste acaso representada pelo abandono da ação. Ou seja, para Michel impor a si próprio uma nova coordenação, a ele foi necessário abandonar a sua vida e seu trabalho em Tiradentes - representado pelo regime familiar - em favor de uma nova ação - a venda da casa e o retorno para Belo Horizonte - representado neste caso pelo regime do plano. No entanto, após um ano em negociações, a venda da casa não foi concluída, o que fez com que ele adotasse uma nova ação: o aluguel da casa para temporada. Mesmo Tiradentes apresentando um grande número de pousadas, havia uma demanda grande para o aluguel de um espaço como o de Michel. Demanda esta que os fizeram pensar em uma nova ação: a transformação da casa em pousada. Mesmo sem apresentar qualquer experiência nesse ramo de serviço, Michel desenvolveu ações para gerir sua pousada, as quais estiveram ligadas a cursos, trocas de informações com diferentes pessoas, além da aprendizagem prática e cotidiana. Desta forma, com o tempo a pousada foi aprimorando seu espaço e ganhando novos apartamentos, os quais foram concluídos em 2014.

5.4.4 Síntese da história de vida de Michel

Em 2001, Michel deixa sua cidade Natal, e juntamente com sua esposa, se instala em Tiradentes para trabalhar como massoterapeuta e acupunturista. O motivo da mudança são os incômodos vividos em Belo Horizonte, típicos de um grande centro, e a busca por qualidade de vida e um cotidiano mais tranquilo. Anterior a esta mudança, Michel, fez um balanço da sua ação, passando pelas etapas de avaliação, julgamento, e optou por abandoná-la, em favor de uma nova ação, a mudança para o interior. Esta mudança reflete na alternância do regime familiar para o regime do plano, e também para o regime de exploração.

Para se introduzir na comunidade, Michel realizava, por meio do seu trabalho como terapeuta, atendimentos voluntários para a população mais carente, típicos do regime público e do mundo cívico. No início da sua inserção no território, seu trabalho como acupunturista em Tiradentes recebeu grande acolhimento da população. No entanto, com o passar do tempo os pacientes foram ganhando alta, e o número de atendimentos foram diminuindo consideravelmente, fazendo com que ele optasse por realizar atendimentos também em outras cidades e em pousadas do território. Esta foi sua primeira prova enfrentada, a instabilidade financeira, aliada ao preconceito por não ser tiradentino, a saudades da família, ao estilo de vida diferenciado, a estagnação do número de pacientes, aos desgastes com as viagens à BH, ao apego ao dinheiro.

As provas por ele enfrentadas, promoveram um novo balanço da sua ação, quer dizer, ele realizou uma avaliação e um julgamento do que era para ele pertinente, e ao perceber que ainda existia coerência na sua permanência na cidade, ele retomou a sua ação; ação esta compatível com o regime familiar.

Ainda frente a sua inserção do novo território, houve a manifestação do mundo cívico, pertencente ao regime público. Manifestação esta que ocorreu várias vezes nas ações de Michel, devido não apenas a participação na associação dos empresários, como também suas atitudes de preservação e melhoria da cidade.

O início da fenomenia de Michel começou com a construção da sua casa e do consultório terapêutico. A crise profissional e a instabilidade financeira, aliado aos custos altos com a construção e manutenção da casa, ao trabalho excessivo para equilibrar as contas, associado também ao cansaço e à falta de esperança, foram as novas provas enfrentadas por Michel, as quais fizeram com que ele fizesse um novo balanço da sua ação. Após avaliar e julgar sua ação, Michel impôs a si próprio uma nova coordenação, abandonando a sua vida e seu trabalho em Tiradentes - representado pelo regime familiar - em favor de uma nova ação - a venda da casa e o retorno para Belo Horizonte - representado neste caso pelo regime do plano.

No entanto, a venda da casa não frutificou, e a fim de garantir a sua estabilidade financeira, a sua morada em Tiradentes foi transformada em casa de aluguel. Naquela época, a concorrência com estabelecimentos que atuavam no ramo da hospedagem era elevada, mas mesmo com esta

difficuldade inicial, eles começaram a ter sucesso na acolhida dos turistas em sua casa. Sucesso este que os encorajou a transformar a casa de aluguel em pousada.

No começo do empreendimento, nem Michel, nem sua esposa, apresentavam qualquer prática, conhecimento ou experiência envolvendo a atividade da pousada, foi-lhes necessária sensibilidade para coletar informações com pessoas de diferentes áreas de atuação, e utilizar destas informações na sua ação cotidiana. Cursos profissionalizantes também foram por eles acolhidos, sem muito sucesso; da mesma forma, observações nos empreendimentos dos seus concorrentes foram realizadas a fim de verificar a maneira que eles trabalhavam, seus erros e acertos, o modo que eles administravam seus estabelecimentos, contribuindo desta forma para o seu aprendizado e para a sua gestão.

A gestão da sua pousada apresenta diversos aspectos ligados à fenonomia, como coordenação do indivíduo com ele e seu entorno; desenvolvimento territorial sustentável; economia plural; serviço relacionado com o território; racionalidade ligada à fatores culturais, históricos e conviviais - aspectos estes relacionados aos seus diferenciais, os quais são compatíveis com o perfil do território e agregam a ele valor.

Sua gestão também apresenta outras características comuns ao enclave da fenonomia, como a mescla de vida e trabalho; aprendizado constante; autonomia; tamanho autorregulado e ações imprevisíveis. Por fim, sua gestão ligada às características da fenonomia conta também com aspectos comuns do mundo da inspiração, o qual está ligado ao regime público, como a satisfação e autorrealização, liberdade e flexibilidade para criar e criação prazerosa e motivadora.

A diferenciação, a originalidade, as trocas de informações, a experiência prática, os estudos e pesquisa, o aprimoramento contínuo, a qualidade do serviço, a criatividade e a inovação também estão presentes na gestão de sua pousada, e estão relacionadas tanto as características das fenomenias, como também da teoria da administração.

Finalmente, a gestão da pousada de Michel também apresenta aspectos relacionados às organizações pertencentes ao enclave do mercado, como a rede de relacionamentos, alianças e parcerias, atendimento ao cliente, interação com o cliente, abertura à críticas e feedbacks, divulgação, concorrência, mídia eletrônica de auto promoção,

sites de avaliação, relação chefe subordinado e subordinação e formalização.

Uma melhor visualização dos aspectos encontrados na fenomenia de Michel pode ser averiguada na figura 32.

Figura 32 - Características da gestão da pousada de Michel



Fonte: Elaborada pela autora

Alguns acontecimentos específicos do território influenciaram a gestão da fenomenia de Michel. A própria modificação do território, proveniente das políticas públicas e das ações da sociedade civil, foi um fator decisivo para a sua mudança para Tiradentes, e posteriormente para a criação da sua pousada. Da mesma forma, outros acontecimentos, também provenientes tanto das ações das políticas públicas quanto da

sociedade civil, como o desenvolvimento do turismo, a alteração no perfil dos turistas, e o surgimento de um novo nicho de mercado, o qual demandava hospedagens conectadas à natureza, também influenciaram sua gestão por ter contribuído com a instauração da sua pousada em Tiradentes.

Outro acontecimento específico do território que influencia a fenomenia de Michel está relacionado aos grandes eventos ocorridos na cidade, os quais favorecem hóspedes com perfis diferenciados, muitas vezes não compatíveis com os diferenciais da pousada, o que acarreta impacto na sua gestão, principalmente no que concerne ao atendimento e a interação com o cliente, à abertura à críticas e feedbacks, aos sites de avaliação, ao aprimoramento contínuo e a qualidade do serviço.

Tais acontecimentos, o resultado que eles geraram à fenomenia, os regimes de engajamento envolvidos na ação, bem como o impacto na gestão, podem ser conferidos no quadro 14.

Quadro 14 - Acontecimentos ocorridos no território que influenciaram a gestão da fenomenia de Michel

Acontecimentos específicos do território que influenciaram a gestão da fenomenia de Michel			
Situação ocorrida	Resultado para a fenomenia	Regime de engajamento envolvido nesta ação	Impacto na gestão
Modificação do território graças às ações das políticas públicas e da sociedade civil	Instalação do consultório terapêutico e posteriormente instauração da pousada em Tiradentes	Regime do plano e regime de exploração - plano de mudança de território envolvendo uma nova ação carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração	Impacto em toda a gestão

Acontecimentos específicos do território que influenciaram a gestão da fenonomia de Michel			
Desenvolvimento do turismo e alteração no perfil dos turistas	Instauração da pousada em Tiradentes	Regime do plano e regime de exploração - plano de mudança de ação, instaurando a pousada em Tiradentes, ação esta carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração	Impacto em toda a gestão
Surgimento de um novo nicho de mercado - demanda por hospedagens conectadas à natureza	Instauração da pousada em Tiradentes	Regime do plano e regime de exploração - plano de mudança de ação, instaurando a pousada em Tiradentes, ação esta carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração	Impacto em toda a gestão
Grandes eventos na cidade	Hóspedes com perfis diferenciados	Regime do plano - plano de mudança de ação	Atendimento ao cliente; interação com cliente; abertura à críticas e feedbacks; sites de avaliação; aprimoramento contínuo; qualidade do serviço

Fonte: Elaborada pela autora

Além dos acontecimentos específicos do território, houveram outros fatos que influenciaram a gestão da fenonomia de Michel.

Podemos citar como exemplos a crise na sua profissão como acupunturista e massagista; a sua interação com as singularidades de Tiradentes; o aluguel da sua morada como casa de temporada; a valorização das potencialidades do território; as parcerias e alianças firmadas com pousadas da cidade; as parcerias e alianças firmadas com os acupunturistas; a observação dos empreendimentos concorrentes também ligada à aprendizagem cotidiana; a contratação de funcionários; as sugestões dadas pelos clientes; e finalmente, o certificado de excelência emitido pelo site *TripAdvisor*. Tais fatos ocorridos podem ser conferidos no quadro 15; eles estão associados ao resultado que trouxe para a fenumia, ao regime de engajamento envolvido em cada ação e ao impacto gerado na gestão da pousada.

Quadro 15 - Fatos que influenciaram a gestão da fenonomia de Michel

Fatos que influenciaram a gestão da fenonomia de Michel			
Fato ocorrido	Resultado para a fenonomia	Regime de engajamento envolvido nesta ação	Impacto na gestão
Crise na sua profissão como acupunturista e massagista	Instauração da pousada em Tiradentes	Regime do plano e regime de exploração - plano de mudança de ação, instaurando a pousada em Tiradentes, ação esta carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração	Impacto em toda a gestão
Interação com as singularidades de Tiradentes	Construção da casa, futura pousada, em sintonia com o território	Regime do plano e regime de exploração - plano de mudança de território envolvendo uma nova ação carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração	Impacto em toda a gestão

Fatos que influenciaram a gestão da fenomenia de Michel			
Aluguel da morada como casa de temporada	Instauração da pousada em Tiradentes	Regime do plano e regime de exploração - plano de mudança de ação, instaurando a pousada em Tiradentes, ação esta carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração	Impacto em toda a gestão
Valorização das potencialidades do território	Diferencial para a pousada; congruência com o território em que está inserido	Regime do plano - necessidade de um diferencial para sua pousada Regime público: mundo da inspiração - produtos ligado a criatividade, originalidade, singularidade e autenticidade	Impacto em toda a gestão

Fatos que influenciaram a gestão da fenomenia de Michel			
Parcerias e alianças com pousadas da cidade	Vantagens de compras conjuntas e troca de informações	Regime do plano - um novo plano de ação a seguir	Rede de relacionamentos; alianças e parcerias; abertura à críticas e feedbacks; concorrência; aprendizagem cotidiana; aprimoramento contínuo; trocas de informações; coordenação do indivíduo com ele e seu entorno; aprendizagem constante
Parcerias e alianças com acupunturistas da cidade	Diferencial para a pousada, envolvendo recursos do território	Regime familiar - continuação com a proposta do centro terapêutico	Rede de relacionamentos; alianças e parcerias; divulgação; concorrência; inovação; criatividade; originalidade; diferenciação; serviço relacionado com o território; coordenação do indivíduo com ele e seu entorno; desenvolvimento territorial sustentável; economia plural

Fatos que influenciaram a gestão da fenomenia de Michel			
Observação dos empreendimentos concorrentes e aprendizagem cotidiana	Instauração da pousada em Tiradentes	Regime do plano e regime de exploração - plano de mudança de ação, instaurando a pousada em Tiradentes, ação esta carregada de novidade, de descoberta, de excitação e de exploração	Impacto em toda a gestão
Contratação de funcionários	Maior disponibilidade para lidar com a parte administrativa e para criar ações novas que destaquem a pousada	Regime do plano - um novo plano de ação a seguir	Impacto em toda a gestão
Sugestões dos clientes	Aprimoramento, modificação e melhoria no serviço	Regime do plano - um novo plano de ação a seguir	Atendimento ao cliente; interação com o cliente; abertura às críticas e feedbacks; aprimoramento contínuo; aprendizado constante; estudos e pesquisa

Fatos que influenciaram a gestão da fenomenia de Michel			
Certificado de excelência do site TripAdvisor	Segurança no trabalho prestado	Regime do plano - um novo plano de ação a seguir por meio da participação no site do TripAdvisor	Sites de avaliação; concorrência; mídia eletrônica de auto promoção; divulgação; qualidade de serviço; diferenciação

Fonte: Elaborada pela autora

Com as ações provenientes da prática, dos fatos ocorridos e dos acontecimentos específicos do território, a pousada foi ganhando mais vida e mais apartamentos, chegando a um total de doze no início de 2014. Para que esta construção fosse possível, Michel apresentou uma relação intensa com sua fenonomia, tanto por acreditar nos serviços que oferece, quanto na filosofia do seu empreendimento, a qual está ligada aos preceitos da “arte de bem viver”. Para ele, o crescimento da pousada está relacionado ao seu processo de auto conhecimento, de entender o que é, o que quer, o que sonha, o que deseja. Assim, a fenonomia nada mais é do que o reflexo do seu criador e administrador.

Da mesma maneira, a fenonomia também o moldou, com as dificuldades que apareceram ao longo do processo e que precisaram ser acolhidas e superadas. Equitativamente, o território de Tiradentes também exerceu influência no estilo de vida, no cotidiano, na maneira de pensar e agir de Michel, o que igualmente corroborou para o que a pousada é hoje.

Seu discurso e suas ações demonstram a relação dinâmica indivíduo-território por meio de sua fenonomia, quer dizer, Tiradentes influencia a pousada; a pousada influencia Michel e vice-versa, e o território influencia Tiradentes mutualmente. Ambos crescem, avançam, progredem e nesse movimento, há desenvolvimento.

Michel opta então em valorizar a cidade juntamente com seu trabalho, sendo esta a maneira escolhida por ele para permanecer no território. Portanto, em sua opinião, é inconcebível existir sua pousada se não existir Tiradentes. Assim, ele desenvolveu mais do que um empreendimento, ele elaborou um plano de futuro para ele e sua família. O que corrobora com a ação do indivíduo no território e do território no indivíduo, como também com a simbiose de vida e trabalho presente na fenonomia.

A história de vida de Michel também nos mostra que neste movimento dinâmico indivíduo-território por meio da fenonomia, há habilidades e experiências de gestão. Ficou evidenciado que mesmo apresentando características do enclave da fenonomia, ele deve apresentar habilidades para lidar também com o enclave do mercado. Assim, além dele apresentar um entrelaçamento entre vida e trabalho, característico das fenomias, ele apresenta também um entrelaçamento entre racionalidades, aquela vinculada ao mercado e ao não mercado.

6 CAMINHOS E PRÁTICAS TRAÇADOS PELA AÇÃO: A DINÂMICA INDIVÍDUO-TERRITÓRIO E A GESTÃO DAS FENOMIAS

Este capítulo apresenta como propósito a defesa de minha tese; diante das análises anteriormente elaboradas, apresentarei as respostas às minhas questões de pesquisa. Para isto, meus argumentos estão embasados em dois caminhos, os quais serão aqui discursados: a relação dinâmica indivíduo-território, a qual também pode ser chamada de ligação micro-macro, do ponto de vista do desenvolvimento territorial sustentável, ou mais especificamente, do desenvolvimento de Tiradentes, e a gestão das fenomenias, a qual envolve um conjunto de ações particulares, pouco trabalhadas até então na literatura.

Retraçando a história de vida de quatro atores e acompanhando suas ações plurais consegui decifrar vários questionamentos que me acompanharam ao longo de toda a pesquisa. Eu ansiava por averiguar a maneira que as ações dos atores eram executadas e, para isto, o vocábulo “como” se fez presente ao início de cada uma das minhas indagações. Eu pretendia compreender: como era a vida destes quatro atores antes de irem para o novo território? Como eles se inseriram neste território? Como se deu a ação deles em Tiradentes? Como eles superavam suas provas? Como eles conseguiram fazer seu empreendimento ganhar espaço no território, e conseqüentemente, se desenvolver? Como eles realizavam a gestão do seu empreendimento? Como eles criavam, gerenciavam, transformavam os empreendimentos, os quais pareciam estar firmados na cultura e na história do local, contribuindo conseqüentemente para o território? Como se deu a transformação do território? Como, por extensão, ocorre parte da dinâmica que provoca o desenvolvimento de Tiradentes?

Para chegar nas respostas a estas indagações, a compreensão dos regimes de engajamento foi essencial no que concerne a análise da trajetória temática de cada um dos atores analisados. Tais regimes, propostos por Thévenot (2006), colocam em evidência o esforço conjunto do indivíduo e do seu meio, o qual requer o seu engajamento. Assim, para lidar com a pluralidade de ações, as quais podem ir da mais familiar à mais pública, três regimes elementares de engajamento me auxiliaram a analisar a coordenação que um indivíduo exerce, com ele mesmo, e com

o ambiente em que se encontra inserido. Inerente ao regime de engajamento do nível mais público, se encontra os mundos comuns que enquadram a ação pública, propostos por Boltanski e Thévenot (1991), os quais também são significativos para compreender o movimento e as justificações dos atores diante do coletivo. Um terceiro regime, este proposto por Auray (2011) também me foi útil para analisar as ações dos atores estudados. Os quatro regimes e os mundos comuns, por estarem vinculados às ações que vão do nível individual ao mais público, me auxiliam a argumentar aqui, tanto a defesa da dinâmica indivíduo-território, quanto a gestão das fenomenias.

A dinâmica indivíduo-território só foi passível de averiguação devido a um olhar atento, direcionado a uma perspectiva que tem se mostrado esquecida, ou dada como menos importante em grande parte das pesquisas em ciências sociais, que é o nível micro de análise: o ator. Diante deste esquecimento, Thévenot (2006) assegura que as ciências sociais tendem, explícita ou implicitamente, a favorecer o coletivo e o público, do que o individual e o privado. Da mesma forma, o autor, desejoso por superar estas dualidades de coletivo e indivíduo, de público e privado, de global e local, propôs os três regimes de engajamento.

Inspirada no mesmo desejo, este estudo apresenta uma nova trama, uma outra forma de averiguação e organização, o qual apresenta a vantagem da evidência e da simplicidade. Diferente do pensamento de, e parafraseando Revel (1998), dar um microfone às formigas, pelo contrário, foram aqui dadas uma significação e uma importância à convicção de que as vidas minúsculas dos atores também participam, à sua maneira, da “grande” história do território, da qual elas mesmas dão uma versão diferente, distinta, complexa. Posicionamento este que também vai ao encontro das afirmações de Gumuchian *et al* (2003), visto que, em sua obra, os autores também acentuam e focalizam o papel do indivíduo no processo de desenvolvimento.

Assim, ao reabilitar o ator, ele se torna peça chave para descrever a dinâmica indivíduo-território, evidenciando o território estudado, juntamente com suas macro variáveis. Para Lepetit (1998), os macro fenômenos não são menos reais, e os micro fenômenos não são mais reais (ou inversamente); não há hierarquia entre eles. Ou seja, nenhuma escala desfruta de um privilégio especial. Me baseando em seus argumentos, não houve aqui uma hierarquia de escala, o que significa dizer que ambos os

níveis de análise se mostraram fundamentais para se chegar ao objetivo proposto.

Como destaca Revel (1998), o problema aqui não é tanto opor um alto e um baixo, os grandes e os pequenos, e sim reconhecer que uma realidade social não é a mesma dependendo do nível de análise, ou da escala de observação em que escolhemos nos situar. Desta maneira, a análise de forma conjunta, tanto das políticas públicas, quanto da ação dos indivíduos empreendedores, promove uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento do território pesquisado.

Os indivíduos aqui estudados, por meio do método da história oral temática, são atores que não nascidos no território pesquisado ali se inseriram em diferentes etapas de suas vidas, e igualmente em momentos distintos da história de Tiradentes. Esta escolha se deu porque parti da premissa de que os atores que não são nativos, por migrarem para um novo território, enfrentam mais dificuldades e provas para criar e desenvolver seus empreendimentos, se comparado aos atores nascidos ali.

Assim, partindo desta premissa, analisei a trajetória de cada um dos atores relevando e destacando suas dificuldades, ou parafraseando Thévenot (2006), suas provas, até chegar na relação dinâmica indivíduo-território e na transformação do território e, evidentemente, do indivíduo.

Anteriormente à vinda destes atores, o território já existia e já se transformava. Uma das transformações antecedentes, foi a migração da sua condição de cidade fantasma, a qual sucedeu de 1750 a 1970, para o reconhecimento da sua notabilidade como destino turístico. Muitas ações permitiram esta mudança, como: a revitalização do centro histórico, sustentada pelas empresas estatais, particulares, pelo governo do estado e pelas ações da sociedade civil, permitindo uma nova configuração da principal zona da cidade; a migração de pessoas de outras localidades, acompanhadas por suas experiências e visões de mundo diferenciadas; o surgimento de pousadas e restaurantes; a aparição de artesãos e artistas; a instalação da rede subterrânea de esgoto, assim como outros investimentos realizados no centro histórico pelos empresários, e também pelo poder público; a criação do Programa de incentivo ao desenvolvimento potencial turístico da Estrada Real; os investimentos do BNDES e do PAC das Cidades Históricas; a criação de festivais culturais; a inauguração de museus, incentivando a cultura e a história não apenas da cidade, como do país.

No entanto, mesmo com grandes transformações ocorridas, Tiradentes ainda apresenta problemas antigos: sonegação de impostos, legislação ineficiente e infraestrutura urbana deficiente. Além destas dificuldades, novos incômodos surgiram, como a segregação sócio-espacial, os inconvenientes trazidos pelos festivais, a alta especulação imobiliária, a ausência de um plano diretor.

Todavia, por mais que Tiradentes apresente ainda problemas diversos, alguns deles derivados das próprias transformações ocorridas, as ações dos atores e das políticas públicas foram fundamentais para arrebatar o ciclo de estagnação que se instalou no território durante muitos anos. Estas transformações, por reavivarem a economia local, aliadas às qualidades e às singularidades dos atrativos de Tiradentes, motivaram a mudança de novos atores para a região. Assim foi o caso dos quatro atores estudados, que exauridos das dificuldades que enfrentavam nos grandes centros, ansiavam por encontrar um território com uma qualidade de vida singular. Encontraram em Tiradentes mais do que isto, se depararam com a preservação de características típicas de uma cidade interiorana, o que incluía a qualidade de vida esperada, e ainda com um fluxo turístico intenso e constante, de fundamental importância para o seu trabalho.

Anterior à mudança para Tiradentes, os atores aqui estudados, Junior, Rita, Ricardo e Michel enfrentaram provas na sua cidade natal, as quais proporcionaram a eles um balanço das suas ações, promovendo uma avaliação de si mesmos, das situações e dos ambientes, e um julgamento de suas ações diante do que desejavam para suas vidas. À frente deste balanço realizado, os atores optaram por abandonar a ação em curso (a permanência no grande centro) em favor de outra ação (a mudança para Tiradentes), impondo a si próprios uma nova coordenação, neste caso impulsionada pelo regime do plano e pelo regime de exploração (THÉVENOT, 2006).

Os quatro atores se mudaram para Tiradentes em momentos distintos da sua história de vida, assim como da história do território. Comentarei aqui brevemente estes momentos, e diante disto, preciso enunciar que não pretendo realizar uma análise comparativa dos atores estudados. Apresentarei apenas uma visão de conjunto, apontando as singularidades de cada trajetória traçada, a fim de evidenciar algumas particularidades e semelhanças verificadas no decorrer das análises anteriormente transcritas.

O primeiro a se inserir em Tiradentes foi Junior, em 1988, época em que se iniciavam os primeiros movimentos de transformações do centro da cidade. Na década de 1980, o número de turistas ainda era exíguo, e da mesma forma, haviam pouquíssimas pousadas, e os restaurantes existentes eram rudimentares. Estes fatores dificultaram a comercialização das peças de Junior na cidade, obrigando-o a deixar o território. Junior deixa Tiradentes com pesar, uma vez que a cidade supria seus outros desejos e necessidades, como o de tranquilidade, proximidade com a natureza, qualidade de vida.

Em 1991, é a vez de Ricardo se instalar no território. Nesta época, começavam as divulgações de Tiradentes nos meios de comunicação. Empresários e o poder público investiam fortemente na restauração do centro histórico, o qual começava a apresentar uma nova configuração.

No momento da chegada de Ricardo no território, no início da década de 1990, Tiradentes lidava com a venda de imóveis do Centro Histórico. Os tiradentinos vendiam suas casas antigas e bem localizadas para os novos habitantes e migravam para outras localidades, formando novos bairros. A venda destes imóveis com o passar do tempo despertou perda da identidade da população nativa, e frequentes e intensas intrigas com os novos moradores. Mesmo sem ter se instalado no Centro Histórico, Ricardo enfrentou muitas dificuldades e provas diante deste movimento que começava a ocorrer no território. Tais provas apresentaram impactos negativos na sua vida e no seu trabalho no território.

Dez anos mais tarde, é a vez de Michel se instalar na cidade. No início dos anos 2000, Tiradentes já apresentava um bom desenvolvimento turístico, contava com investimentos do BNDES para restaurações de monumentos históricos da cidade, desfrutava dos dois principais festivais da cidade, e também contava com uma acentuada especulação imobiliária. Sete anos depois, Rita se instala em Tiradentes, e no mesmo ano, Junior retorna à cidade que o tinha acolhido em 1988. No momento da chegada de Rita e retorno de Junior, a preservação dos monumentos históricos do território continuava vigente graças ao investimento do BNDES, e além disto, o desenvolvimento turístico estava mais evidente.

Independente do período que os atores se inseriram no território, Tiradentes trazia novos significados e benfeitorias, relevantes para suas vidas, o que refletia a sua permanência na cidade. Estas benfeitorias foram

promovidas graças às ações das políticas públicas e da sociedade civil. No entanto, além destas ações, é importante destacar que ocorreu e ainda ocorre uma dinamicidade que contribui para o incremento do território de Tiradentes. Dinamicidade esta representada pela ação de cada ator, individualmente considerado.

Gumuchian *et al.* (2003) discursam sobre esta dinamicidade e a força que um ator representa em um território. Para os autores, o ator se encontra na construção dos territórios, ou seja, independente de quem sejam, os atores estão lá e agem. Eles são atuantes, e assim, por meio de suas ações, movimentam o local e interferem também na ação territorial.

Essa dinamicidade não é comumente tratada nas teorias de desenvolvimento. De acordo com Revel (1998), estamos habituados a pensar em termos globais, como o crescimento do Estado, e a formação da sociedade industrial; por outro lado, os mesmos fenômenos podem ser lidos em termos completamente diferentes se tentarmos apreendê-los por intermédio das estratégias individuais, das trajetórias biográficas, individuais ou familiares, dos homens que foram postos diante deles. Segundo o autor, eles não se tornam por isto menos importantes, mas são construídos de maneira diferentes.

Assim, considerando os argumentos de Revel (1998), de Gumuchian *et al.* (2003), enquanto reconsiderando a experiência e a vivência dos atores estudados, e explicando a lógica da interpretação destas experiências em sua singularidade, há novas significações, às quais são essenciais para compreender a dinâmica de um território como o de Tiradentes. Território este que, por ter um tamanho pequeno, se comparado a outros territórios, apresenta a força do ator ainda mais presente e intensa.

Como assegura Gumuchian *et al.* (2003), os atores são atuantes, e com a simples inserção em um território eles já apresentam uma movimentação. “O espaço está em movimento e ele não é impulsionado pela dinâmica imanente; são os homens e as mulheres, pelas suas ações, que o colocam em movimento” (GUMUCHIAN *et al.*, 2003, p.23). Assim, o simples fato dos atores terem se mudado para Tiradentes, de conviverem com as pessoas que lá moram e de usufruírem dos recursos e da economia daquele território, eles já exercem uma ação e apresentam uma movimentação no território.

No entanto, além dos seus movimentos cotidianos, os quatro atores aqui estudados, em seu processo de inserção em Tiradentes, adotaram ações específicas que os auxiliaram a se inserirem na comunidade e a serem reconhecidos pela população. Como por exemplo, a sensibilidade e consciência diante da mudança para um espaço que já apresentava uma história, costumes e tradições, além da atitude respeitosa e cordial que todos praticaram, incluindo o bom convívio com os habitantes que já se encontravam instalados naquele território.

Além de tais práticas, todos os atores, em maior ou menor grau, procuraram se envolver em ações que buscavam à prosperidade do território, ajudando e participando das ações coletivas da cidade, contribuindo para a melhoria de Tiradentes. Tais ações caminhavam na direção do bem comum, respeitavam os interesses gerais e envolviam um senso de coletividade e participação cívica, o que condizia precisamente com o regime público de Thévenot (2006), mais especificamente com o mundo cívico proposto por Boltanski e Thévenot (1991).

A fim de demonstrar que já no momento de inserção no território os atores agiam de forma ativa para contribuir com o local em que estavam inseridos, destacarei aqui as principais ações de cada ator.

Júnior foi o primeiro a migrar para Tiradentes, e durante sua primeira inserção no território, se mobilizou através da participação na corporação dos artesãos, contribuindo com o grupo de artistas que se instalava naquele período na região. Quando retornou para Tiradentes em 2007, o grupo de artistas não existia mais, o que fez com que ele desenvolvesse a mesma prática de inserção na comunidade através do engajamento coletivo. Junior participou como voluntário no Abrigo dos Idosos da cidade, e também nos conselhos municipais, envolvendo este que ocorre até os dias atuais.

Michel também optou em dedicar seu tempo às pessoas desprotegidas, neste caso, desamparadas financeiramente. Durante os primeiros anos em Tiradentes, ele realizou atendimentos voluntários de massoterapia e de acupuntura para os moradores desprovidos de recursos financeiros. Anos mais tarde, com o nascimento da Associação dos Empresários de Tiradentes, Michel e sua esposa se dedicaram também às atividades desta associação. Sua esposa continua desenvolvendo trabalhos em benefício dos empresários da cidade, por meio da Associação, até os dias de hoje.

Rita também se envolveu com a mesma Associação durante um tempo considerável, e por meio dela, desenvolveu projetos públicos em prol do bem comum, a exemplo de sua participação no Conselho do Meio Ambiente, colaborando com o projeto de coleta seletiva do lixo. No entanto, com o passar do tempo, o envolvimento nestes projetos passou a ser desgastante para ela, fazendo-a passar por uma prova. Assim, ao realizar um balanço da sua ação, ela percebeu a necessidade do afastamento no envolvimento de caráter cívico e o foco no regime familiar, dando ênfase ao seu bem-estar pessoal e desempenho profissional.

Ricardo apresentou adversidades no processo de inserção na comunidade; dificuldade esta que enfrenta ainda hoje. Sua inserção, juntamente com sua família, no território de Tiradentes não foi um processo leve, pelo contrário, foi alimentada por dor e frustração durante vários momentos.

Estas provas, por ele enfrentadas, estão ligadas a época da sua mudança para a cidade, a qual ocorreu no início dos anos 1990. Nesta época, Tiradentes estava começando a receber novos residentes vindo de outras localidades, o que, naquele momento, não era algo desejado pelos moradores nativos. Pelo contrário, eram fortes os conflitos advindos da intolerância por parte dos tiradentinos e da disputa por espaço e poder com o pessoal que vinha de outras regiões. Situação esta que se agravava com a venda das suas casas para os novos residentes, assim como o frequente deslocamento dos antigos moradores para as regiões periféricas. Com estas vendas, a configuração da cidade começava a se alterar, e uma barreira de relacionamento aumentava entre os nativos e os novos residentes.

A nomenclatura depreciativa criada pelos nativos para nomear os novos moradores, - extra tiradentinos, fazendo referência aos extra terrestres - ilustra a barreira existente, a qual Ricardo enfrentou desde o início da sua mudança, por não ser um tiradentino. Os demais atores estudados, por outro lado, foram melhor recebidos e não enfrentaram tamanha dificuldade no seu processo de inserção na comunidade, visto que a partir dos anos 2000, o território já apresentava a configuração de um polo agregador.

Diante da prova enfrentada no processo de inserção na comunidade, Ricardo fez um balanço da sua ação e optou por dar voz ao

regime familiar, o que representava a sua continuidade no território de Tiradentes. Permanecendo na cidade, assim como os outros atores, ele também desenvolveu trabalhos voluntários na comunidade, os quais podem ser ilustrados por meio de suas participações nas associações dos artesãos, assim como por meio da doação do seu trabalho artístico para as festas das escolas e blocos de carnaval.

Quanto à etapa de inserção no território, há uma similaridade entre os quatro atores. Eles optaram pelo envolvimento imediato na comunidade, e por meio da sua consciência frente aos costumes e à história do local, no papel de cidadãos, doaram seu tempo e sua energia em ações que de alguma forma contribuíram com a cidade. Por meio de suas ações, os quatro atores, em maior ou menor grau, foram aceitos e acolhidos pela comunidade, e por estarem alinhados a um senso de coletividade e participação cívica, contribuíram para a prosperidade de Tiradentes.

É por meio da interação dos indivíduos, com a cultura do território, com sua história, seus costumes e suas tradições, que ocorre a interessante simbiose indivíduo-território e por consequência, há transformações. As pessoas modificam o território com o que elas fazem, com suas ações, com o convívio com outros moradores; reforçam e aprimoram o território. Da mesma forma, o território também apresenta um reverso, e provoca transformações em outra instância que é o indivíduo. Transformações estas acompanhadas de um movimento que diferente da ação de causa e efeito, é cíclica, ou seja, um provoca transformações no outro.

Assim, essa dinâmica indivíduo-território, em especial nesta etapa de inserção no território, foi significativa para o desenvolvimento de Tiradentes. Dentro dela, além da participação cívica, houve também, no caso dos quatro atores estudados, a criação de empreendimentos, os quais também sofrem transformações dentro deste movimento, e apresentam formas específicas de serem geridos.

Dos quatro atores estudados, Ricardo foi o primeiro a instalar um empreendimento no território, o qual ocorreu no momento da sua chegada em Tiradentes. Seu ateliê de pintura foi instalado no território quando o mesmo não apresentava um turismo desenvolvido, pelo contrário, quando Tiradentes se encontrava no início dos seus movimentos rumo ao seu progresso territorial, o qual ocorreu anos mais tarde graças aos trabalhos realizados pelas políticas públicas e pela sociedade civil organizada.

Devido ao momento que Tiradentes vivia, a ideia do empreendimento inicial de Ricardo não foi oportuna, o que o fez criar uma nova proposta de empreendimento que fosse compatível com a cultura, a história, e o momento vivido pelo território.

Rita e Junior, por outro lado, não apresentaram esta dificuldade, pois instalaram seu empreendimento em 2006, quando a cidade já apresentava um desenvolvimento relevante e um turismo volumoso. As políticas públicas e ações da sociedade civil, que permitiram que Tiradentes migrasse de uma cidade fantasma à um destino turístico conhecido nacional e internacionalmente, foram fundamentais para os atores instalarem seus empreendimentos neste território, criando, produzindo e comercializando seus produtos e serviços. Assim, em uma época mais farta do território, Rita criou seu ateliê de cerâmica, e Junior, sua galeria de arte para expor suas esculturas em madeira.

Michel foi o último dos quatro atores a criar o seu empreendimento na cidade. Mesmo tendo se instalado no território em 2001, foi em 2008 que ele criou sua pousada, após ter passado por várias provas relacionadas principalmente a sua sobrevivência financeira na cidade. Tais provas foram superadas, mas quase levou ao seu retorno à capital mineira. No momento da instalação da sua pousada, a qual começou primeiramente como casa de temporada, o desenvolvimento do turismo de Tiradentes se encontrava intenso.

A criação dos empreendimentos dos quatro atores foi empoderada pelo regime do plano e pelo regime de exploração, regimes estes que impactaram em toda a gestão. No caso de Rita e Junior, a criação do empreendimento está ligada diretamente à mudança para o território de Tiradentes, enquanto na situação de Ricardo e Michel, a criação está ligada às adversidades que o próprio território os colocou. Em ambos os casos, foi através da superação de suas provas que brotaram seus empreendimentos e, conseqüentemente, sua gestão.

Esses quatro empreendimentos não são microempresas no sentido tradicional. Seu tamanho é sim pequeno, no entanto, sua racionalidade não é puramente econômica, e seus proprietários não estão interessados somente em questões financeiras, no lucro propriamente dito; suas buscas vão além, e os satisfazem quando deparados com a autorrealização, satisfação, criatividade, liberdade e autonomia.

Tais empreendimentos criados apresentam semelhanças com um conceito teórico elaborado por Guerreiro Ramos (1989), nomeado como fenomenia. No entanto, as ações realizadas pelos atores nestes empreendimentos apresentam-se mais complexas do que a visão ideal proposta pelo autor.

A teoria da delimitação dos sistemas sociais de Guerreiro Ramos apresenta um paradigma multidimensional, o qual envolve uma visão da sociedade como sendo constituída de uma variedade de enclaves, dos quais o mercado é apenas um. A teoria do autor parte do pressuposto de que o mercado constitui um enclave dentro de uma realidade social multicêntrica, onde há uma variedade de padrões de relações interpessoais. Assim, o enclave da fenomenia, o qual faz parte desta proposta de paradigma, não permite que interferências de caráter instrumental, ou ainda, preocupações derivadas do enclave do mercado, desviem a atividade de seu rumo.

No entanto, mesmo apresentando muitas das características que Guerreiro Ramos aborda como fenomenia, os empreendimentos dos quatro atores estudados apresentam uma ligação significativa com o enclave do mercado. Ligação esta que se torna importante para a sobrevivência dos seus proprietários e da organização como um todo. Assim, a relação da fenomenia com o mercado, que parece ausente na teoria de Guerreiro Ramos, mostrou-se fundamental para o desenvolvimento e a permanência das fenomenias dos atores.

Baseando-me nas ações dos atores e em como eles agem, pude verificar que seus empreendimentos são geridos de forma muito especial e particular, tendo algumas semelhanças com as fenomenias e também com algumas práticas típicas das organizações voltadas especificamente ao enclave do mercado, como por exemplo, a divulgação, as alianças e parcerias, o atendimento, e a forte interação com o cliente. Em três dos quatro empreendimentos estudados, também foram encontrados outros aspectos concernentes às organizações pertencentes novamente ao enclave do mercado como: a importância de um ponto fixo, a abertura à críticas e *feedbacks*, a comercialização do produto e a rede de relacionamentos. Todas estas práticas se mostraram evidentes na gestão dos empreendimentos dos atores e se revelaram importantes para a prosperidade da sua fenomenia.

Da mesma forma, estas práticas estão ligadas ao regime público, especificamente ao mundo mercantil proposto por Boltanski e Thévenot (1991), o qual coloca ênfase no produto ou serviço a ser comercializado, e no papel da coordenação necessária para que esta comercialização se realize. Diferente das características da fenonomia e também do mundo da inspiração, o mundo mercantil e a gestão voltada às organizações pertencentes a este mundo caracterizam como condições necessárias para detectar as oportunidades do mercado e fazer bons negócios: a racionalidade econômica, a distância emocional e, ao mesmo tempo, o controle das emoções.

Além destas práticas, condizentes ao mundo mercantil e as organizações pertencentes a este mundo, os quatro empreendimentos estudados apresentaram também outras características que condizem tanto com o enclave da fenonomia, como com o enclave do mercado, como: inovação, diferenciação, originalidade, estudos e pesquisas, aprimoramento contínuo, criatividade e qualidade do produto ou serviço. Todas estas práticas administrativas estão atreladas não apenas à motivação interior dos membros da organização, como também à garantia da comercialização do seu produto e serviço. Além disto, três dos quatro empreendimentos estudados apresentaram a experiência prática como uma realidade de gestão, realidade esta que esta presente tanto no enclave da fenonomia como em organizações pertencentes ao mundo mercantil.

Quanto aos aspectos da gestão pertencentes ao enclave da fenonomia, os quatro empreendimentos estudados apresentaram autonomia, aprendizado constante, criação prazerosa e motivadora, liberdade e flexibilidade para criar, satisfação e autorrealização, mescla de vida e trabalho, e tamanho autorregulado. Características estas que, com exceção da mescla de vida e trabalho e do tamanho autorregulado, estão ligados ao regime público predominantemente ao mundo da inspiração, proposto por Boltanski e Thévenot (1991). Este mundo se manifesta pelas emoções e pelas paixões, bem como privilegia a singularidade, a originalidade e a espontaneidade autêntica, sincera e involuntária.

Além destas características pertencentes ao enclave da fenonomia, os empreendimentos dos quatro atores estudados apresentaram concordância no que concerne a coordenação do indivíduo com ele e seu entorno, o que representa a ligação dos atores e seus empreendimentos

com o território em que se encontram instalados. Quer dizer, estas fenomenias apresentam produtos e serviços relacionados com a cultura, com a história, com as tradições do território, e na mesma medida, apresentam uma racionalidade ligada à fatores culturais, históricos, conviviais.

Estes aspectos estão alinhados à perspectiva da economia plural, a qual resulta em uma pluralidade de iniciativas que leva em conta as interfaces entre as esferas econômica, ecológica, social e política (ANDION; SERVA; LÉVESQUE, 2006). Assim, diante dos resultados deste estudo, a correspondência da economia plural com o enclave da fenonomia proposto por Guerreiro Ramos se mostrou expressivo. Correspondência esta também constatada no trabalho de Serva e Andion (2007).

Além da economia plural, o desenvolvimento territorial sustentável também se mostrou um ponto comum na fenonomia dos quatro atores estudados, uma vez que eles consideraram a diversidade, os traços distintivos, as potencialidades e as complementaridade do território em que eles se inseriram (JEAN, 2010).

As afinidades encontradas na gestão dos empreendimentos dos quatro atores estudados no que diz respeito à fenonomia, à gestão cotidiana e os pontos convergentes entre eles, podem ser conferidos na figura abaixo.

Figura 33 - Gestão dos empreendimentos de Junior, Ricardo, Rita e Michel



Fonte: Elaborado pela autora

Assim, por meio da ação e graças aos caminhos traçados por ela, pude verificar que os pontos convergentes da gestão dos quatro empreendimentos pesquisados são mais numerosos no círculo que representa a fenomenia, se comparado à gestão cotidiana, conforme ilustrado na figura 33. No entanto, a figura demonstra que estes empreendimentos apresentam uma gestão particular e especial, que condiz não apenas com a teoria da fenomenia, como também com as características, ainda que poucas, alusivas à gestão das organizações pertencentes ao enclave do mercado, gestão esta habitualmente tratada nas teorias de Administração.

A gestão cotidiana representada na figura assegura que práticas típicas do enclave do mercado estão presentes nestes empreendimentos. Isto prova que a fenomenia de Guerreiro Ramos é um tipo ideal, ou seja,

um tipo puro com padrões concretos. Este tipo ideal, uma espécie de guia que ajuda a verificar como os fenômenos ocorrem na realidade, se mostrou dissonante na prática, uma vez que constatei que os atores sobrevivem dos produtos e serviços que ofertam, e por consequência, sobrevivem do enclave do mercado, mesmo pertencendo ao enclave da fenonomia. No entanto, a racionalidade destes empreendimentos não é puramente econômica e utilitária, há também a força de outros fatores como os culturais e históricos, como a convivialidade, a história de vida das pessoas, e os objetivos de vida delas.

Os atores estudados não se mostraram ser pessoas excessivamente competitivas, no entanto eles manifestam plena consciência de que para sobreviver com seus empreendimentos eles precisam agir levando em conta algumas práticas do mercado. Sendo assim, a gestão dos empreendimentos dos atores pesquisados apresenta características da fenonomia correspondentes com o tipo ideal elaborado por Guerreiro Ramos, como também práticas administrativas clássicas e tradicionais, tão presentes no enclave do mercado. Isso quer dizer que, na prática, os empreendimentos dos atores são uma combinação complexa de ambas visões da realidade: uma mescla do enclave da fenonomia com o enclave do mercado. Mesmo havendo esta mescla, é importante ressaltar que estes empreendimentos apresentam mais características voltadas ao enclave da fenonomia, conforme demonstrado na figura 33.

A figura ainda demonstra, pela interseção entre os círculos da fenonomia com a gestão cotidiana, que algumas das práticas visíveis no enclave das fenomias são também perceptíveis no enclave do mercado, enclave este onde se encontram os micro empreendimentos, e até mesmo empresas de maior porte, ou seja, enclave este frequentemente discursado nas teorias da Administração.

Assim, há elementos de gestão que são fundamentais e essenciais para qualquer organização, independente do enclave em que ela se situa. Por exemplo, elementos como a inovação, a originalidade e a criatividade, as quais ocasionam a diferenciação do seu produto ou serviço; estudos e pesquisa, os quais estão diretamente alinhados ao aprimoramento contínuo e; por fim, a qualidade do produto ou serviço, conceito este que não pode ser deixado ao acaso, sendo impossível sobreviver com sua ausência.

Os quatro empreendimentos estudados apresentam produtos e serviços diferenciados e únicos, se comparado com outros empreendimentos do território. Esta diferenciação, por vezes relacionada à originalidade, criatividade e inovação - elementos estes pertencentes a toda e qualquer organização, independente do enclave em que se situa - se mostrou um dos pontos mais relevantes da gestão dos empreendimentos estudados. A diferenciação se dá pelo fato destes elementos estarem ancorados e vinculados à cultura e à história do território, e, igualmente, por apresentarem a característica da singularidade evidenciada. Isto representa a coordenação do indivíduo não apenas com ele como também com o seu entorno – o que é uma das características manifestada no enclave da fenonomia.

No que concerne a diferenciação do produto, Junior desenvolve esculturas em madeira inspiradas na Curva de *Moebius*, a principal característica do seu trabalho como escultor. Suas esculturas em madeira derivadas desta inspiração são obras diferenciadas e únicas que, além de configurarem seu diferencial e assegurarem sua comercialização, apresentam compatibilidade com o que o território demanda: produtos originais, atraentes aos olhos dos turistas. E assim, agregam ao território importância.

Da mesma forma, as peças de cerâmica elaboradas por Rita apresentam harmonia com o que Tiradentes requer e necessita: produtos distintos e particulares que provocam o interesse de compra não só dos turistas como também daqueles que lá residem. A singularidade das suas peças resultou em uma parceria firmada entre ela e o restaurante da cidade. A união de Rita com o restaurante garantiu uma combinação de bens compatível com o perfil do território. Combinação esta representada pela singularidade da comida do chef do restaurante aliada a singularidade das peças de cerâmica de Rita. Tal combinação, ou melhor, a criação desta “cesta de bens” colabora com a formação da imagem de Tiradentes, contribuindo significativamente com o território (PECQUEUR, 2000).

Ricardo igualmente valoriza as potencialidades do território por meio da sua pintura com estilo barroco em suas placas de ferro decorativas, e também pelo seu movimento constante de criação, o qual resulta em uma arte singular e original.

Michel, da mesma forma, também apresenta um diferencial. Por mais que seu empreendimento não ofereça produtos artísticos como o caso

dos três atores anteriormente discursados, ele, em contrapartida, proporciona aos seus clientes um serviço singular: um consultório terapêutico estruturado em sua pousada. Além da particularidade do seu empreendimento, sua pousada se relaciona de forma saudável e respeitosa com o território em que ela se encontra inserida.

A relação do produto com a cultura do território aparece aqui como um fator importante para a gestão da fenonomia dos atores. Além disto, esta relação apresenta ligação com três aspectos pertencentes ao enclave da fenonomia: coordenação do indivíduo com ele e seu entorno, economia plural e desenvolvimento territorial sustentável. Estes produtos e serviços particulares e únicos, além de serem o diferencial dos seus empreendedores e assegurarem sua comercialização, são também compatíveis com o que o território demanda, uma vez que são produtos e serviços originais encontrados somente no território de Tiradentes. Assim, conseguem atrair a atenção dos turistas e consequentemente agregar importância ao território.

A contribuição destes atores para o território de Tiradentes também ocorre por meio da especificidade do que ofertam através de suas fenomenias, visto que, o território apresenta carência de empreendimentos com produtos e serviços de conteúdo. Diante desta carência, é possível assegurar que os quatro empreendimentos, por meio dos produtos e serviços únicos, com diferenciais fortes, acrescentam valor ao território, e apresentam congruência com a especificidade local (PECQUER, 2000).

Frente a esta argumentação, julgo ser válida a defesa de que a ação de um ator, por meio do seu pequeno empreendimento, da sua fenonomia, pode contribuir com a construção e com o progresso de um território. É no coração do território de Tiradentes que estes atores se encontram, e por meio de suas ações cotidianas, rotineiras, individuais, coletivas, administrativas, é que se processam significativas contribuições ao desenvolvimento. O que corrobora com a assertiva de Gumuchian *et al* (2003): o ator se encontra no coração da abordagem territorial, sendo impossível conceber um território sem atores, ao ponto de nada fazer sem eles.

Além disto, estes produtos e serviços singulares, desenvolvidos pelos atores estudados, aliados aos eventos culturais, à beleza da cidade e a sua arquitetura, contribuem também com o perfil do público que

frequenta a cidade: pessoas interessadas em arte, história, cultura; pessoas que conservam e não desfiguram a paisagem, os costumes, as memórias, os monumentos. Ou seja, um perfil de pessoas que igualmente valorizam o território.

Em vista disto, Tiradentes se beneficia das fenomenias instaladas em seu território, uma vez que carecia, e ainda carece, de empreendimentos ousados e inovadores, com produtos e serviços ligados a cultura e a história do território, que agregam a ele valor. Também por apresentar esta carência, as fenomenias, que hoje fazem parte da cidade de Tiradentes, são uma realidade importante para a economia do território; afinal, por mais que as políticas públicas e a sociedade civil tenham desenvolvido ações que propiciaram o turismo do local, sem estas fenomenias talvez não existiria qualquer progresso e evolução, fazendo com que Tiradentes continuasse à sombra do esquecimento.

Em outras palavras, afirmo que foram as políticas públicas e as ações da sociedade civil que fizeram com que Tiradentes deixasse de ser uma cidade abandonada e se tornasse um destino turístico conhecido nacional e internacionalmente, viabilizando o desenvolvimento do turismo e, por conseguinte, a instalação das fenomenias com seus produtos únicos e singulares. Ao mesmo tempo, são estas fenomenias que tornam o território vívido, que o estimulam, que o movimentam, que o impulsionam.

Logo, o território proporcionou o progresso destas fenomenias, e as fenomenias, por sua vez, o progresso de Tiradentes. O que faz com que haja uma troca clara entre os atores estudados e a cidade de Tiradentes.

Além das fenomenias, o território proporcionou também um impacto notável na vida pessoal e profissional dos atores estudados. No âmbito pessoal, pelos atores terem conseguido conquistar o que tanto buscavam: qualidade de vida; e no âmbito profissional, por terem conseguido instalar em Tiradentes um empreendimento condizente as suas aspirações, o qual possibilita a mistura de vida pessoal e profissional, além de autorrealização. Assim, mesmo vivendo no interior do Brasil, os atores desfrutaram de uma qualidade de vida inquestionável, e devido a isto, não cogitam a ideia de deixar este território.

Assim, defendo que é a ação dos atores que dá uma resposta ao ambiente proporcionado pelas políticas públicas, pelas ações públicas e pelas grandes ações, e é nessa dinâmica do território onde se encontram

as macro e as micro variáveis, que se produz uma transformação, a qual chamo de desenvolvimento.

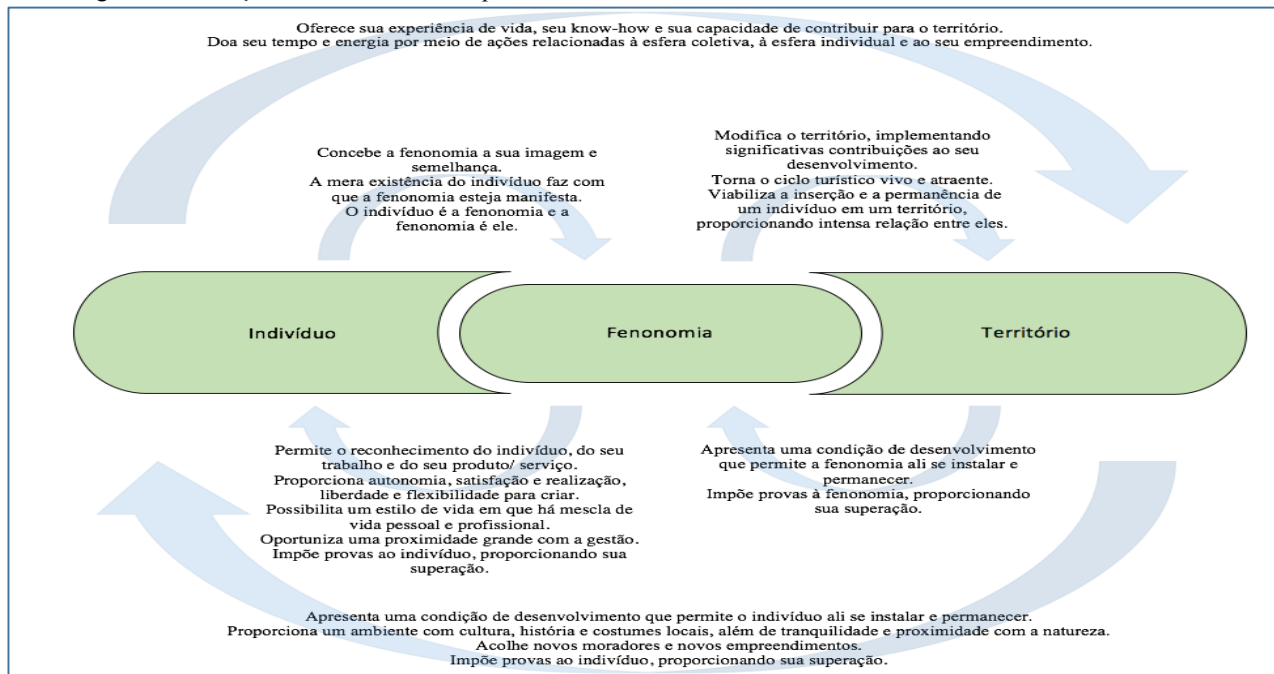
Desenvolvimento este que não é exclusivamente interpretado como sinônimo de progresso e aumento de riqueza, pelo contrário, desenvolvimento que enaltece o potencial do território, que interessa à grande parte da população, que enfatiza as dimensões sociocultural e socioambiental, além da variável socioeconômica. O que esta de acordo com a concepção de desenvolvimento adotada nesta tese, a qual foi além do prisma econômico, quer dizer, enfocou também aspectos ecológico, espacial e cultural, valorizando a memória, a cultura, a identidade, a tradição, a história, os recursos naturais e as instituições locais, levando em conta as singularidades e particularidades do território estudado.

Baseando-me nesta visão, foi possível considerar outras interfaces, além da perspectiva macro, ao evidenciar fortemente o fenômeno micro de análise: o ator, e assim, verificar que a “vida minúscula” destes atores também participa da “grande” história do território (REVEL, 1998). Deste modo, ao focalizar o papel do indivíduo no processo de desenvolvimento, como propunham Gumuchian *et al* (2003), foi possível constatar que tanto os fenômenos macro quanto fenômenos micro são uma realidade do território, não havendo qualquer importância superior (LEPETIT, 1998).

Os pontos abordados neste capítulo demonstram a relação dinâmica indivíduo e território por meio da fenomenia, o quer dizer que Tiradentes influenciou e influencia os atores; e, da mesma forma, os atores, por meio da sua fenomenia e da sua gestão expressiva, particular e especial, influenciam o território de Tiradentes. Nesta ligação repleta de ações reversas e, portanto, complexas, ambos crescem, amadurecem, e neste movimento evidencia-se um desenvolvimento.

A figura 34, ilustrada na sequência, manifesta todo este movimento de influências, impactos e repercussões em que o indivíduo modifica a fenomenia, a fenomenia modifica o território e o território, por sua vez, modifica o indivíduo. Modificação esta que ocorre uns com os outros incessantemente.

Figura 34 - Relação indivíduo território por meio da fenomenia



Fonte: Elaborado pela autora

A figura demonstra, no que diz respeito a ação do indivíduo diante da fenonomia, que é o indivíduo quem a concebe, a cria e a desenvolve, a partir das suas vivências, das suas provas, do seu conhecimento, da sua história, dos seus desejos e sonhos. Assim, é a existência do indivíduo que faz com que a fenonomia esteja manifesta; sem o indivíduo a fenonomia não existe. Logo, o indivíduo é a fenonomia e a fenonomia é ele.

No que concerne a ação da fenonomia perante o indivíduo, a figura demonstra que é a fenonomia que faz com que o indivíduo se reconheça, reconheça seu trabalho, bem como o produto ou serviço que oferece. Isto ocorre porque é por meio dela que o indivíduo consegue revelar a sua história de vida, suas vivências, seus desejos. Assim, como a fenonomia é uma organização que está inerente ao indivíduo criador, ela o proporciona autonomia, satisfação e realização, além de aprendizado constante, liberdade e flexibilidade para criar – sendo esta criação prazerosa e motivadora. Além disto, a fenonomia também proporciona ao indivíduo um estilo de vida em que há uma grande mistura entre a vida pessoal e profissional, bem como uma proximidade grande com a gestão do empreendimento. Esta gestão e o cotidiano da fenonomia impõem provas ao indivíduo, proporcionando sua superação. Desta forma, sendo o indivíduo a fenonomia e a fenonomia o indivíduo, há uma troca eterna entre eles.

É perceptível a existência de uma troca constante entre a fenonomia e o território, uma vez que a fenonomia modifica o território ao implementar significativas contribuições ao seu desenvolvimento. Por meio dela são oferecidos produtos e serviços, que devido a correspondência com a cultura e a história do território, tornam o ciclo turístico na cidade vivo e atraente. Além disto, é a fenonomia quem viabiliza a inserção e a permanência do indivíduo no território, e, ao proporcionar esta inserção, ela faz com que haja intensa relação entre o indivíduo e o território.

O inverso é igualmente verdadeiro, o território também contribui com a fenonomia, como aponta a figura 34. É ele quem oferece uma condição de desenvolvimento que permite a fenonomia ali se instalar e permanecer. No caso de Tiradentes, a condição de desenvolvimento foi proporcionada graças as ações das políticas públicas e da sociedade civil, as quais foram responsáveis pelo renascimento e desenvolvimento do

território. O território igualmente impõe provas a fenonomia, proporcionando sua superação.

Por fim, a figura apresenta a relação indivíduo e território. Nesta, partindo do indivíduo, o mesmo oferece ao território sua experiência de vida, seu *know-how* e sua capacidade de contribuição com o local em que está inserido. O indivíduo então, a fim de contribuir, doa seu tempo e sua energia, seja por meio da participação em ações coletivas, seja por meio de ações individuais pontuais, ou, ainda, através do empreendimento criado naquele território.

A reciprocidade do território para com o indivíduo é igualmente autêntica. O território apresenta uma condição de desenvolvimento que permite o indivíduo ali se instalar e permanecer. Além do desenvolvimento, o território estudado proporciona também um ambiente repleto de cultura, história e costumes locais, além de tranquilidade e proximidade com a natureza, que é o que muitos dos indivíduos buscam no local. O acolhimento do território diante dos novos moradores e novos empreendimentos também permite que os indivíduos e empreendimentos ali permaneçam, uma vez que este acolhimento possibilita o reconhecimento do indivíduo, do seu trabalho e produto. Da mesma forma, o território também impõe provas ao indivíduo, proporcionando sua superação.

O encaixe de teorias de diferentes domínios de pesquisa, como o paradigma paraeconômico de Guerreiro Ramos com o enclave da fenonomia, como a sociologia pragmática francesa de Laurent Thévenot e Luc Boltanski com os mundos comuns e os regimes de engajamento, como a experiência da microanálise de Jacques Revel e seus colegas com a importância da relação das escalas micro e macro; e, por fim, como o ator territorializado de Hervé Gumuchian e colegas com a importância do ator no território, me permitiu compreender a relação indivíduo território. Levando-me a conclusão que a história do território e seu desenvolvimento se constrói conjuntamente com os fenômenos macro e micro. E é o ator que semeia este desenvolvimento.

7 CONCLUSÕES

Um longo caminho foi percorrido nestes quatro anos para finalmente chegar neste capítulo final da tese. Capítulo este em que apresento as conclusões do meu estudo de doutorado, o qual começou com um genuíno interesse em estudar a vida de pessoas comuns e suas ações na gestão de fenomenias.

Além de diálogos, leitura, questionamentos, o percurso também se desenvolveu em quilômetros de estrada. Isso porque além das viagens proporcionadas pelos livros, houve também a exploração e a aventura proporcionada pela mudança física de cidade e até mesmo de país.

Similar à trajetória dos atores aqui analisados, os quais deixaram sua cidade natal e se dirigiram para outra localidade em busca da conquista dos seus desejos mais íntimos, também me foi necessária coragem para desapegar do conhecido e do seguro, dos familiares e amigos e igualmente da cidade que vinha me acolhendo até então, para migrar, por um período de tempo, em direção a outro território. Território este que eu não possuía qualquer contato ou laço afetivo, o que apresenta similaridade, mais uma vez, com a história dos atores aqui estudados. Falo, neste momento, de Tiradentes, da cidade interiorana de Minas Gerais; do território que me apresentou os indivíduos que tanto ansiava por estudar e que, com suas histórias de vidas, me impulsionavam a enfrentar minhas “provas” e continuar com meu processo migratório em direção a outra localidade, em busca de mais conhecimento.

Foi assim, inspirada também em suas histórias e trajetórias, que me desloquei mais uma vez, nesta ocasião em direção a uma capital. Pronuncio, neste instante, a respeito de Paris, a capital da França, da arte, da cultura, da moda; o berço do iluminismo e da sociologia pragmática francesa, teoria esta que possibilitou, após tantos quilômetros percorridos, o alcance dos resultados e finalmente as considerações desta tese de doutorado.

Muitos questionamentos estiveram presentes nesta trajetória para se chegar no objetivo geral de compreender a relação dinâmica indivíduo-território na promoção do desenvolvimento e das transformações de Tiradentes (MG) desde os anos 1980, ressaltando as fenomenias e sua gestão.

Tais questionamentos estavam relacionados desde o desenvolvimento econômico dos pequenos municípios do interior do país – municípios estes com características essencialmente ou significativamente rurais –, até a trajetória das fenonomias – estas criadas pelos atores no território.

No que concerne ao desenvolvimento destes pequenos municípios, me interessava saber como que se desenvolviam economicamente territórios que se situam no interior do país, os quais muitas vezes se encontram distantes dos grandes centros urbanos, não apresentam empresas modernas e também não usufruem da atividade agropecuária. Diante destas suposições, duas questões careciam de respostas: esses pequenos municípios recorrem a quê para sobreviverem? Que ativos estas cidades apresentam que podem ser transformados em recursos, promovendo o seu desenvolvimento econômico, social e cultural?

Optei por colocar uma lupa em cima de um município que apresentava as seguintes características: menos de dez mil habitantes, localização distante de um grande centro urbano, com mínima atividade agrícola e industrial, para poder compreender como ocorria seu desenvolvimento. A pesquisa logo indicou que ele revelava atrativos que estimulavam as pessoas a ali se colocarem, fosse para conhecer, para morar, ou mesmo para empreender.

Estes primeiros achados pareciam corroborar com o argumento de Abramovay (1998), o qual destaca que o pequeno município, também chamado de rural, não é apenas um espaço produtivo, mas um espaço de vida, portador de uma identidade própria, capaz de gerar inovações e novas oportunidades de desenvolvimento. Da mesma forma, os achados pareciam igualmente validar os argumentos de Wanderley (2005), que consideram o rural como portador de suas próprias soluções uma vez que encontra alternativas para o problema do emprego, para a melhoria de qualidade de vida, para as relações pessoais.

A fim de averiguar se de fato seriam estes os resultados que eu encontraria, debrucei-me sob um território mineiro de 6981 habitantes, estagnado após o término do período da mineração, e que devido às ações das políticas públicas, da sociedade civil organizada e também das ações das fenonomias - como este trabalho sugere - restabeleceu-se economicamente, recebendo no ano de 2013, segundo dados da Secretaria

de Turismo, a visita de 350 mil pessoas, ou seja, cinquenta vezes a sua população residente.

Deste modo, me atraía saber a história deste município e igualmente a história das pessoas que ali viviam, em especial aquelas que criaram uma fenonomia compatível com o perfil deste território chamado Tiradentes.

Os questionamentos referentes ao território, aos indivíduos estudados e suas fenomenias, são resgatados em seu conjunto neste capítulo. Passo então a defender a tese de que o indivíduo transforma o território, igualmente o território transforma o indivíduo, e nesta relação dinâmica indivíduo-território também há significativas contribuições ao desenvolvimento.

Antes de relatar os resultados encontrados, acredito ser importante frisar que minhas análises e resultados da pesquisa em Tiradentes não devem ser encarados como extensivos a outros territórios interioranos, em termos do seu desenvolvimento socioeconômico. Aponto que esta pesquisa se trata de um caso particular, que pode gerar inferências e inspirações para o estudo de outras cidades do interior do Brasil. Assim, declaro que este trabalho não tem o objetivo de provocar a replicação da trajetória e ações verificadas em Tiradentes.

O resultado deste estudo demonstrou que as histórias de vida dos quatro atores estudados foram marcadas por *épreuves*, quer dizer provas, as quais desencadearam um balanço de suas ações, promovendo uma avaliação das suas condutas, das situações, dos ambientes, das pessoas envolvidas, do passado e do presente, resultando, por fim, em um julgamento de suas ações diante do que almejavam para suas vidas.

Acompanhado pelos regimes de engajamento, em especial pelo regime do plano e pelo regime de exploração (THÉVENOT, 2006; AURAY, 2011), os quatro atores estabeleceram uma nova coordenação com eles mesmos e com os seus mundos/ambientes ao abandonarem sua cidade natal e migrarem para Tiradentes.

Esta mudança ocorreu em épocas distintas da história de vida dos atores, e também em períodos diferentes da história do território. Independente do momento de inserção dos novos moradores, Tiradentes já apresentava significados e benfeitorias, promovidos graças às ações da sociedade civil e das políticas públicas, que vinham de encontro com o que os atores aspiravam para seu futuro.

Quanto ao processo de inserção no território, os atores agiram de forma ativa para contribuir com o local em que estavam se inserindo. No entanto, a simples inserção em Tiradentes, o convívio com as pessoas do lugar e o usufruto dos recursos e da economia do local já apresentam um movimento ativo por parte dos atores no território estudado. O que corrobora com a visão de Gumuchian *et al.* (2003, p.23) “o espaço está em movimento e ele não é impulsionado pela dinâmica imanente; são os homens e as mulheres, pelas suas ações, que o colocam em movimento”.

Os atores também participaram de ações coletivas da cidade (as quais se encontram alinhadas ao regime público de Thévenot (2006), mais especificamente ao mundo cívico proposto por Boltanski e Thévenot (1991) contribuindo para a melhoria e a prosperidade de Tiradentes.

Outra forma de inserção no território ocorreu por meio da criação de um empreendimento; criação esta empoderada pelo regime do plano e pelo regime de exploração.

Estes empreendimentos criados apresentaram semelhanças com o conceito teórico de fenonomia elaborado por Guerreiro Ramos (1989). No entanto, suas ações cotidianas mostraram ser mais complexas do que a visão idealizada pelo autor, uma vez que elas apresentam também interferências de caráter instrumental e preocupações derivadas do enclave do mercado - interferências e preocupações estas negadas pelo autor. Assim, pude constatar que não há um tipo ideal e puro de organização, conforme Guerreiro Ramos sugeria; isto não corresponde à realidade. A realidade é composta por organizações que apresentam características de enclaves diferentes.

Nos quatro casos estudados, a gestão das organizações refletiu práticas comuns do enclave da fenonomia, além de práticas típicas de organizações voltadas especificamente ao mercado, apresentando compatibilidade com dois mundos comuns: o mundo da inspiração e o mundo mercantil. Esta mescla de mundos comuns, e também de práticas típicas do enclave da fenonomia e das organizações voltadas especificamente ao enclave do mercado, tornam a gestão destes empreendimentos estudados muito especial e particular, que condiz não apenas com a teoria da fenonomia, como também com as características, ainda que poucas, alusivas à gestão das organizações pertencentes ao enclave do mercado, gestão esta comumente tratada nas teorias de Administração.

Ainda diante da mescla dos mundos e das práticas típicas da fenonomia e das organizações voltadas exclusivamente ao mercado, os empreendimentos analisados apresentaram práticas cotidianas condizentes aos dois enclaves. Isso quer dizer que estas práticas administrativas estão atreladas não apenas à motivação interior dos membros da organização, como também à garantia da comercialização do seu produto e serviço. O que demonstra que os empreendimentos estudados são na prática uma combinação complexa de ambas as visões da realidade.

Esta combinação também é expressa no perfil dos atores estudados. Eles não se mostraram ser pessoas excessivamente competitivas, no entanto manifestam plena consciência de que para sobreviver com seus empreendimentos, precisam agir levando em conta algumas práticas do mercado. Tal consciência não poderia ser diferente, uma vez que os atores sobrevivem dos produtos e serviços que ofertam, por consequência, sobrevivem do mercado. No entanto, a racionalidade não é puramente econômica e utilitária, há também a força de outros fatores como a convivialidade, a história de vida das pessoas e seus objetivos de vida.

Outra particularidade verificada diz respeito aos produtos e serviços frutos destas fenomenias, os quais apresentaram relação com a cultura, com a história, com as tradições do território. Isso demonstra que há uma ligação dos atores e seus empreendimentos com o território em que se encontram inseridos, ou seja, há uma coordenação do indivíduo com ele mesmo e com seu entorno. Coordenação esta que também apresenta relação com a economia plural e com o desenvolvimento territorial sustentável, fatores considerados de total importância para a gestão da fenonomia dos atores.

Estes produtos e serviços particulares e únicos, além de serem o diferencial dos seus empreendedores e assegurarem sua comercialização, são também compatíveis com o que o território demanda: produtos e serviços únicos, com diferenciais fortes, os quais acrescentam valores ao território e apresentam congruência com a especificidade local (PECQUEUR, 2000).

Esses produtos e serviços singulares, desenvolvidos pelos atores estudados, aliados aos eventos culturais, à beleza da cidade e a sua arquitetura, contribuem também com o perfil do público que frequenta o território: pessoas interessadas no que o local tem a oferecer. Assim, da

mesma forma que Tiradentes se beneficia da sua beleza natural, dos seus atrativos históricos, da sua arquitetura barroca, dos seus eventos culturais, ela também usufrui das fenomenias ali instaladas. Estas fenomenias, por meio da especificidade de seus produtos e serviços, os quais estão ligados a cultura e a história do território, agregam a ele valor.

Deste modo, concluo que a ação dos atores estudados, por meio da sua fenomenia, contribui com a construção e com o progresso do território de Tiradentes. Afinal, são os atores e suas fenomenias que tornam o território vívido, sendo uma realidade importante também para sua economia.

É por meio da interação dos indivíduos, com a cultura do território, com sua história, com seus costumes, com suas tradições, que ocorre a interessante simbiose indivíduo-território. Simbiose esta que, por consequência, acarreta transformações, as quais são acompanhadas de um movimento cíclico em que um provoca alterações no outro. Ou seja, as pessoas modificam e aprimoram o território em que elas se encontram inseridas com o que elas fazem, com suas ações, com o convívio com outros moradores. Em contrapartida, o território também apresenta um reverso e provoca transformações em outra instância, na esfera do indivíduo.

Anteriormente à vinda destes atores, o território já existia e já se transformava. Muitas ações efetuadas foram importantes para a prosperidade do território, e, ainda hoje, continuam sendo de grande relevância para Tiradentes, em especial, as ações das políticas públicas ainda em vigor. Ao mesmo tempo, é o trabalho das pessoas comuns que, com suas fenomenias, ajuda a sustentar o turismo por meio dos seus atrativos únicos, os quais se encontram em harmonia com a história e a cultura do local onde estão inseridos. Assim, são os pequenos atores que se apresentam continuamente ativos no dia a dia do território, recebendo turistas, promovendo a economia do local.

Por este viés, posso inferir que de nada adiantaria, por exemplo, consertar a Igreja Matriz e realizar as diversas obras de preservação do patrimônio histórico e cultural se não existisse, em paralelo, a atuação destes atores com suas fenomenias. Não apresento aqui a ideia de que a preservação do patrimônio não é importante para este território que vive especialmente do turismo, pelo contrário, ela definitivamente apresenta valor. No entanto, minha defesa se concentra na relevância dos pequenos

atores com suas fenomenias, as quais configuram boas respostas às políticas públicas, representando, desta forma, o cimento do desenvolvimento territorial sustentável.

Assim, infiro que o território se constrói por meio da conjuntura de ambas as partes. É o macro (políticas públicas) e o micro (indivíduo) que garante sua bonança. Afinal, se os atores estudados e suas fenomenias estivessem desconectados da esfera macro e não contassem com seu suporte, seguramente, teriam o dobro de dificuldade para instalar suas fenomenias no território; por outro lado, as ações das políticas públicas não apresentariam relevância se não existisse uma resposta dos atores, quer dizer, se não houvesse uma contribuição cotidiana, perspicaz e aplicada das pessoas e dos seus empreendimentos no território em que se encontram inseridos.

O macro propicia um ambiente e o micro promove, sustenta, mantém, faz avançar e molda o desenvolvimento. Assim, o território modifica as pessoas, as pessoas modificam o território, e nesta junção, aparece o desenvolvimento territorial sustentável. Desenvolvimento este que enaltece o potencial do território, que interessa à grande parte da população, que enfatiza as dimensões sociocultural e socioambiental, além da variável socioeconômica.

A experiência dos atores estudados, a vivência de “pessoas comuns”, mostrou ser repleta de significados por apresentar as vantagens da evidência e da simplicidade (REVEL, 1998). Esta experiência – ignorada tantas vezes por ser considerada inessencial e malvista por dezenas de teorias – está envolta por significados singulares que possibilitam reconhecer uma realidade social distinta daquela que frequentemente se escolhe situar, aquela que frequentemente referencia comportamentos globais e médios (REVEL, 1998; BENZA, 1998; LEPETIT, 1998; ABÉLÈS, 1998).

Assim, as histórias das pessoas aqui estudadas fazem parte sim da história do território de Tiradentes, e dão a ela uma outra interpretação. Além disto, estas histórias de vida também demonstraram que neste movimento dinâmico de micro e macro, de ator e território, há habilidades e experiências de gestão. O que faz inferir que, nesta dinamicidade, a Administração também tem algo a dizer.

Os resultados aqui apresentados percorreram os dois caminhos principais da tese: a relação dinâmica indivíduo-território, a qual também

pode ser chamada de ligação micro-macro, que parte do ponto de vista do desenvolvimento territorial sustentável, ou mais especificamente, do desenvolvimento de Tiradentes; e a gestão das fenomias, a qual envolve um conjunto de ações particulares, pouco trabalhadas na literatura.

Outro fator a destacar é que estes resultados, como todo o trabalho em si, acompanham de uma escrita própria, por vezes, admito, coloquial. Esta forma de escrever, em minha humilde visão, apresenta a harmonia com o que foi aqui apresentado.

Confiei no fato de que as histórias destas “pessoas comuns” demandavam um relato de suas vivências e experiências sem tanto rebuscamento científico, ao mesmo tempo, uma narrativa genuína e singela, de linguagem acessível a estas mesmas pessoas. Espero ter conseguido, com este estilo de escrita, transmitir a paixão e o sentimento que as pessoas estudadas expressam pelo território onde moram, pelo seu trabalho, pela sua vida, e da mesma forma, demonstrar a sua real importância para o pequeno território em que se encontram inseridas.

Destaco agora as contribuições que julgo serem relevantes, tanto no campo teórico como na esfera prática.

No âmbito teórico, saliento o fato deste estudo ser uma tese em Administração centrada sobretudo na ação. A palavra ação do latim *actio* tem como significado o ato de colocar em movimento, de fazer, de realizar. Assim, centrei-me no movimento dos indivíduos a fim de saber como eles concretizam, na ação propriamente dita, a gestão das suas fenomias, proporcionando mudanças no território em que estão inseridos.

Centrada neste movimento, pude demonstrar na prática organizacional como é a ação cotidiana de uma organização, perante sua gestão. Este representa ser o maior caráter de originalidade deste trabalho: a convergência na ação.

Assim, baseando-me na ação, em como que as pessoas agem, pude demonstrar que a gestão organizacional é mais complexa do que uma visão idealista. Centrada na ação, pude analisar como as pessoas fazem a gestão, e para isto, recorri aos regimes de engajamentos propostos por Thévenot (2006), bem como os mundos comuns que enquadram a ação, propostos por Boltanski e Thévenot (1991). Estes regimes de engajamento foram muito importantes, pois me permitiram analisar a trajetória temática de cada ator, além de analisar a relação dinâmica

indivíduo-território quanto à gestão. Foi por meio dos regimes de engajamento que pude percorrer o caminho traçado pela ação.

Esse caminho percorrido só foi possível graças a aproximação com a sociologia pragmática, a qual é, sobretudo, uma teoria de ação. A correspondência entre Administração e Sociologia Pragmática Francesa me possibilitou analisar como os atores convergem suas ações no cotidiano de sua gestão, como lidam com as provas em direção aos diversos modos de engajamento, como gerenciam seu pequeno negócio, o qual se encontra inserido em um território singular.

Assim, destaco aqui que esta pesquisa estabeleceu correspondência interdisciplinar entre a Administração e a Sociologia Pragmática Francesa, corroborando com os caminhos que o Núcleo ORD vem percorrendo (SERVA, 2014).

Ainda, gostaria de salientar que a convivência e o contato pessoal na França com os autores da sociologia pragmática francesa, em especial um dos primeiros e mais importantes autores a trabalhar a abordagem, Laurent Thévenot, igualmente possibilitou a correspondência entre os dois campos de conhecimento: Administração e Sociologia Pragmática. Correspondência esta que se apresenta como uma contribuição teórica ao campo de pesquisa.

Outra contribuição diz respeito ao estudo do enclave da fenonomia, bem como o aprofundamento da sua gestão. Revelo aqui que desde a época do mestrado, já existia uma inquietação de minha parte em saber como se dava a gestão de organizações com padrões e comportamentos distintos das empresas pertencentes ao enclave do mercado, enclave este que é amplamente discursado nas teorias de Administração.

Neste período do doutorado, debruçando-me sobre organizações pertencentes ao enclave da fenonomia, as quais apresentam uma racionalidade que não é puramente econômica e utilitária – apesar dela estar presente, juntamente com uma racionalidade ligada a fatores culturais, conviviais e históricos – percebi a existência da mesma carência de gestão.

Assim, esta pesquisa traz uma discussão e contribuição para os estudos organizacionais dedicados à gestão, ao apresentar as práticas organizacionais cotidianas de uma organização que pertence a um enclave que mostrou ser de fundamental importância para a prosperidade de um território.

A pesquisa foi direcionada ao enclave da fenonomia, no entanto poderia facilmente ser estudado em qualquer situação, em qualquer perfil de organização. Afinal, como foi aqui demonstrado, toda organização foge de um modelo ideal; o que ocorre na prática, por meio de suas ações cotidianas, são minuciosidades importantes para a sua sobrevivência e que, em muitos casos, carecem de discussão.

Assim, após a análise destas organizações e a entrada neste caminho de discussão, deixo aqui minha expectativa frente à Ciência da Administração. Que ela, uma vez responsável por dialogar sobre a gestão de diferentes tipos de organização, aprimore seus questionamentos a respeito das ações cotidianas das organizações, em especial das fenomenias, uma vez que este enclave se mostrou relevante para o desenvolvimento de um território. E, para quem deseja seguir este caminho de aprofundamento, a ligação com a sociologia pragmática e a convergência na ação mostrou ser factível.

Ainda no âmbito teórico, este trabalho também apresenta contribuição ao evidenciar a escala micro de análise: o ator - escala esta pouco valorizada em diversos campos de conhecimento. As ciências sociais tendem, explícita ou implicitamente, a favorecer o coletivo e o público e a ignorar o individual e o privado (THÉVENOT, 2006). Nas teorias de desenvolvimento este esquecimento ocorre com frequência; muitos autores, que discorrem sobre o tema, direcionam os estudos apenas às perspectivas meso e macro de análise (JACOBS, 1984; LAYRARGUES, 1997; FERREIRA, ZANONI, 1998; ABRAMOVAY, 1999, 2000, 2010; JACOBI, 1999; LOPES, 2003; VEIGA, 2003; COURLET, FERGUENE, 2004; WANDERLEY, 2005; PECQUEUR, 2006; SACHS, 2007; VIEIRA, 2007; VIEIRA E CAZELLA, 2009; JEAN, 2010; LÉVESQUE, 2010).

Em divergência a estes estudos, mostrei ser possível uma construção diferente. Consegui demonstrar que pode-se entender os mesmos fenômenos de forma distinta, por intermédio, neste caso, de trajetórias individuais (REVEL, 1998; BENSÂ, 1998; LEPETIT, 1998; ABÉLÈS, 1998). Por apresentar uma nova trama, chamei a atenção para um olhar atento para atores que se encontram no coração da abordagem territorial (GUMUCHIAN *et al.*, 2003).

Assim, esta tese se baseou na experiência e na vivência dos atores estudados, explicando a lógica da interpretação das suas ações em sua

singularidade. A convicção de que as vidas minúsculas dos atores também participam, à sua maneira, da “grande” história do território - da qual elas dão uma versão diferente, distinta, complexa - se tornou aqui evidente (REVEL, 1998).

Assim, o ator foi aqui reabilitado e se tornou peça chave para descrever, analisar e compreender a dinâmica indivíduo-território, tão importante quanto o território estudado, juntamente com suas macro variáveis. De forma conjunta, a análise das políticas públicas e da ação dos indivíduos empreendedores promoveram uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento do território pesquisado.

A vantagem da evidência e da simplicidade da escala micro se mostrou de grande valor; ela enriqueceu a análise social tornando suas variáveis mais numerosas, mais complexas e mais móveis, e desta forma, contribuiu para o campo de estudos do desenvolvimento (REVEL, 1998).

A partir de uma construção de baixo, do nível individual, foi possível compreender a ação total de um território e responder ao questionamento inicial desta pesquisa: como é que os municípios pequenos do interior do país se desenvolvem? A resposta que apresento para o caso de Tiradentes é a própria dinâmica aqui estudada. São as ações dos indivíduos, juntamente às ações das políticas públicas de cada território, que criam e reforçam os ativos que o território oferece.

Tiradentes apresenta grandes ativos, como sua história, seus monumentos e sua arquitetura, seu povo, sua arte expressa em cada esquina, a natureza que a cerca, a calma e tranquilidade de uma cidade interiorana, estes por meio da ação territorializada dos indivíduos, através de suas ideias inovadoras e renovadoras, foram transformados em recursos territoriais, o que garantiu o seu desenvolvimento econômico, social e cultural. Todo este processo contou com empreendimentos – no caso específico de Tiradentes com organizações com muitas características presentes no enclave da fenonomia – que por meio da sua gestão cotidiana tornou o território vivo.

Ligada a esta resposta referente a inquietação inicial deste estudo, trago aqui a discussão de desenvolvimento. Reforço a problemática em discuti-lo via uma perspectiva meramente econômica. Ela, distante de outras perspectivas, nem sempre, ou melhor, poucas vezes, consegue trazer uma boa solução para os territórios. Ao mesmo tempo, uma negação econômica também está longe de ser uma solução viável.

Este estudo mostrou que a dinamicidade dos elementos, o indivíduo, os empreendimentos e o território é o que garante a prosperidade do local. Destaco que o viés econômico não foi aqui excluído, ele se encontra presente também no cotidiano dos empreendimentos, até mesmo nas feições, as quais demonstraram isto ao apresentar também aspectos característicos do enclave do mercado. Assim, esta dinamicidade permite um desenvolvimento ampliado e apresenta como resultado uma solução proveitosa para o território.

Além das contribuições para os campos do desenvolvimento, da Administração, das feições, da análise conjunta micro-macro e da análise pragmática das organizações, também apresentei contribuições de ordem prática. Neste sentido afirmo, que esta tese contribui com o território de Tiradentes por apresentar resultados significativos, que, se encarados com seriedade e com responsabilidade pelo poder público, podem vir a cooperar com a prosperidade do local.

Frente ao território de Tiradentes gostaria ainda de salientar que os resultados encontrados evidenciam que, mesmo com grandes transformações ocorridas, Tiradentes ainda apresenta problemas antigos, que precisam ser corrigidos para um melhor aproveitamento dos seus ativos. Problemas estes como a sonegação de impostos, a legislação ineficiente e a infraestrutura urbana ainda deficiente. Além das dificuldades antigas, o território conta também com incômodos derivados da atuação das políticas públicas e da sociedade civil, como a segregação sócio-espacial, os inconvenientes trazidos pelos festivais, os transtornos da alta especulação imobiliária e a ausência de um plano diretor; os quais merecem atenção do poder público.

Também merece atenção o perfil do turista que frequenta o território. Perfil este que aparenta estar em declínio se comparado as décadas passadas - visão esta colhida não apenas dos diálogos com os atores, como também através de participações em reuniões do Conselho de Turismo e da Associação dos Empresários. O turismo do passado estava voltado aos ativos singulares da região, como a cultura, a história, os costumes, o artesanato e a arte local. Hoje, estimulado pelos eventos que ocorrem na cidade, o turismo caracteriza-se pela afobação e apresenta foco na quantidade.

Assim, Tiradentes parece carecer do turista que aprecia a arte, que se interessa pelo artesanato, pelo trabalho individualizado. Esta carência expressa o olhar deturpado do poder público, o qual focaliza apenas a escala macro, dando ênfase em grandes reformas, grandes eventos, grandes projetos de preservação patrimonial - ações estas que foram importantes por reativar a economia local e colocar Tiradentes no circuito do turismo. Hoje, no entanto, torna-se necessário outras ações, ligadas, em especial, à escala micro: os atores com seus pequenos empreendimentos, com sua arte, com seu artesanato.

Desta forma, afirmo que é indispensável uma atenção especial do poder local para estes pequenos atores, os quais, conforme concluído aqui, por meio de suas fenomenias, são os responsáveis pelo desenvolvimento do dia a dia de Tiradentes.

Assim, é necessário um reconhecimento destes atores e de seus empreendimentos, bem como uma avaliação da posição turística atual, e uma elaboração de programas que ajudem as personalidades locais. A partir disto, novas ações que visem o progresso de Tiradentes podem surgir, como por exemplo, a combinação de ativos específicos do território compatíveis com sua cultura e sua história, o que proporcionaria o destaque não apenas dos atores e seus empreendimentos, como também do próprio território.

Por fim, gostaria de ressaltar que este estudo também traz contribuições para o pequeno ator, o qual, por não ter o reconhecimento merecido das políticas públicas e da população em geral, não se sente valorizado como empreendedor, tampouco como indivíduo responsável pelo progresso do território em que se encontra inserido. Sua vida e sua história não apresentam prestígio em um território que apresenta uma política focada na escala macro.

No entanto, os caminhos destas “pessoas comuns” apresentaram suprema relevância, e graças a eles foi possível demonstrar e comprovar a grande tese em questão: o indivíduo transforma o território e o território transforma o indivíduo e nessa relação dinâmica, ocorre também um desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ABÉLÈS, Marc. O racionalismo posto à prova da análise. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. **Reforma Agrária** – Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária – vols. 28 nos 1,2 3 e 29, no1 – Jan/dez 1998 e jan/ago 1999.

_____. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2000.

_____. Para uma teoria dos estudos territoriais. In: VIEIRA, Paulo Freire *et al.* (Org.). **Desenvolvimento territorial sustentável no Brasil**: subsídios para uma política de fomento. Florianópolis: APED, Secco, 2010. p.27-47.

ALBANO, Celina. O sentido da interpretação nas cidades do ouro: São João Del Rei e Tiradentes. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Orgs.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANDION, Carolina; SERVA, Maurício; LÉVESQUE, Benoît. O debate sobre a economia plural e sua contribuição para o estudo das dinâmicas de desenvolvimento territorial sustentável. In: **Eisforia**, Numero especial: Desenvolvimento territorial sustentável: Conceitos, experiências e desafios teórico-metodológicos, Ano 4 - Vol. 4, Dezembro 2006.

ANDION, Carolina; SERVA, Maurício. A etnografia e os estudos organizacionais. In: GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa (orgs.) **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 147-179.

ANDION, Carolina. **Atuação das ONGs nas dinâmicas de**

desenvolvimento territorial sustentável no meio rural de Santa Catarina: os casos da APACO, do Centro Viane de Educação Popular e da Agreco. Florianópolis, 2007. 385 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas. 2007.

_____. Contribuições do debate sobre desenvolvimento territorial sustentável para a efetividade da gestão municipal. **Política & Sociedade**, n. 14, p. 182-209, abr. 2009.

_____. **Novas tendências no estudo da ação coletiva:** os processos de legitimação, as regras e as convenções. Material didático preparado para a disciplina Organizações da sociedade civil e esfera pública do Mestrado Acadêmico em Administração da ESAG/UDESC. Florianópolis, 2013.

ARAÚJO, Márcia Pereira. **As relações entre comunidade local e a área histórica de Tiradentes – MG:** uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas. Dissertação. Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

AURAY, Nicolas. Les technologies de l’information et le régime exploratoire. In: VAN ANDEL Pek; BOURCIER Danièle. **La sérendipité.** Le hasard heureux. Paris: Hermann, 2011.

AZEVEDO, Ariston; ALBERNAZ, Renata Ovenhausen. A Paraeconomia como modelo e paradigma para a análise e a formulação de políticas públicas: o resgate de uma possibilidade. **EmTese**, Vol. 2, n. 1 (2), p. 20-32, jan – jun, 2004.

AZOULAY, Gérard. **Les théories du développement.** Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002.

BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BESSEN, Fabiana. **As fenomenias e a economia plural.** O olhar da gestão na dimensão territorial. 2010. 201f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2010.

BOLTANSKI, Luc. Entretien avec Luc Boltanski : Une sociologie toujours mise à l'épreuve, Edité par Cécile Blondeau et Jean-Christophe Sevin, in *ethnographiques.org* [en ligne] n° 5, avril, 2004.

_____. Autour de De la justification: un parcours dans le domaine de la sociologie morale. In: BREVIGLIERI, Marc, LAFAYE, Claudette et TROM, Danny (Dir.). **Compétences critiques et sens de La justice**: Colloque de Cerisy. Paris: Economica, 2009.

BOLTANSKI, Luc ; THÉVENOT, Laurent. The sociology of critical capacity. **European Journal of Social Theory**, vol. 2, n° 3, August 1999.

_____. **De la justification**. Les économies de la grandeur. Paris: Gallimard, 1991.

_____. **Les économies de la grandeur**, Presse Universitaires de France et Centre d'Etude de l'Emploi, 1987.

_____. The sociology of critical capacity. **European Journal of Social Theory**, vol. 2, n° 3, August 1999.

BREVIOLIERI, Marc; STAVO-DEBAUGE, Joan. Le geste pragmatique de la sociologie française: autour des travaux de Luc Boltanski et Laurent Thévenot. **Antropolítica**. Niterói, Editora da UFF, n.7, p.07-22, 1999.

BURREL, Gibson; MORGAN, Gareth. **Sociological paradigms and organisational analysis**: elements of the sociology of corporate life. England: Heinemann educational Books, 1979.

CAMPOS, Helcio Ribeiro. **Transformações urbanas recentes em Tiradentes – MG**: Anos 80 e 90 do século XX. 2006. 183 p. Dissertação – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, São Paulo, 2006.

CASTRIOTA, Leonardo Barci.; SOUSA, Vilmar Pereira; CARDOSO, Kelly; ARAÚJO, Guilherme Maciel. PAC Cidades Históricas? Oportunidade para a conservação integrada? **Locus** (UFJF), v. 16, p. 93-117, 2011.

CEFAI, Daniel. L'enquête ethnographique comme écriture, l'écriture ethnographique comme enquête, in MELLITI Imed, **Écrire en sciences**

sociales, 2014.

_____. **L'engagement ethnographique**. Paris: Éd. EHESS, 2010.

CHAXEL Sophie, FIORELLI Cécile, MOITY-MAIZI Pascale, « Les récits de vie : outils pour la compréhension et catalyseurs pour l'action », dans revue **¿ Interrogations ?**, N°17. L'approche biographique, janvier 2014.

CMMAD - Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro Comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

COMETTI, Jean-Pierre. **Qu'est-ce que le pragmatisme?** Gallimard, Paris: 2010.

COURLET, Claude; FERGUENE, Ameziane. Gouvernances et dynamiques territoriales: points de repère analytiques. In: Ferguène, Ameziane. (Ed.). **Gouvernance locale et développement territorial**: les cas du pays du sud. Actes du colloque internationale de Constantine. Paris: L'Harmattan, 2004.

CUNHA, Marilisa. F. *et al.* (Org.). **Desvendando o artesanato**: uma contribuição do programa do artesanato paranaense – PAP. Curitiba: Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social, 1994.

DA MATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. pp. 23-35.

DEEKE, Ricardo Tiago. **Dilemas em cooperativas de Santa Catarina**: estudo multicaso sobre conflitos entre princípios cooperativistas, pressões mercadológicas e político-institucionais em duas singulares da UNIMED. 2008. 193f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação de Biguaçu, Biguaçu. 2008.

DODIER, Nicolas. Les appuis conventionnels de l'action. Éléments de pragmatique sociologique , In: **Réseaux**, n°62, pp. 63-85, 1993.

_____. *Agir dans plusieurs mondes*. In: **Critique**, no 529-530, juin- juillet, pp. 427-458, 1991.

DUMEZ, Hervé. « Qu'est-ce que la recherche qualitative ? Problèmes épistémologiques, méthodologiques et de théorisation », *Annales des Mines - Gérer et comprendre* 2013/2 (N° 112), p. 29-42.

EDWARD, José. **Tiradentes**. Revista Veja. Fevereiro, 2002.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. **Relíquias da terra do ouro**. Graphicars F. Lanzara. São Paulo, 1946.

FERREIRA, Angela Duarte Damasceno; ZANONI, Magda. Outra agricultura e a reconstrução da ruralidade. In: FERREIRA, Angela Duarte Damasceno; BRANDENBURG, Alfio. **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Editora da UFPR, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

FEUERSCHÜTTE, Simone Ghisi. **Competências do empreendedor do setor hoteleiro**: caracterização e análise baseadas na metodologia da história oral. 2006. 274 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FREITAS, Sônia. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

FROTA, Lélia Coelho. **Tiradentes**: retrato de uma cidade. Rio de Janeiro: Campos Gerais/Fundação Rodrigo de Mello Franco Andrade, 1993.

GIOVANINNI JÚNIOR, Oswaldo. **Cidade presépio em tempo de paixão**: uma análise antropológica das relações entre religião, patrimônio histórico e turismo. Dissertação. Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações**: uma reconceitualização da riqueza das nações. 2. ed. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Getúlio Vargas, 1989.

GUMUCHIAN, Hervé; GRASSET, Eric; LAJARGE, Romain; ROUX, Emmanuel. **Les acteurs, ces oubliés du territoire**. Paris: Anthropos, 2003.

HAGUETTE, Teresa. Maria Frotta. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie; SANTOS, Lucy Woellner dos. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa (orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

INSTITUTO ESTRADA REAL. **Estrada Real**: a maior rota turística do Brasil resgata tradições do antigo caminho de tropeiros. Disponível em www.institutoestradaareal.com.br. Acesso em 1 de outubro de 2013.

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL DE TIRADENTES. **Inventário de proteção do acervo cultural de Tiradentes**. Olinto Rodrigues dos Santos Filho - Pesquisa Histórica e texto: Rogério de Almeida - 125 Fotografia / Re- visão / Formatação / Texto. Almir Ernane da Fonseca / Eros Miguel da Conceição, 2002.

JACOBI, Pedro. Roberto. Meio Ambiente e Sustentabilidade. In: CEPAM. **O município no século XXI: cenários e perspectivas**. São Paulo: CEPAM (Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal), 1999. p. 175-183.

JACOBS, Jane. **Cities and the wealth of nations**. London: Penguin Books, 1984.

JEAN, Bruno. Do desenvolvimento regional ao desenvolvimento territorial sustentável: rumo a um desenvolvimento territorial solidário para um bom desenvolvimento dos territórios rurais. In: VIEIRA, Paulo Freire *et al.* (Org.). **Desenvolvimento territorial sustentável no Brasil: subsídios para uma política de fomento**. Florianópolis: APED, Secco, 2010. p.49-76

KARAM, Carlos Alberto. **Legitimando uma inovação social: o caso do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville**. 2014. 187 f. Tese (Doutorado em Administração) – Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: Muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: BOM MEIHY, José Carlos Sebe

(org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. 342 p.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Do Ecodesenvolvimento ao Desenvolvimento Sustentável**: evolução de um conceito? Revista Proposta, n.71 Fev./1997.

LEIS, Héctor Ricardo; Eduardo VIOLA. A emergência e evolução do ambientalismo no Brasil. In: **O labirinto**: Ensaios sobre ambientalismo e globalização. São Paulo: Gaia; Blumenau: Fundação Universidade de Blumenau, 1996.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LÉVESQUE, Benoît. Comentários: As bases teóricas e metodológicas do enfoque de desenvolvimento territorial sustentável: convergências e aportes específicos. In: VIEIRA, Paulo Freire *et al.* (Org.). **Desenvolvimento territorial sustentável no Brasil**: subsídios para uma política de fomento. Florianópolis: APED, Secco, 2010. p.77-86.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. Prefácio. In: VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Editora Autores Associados, 2003.

MACIEL, Flavia Regina Panazzolo. **A força dos laços**: um estudo em duas organizações ambientalistas sem fins lucrativos de Florianópolis. 277 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MADUREIRA, Mariana Alves. **A Construção do Largo das Forras como Patrimônio – Tiradentes/MG**. 149p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELLO, Suzy de. **Barroco Mineiro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research in practice**: examples for discussion and analysis. San Francisco: Jossey-Bass, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUDREY, Daniele. **Racionalidades e valores**: um estudo em duas unidades da rede Uni-Yôga. 2006. 139f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação de Biguaçu, Biguaçu. 2006.

NEVES, Rodrigo. **História e turismo**: a “mercadorização” do “patrimônio histórico” e a elitização da área central de Tiradentes, Minas Gerais (1980-2012). Dissertação de Mestrado em História. São João del Rei: Universidade Federal de São João del Rei, 2013.

OGIEN, Albert; QUÉRÉ, Louis. **Le vocabulaire de la sociologie de l'action**. Paris: Ellipses, 2005.

OLIVEIRA, Jorge dos Santos; PIZZOLATO, Nélio Domingues; LONGO, Orlando Celso. Subsídios para elaboração do plano diretor no Município de Tiradentes – MG. **Arquitextos**, São Paulo, Vitruvius, Maio 2008.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cultura é patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PECQUEUR, Bernard. Qualite et développement – L'hypothese du panier de biens. In: **Symposium sur le développement regional**. INRA-DADP. Montpellier, 2000.

_____. A guinada territorial da economia global. In: **Eisforia**, Número especial: Desenvolvimento territorial sustentável: Conceitos, experiências e desafios teórico-metodológicos, Ano 4 - Vol. 4, Dezembro 2006.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Turismo Cultural em Tiradentes**. São Paulo, Manole, 2000.

PERETZ, Henri. **Les méthodes en sociologie** – l'observation. Paris: Éditions La Découverte, 2004.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; 2013.

PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO. **Pac das Cidades Históricas**. Brasília: Programa de Aceleração do Crescimento; 2009.

QUÉRÉ, Louis. Intérêt et limites de la théorie des régimes pragmatiques pour la sociologie de l'action. In: Breviglieri, M.; Lafaye, C. (orgs.); Trom, D. **Compétences critiques et sens de la justice**. Paris: Economica, 2009.

REVEL, Jacques. Apresentação. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998a.

_____. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998b.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2008.

SACHS, Ignacy. **Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento** [Org. Paulo Freire Vieira]. São Paulo: Cortez, 2007.

STAVO-DEBAUGE, Joan; THÉVENOT, Laurent. **Sociologie Pragmatique**, Encyclopædia Universalis [en ligne], consulté le 15 septembre 2015.

SERAFIM, Maurício Custódio. Considerações acerca da solidariedade no espaço de produção para uma efetiva concretização de alternativas. **Revista Urutágua da UEM**. Maringá, ano 1, n. 3, dez./2001.

SERVA, Maurício. A trajetória do núcleo de pesquisa em organizações, racionalidade e desenvolvimento. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, n. 2, p. 589-608, dez. 2014.

_____. O Surgimento e o desenvolvimento da epistemologia da administração: inferências sobre a contribuição ao aperfeiçoamento da teoria administrativa. In: **Encontro Anual da ANPAD**, 36., 2012, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2012. p. 1-16.

_____. **Racionalidade e organizações**: o fenômeno das organizações substantivas. São Paulo: EAESP/FGV, 1996. 633p. (Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação da EAESP/FGV).

SERVA, Maurício; ANDION, Carolina . El papel de los consumidores en el fortalecimiento de la economía plural: el caso de las asociaciones de consumidores de productos orgánicos en el sur de Brasil. **Cayapa**. Revista Venezolana de Economía Social, v. VII, p. 5-36, 2007.

SIMON, Vanêssa Pereira. **Trajetórias fenonômicas e empoderamento**: Histórias de vida de mulheres na economia social e solidária catarinense. 2015. 286p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico. Programa de Pós-Graduação em Administração. 2015.

STAVO-DEBAUGE Joan. La sociologie dite “pragmatique” et la philosophie pragmatiste, une rencontre tardive, Ateliers Villa Vigoni, « **Pourquoi le pragmatisme ?** », 15-18 juillet, 2012.

TADINI JR, Angelo Benjamim Costa; SILVA, Fábio Duarte de Araújo; Oba, Leonardo. Cidade comprada versus cidade vendida: o marketing territorial em Tiradentes, MG. In: **Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade**, 2006, Brasília. Anais do III Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Brasília, 2006.

THÉVENOT, Laurent. Une vie éprouvée. Entre migration postcoloniale, discrimination à l'embauche, maternité affectée et adoption salvatrice: quelle « identité forgée » ? In : Vrancken D. (dir.). **Penser l'incertain**. Québec, Presses de l'Université de Laval, 2013.

_____. **L'action au pluriel**: sociologie des régimes d'engagement. Paris: La Découverte, 2006.

_____. Power and oppression from the perspective of the sociology of engagements: a comparison with Bourdieu's and Dewey's

critical approaches to practical activities. In: **Irish Journal of Sociology**, 19(1) special issue on "Keys issues in contemporary social theory" edited by Piet Strydom, pp. 35-67, 2011.

TONET, Rogério Silveira. **Atividade artesanal e autonomia complexa**: uma análise segundo a sociologia pragmática em contexto de DTS na Região das Vertentes - MG. 2014. 259 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Administração, Florianópolis, 2014.

_____. **Fenonomias, economia plural e desenvolvimento local**: um estudo na feira de artesanato do Largo da Ordem em Curitiba – PR. 2004. 152f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2004.

VALLE, Maria Izabel Marques. **Plano Diretor Participativo de Tiradentes** – Volume I: Perfil Municipal. Fundação João Pinheiro. Minas Gerais, 2014.

VANDENBERGUE, Frédéric. Construção e crítica na nova sociologia francesa. **Sociedade & Estado**. Vol. 21, no2, pp.:315-366, 2006.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Editora Autores Associados, 2003.

VIEIRA, Paulo Freire; CAZELLA, Ademir Antônio; CERDAN, Claire; CARRIÈRE, Jean-Paul. Introdução. In: VIEIRA, Paulo Freire *et al.* (Org.). **Desenvolvimento territorial sustentável no Brasil**: subsídios para uma política de fomento. Florianópolis: APED, Secco, 2010. p.5- 24.

VIEIRA, Paulo Freire; CAZELLA, Ademir Antônio. Desenvolvimento territorial sustentável no Brasil: do conceito à ação. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 8, n 14, abril de 2009.

VIEIRA, Paulo Freire. Ecodesenvolvimento: do conceito à ação. De Estocolmo a Joanesburgo. In: SACHS, Ignacy. **Rumo à ecossocioeconomia**: teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2007.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Olhares sobre o “rural” brasileiro. In: **Raízes**. Campina Grande, vol 23, nos 1 e 2, jan-dez, 2005,

p. 82-98.

YÁZIGI, Eduardo. **Civilização urbana, planejamento e turismo: discípulos do amanhecer**. São Paulo: Contexto, 2003.

ZOLINI, Gustavo Pimenta de Pádua. **A inflexão do conceito gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte**: os casos mineiros de São Thomé das Letras e Tiradentes. 181 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

APÊNDICE A - ROTEIRO REFERENCIAL DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

Decisão de morar no território de Tiradentes

Quando ocorreu a decisão de mudar de território?

Porque decidiu mudar?

Quais fatores influenciaram (pessoais, profissionais, familiares)?

Algum aspecto particular da vida profissional impulsionou essa mudança para Tiradentes?

O que contribuiu para essa mudança?

Como se deu essa transição?

Por que escolheu o território de Tiradentes?

O que buscava no novo território?

O que o território tinha a oferecer?

Que ativos ou recursos específicos do novo território chamava atenção?

Inserção no território

Como foi a chegada no novo território?

Qual foi a reação das pessoas que lá estavam?

Como foi recebido?

Quais foram as principais dificuldades dessa inserção?

Já foi para o território sabendo o que iria fazer para sobreviver?

Se não, quando surgiu a idéia do que fazer, de montar uma fenonomia?

A intenção apareceu no território?

Como e quando percebeu o nicho que poderia trabalhar?

Como interagia e interage com as pessoas do território?

Como se legitimou no território?

Como encontrou seu espaço?

Como via o momento de Tiradentes?

Trajetória da fenonomia considerando sua gestão e as relações com o território

Quando surgiu a idéia de montar a fenonomia?

Houve uma preparação anterior?

Tinha habilidades ou precisou aprender?

Como via o momento de Tiradentes?

Que pessoas e organizações o ajudaram?

Com quem e como se deram as articulações?

Que situações, acontecimentos e fatos contribuíram, interferiram ou afetaram o desenvolvimento (traços e características pessoais, conhecimentos, situações do ambiente/contexto – familiar, organização, comunidade, sociedade)?

Como você enfrentou isso? O que fez? Como agiu?

Que aliados busca?

Qual a importância desse serviço/produto que está prestando?

Como mobiliza as pessoas no lugar pro seu negócio acontecer?

Quais as principais dificuldades encontradas desde a intenção de montar a fenonomia até hoje?

Como organiza sua ação perante as dificuldades?

Como desenvolve a fenonomia, faz ela sobreviver?

A maneira que você via a comunidade de Tiradentes antes do seu empreendimento é a mesma que agora, com seu empreendimento funcionando? O que mudou?